

John W. Creswell

Projeto de pesquisa

A terceira edição do best-seller de John W. Creswell, *Projeto de pesquisa*, permite aos leitores comparar três abordagens (qualitativa, quantitativa e de métodos mistos) em um único texto. O livro examina essas metodologias lado a lado dentro do projeto de pesquisa, desde os passos iniciais das suposições filosóficas até a escrita e a apresentação da pesquisa.

Escrito em uma linguagem acessível e atrativa, este livro apresenta as ideias em um sistema gradual, para que o leitor entenda os conceitos partindo do simples para o complexo.



artmed® EDITORA
RESPEITO PELO CONHECIMENTO

S SAGE



Projeto de pesquisa

John W. Creswell



MÉTODOS DE PESQUISA

TODO

Projeto de pesquisa

MÉTODOS QUALITATIVO,
QUANTITATIVO E MISTO

John W. Creswell



servação participante

estilo da APA: regras básicas

visuais para pesquisa qualitativa

uisa: guia para pesquisadores iniciantes
ude e ciências sociais (4.ed.)

ARRIERA & MARTÍNEZ
tística: enfoque informático com o
o SPSS

cois.
quisa em psicologia

QUES, S. M.
rincípios e aplicações

teoria fundamentada

isa: métodos qualitativo, quantitativo

Y
ministração: um guia para alunos de
s-graduação (2.ed.)

NDLER
quisa em administração (7.ed.)

matemática para psicologia

LN
da pesquisa qualitativa: teorias e
d.)

estatística usando o SPSS (2.ed.)

quisa qualitativa

quisa qualitativa (3.ed.)

quisa qualitativa

s qualitativos



Projeto de pesquisa

Sobre o Autor

John W. Creswell é professor de Psicologia Educacional e ministra cursos e escreve sobre metodologia qualitativa e pesquisa de métodos mistos. Trabalha há cerca de 30 anos na Universidade de Nebraska-Lincoln e é autor de 11 livros, muitos deles focados no projeto de pesquisa, na pesquisa qualitativa e na pesquisa de métodos mistos, os quais foram traduzidos para muitas línguas e são utilizados no mundo todo. Além disso, é codiretor do Departamento de Pesquisa Qualitativa e de Métodos Mistos da Universidade de Nebraska-Lincoln, o qual dá suporte aos acadêmicos que incorporam a pesquisa qualitativa e de métodos mistos em projetos para financiamento externo. Trabalha como coeditor fundador da revista da Sage, *Journal of Mixed Methods Research*, e foi professor adjunto de Medicina de Família na Universidade de Michigan, tendo auxiliado os investigadores de ciências da saúde na metodologia da pesquisa para seus projetos. Foi recentemente escolhido para ser Senior Fulbright Scholar e trabalhou na África do Sul em outubro de 2008, levando os métodos mistos aos cientistas sociais e aos autores de documentários sobre vítimas da AIDS e suas famílias. Toca piano, escreve poesia e é ativamente envolvido em esportes. Visite-o em seu website: www.johnwcreswell.com.



C923p Creswell, John W.

Projeto de pesquisa : métodos qualitativo, quantitativo e misto / John W. Creswell ; tradução Magda Lopes ; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. – 3. ed. – Porto Alegre : Artmed, 2010.
296 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-363-2300-8

1. Métodos de pesquisa. I. Título.

CDU 001.891

Catálogo na publicação: Renata de Souza Borges CRB10/1922

JOHN W. CRESWELL



3ª edição

Projeto de pesquisa

MÉTODOS QUALITATIVO,
QUANTITATIVO E MISTO

Tradução

Magda França Lopes

Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição

Dirceu da Silva

Mestre em Física. Doutor em Educação pela USP.
Docente na Universidade Estadual de Campinas.



SAGE

2010

Obra originalmente publicada sob o título
Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches, 3rd Edition.
© 2009 by SAGE Publications, Inc.
All rights reserved.
No part of this book may be reproduced or utilized in any form or by any means,
electronic or mechanical, including photocopying, recording, or by any information
storage and retrieval system, without permission in writing from the publisher.
SAGE Publications, Inc., é a editora original nos Estados Unidos, Londres e Nova Delhi.
Tradução em língua portuguesa publicada por acordo firmado com SAGE Publications, Inc.

Capa: *Paola Manica*
Preparação do original: *Josiane Tibusky*
Leitura final: *Janine Pinheiro de Mello*
Editora Sênior – Ciências Humanas: *Mônica Ballejo Canto*
Editora responsável por esta obra: *Carla Rosa Araujo*
Editoração eletrônica: *Formato Artes Gráficas*

Reservados todos os direitos de publicação, em língua portuguesa, à
ARTMED® EDITORA S.A.
Av. Jerônimo de Ornelas, 670 – Santana
90040-340 Porto Alegre RS
Fone (51) 3027-7000 Fax (51) 3027-7070

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte,
sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação,
fotocópia, distribuição na Web e outros), sem permissão expressa da Editora.

SÃO PAULO
Av. Embaixador Macedo Soares, 10.735 – Pavilhão 5 – Cond. Espace Center
Vila Anastácio – 05095-035 – São Paulo SP
Fone (11) 3665-1100 Fax (11) 3667-1333

SAC 0800 703-3444
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

*Dedico este livro a Karen Drumm Creswell.
Ela é a inspiração para meus escritos e para minha vida.
Por causa dela, como esposa, estimuladora e editora
detalhada e atenta, consigo trabalhar durante longas horas
e manter o valor doméstico aceso durante os anos
que dedico ao meu trabalho e aos meus livros.
Obrigado, do fundo do meu coração, por estar sempre ao meu lado.*

Agradecimentos

Este livro não poderia ter sido escrito sem o encorajamento e as ideias de centenas de alunos do doutorado em "Desenvolvimento de Propostas" para os quais ministrei ao longo dos anos na University of Nebraska-Lincoln. Ex-alunos e editores específicos foram essenciais em seu desenvolvimento: Dr. Sharon Hudson, Dr. Leon Cantrell, a já falecida Nette Nelson, Dr. De Tonack, Dr. Ray Ostrander e Diane Greenlee. Desde a publicação da primeira edição, fiquei em dívida com os alunos de meus cursos introdutórios aos métodos de pesquisa e com as pessoas que participaram de meus seminários de métodos mistos. Esses cursos foram meus laboratórios para a elaboração de ideias antigas, a incorporação de novas e o compartilhamento das minhas experiências como escritor e pesquisador. Minha equipe no Departamento de Pesquisa Qualitativa e de Métodos Mistos da University of Nebraska-Lincoln também foi de inestimável ajuda. Sinto-me também em débito com os trabalhos acadêmicos de Dra. Vicki Plano Clark, Dr. Ron Shope, Dra. Kim Galt, Dr. Yun Lu, Sherry Wang, Amanda Garrett e Alex Morales.

Além disso, sou grato às criteriosas sugestões apresentadas pelos revisores da Sage Publications. Também não poderia ter produzido este livro sem o apoio e o encorajamento de meus amigos dessa editora. A Sage é e tem sido, uma editora de primeira linha. Estou particularmente em dívida com minha ex-editora, e mentora, C. Deborah Loughton (atualmente na Guilford Press) e com Lisa Cuevas-Shaw, Vicki Knight e Stephanie Adams. Durante quase 20 anos de trabalho, crescemos juntos para ajudar a desenvolver os métodos de pesquisa. A Sage Publications e eu agradecemos reconhecidamente as contribuições dos seguintes revisores:

Mahasweta M. Banerjee, da University of Kansas

Miriam W. Boeri, da Kennesaw State University

Sharon Anderson Dannels, da George Washington University
Sean A. Forbes, da Auburn University
Alexia S. Georgakopoulos, da Nova Southeastern University
Mary Enzman Hagedorn, da University of Colorado em Colorado Springs
Richard D. Howard, da Montana State University
Drew Ishii, do Whittier College
Marilyn Lockhart, da Montana State University
Carmen McCrink, da Barry University
Barbara Safford, da University of Norte de Iowa
Stephen A. Sivo, da University of Northern Flórida
Gayle Sulik, do Vassar College
Elizabeth Thrower, da University of Montevallo

Sumário

Conteúdo analítico das técnicas de pesquisa.....	11
Prefácio	15
Parte I – Considerações Preliminares	
1 Seleção de um Projeto de Pesquisa	25
2 Revisão da Literatura	48
3 Uso da Teoria.....	76
4 Estratégias de Redação e Considerações Éticas.....	101
Parte II – Planejamento da Pesquisa	
5 Introdução.....	127
6 Declaração de Objetivo	142
7 Questões e Hipóteses de Pesquisa	161
8 Métodos Quantitativos.....	177
9 Métodos Qualitativos	206
10 Métodos Mistos	238
Glossário.....	267
Referências	275
Índice onomástico.....	285
Índice remissivo	289

Conteúdo analítico das técnicas de pesquisa

Capítulo 1. Seleção de um Projeto de Pesquisa

- Como pensar sobre o projeto a ser utilizado
- Identificação de uma concepção com a qual se sinta mais à vontade
- Definição dos três tipos de projetos de pesquisa
- Como escolher qual dos três projetos utilizar

Capítulo 2. Revisão da Literatura

- Como avaliar se seu tópico pode ser pesquisado
- Os passos na condução de uma revisão da literatura
- Bancos de dados computadorizados disponíveis para a revisão da literatura
- Desenvolvimento de uma prioridade para os tipos de literatura a ser revisada
- Como projetar um mapa da literatura
- Como escrever um bom resumo de um estudo de pesquisa
- Elementos importantes de um manual de estilo a ser utilizado
- Tipos de termos a serem definidos
- Um modelo para a escrita de uma revisão da literatura

Capítulo 3. Uso da Teoria

- Os tipos de variáveis em um estudo quantitativo
- Uma definição prática de uma teoria quantitativa
- Um modelo para a escrita de uma perspectiva teórica em um estudo quantitativo utilizando um roteiro

- Os tipos de teorias utilizadas na pesquisa qualitativa
- Opções para colocar as teorias em um estudo qualitativo
- Como colocar uma lente teórica em um estudo de métodos mistos

Capítulo 4: Estratégias de Redação e Considerações Éticas

- Avaliação de como a estrutura de uma proposta pode diferir, dependendo de um projeto ser qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos
- Uma estratégia escrita para esboçar um propósito
- Desenvolvimento do hábito de escrever
- Diferenças entre ideias abrangentes, grandes ideias, pequenas ideias e ideias que atraem atenção na escrita
- A técnica dos círculos e das retas para a consistência na escrita
- Princípios da prosa bem escrita
- Questões éticas no processo da pesquisa

Capítulo 5. Introdução

- Diferenças entre as introduções nos métodos quantitativo, qualitativo e mistos
- O modelo de deficiência para a escrita de uma introdução
- Como planejar um bom gancho narrativo
- Como identificar e escrever um problema de pesquisa
- Como resumir a literatura sobre um problema de pesquisa
- A distinção entre diferentes tipos de deficiências na literatura passada
- A consideração de grupos que podem se beneficiar de seu estudo

Capítulo 6. Declaração de Objetivo

- Um roteiro para a escrita de uma declaração de propósito qualitativa
- A consideração de como o roteiro pode mudar dependendo de sua estratégia de investigação qualitativa
- Um roteiro para a escrita de uma declaração de propósito quantitativa
- A consideração de como o roteiro pode mudar dependendo de sua estratégia de investigação quantitativa
- Um roteiro para a escrita de uma declaração de propósito de métodos mistos

- A consideração de como o roteiro pode mudar dependendo de sua estratégia de investigação de métodos mistos

Capítulo 7. Questões e Hipóteses de Pesquisa

- Um roteiro para a escrita de uma questão central qualitativa
- A consideração de como este roteiro pode mudar dependendo da estratégia qualitativa da investigação
- Um roteiro para a escrita de questões e de hipóteses da pesquisa quantitativa
- A consideração de como este roteiro pode mudar dependendo da estratégia quantitativa da investigação e dos diferentes tipos de hipóteses
- Um modelo para uma declaração de questões e de hipóteses quantitativas descritivas e inferenciais
- Roteiros para a escrita de diferentes formas de questões da pesquisa em um estudo de métodos mistos

Capítulo 8. Métodos Quantitativos

- Uma lista de verificação para a pesquisa de levantamento visando criar tópicos em um procedimento de levantamento*
- Passos na análise de dados para um procedimento de levantamento
- Uma discussão completa dos métodos de levantamento
- Uma lista de verificação para a pesquisa experimental visando à criação de seções em um procedimento experimental
- Identificação do tipo de procedimento experimental que melhor se ajusta ao estudo proposto
- Traçado de um diagrama dos procedimentos experimentais
- Identificação das ameaças potenciais à validade interna e à validade externa de seu estudo proposto

Capítulo 9. Métodos Qualitativos

- Uma lista de verificação para a pesquisa qualitativa visando à criação de tópicos em um procedimento quantitativo
- As características básicas da pesquisa qualitativa
- Determinação de como a reflexividade será incluída em um estudo proposto

* N de R.T. Neste livro o termo em inglês *survey* foi traduzido por pesquisa de levantamento.

- As diferenças entre os tipos de dados coletados na pesquisa qualitativa
- Distinção entre as formas genéricas de análise dos dados e de análise nas estratégias de investigação
- Diferentes níveis de análise na pesquisa qualitativa
- Estratégias para estabelecer a validade dos estudos qualitativos

Capítulo 10. Métodos Mistos

- Entendimento de uma definição da pesquisa de métodos mistos
- Como o controle do tempo, a atribuição de pesos, a mixagem e a teoria se relacionam com um projeto de métodos mistos
- As diferenças entre os seis modelos de investigação com métodos mistos
- Como delinear um procedimento de métodos mistos utilizando uma notação apropriada
- As diferentes estruturas de escrita para a pesquisa de métodos mistos

Prefácio

PROPÓSITO

Este livro apresenta modelos de estrutura, procedimento e abordagens integrativas para o planejamento de pesquisas qualitativas, quantitativas e de métodos mistos em ciências humanas e sociais. O interesse e o uso crescente da pesquisa qualitativa, o surgimento de abordagens de métodos mistos e o uso contínuo das formas tradicionais dos projetos quantitativos criaram a necessidade da comparação ímpar que este livro faz dos três projetos de pesquisa. Essa comparação tem início com a consideração preliminar de alegações filosóficas para os três tipos de projetos, uma revisão da literatura, uma avaliação do uso da teoria nos projetos de pesquisa e algumas reflexões sobre a importância da escrita e da ética na pesquisa acadêmica. O livro então aborda os elementos fundamentais do processo de pesquisa: escrever uma introdução, declarar o objetivo do estudo, identificar questões e hipóteses de pesquisa e propor métodos e procedimentos para a coleta e a análise dos dados. Em cada passo desse processo, o leitor é conduzido por meio das abordagens dos projetos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos.

PÚBLICO

Este livro destina-se a alunos de pós-graduação e professores que buscam ajuda na preparação de um plano ou uma proposta para um artigo acadêmico, uma dissertação ou uma tese. Em um nível mais amplo, o livro pode ser útil tanto como obra de referência quanto como manual para

curso de pós-graduação em métodos de pesquisa. Para tirar o maior proveito dos aspectos desenvolvidos neste livro, o leitor necessita de uma familiaridade básica com a pesquisa qualitativa e quantitativa; no entanto, os termos serão explicados e definidos e apresentadas as estratégias recomendadas para aqueles que precisam de assistência introdutória no processo de planejamento e de pesquisa. Os termos destacados no texto e um glossário dos termos no final do livro proporcionam uma linguagem de trabalho para compreender a pesquisa. Este livro também se destina a um público amplo nas ciências sociais e humanas. Os comentários dos leitores à primeira edição desta obra indicam que os usuários individuais se originam de muitas disciplinas e de vários campos do saber. Espero que esta terceira edição seja útil aos pesquisadores de diferentes áreas, como *marketing*, administração, direito penal, estudos da comunicação, psicologia, sociologia, ensino fundamental e médio, superior e continuado, enfermagem, ciências da saúde, urbanismo, entre outras áreas.

FORMA

Em cada capítulo, são apresentados exemplos de diversas disciplinas. Esses exemplos são extraídos de livros, artigos de periódicos, propostas de teses e dissertações. Embora minha principal especialização seja na educação e, mais amplamente, nas ciências sociais, a intenção dos exemplos é a de abarcar tanto as ciências sociais quanto as humanas. Eles refletem questões de justiça social e exemplos de estudos realizados com indivíduos marginalizados de nossa sociedade, bem como as amostras e as populações tradicionais estudadas pelos pesquisadores sociais. A inclusão também se estende ao pluralismo metodológico presente hoje em pesquisa, e a discussão incorpora ideias filosóficas alternativas, modos de investigação e numerosos procedimentos.

Este livro não é um texto detalhado de um método, ao contrário, aqui saliento as características essenciais do projeto de pesquisa. Gosto de pensar que reduzi a pesquisa às suas ideias básicas essenciais que os pesquisadores precisam conhecer para planejar um estudo abrangente e criterioso. A cobertura das estratégias de pesquisa da investigação está limitada às formas frequentemente utilizadas: levantamentos e experimentos em pesquisa quantitativa; fenomenologia, etnografia, teoria fundamentada*, estudos de

caso e pesquisa narrativa na pesquisa qualitativa; e projetos concomitantes, sequenciais e transformativos na pesquisa de métodos mistos. Embora os alunos que estão preparando uma proposta de dissertação devam considerar este livro proveitoso, os tópicos relacionados à política de apresentação e à negociação de um estudo com os comitês de pós-graduação estão tratados mais detalhadamente em outros textos.

Em consonância com as convenções aceitas da escrita acadêmica, tentei eliminar quaisquer palavras, ou exemplos, que transmitam uma orientação discriminatória (p. ex., sexista ou étnica). Os exemplos foram selecionados para proporcionar uma série de orientações de gênero e culturais. O favoritismo também não entrou em jogo em meu uso de discussões qualitativas e quantitativas: alterei intencionalmente a ordem dos exemplos qualitativos e quantitativos em todo o texto. Os leitores devem observar que, nos exemplos mais longos citados neste livro, são feitas muitas referências a outros textos. Será citada apenas a referência à obra que estou usando como ilustração, e não toda a lista de referências incorporadas a qualquer exemplo particular. Assim como nas edições anteriores, mantive alguns recursos para melhorar a legibilidade e o entendimento do material: marcadores para enfatizar pontos importantes, itens numerados para enfatizar os passos em um processo, exemplos mais longos de passagens completas com minhas anotações para destacar as ideias fundamentais da pesquisa que estão sendo comunicadas pelos autores.

Nesta terceira edição, novos recursos foram adicionados em resposta aos desenvolvimentos na pesquisa e aos comentários dos leitores:

- As suposições filosóficas ao examinar a pesquisa e ao usar as teorias estão presentes no início do livro como passos preliminares que os pesquisadores precisam considerar antes de planejarem seus estudos.
- A discussão sobre questões éticas foi expandida para incluir mais considerações relacionadas à coleta de dados e ao relato dos achados da pesquisa.
- Estão incorporadas as novas tecnologias baseadas na Internet para as buscas de literatura, tais como o Google Scholar, ProQuest e SurveyMonkey.
- O capítulo sobre procedimentos de métodos mistos foi extensivamente revisado para incluir as ideias mais recentes sobre esta estrutura. Estão incluídos e citados artigos recentes da revista da Sage, o *Journal of Mixed Methods Research*.
- O capítulo da segunda edição sobre definições, limitações e delimitações foi eliminado, e as informações foram incorporadas aos

* N. de R.T. Neste livro o termo em inglês *grounded theory* foi traduzido como teoria fundamentada.

capítulos sobre revisão da literatura e introdução a uma proposta. Atualmente, os criadores de propostas estão incluindo essas ideias em outras seções de uma proposta.

- Esta terceira edição contém um glossário de termos que os pesquisadores iniciantes e os mais experientes podem utilizar para entender a linguagem da pesquisa. Isso é especialmente importante devido à evolução da linguagem da pesquisa qualitativa e dos métodos mistos. No decorrer de todo o texto, os termos são cuidadosamente definidos.
- Incluí, em vários capítulos, um delineamento de dicas de pesquisa sobre diferentes tópicos que têm me ajudado a aconselhar alunos e professores nos métodos de pesquisa nos últimos 35 anos.
- O livro contém referências completas atualizadas e uma atenção às novas edições das obras.
- Algumas características da última edição foram mantidas, tais como:
 - ✓ A estrutura geral do livro com sobreposições de projetos de pesquisa qualitativa, quantitativa e de métodos mistos no processo geral e nos passos do processo da pesquisa.
 - ✓ As principais estratégias práticas do entendimento das suposições filosóficas da pesquisa, dicas sobre a redação acadêmica, realização de um mapa de literatura da pesquisa, roteiros na escrita das apresentações do propósito e das questões da pesquisa e listas de verificação para a escrita dos procedimentos detalhados da condução de pesquisa qualitativa, quantitativa e de métodos mistos
 - ✓ Cada capítulo termina com questões para discussão e referências fundamentais.

RESUMO DOS CAPÍTULOS

Este livro está dividido em duas partes. A Parte I consiste de passos a serem considerados pelos pesquisadores antes de desenvolverem suas propostas ou seus planos de pesquisa. A Parte II discute as várias seções de uma proposta.

PARTI I: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Esta parte do livro discute a preparação para o projeto de um estudo acadêmico. Abrange o Capítulo 1 ao 4.

Capítulo 1. Seleção de um Projeto de Pesquisa

Neste capítulo, começo definindo as pesquisas quantitativa, qualitativa e de métodos mistos e as discuto enquanto projetos de pesquisa. Estes projetos são planos para um estudo e incluem três elementos importantes: suposições filosóficas, estratégias de investigação e métodos de pesquisa específicos. Cada um desses elementos é discutido em todos os seus detalhes. A escolha do projeto de pesquisa baseia-se na consideração desses três elementos e também na questão de pesquisa do estudo, nas experiências pessoais do pesquisador e no público para o qual será escrito o estudo de pesquisa. Esse capítulo deve auxiliar aqueles que estão desenvolvendo propostas a decidir o projeto mais adequado para seus estudos: qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos.

Capítulo 2. Revisão da Literatura

É importante examinar extensivamente a literatura sobre seu tópico antes de planejar sua proposta. Por isso, você precisa começar com um tópico passível de ser pesquisado e, depois, explorar a literatura utilizando os passos propostos neste capítulo. Isto requer estabelecer uma prioridade para a revisão da literatura, traçar um mapa visual dos estudos relacionados a seu tópico, escrever bons *abstracts*, empregar as habilidades aprendidas sobre o uso dos manuais de estilo e definir as palavras-chave. Esse capítulo deve auxiliar aqueles que estão desenvolvendo propostas a considerar criteriosamente a literatura relevante sobre seus tópicos e a começar a compilar e a escrever revisões da literatura para as propostas.

Capítulo 3. Uso da Teoria

As teorias servem a diferentes propósitos nas três formas de investigação. Na pesquisa quantitativa, proporcionam uma explanação proposta para a relação entre as variáveis que estão sendo testadas pelo investigador. Na pesquisa qualitativa, com frequência podem servir como uma lente para a investigação ou podem ser geradas durante o estudo. Nos estudos de métodos mistos, os pesquisadores as empregam de muitas maneiras, incluindo aquelas associadas às abordagens quantitativa e qualitativa. Esse capítulo auxilia os construtores de propostas a considerar e a planejar como a teoria pode ser incorporada a seus estudos.

Capítulo 4. Estratégias de Redação e Considerações Éticas

Antes de começar a escrever, convém ter um esboço geral dos tópicos a serem incluídos na proposta. Por isso, esse capítulo inicia com dife-

rentes esboços para propostas escritas; podem ser usados como modelos, dependendo se seu estudo proposto é qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos. Depois apresento diversas ideias sobre a redação real da proposta, tais como o desenvolvimento do hábito de escrever e ideias de gramática que me têm sido úteis no aprimoramento de minha redação acadêmica. Finalmente, passo às questões éticas e as discuto, não como ideias abstratas, mas como considerações as quais precisam ser previstas em todas as fases do processo de pesquisa.

PARTE II: PLANEJAMENTO DA PESQUISA

Na Parte II, passo aos componentes do planejamento da proposta de pesquisa. Os Capítulos 5 a 10 tratam dos passos neste processo.

Capítulo 5. Introdução

É importante fazer uma introdução apropriada para um estudo de pesquisa. Apresento um modelo para você escrever uma boa introdução acadêmica a sua proposta. Essa introdução inclui a identificação do problema ou a questão de pesquisa, a estruturação desse problema dentro da literatura existente, a indicação de deficiências na literatura e o direcionamento do estudo para um público. Esse capítulo apresenta um método sistemático para o planejamento de uma introdução acadêmica a uma proposta ou estudo.

Capítulo 6. Declaração de Objetivo

No início das propostas de pesquisa, os autores mencionam o propósito ou a intenção central do estudo. Essa passagem é a declaração mais importante de toda a proposta. Nesse capítulo, você aprenderá a escrever essa declaração para estudos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos e será apresentado à roteiros os quais o ajudarão a planejar e a escrever essas declarações.

Capítulo 7. Questões e Hipóteses de Pesquisa

As questões e as hipóteses tratadas pelo pesquisador servem para estreitar e para focar o propósito do estudo. Como outra indicação importante em um projeto, o conjunto de questões e de hipóteses de pesquisa precisa ser escrito com muito critério. Nesse capítulo, o leitor aprenderá a escrever questões e hipóteses de pesquisa tanto qualitativas quanto

quantitativas e também a empregar as duas formas na elaboração de questões e de hipóteses de métodos mistos. Muitos exemplos servem como roteiro para ilustrar esses processos.

Capítulo 8. Métodos Quantitativos

Os métodos quantitativos envolvem o processo de coleta, análise, interpretação e redação dos resultados de um estudo. Existem métodos específicos, tanto no levantamento quanto na pesquisa experimental, os quais se relacionam à identificação de uma amostra e de uma população, à especificação da estratégia da investigação, à coleta e análise dos dados, à apresentação dos resultados, à realização de uma interpretação e à redação da pesquisa de uma maneira consistente com um levantamento ou estudo experimental. Nesse capítulo, o leitor aprenderá os procedimentos específicos para planejar o levantamento ou os métodos experimentais de que necessita para penetrar em uma proposta de pesquisa. As listas de verificação apresentadas nesse capítulo ajudam a garantir que todos os passos importantes sejam incluídos.

Capítulo 9. Métodos Qualitativos

As abordagens qualitativas de coleta, análise, interpretação e redação do relatório dos dados diferem das abordagens quantitativas tradicionais. A amostragem intencional, a coleta de dados abertos, a análise de textos ou de imagens, a representação de informações em figuras e em quadros e a interpretação pessoal dos achados informam procedimentos qualitativos. Esse capítulo sugere passos no planejamento de procedimentos qualitativos em uma proposta de pesquisa e também inclui uma lista de verificação para garantir que você cubra todos os procedimentos importantes. Amplas ilustrações proporcionam exemplos extraídos da fenomenologia, da teoria fundamentada, da etnografia, de estudos de caso e da pesquisa narrativa.

Capítulo 10. Métodos Mistos

Os procedimentos de métodos mistos empregam aspectos dos métodos quantitativos e dos procedimentos qualitativos. A pesquisa de métodos mistos aumentou em popularidade nos últimos anos, e esse capítulo destaca importantes desenvolvimentos no uso desse modelo. Seis tipos de projetos de métodos mistos são enfatizados, juntamente com uma discussão sobre os critérios para selecionar um deles tendo por base a distribuição do tempo, a atribuição de peso, a mistura e o uso da teoria. São apresentadas figuras

que sugerem apelo visual que o pesquisador pode planejar e incluir em uma proposta. Os pesquisadores obtêm uma introdução da pesquisa de métodos mistos como praticada hoje, assim como os tipos de projetos que podem ser utilizados em uma proposta de pesquisa.

O planejamento de um estudo é um processo difícil e demorado. Este livro não vai necessariamente tornar o processo mais fácil ou mais rápido, mas pode apresentar as habilidades específicas úteis no processo, o conhecimento dos passos envolvidos no processo e um guia prático para compor e escrever uma pesquisa acadêmica. Antes do esclarecimento dos passos do processo, recomendo que os autores da proposta pensem sobre suas abordagens de pesquisa, realizem revisões da literatura sobre seus tópicos, desenvolvam um esboço dos tópicos a serem incluídos no planejamento de uma proposta e comecem a prever questões éticas potenciais que possam surgir na pesquisa. A Parte I aborda tais tópicos.

Parte I

Considerações Preliminares

1 Seleção de um Projeto de Pesquisa

2 Revisão da Literatura

3 Uso da Teoria

4 Estratégias de Redação e Considerações Éticas

Este livro destina-se a auxiliar os pesquisadores a desenvolver um plano ou uma proposta para um estudo de pesquisa. A Parte I aborda diversas considerações preliminares necessárias antes de elaborar uma proposta ou um projeto de estudo. Essas considerações estão relacionadas à seleção de um projeto de pesquisa apropriado, à revisão da literatura para posicionar o estudo proposto dentro da literatura existente, à seleção de uma teoria no estudo e ao emprego, desde o início, de uma boa redação e de práticas éticas.

1

Seleção de um Projeto de Pesquisa

Os projetos de pesquisa são os planos e os procedimentos para a pesquisa que abrangem as decisões desde suposições amplas até métodos detalhados de coleta e de análise dos dados. Esse plano envolve várias decisões, os quais não precisam ser tomadas na ordem em que fazem sentido para mim e na ordem de sua apresentação aqui. A decisão geral envolve qual projeto deve ser utilizado para se estudar um tópico. A informação dessa decisão deveria refletir as concepções que o pesquisador traz para o estudo, os procedimentos da investigação (chamados de estratégias) e os métodos específicos de coleta e de análise e interpretação dos dados. A seleção de um projeto de pesquisa é também baseada na natureza do problema ou na questão de pesquisa que está sendo tratada, nas experiências pessoais dos pesquisadores e no público ao qual o estudo se dirige.

OS TRÊS TIPOS DE PROJETOS

Neste livro, são apresentados três tipos de projetos: qualitativos, quantitativos e de métodos mistos. Sem dúvida, as três abordagens não são tão distintas quanto parecem inicialmente. As abordagens qualitativa e quantitativa não devem ser encaradas como extremos opostos ou dicotomias, pois, em vez disso, representam fins diferentes em um contínuo (Newman e Benz, 1998). Um estudo *tende* a ser mais qualitativo do que quantitativo, ou vice-versa. A pesquisa de métodos mistos reside no

meio deste contínuo porque incorpora elementos das duas abordagens, qualitativa e quantitativa.

Com frequência a distinção entre pesquisa qualitativa e quantitativa é estruturada em termos do uso de palavras (qualitativa) em vez de números (quantitativa), ou do uso de questões fechadas (hipóteses quantitativas) em vez de questões abertas (questões de entrevista qualitativa). Uma maneira mais completa de encarar as gradações das diferenças entre elas está nas suposições filosóficas básicas que os pesquisadores levam para o estudo, nos tipos de estratégias de pesquisa utilizados em toda a pesquisa (p. ex., experimentos quantitativos ou estudos de caso qualitativos) e nos métodos específicos empregados na condução destas estratégias (p. ex., coleta quantitativa dos dados em instrumentos *versus* coleta de dados qualitativos através da observação de um ambiente). Além disso, as duas abordagens têm uma evolução histórica, com as abordagens quantitativas dominando as formas de pesquisa nas ciências sociais desde o final do século XIX até meados do século XX. Durante a segunda metade do século XX, o interesse na pesquisa qualitativa aumentou e, junto com ele, o desenvolvimento da pesquisa de métodos mistos (ver Creswell, 2008, para mais informações sobre essa história). Com esse pano de fundo, convém observarmos as definições desses três termos fundamentais, conforme utilizados neste livro:

- A **pesquisa qualitativa** é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura flexível. Aqueles que se envolvem nessa forma de investigação apóiam uma maneira de encarar a pesquisa que honra um estilo indutivo, um foco no significado individual e na importância da interpretação da complexidade de uma situação (adaptado de Creswell, 2007).

- A **pesquisa quantitativa** é um meio para testar teorias objetivas, examinando a relação entre as variáveis. Tais variáveis, por sua vez, podem ser medidas tipicamente por instrumentos, para que os dados numéricos possam ser analisados por procedimentos estatísticos. O relatório final escrito tem uma estrutura fixa, a qual consiste em introdução, literatura e teoria, métodos, resultados e discussão (Creswell, 2008). Como os pesquisadores qualitativos, aqueles que se engajam nessa forma de investigação têm su-

posições sobre a testagem dedutiva das teorias, sobre a criação de proteções contra vieses, sobre o controle de explicações alternativas e sobre sua capacidade para generalizar e para replicar os achados.

- A **pesquisa de métodos mistos** é uma abordagem da investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens qualitativas e quantitativas e a mistura das duas abordagens em um estudo. Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada (Creswell e Plano Clark, 2007).

Essas definições têm consideráveis informações em cada uma delas. Ao longo de todo o livro, discuto as partes das definições para que seus significados fiquem claros.

OS TRÊS COMPONENTES ENVOLVIDOS EM UM PROJETO

Dois importantes componentes em cada definição são que a abordagem da pesquisa envolve suposições filosóficas e também métodos ou procedimentos distintos. O **projeto de pesquisa**, a que me refiro como o plano ou proposta para conduzir a pesquisa, envolve a intersecção de filosofia, de estratégias de investigação e de métodos específicos. Uma estrutura que utilizo para explicar a interação desses três componentes pode ser vista na Figura 1.1. Para reiterar, no planejamento de um estudo, os pesquisadores precisam pensar por meio das suposições da concepção filosófica que eles trazem ao estudo, da estratégia da investigação que está relacionada a essa concepção e dos métodos ou procedimentos de pesquisa específicos que transformam a abordagem em prática.

Concepções filosóficas

Embora as concepções filosóficas permaneçam em grande parte ocultas na pesquisa (Slife e Williams, 1995), ainda assim influenciam sua prática e precisam ser identificadas. Sugiro que os indivíduos que preparam uma proposta ou plano de pesquisa explicitem as ideias filosóficas mais abrangentes que adotam. Essa informação ajudará a explicar o motivo

pelo qual escolheram a abordagem qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos para sua pesquisa. Ao escrever sobre as concepções, uma proposta pode incluir uma seção que trate do seguinte:

- A concepção filosófica proposta no estudo
- Uma definição das considerações básicas dessa concepção
- Como a concepção moldou sua abordagem da pesquisa

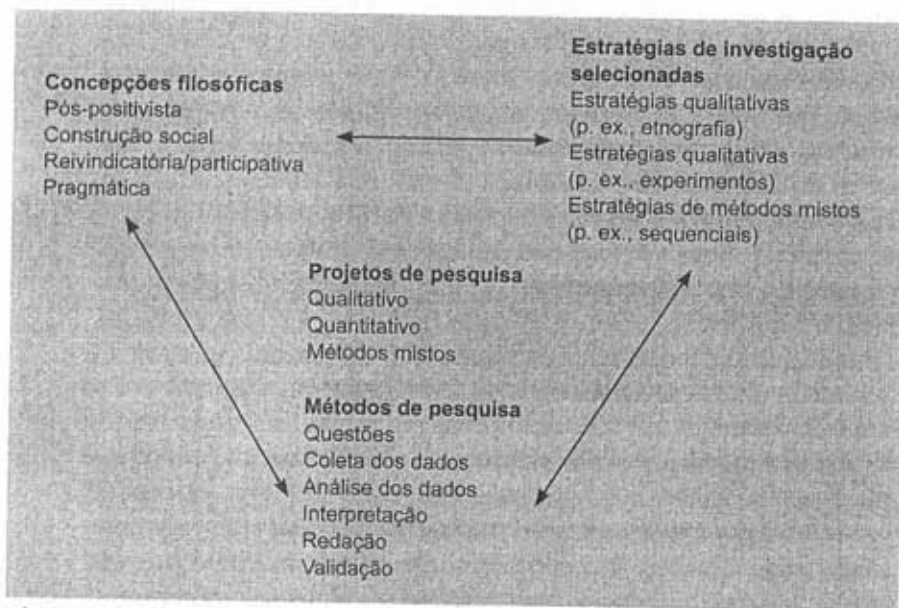


Figura 1.1 Uma estrutura para o projeto – a interconexão das concepções, estratégias da investigação e métodos de pesquisa.

Optei por usar o termo **concepção** significando “um conjunto de crenças básicas que guiam a ação” (Guba, 1990, p. 17). Outros têm chamado as concepções de *paradigmas* (Lincoln e Guba, 2000; Mertens, 1999); *epistemologias* e *ontologias* (Crotty, 1998) ou de *metodologias de pesquisa amplamente concebidas* (Neuman, 2000). Encaro as concepções como uma orientação geral sobre o mundo e sobre a natureza da pesquisa defendidas por um pesquisador. Tais concepções são moldadas pela área da disciplina do aluno, pelas crenças dos orientadores e dos professores em uma área do aluno e pelas experiências que tiveram em pesquisa. Os tipos de crenças abraçadas pelos pesquisadores individuais com frequência os conduzirão a adotar em sua pesquisa uma abordagem qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos. Quatro concepções diferentes são discutidas: pós-positivista,

construtivista, reivindicatória/participatória e pragmática. Os principais elementos de cada posição estão apresentados no Quadro 1.1.

Quadro 1.1 Quatro concepções

Pós-positivista	Construtivista
<ul style="list-style-type: none"> • Determinação • Reducionismo • Observação e mensuração empíricas • Verificação da teoria 	<ul style="list-style-type: none"> • Entendimento • Significados múltiplos do participante • Construção social e histórica • Geração de teoria
Reivindicatória/Participatória	Pragmatista
<ul style="list-style-type: none"> • Política • Capacitação orientada para a questão • Colaborativa • Orientada para a mudança 	<ul style="list-style-type: none"> • Consequências das ações • Centrada no problema • Pluralista • Orientada para a prática no mundo real

A concepção pós-positivista

As suposições pós-positivistas têm representado a forma tradicional da pesquisa, e são mais válidas para a pesquisa quantitativa do que para a qualitativa. Às vezes é chamada de *método científico* ou da realização de *pesquisa na ciência*. É também chamada de *pesquisa positivista/pós-positivista*, de *ciência empírica* e de *pós-positivismo*. Este último termo é chamado pós-positivismo porque representa o pensamento posterior ao positivismo, que desafia a noção tradicional da verdade absoluta do conhecimento (Phillips e Burbules, 2000) e reconhece que não podemos ser “positivos” sobre nossas declarações de conhecimento quando estudamos o comportamento e as ações de seres humanos. A tradição pós-positivista vem dos escritores do século XIX, como Comte, Mill, Durkheim, Newton e Locke (Smith, 1983), e tem sido mais recentemente articulada por escritores como Phillips e Burbules (2000).

Os **pós-positivistas** defendem uma filosofia determinística, na qual as causas provavelmente determinam os efeitos ou os resultados. Assim, os problemas estudados pelos pós-positivistas refletem a necessidade de identificar e de avaliar as causas que influenciam os resultados, como aquelas encontradas nos experimentos. É também reducionista, pois a intenção é reduzir as ideias a um conjunto pequeno e distinto a serem testadas, como as variáveis que compreendem as hipóteses e as questões de pesquisa. O conhecimento que se desenvolve por meio de um enfoque

positivista é baseado em uma observação e mensuração atenta da realidade objetiva que está no mundo "lá fora". Desse modo, o desenvolvimento de medidas numéricas de observações e o estudo do comportamento dos indivíduos tornam-se fundamentais para um positivista. Por fim, há leis ou teorias que governam o mundo, e elas precisam ser testadas ou verificadas e refinadas, para que possamos compreender o mundo. Assim, no método científico, a abordagem da pesquisa aceita pelos pós-positivistas, um indivíduo inicia com uma teoria, coleta os dados que a apoiam ou refutam, e depois faz as revisões necessárias antes de realizar testes adicionais.

Lendo Phillips e Burbules (2000), você pode adquirir uma percepção das suposições fundamentais dessa posição, como, por exemplo:

1. O conhecimento é conjectural (e antifundacional) – a verdade absoluta nunca pode ser encontrada. Assim, a evidência estabelecida na pesquisa é sempre imperfeita e falível. Por esta razão, os pesquisadores afirmam que não provam uma hipótese, mas indicam uma falha para rejeitar a hipótese.

2. A pesquisa é o processo de fazer declarações e depois refiná-las ou abandonar algumas delas em prol de outras declarações mais solidamente justificadas. A maior parte das pesquisas quantitativas, por exemplo, inicia com o teste de uma teoria.

3. Os dados, as evidências e as considerações racionais moldam o conhecimento. Na prática, o pesquisador coleta informações sobre os instrumentos baseadas em avaliações preenchidas pelos participantes ou em observações registradas pelo pesquisador.

4. A pesquisa procura desenvolver declarações relevantes e verdadeiras, as quais servem para explicar a situação de interesse ou que descrevam as relações causais de interesse. Nos estudos quantitativos, os pesquisadores sugerem a relação entre as variáveis e a apresentam em termos de questões ou de hipóteses.

5. Ser objetivo é um aspecto essencial da investigação competente; os pesquisadores precisam examinar os métodos e as conclusões para evitar vieses. Por exemplo, o padrão de validade e a confiabilidade são importantes na pesquisa quantitativa.

A concepção construtivista social

Outros adotam uma concepção diferente. O construtivismo social (com frequência associado ao interpretivismo: ver Mertens, 1998) é uma perspectiva desse tipo, e é tipicamente encarado como uma abordagem da

pesquisa qualitativa. As ideias provêm de Mannheim e de obras como *The Social Construction of Reality*, de Berger e Luekmann (1967) e de *Naturalistic Inquiry*, de Guba (1985). Os escritores mais recentes que têm resumido essa posição são Lincoln e Guba (2000), Schwandt (2007), Neuman (2000) e Crotty (1998). Os **construtivistas sociais** defendem suposições de que os indivíduos procuram entender o mundo em que vivem e trabalham. Os indivíduos desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, significados dirigidos para alguns objetos ou coisas. Tais significados são variados e múltiplos, levando o pesquisador a buscar a complexidade dos pontos de vista em vez de estreitá-los em algumas categorias ou ideias. O objetivo da pesquisa é confiar o máximo possível nas visões que os participantes têm da situação a qual está sendo estudada. As questões tornam-se amplas e gerais, para que os participantes possam construir o significado de uma situação caracteristicamente baseada em discussões ou interações com outras pessoas. Quanto mais aberto o questionamento, melhor, enquanto o pesquisador ouve atentamente o que as pessoas dizem e fazem nos ambientes em que vivem. Com frequência, esses significados subjetivos são negociados social e historicamente. Eles não estão simplesmente estampados nos indivíduos, mas são formados pela interação com as outras pessoas (daí o construtivismo social) e por normas históricas e culturais as quais operam nas vidas dos indivíduos. Por isso, os pesquisadores construtivistas frequentemente tratam dos processos de interação entre os indivíduos. Também se concentram nos contextos específicos em que as pessoas vivem e trabalham, para entender os ambientes históricos e culturais dos participantes. Os pesquisadores reconhecem que suas próprias origens moldam sua interpretação e se posicionam na pesquisa para reconhecer como sua interpretação flui de suas experiências pessoais, culturais e históricas. A intenção do pesquisador é extrair sentido dos (ou interpretar) significados que os outros atribuem ao mundo. Em vez de começar com uma teoria (como no pós-positivismo), os investigadores geram ou indutivamente desenvolvem uma teoria ou um padrão de significado.

Por exemplo, ao discutir o construtivismo, Crotty (1998) identificou várias suposições:

1. Os significados são construídos pelos seres humanos quando eles se engajam no mundo que estão interpretando. Os pesquisadores qualitativos tendem a utilizar questões abertas para que os participantes possam compartilhar suas opiniões.

2. Os seres humanos se engajam em seu mundo e extraem sentido dele baseados em suas perspectivas históricas e sociais, pois todos nós

nascemos em um mundo de significado que nos é conferido por nossa cultura. Assim, os pesquisadores qualitativos procuram entender o contexto ou o cenário dos participantes, visitando tal contexto e reunindo informações pessoalmente. Também interpretam o que encontram, uma interpretação moldada pelas próprias experiências e origens do pesquisador.

3. A geração básica de significado é sempre social, surgindo dentro e fora da interação com uma comunidade humana. O processo da pesquisa qualitativa é principalmente indutivo, com o investigador gerando significado a partir dos dados coletados no campo.

A concepção reivindicatória e participatória

Outro grupo de pesquisadores abraça as suposições filosóficas da abordagem reivindicatória/participatória. Essa posição surgiu durante as décadas de 1980 e 1990, a partir de indivíduos que acreditavam que as suposições pós-positivistas impunham leis e teorias estruturais que não se ajustavam aos indivíduos de nossa sociedade ou às questões de justiça social que precisavam ser abordadas. Essa concepção é tipicamente encontrada na pesquisa qualitativa, mas pode servir como base também para a pesquisa quantitativa. Historicamente, alguns dos escritores que adotam a concepção reivindicatória/participatória (ou emancipatória) têm se baseado nas obras de Marx, Adorno, Marcuse, Habermas e Freire (Neuman, 2000). Fay (1987), Heron e Reason (1997) e Kemmis e Wilkinson (1998) são escritores mais recentes que estudam essa perspectiva. Esses investigadores acreditam, principalmente, que a posição construtivista não foi longe o bastante na defesa de uma agenda de ação para ajudar as pessoas marginalizadas. Uma **concepção reivindicatória/participatória** defende que a investigação da pesquisa precisa estar interligada à política e à uma agenda política. Por isso, a pesquisa contém uma agenda de ação para a reforma que pode mudar as vidas dos participantes, as instituições nas quais os indivíduos trabalham ou vivem e a vida do pesquisador. Além disso, precisa-se tratar de questões específicas, relacionadas a importantes questões sociais atuais, como capacitação, desigualdade, opressão, dominação, supressão e alienação. O pesquisador com frequência começa com uma dessas questões como o ponto focal do estudo. Essa pesquisa também assume que o investigador vai proceder colaborativamente, de modo a não marginalizar ainda mais os participantes como um resultado da investigação. Nesse sentido, os participantes podem ajudar a planejar as questões, a coletar os dados, a analisar as informações ou a colher as recomen-

das da pesquisa. A pesquisa reivindicatória proporciona uma voz a esses participantes, elevando sua consciência ou sugerindo uma agenda de mudança para melhorar suas vidas. Torna-se uma voz unida para a reforma e a mudança.

Essa concepção filosófica se concentra nas necessidades dos grupos e dos indivíduos em nossa sociedade os quais possam estar marginalizados ou privados de privilégios. Por isso, as perspectivas teóricas podem estar integradas às suposições filosóficas que constroem um quadro das questões que estão sendo examinadas, as pessoas a serem estudadas e as mudanças são necessárias, como perspectivas feministas, discursos racializados, teoria crítica, teoria *queer**, teoria da homossexualidade e teoria da incapacidade – enfoques teóricos que serão discutidos detalhadamente no Capítulo 3.

Embora esses sejam grupos diferentes e minhas explicações aqui sejam generalizações, cabe examinar o resumo de Kemmis e Wilkinson (1998) sobre os principais aspectos das formas defensivas ou participativas de investigação:

1. A ação participativa é recursiva ou dialética e se concentra em produzir mudança nas práticas. Assim, no final dos estudos defensivos/participativos, os pesquisadores sugerem uma agenda de ação para a mudança.

2. Essa forma de investigação está concentrada em ajudar os indivíduos a se libertarem das restrições encontradas nos meios de comunicação, na linguagem, nos procedimentos de trabalho e nas relações de poder nos cenários educacionais. Os estudos defensivos/participativos com frequência se iniciam com uma questão ou uma posição importante sobre os problemas da sociedade, como a necessidade de capacitação.

3. Ela é emancipatória, no sentido de que ajuda as pessoas a se libertarem das restrições das estruturas irracionais e injustas que limitam o autodesenvolvimento e a autodeterminação. Os estudos defensivos/participativos têm como objetivo criar um debate e uma discussão políticos para que a mudança possa ocorrer.

4. É prática e colaborativa, porque é uma investigação realizada *com* outras pessoas, em vez de *sobre* ou *para* outras pessoas. Nesse espírito,

* N. de T. A teoria *queer* é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

os autores reivindicatórios/participatórios engajam os participantes como colaboradores ativos em suas investigações.

A concepção pragmática

Outra posição sobre as concepções vem dos pragmáticos. O pragmatismo deriva das obras de Peirce, James, Mead e Dewey (Cherryholmes, 1992). Escritores recentes incluem Rorty (1990), Murphy (1990), Patton (1990) e Cherryholmes (1992). Essa filosofia tem muitas formas, mas, para muitos, o **pragmatismo** enquanto concepção surge mais das ações, das situações e das consequências do que das condições antecedentes (como no pós-positivismo). Há uma preocupação com as aplicações, o que funciona, e as soluções para os problemas (Patton, 1990). Em vez de se concentrarem nos métodos, os pesquisadores enfatizam o problema da pesquisa e utilizam todas as abordagens disponíveis para entender o problema (ver Rossman e Wilson, 1985). Como uma base filosófica para os estudos de métodos mistos, Tashakkori e Teddlie (1998), Morgan (2007) e Patton (1990) comunicam sua importância por concentrar a atenção no problema de pesquisa na pesquisa das ciências sociais e utilizam abordagens pluralísticas para derivar conhecimento sobre o problema. Usando as concepções de Cherryholmes (1992), Morgan (2007), e as minhas próprias, o pragmatismo proporciona uma base filosófica para a pesquisa:

- O pragmatismo não está comprometido com nenhum sistema de filosofia e de realidade. Isso se aplica à pesquisa de métodos mistos, em que os investigadores se baseiam abundantemente tanto nas suposições quantitativas quanto nas qualitativas quando se envolvem em sua pesquisa.
- Os pesquisadores individuais têm uma liberdade de escolha. Desta maneira, os pesquisadores são livres para escolher os métodos, as técnicas e os procedimentos de pesquisa que melhor se ajustem a suas necessidades e propósitos.
- Os pragmáticos não veem o mundo como uma unidade absoluta. De maneira semelhante, os pesquisadores que utilizam métodos mistos buscam muitas abordagens para coletar e analisar os dados, em vez de se aterem a apenas uma maneira (p. ex., quantitativa ou qualitativa).
- A verdade é o que funciona no momento. Não se baseia em uma dualidade entre a realidade independente da mente ou inserida na mente. Assim, na pesquisa de métodos mistos, os investigado-

res usam tanto dados quantitativos, quanto qualitativos, porque eles intentam proporcionar o melhor entendimento de um problema de pesquisa.

- Os pesquisadores pragmáticos olham para o *que e como* pesquisar, baseados nas consequências pretendidas, ou seja, aonde eles querem chegar com ela. Os pesquisadores de métodos mistos precisam, antes de tudo, estabelecer um propósito para sua combinação, uma base lógica para as razões pelas quais os dados quantitativos e qualitativos precisam ser combinados.
- Os pragmáticos concordam que a pesquisa sempre ocorre em contextos sociais, históricos e políticos, entre outros. Dessa maneira, os estudos de métodos mistos podem incluir uma feição pós-moderna, um enfoque teórico o qual reflita objetivos de justiça social e objetivos políticos.
- Os pragmáticos acreditam em um mundo externo independente da mente, assim como daquele alojado na mente. No entanto, acreditam que precisamos parar de formular questões sobre a realidade e as leis da natureza (Cherryholmes, 1992). "Eles simplesmente gostariam de mudar o tema" (Rorty, 1983, p. xiv).
- Por isso, para o pesquisador de métodos mistos, o pragmatismo abre a porta para múltiplos métodos, diferentes concepções e diferentes suposições, assim como para diferentes formas de coleta e análise dos dados.

Estratégias da investigação

O pesquisador não apenas seleciona um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos para conduzir, também decide sobre um tipo de estudo dentro destas três escolhas. As **estratégias da investigação** são os tipos de projetos ou modelos de métodos qualitativos, quantitativos e mistos que proporcionam uma direção específica aos procedimentos em um projeto de pesquisa. Outros as têm chamado de *abordagens da investigação* (Creswell, 2007) ou de *metodologias da pesquisa* (Mertens, 1998). As estratégias disponíveis ao pesquisador aumentaram no correr dos anos, à medida que a tecnologia da computação impulsionou nossa análise dos dados e a capacidade para analisar modelos complexos e que os indivíduos articularam novos procedimentos para conduzir a pesquisa nas ciências sociais. A escolha dos tipos será enfatizada nos Capítulos 8, 9 e 10, estra-

tégias frequentemente utilizado nas ciências sociais. Introduzo aqui aquelas que serão discutidas mais adiante e que são citadas em exemplos em todo o livro. Uma visão geral dessas estratégias está mostrada no Quadro 1.2.

Quadro 1.2 Estratégias alternativas da investigação

Quantitativa	Qualitativa	Métodos mistos
<ul style="list-style-type: none"> • Projetos experimentais • Projetos não experimentais, como os levantamentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa narrativa • Fenomenologia • Etnografias • Estudos de teoria fundamentada • Estudo de caso 	<ul style="list-style-type: none"> • Sequencial • Concomitante • Transformativa

Estratégias quantitativas

Durante o final do século XIX e todo o século XX, as estratégias da investigação associadas à pesquisa quantitativa eram as que invocavam a concepção pós-positivista. Estas incluíam experimentos reais e os experimentos menos rigorosos, chamados de *quase-experimentos* e de *estudos correlacionais* (Campbell e Stanley, 1963), além de experimentos específicos de tema único (Cooper, Heron e Heward, 1987; Neuman e McCormick, 1995). Mais recentemente, as estratégias quantitativas têm envolvido experimentos complexos, com muitas variáveis e tratamentos (p. ex., projetos fatoriais e projetos de medição repetida). Elas também têm incluído modelos de equação estrutural elaborados que incorporam caminhos causais e a identificação da “força” coletiva de múltiplas variáveis. Neste livro, concentro-me em duas estratégias de investigação: levantamentos e experimentos.

• A **pesquisa de levantamento** proporciona uma descrição quantitativa ou numérica de tendências, de atitudes ou de opiniões de uma população, estudando uma amostra dessa população. Inclui estudos transversais e longitudinais, utilizando questionários ou entrevistas estruturadas para a coleta de dados, com a intenção de generalizar a partir de uma amostra para uma população (Babbie, 1990).

• A **pesquisa experimental** busca determinar se um tratamento específico influencia um resultado. Esse impacto é avaliado proporcionando-se um tratamento específico a um grupo e o negando a outro, e depois determinando como os dois grupos pontuaram em um resultado. Os experimentos incluem os experimentos verdadeiros, com a designação aleatória dos indivíduos às condições de tratamento, e os quase-expe-

rimentos, os quais utilizam projetos não aleatórios (Keppel, 1991). Dentro dos quase-experimentos estão incluídos os projetos de tema único.

Estratégias qualitativas

Na pesquisa qualitativa, os números e os tipos de abordagens também se tornaram mais claramente visíveis durante a década de 1990 e o início do século XXI. Os livros têm resumido os vários tipos (como as 19 estratégias identificadas por Wolcott, 2001), e atualmente estão disponíveis procedimentos completos sobre abordagens específicas de investigação qualitativa. Por exemplo, Clandinin e Connely (2000) construíram um quadro sobre o que fazem os pesquisadores narrativos, Moustakas (1994) discutiu as doutrinas filosóficas e os procedimentos do método fenomenológico, e Strauss e Corbin (1990, 1998) identificaram os procedimentos da teoria fundamentada. Wolcott (1999) resumiu os procedimentos etnográficos, e Stake (1995) sugeriu processos envolvidos na pesquisa de estudo de caso. Neste livro, os exemplos são baseados nas estratégias que se seguem, reconhecendo que abordagens como a pesquisa de ação participativa (Kemmis e Wilkinson, 1998), a análise do discurso (Cheek, 2004) e outras não mencionadas (ver Creswell, 2007b) são também maneiras viáveis para a condução de estudos qualitativos.

• **Etnografia** é uma estratégia de investigação em que o pesquisador estuda um grupo cultural intacto em um cenário natural durante um período de tempo prolongado, coletando principalmente dados observacionais e de entrevistas (Creswell, 2007b). O processo de pesquisa é flexível e se desenvolve, tipicamente, de maneira contextual em resposta às realidades vividas encontradas no ambiente de campo (LeCompte e Schensul, 1999).

• **Teoria fundamentada*** é uma estratégia de investigação em que o pesquisador deriva uma teoria geral, abstrata, de um processo, ação ou interação fundamentada nos pontos de vista dos participantes. Esse processo envolve o uso de muitos estágios da coleta de dados e o refinamento e a inter-relação das categorias de informação (Charmaz, 2006; Strauss e Corbin, 1990, 1998). Duas características principais deste modelo são a constante comparação dos dados com as categorias emergentes e a amostragem teórica de diferentes grupos para maximizar as semelhanças e diferenças entre as informações.

* N. de R. Para detalhes ver: CHARMAZ, K. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

• **Estudos de caso** são uma estratégia de investigação em que o pesquisador explora profundamente um programa, um evento, uma atividade, um processo ou um ou mais indivíduos. Os casos são relacionados pelo tempo e pela atividade, e os pesquisadores coletam informações detalhadas usando vários procedimentos de coleta de dados durante um período de tempo prolongado (Stake, 1995).

• **Pesquisa fenomenológica** é uma estratégia de investigação em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas, com respeito a um fenômeno, descritas pelos participantes. O entendimento das experiências vividas distingue a fenomenologia como uma filosofia e também como um método, e o procedimento envolve o estudo de um pequeno número de indivíduos por meio de um engajamento extensivo e prolongado para desenvolver padrões e relações significativas (Moustakas, 1994). Nesse processo, o pesquisador inclui ou põe de lado suas próprias experiências para entender aquelas dos participantes do estudo (Nieswiadomy, 1993).

• **Pesquisa narrativa** é uma estratégia de investigação na qual o pesquisador estuda as vidas dos indivíduos e pede a um ou mais indivíduos para contar histórias sobre suas vidas. Essas informações são, com frequência, recontadas ou re-historiadas pelo pesquisador em uma cronologia narrativa. No fim, a narrativa combina visões da vida do participante com aquelas da vida do pesquisador em uma narrativa colaborativa (Clandinin e Connelly, 2000).

Estratégias de métodos mistos

As estratégias de métodos mistos não são tão conhecidas quanto as abordagens quantitativas ou qualitativas. O conceito de misturar diferentes métodos originou-se em 1959, quando Campbell e Fisk utilizaram múltiplos métodos para estudar a validade de traços psicológicos. Eles encorajaram outros a empregar sua matriz de múltiplos métodos para examinar múltiplas abordagens à coleta de dados. Isso estimulou outros a combinarem os métodos, e logo abordagens associadas aos métodos de campo, como observações e entrevistas (dados qualitativos), foram combinadas aos levantamentos tradicionais (dados quantitativos; Sieber, 1973). Reconhecendo que todos os métodos têm limitações, os pesquisadores acharam que os vieses inerentes a qualquer método específico poderiam neutralizar ou cancelar os vieses de outros métodos. Nascia assim a triangulação das fontes de dados, um meio para a busca de convergência entre os méto-

dos qualitativos e quantitativos (Jick, 1979). No início da década de 1990, a ideia da combinação evoluiu da busca da convergência para a real integração, ou conexão, dos dados quantitativos e qualitativos. Por exemplo, os resultados de um método podem ajudar a identificar os participantes a serem estudados ou as perguntas a serem feitas pelo outro método (Tashakkori e Teddlie, 1998). Como alternativa, os dados qualitativos e quantitativos podem ser unidos em um grande banco de dados ou os resultados usados lado a lado para reforçar um ao outro (p. ex., citações qualitativas corroboram resultados estatísticos; Creswell e Plano Clark, 2007). Ou os métodos podem servir a um propósito maior, transformativo, para defender grupos marginalizados, como mulheres, minorias étnicas/raciais, membros das comunidades gays e lésbicas, pessoas portadoras de deficiências e pobres (Mertens, 2003).

Essas razões para combinar os métodos levaram os escritores do mundo todo a desenvolver procedimentos para estratégias de investigação de métodos mistos, o que trouxe os numerosos termos encontrados na literatura, tais como *multimétodos*, de *convergência*, *integrados* e *combinados* (Creswell e Plano Clark, 2007), e a moldar procedimentos para a pesquisa (Tashakkori e Teddlie, 2003).

Em particular, três estratégias gerais e umas tantas variações dentro delas estão ilustradas neste livro:

• Procedimentos de **métodos mistos sequenciais** são aqueles em que o pesquisador procura elaborar ou expandir os achados de um método com os de outro método. Isso pode envolver iniciar com uma entrevista qualitativa para propósitos exploratórios e prosseguir com um método quantitativo, de levantamento com uma amostra ampla, para que o pesquisador possa generalizar os resultados para uma população. Como alternativa, o estudo pode iniciar com um método quantitativo, no qual uma teoria ou conceito é testado, seguido por um método qualitativo que envolva uma exploração detalhada de alguns casos ou indivíduos.

• Procedimentos de **métodos mistos concomitantes** são aqueles em que o pesquisador converge ou mistura dados quantitativos e qualitativos para realizar uma análise abrangente do problema da pesquisa. Nesse modelo, o investigador coleta as duas formas de dados ao mesmo tempo e depois integra as informações na interpretação dos resultados gerais. Além disso, nesse modelo, o pesquisador pode incorporar uma forma menor de dados com outra coleta de dados maior para analisar diferentes tipos de questões (o qualitativo é responsável pelo processo enquanto o quantitativo é responsável pelos resultados).

• Procedimentos de **métodos mistos transformativos** são aqueles em que o pesquisador utiliza um enfoque teórico (ver Capítulo 3) como uma perspectiva ampla em um projeto que contém tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Esse enfoque proporciona uma estrutura para tópicos de interesse, métodos para coleta de dados e para os resultados ou mudanças previstos pelo estudo. Dentro desse enfoque pode haver um método de coleta de dados que envolva uma abordagem sequencial ou concomitante.

Métodos de pesquisa

O terceiro elemento importante da estrutura são os **métodos de pesquisa** específicos que envolvem as formas de coleta, análise e interpretação dos dados que os pesquisadores propõem para seus estudos. Como mostra o Quadro 1.3, convém considerar toda a série de possibilidades da coleta de dados e organizar esses métodos, por exemplo, por seu grau de natureza predeterminada, seu uso de questionamento fechado *versus* aberto e seu enfoque na análise de dados numéricos *versus* dados não numéricos. Esses métodos serão mais desenvolvidos nos Capítulos 8 a 10.

Quadro 1.3 Métodos quantitativos, mistos e qualitativos

Métodos quantitativos	→ Métodos mistos ←	Métodos qualitativos
<ul style="list-style-type: none"> • Predeterminado • Questões baseadas no instrumento • Dados de desempenho, dados de atitudes, dados observacionais e dados de censo • Análise estatística • Interpretação estatística 	<ul style="list-style-type: none"> • Tanto métodos predeterminados quanto emergentes • Tanto questões abertas quanto fechadas • Formas múltiplas de dados baseados em todas as possibilidades • Análise estatística e de texto • Por meio da interpretação dos bancos de dados 	<ul style="list-style-type: none"> • Métodos emergentes • Perguntas abertas • Dados de entrevistas, dados de observação, dados de documentos e dados audiovisuais • Análise de texto e imagem • Interpretação de temas e de padrões

Os pesquisadores coletam dados sobre um instrumento ou teste (p. ex., um conjunto de questões sobre atitudes com relação à autoestima) ou reúnem informações sobre uma lista de controle comportamental (p. ex., observação de um trabalhador engajado em uma habilidade complexa). Na outra extremidade do contínuo, a coleta de dados pode envol-

ver visitar um local de pesquisa e observar o comportamento dos indivíduos sem questões predeterminadas ou conduzir uma entrevista em que seja permitido ao indivíduo falar abertamente sobre um tópico, em grande parte sem o uso de perguntas específicas. A escolha dos métodos vai depender de a intenção ser especificar o tipo de informação a ser coletada antes do estudo ou permitir que ela surja dos participantes do projeto. Além disso, o tipo de dados analisados pode ser informações numéricas reunidas em escalas de instrumentos ou informações de texto registrando e relatando a voz dos participantes. Os pesquisadores fazem interpretações dos resultados estatísticos ou interpretam os temas ou os padrões que emergem dos dados. Em algumas formas de pesquisa, são coletados, analisados e interpretados tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Os dados coletados por instrumento podem ser ampliados com observações abertas, ou os dados de censo podem ser acompanhados de entrevistas exploratórias detalhadas. Nesse caso dos métodos mistos, o pesquisador faz inferências tanto sobre os bancos de dados quantitativos quanto sobre os bancos de dados qualitativos.

OS PROJETOS DE PESQUISA - CONCEPÇÕES, ESTRATÉGIAS E MÉTODOS

As concepções, as estratégias e os métodos, todos contribuem para um projeto de pesquisa que *tende* a ser quantitativo, qualitativo ou misto. O Quadro 1.4 cria distinções que podem ser úteis na escolha de uma abordagem. Essa tabela também inclui práticas de todas as três abordagens que estão enfatizadas nos capítulos restantes deste livro.

Os cenários típicos da pesquisa podem ilustrar como esses três elementos são combinados em um projeto de pesquisa.

- Abordagem *quantitativa* – Concepção pós-positivista, estratégia de investigação experimental e avaliações pré e pós-teste das atitudes

Nesse cenário, o pesquisador testa uma teoria especificando hipóteses estritas e a coleta de dados para corroborar ou para refutar as hipóteses. É utilizado um projeto experimental em que as atitudes são avaliadas tanto antes quanto depois de um tratamento experimental. Os dados são coletados em um instrumento que mede atitudes, e as informações são analisadas por meio procedimentos estatísticos e da testagem de hipóteses.

Quadro 1.4 Abordagens qualitativas, quantitativas e de métodos mistos

Tende a ou tipicamente ...	Abordagens qualitativas	Abordagens quantitativas	Abordagens de métodos mistos
<ul style="list-style-type: none"> • Usa essas suposições filosóficas 	<ul style="list-style-type: none"> • Declarações de conhecimento construtivistas/reivindicatórias/participatórias 	<ul style="list-style-type: none"> • Declarações de conhecimento pós-positivistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Declarações de conhecimento pragmáticas
<ul style="list-style-type: none"> • Emprega essas estratégias de investigação 	<ul style="list-style-type: none"> • Fenomenologia, teoria fundamentada, etnografia, estudo de caso e narrativa 	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamentos e experimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Sequenciais, concomitantes e transformativas
<ul style="list-style-type: none"> • Emprega esses métodos 	<ul style="list-style-type: none"> • Questões abertas, abordagens emergentes, dados de texto ou imagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Questões fechadas, abordagens predeterminadas, dados numéricos 	<ul style="list-style-type: none"> • Tanto questões abertas quanto fechadas, tanto abordagens emergentes quanto predeterminadas, e tanto dados quantitativos quanto qualitativos
<ul style="list-style-type: none"> • Usa essas práticas de pesquisa à medida que o pesquisador 	<ul style="list-style-type: none"> • Posiciona-se • Coleta significados dos participantes • Concentra-se em um conceito ou fenômeno único • Traz valores pessoais para o estudo • Estuda o contexto ou o ambiente dos participantes • Valida a precrição dos resultados. • Faz interpretações dos dados • Cria uma agenda para mudança ou reforma • Colabora com os participantes 	<ul style="list-style-type: none"> • Testa ou verifica teorias ou explicações • Identifica variáveis para o estudo • Relaciona as variáveis em questões ou hipóteses • Observa e avalia as informações numericamente • Usa abordagens não tendenciosas • Emprega procedimentos estatísticos 	<ul style="list-style-type: none"> • Coleta tanto dados quantitativos quanto qualitativos • Desenvolve uma justificativa para a combinação • Integra os dados de diferentes estágios da investigação • Apresenta quadros visuais dos procedimentos do estudo • Emprega as práticas tanto da pesquisa qualitativa quanto da quantitativa

- Abordagem *qualitativa* – Concepção construtivista, modelo etnográfico e observação do comportamento

Nessa situação, o pesquisador procura estabelecer o significado de um fenômeno a partir dos pontos de vista dos participantes. Isso significa identificar o grupo que compartilha uma cultura e estudar como ele desenvolve padrões compartilhados de comportamento no decorrer do tempo (isso é, etnografia). Um dos principais elementos da coleta de dados

dessa maneira é observar os comportamentos dos participantes engajando-se em suas atividades.

- Abordagem *qualitativa* – Concepção participativa, modelo narrativo e entrevista aberta

Para esse estudo, o investigador procura examinar uma questão relacionada à opressão dos indivíduos. São coletadas histórias sobre a opressão do indivíduo usando uma abordagem narrativa. Os indivíduos são entrevistados com uma certa profundidade para determinar como experimentaram a opressão pessoalmente.

- Abordagem de *métodos mistos* – Concepção pragmática, coleta sequencial de dados quantitativos e qualitativos.

O pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de diversos tipos de dados proporciona um melhor entendimento do problema da pesquisa. O estudo começa com um levantamento amplo para generalizar os resultados para uma população e depois, em uma segunda fase, concentra-se em entrevistas qualitativas abertas visando a coletar pontos de vista detalhados dos participantes.

CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DE UM PROJETO DE PESQUISA

Dada a possibilidade das abordagens qualitativas, quantitativas ou de métodos mistos, quais fatores afetam a escolha de uma abordagem sobre outra para o projeto de uma proposta? Além da concepção, da estratégia e dos métodos, estariam o problema de pesquisa, as experiências pessoais do pesquisador e o(s) público(s) para o qual o relatório será redigido.

O problema de pesquisa

Um problema de pesquisa, mais detalhadamente discutido no Capítulo 5, é uma questão ou uma preocupação que precisa ser tratada (p. ex., a questão da discriminação racial). Alguns tipos de problemas de pesquisa social requerem abordagens específicas. Por exemplo, se o problema requer (a) a identificação de fatores que influenciam um resultado, (b) a utilidade de uma intervenção ou (c) o entendimento dos melhores preditores de resultados, então uma abordagem quantitativa é melhor. Essa é também a melhor abordagem a ser utilizada para testar uma teoria ou uma explicação.

Por outro lado, se um conceito de fenômeno precisa ser entendido porque pouca pesquisa foi realizada a respeito, então ele merece uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa é exploratória e conveniente quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a serem examinadas. Esse tipo de abordagem pode ser necessária porque o tópico é novo, porque o tópico nunca foi tratado com uma determinada amostra ou grupo de pessoas e porque as teorias existentes não se aplicam à amostra ou ao grupo particular que está sendo estudado (Morse, 1991).

Um projeto de métodos mistos é útil quando a abordagem quantitativa ou qualitativa em si é inadequada para um bom entendimento de um problema de pesquisa, ou quando os potenciais da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa não conseguem proporcionar o melhor entendimento. Por exemplo, um pesquisador pode querer generalizar os resultados para uma população e também desenvolver uma visão detalhada do significado de um fenômeno ou de um conceito para os indivíduos. Nessa pesquisa, o investigador primeiro realiza uma exploração geral para saber quais variáveis estudar e depois estuda essas variáveis com uma amostra maior de indivíduos. Como alternativa, os pesquisadores podem primeiro levantar um grande número de indivíduos e depois acompanhar alguns participantes com o intuito de obter sua linguagem e suas expressões específicas sobre o tópico. Nessas situações, mostra-se vantajoso coletar tanto dados quantitativos fechados quanto dados qualitativos abertos.

Experiências pessoais

O treinamento e as experiências pessoais do próprio pesquisador também influenciam sua escolha da abordagem. Um indivíduo treinado em escrita técnica e científica, em estatística e programas de estatística computadorizados e que também seja familiarizado com as publicações de natureza quantitativa teria uma maior probabilidade de escolher um projeto quantitativo. Por outro lado, os indivíduos que gostam de escrever de uma maneira literária ou de realizar entrevistas pessoais ou, ainda, de realizar observações de perto, podem preferir a abordagem qualitativa. O pesquisador de métodos mistos é um indivíduo familiarizado com a pesquisa quantitativa e com a pesquisa qualitativa. Além disso, também tem o tempo e os recursos para coletar tanto dados quantitativos quanto qualitativos, bem como os meios para a realização de estudos de métodos mistos, os quais tendem a ter um amplo escopo.

Como os estudos quantitativos são o modo tradicional de pesquisa, existem para eles procedimentos e regras criteriosamente elaborados. Os pesquisadores podem se sentir mais à vontade com os procedimentos extremamente sistemáticos da pesquisa quantitativa. Além disso, para alguns indivíduos, pode ser desconfortável desafiar as abordagens aceitas entre alguns docentes utilizando abordagens qualitativas e reivindicatórias/participatórias para a investigação. Por outro lado, as abordagens qualitativas abrem espaço para a inovação e para trabalhar mais dentro das estruturas planejadas pelo pesquisador. Elas permitem uma escrita mais criativa, em estilo literário, uma forma que os indivíduos, podem gostar de usar. Para os escritores que preferem a abordagem reivindicatória/participatória, há, sem dúvida, um forte estímulo para escolher tópicos de interesse pessoal – questões que se relacionem a pessoas marginalizadas e a um interesse em criar uma melhor sociedade para elas e para todos.

Para o pesquisador de métodos mistos, o projeto vai requerer um tempo extra, devido à necessidade de coletar e de analisar dados quantitativos e qualitativos. Isso se ajusta a uma pessoa que goste tanto da estrutura da pesquisa quantitativa quanto da flexibilidade da investigação qualitativa.

Público

Finalmente, os pesquisadores são sensíveis ao público para quem relatam sua pesquisa. Esse público pode ser composto de editores de periódicos, leitores de revistas, comitês de estudantes de pós-graduação, participantes de conferências ou colegas da sua área. Os estudantes devem considerar as abordagens normalmente preferidas e usadas por seus orientadores. As experiências desses públicos com os estudos quantitativos, qualitativos ou de métodos mistos podem moldar a tomada de decisão em relação a essa escolha.

RESUMO

Ao planejar um projeto de pesquisa, os pesquisadores precisam identificar se empregarão um projeto qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos. Esse projeto se baseia em unir uma concepção ou as suposições sobre pesquisa, as estratégias de investigação específicas e os métodos de pesquisa. As decisões sobre a escolha de um projeto também são influenciadas pelo problema de pesquisa ou pela questão que está sendo

estudada, pelas experiências pessoais do pesquisador e pelo público para a qual o pesquisador escreve.

Exercícios de Redação

1. Identifique uma questão de pesquisa em um artigo de periódico e discuta qual projeto seria o melhor para estudar a questão e por quê.
2. Escolha um tópico que gostaria de estudar e, utilizando as quatro combinações de concepções, estratégias de investigação e métodos de pesquisa apresentadas na Figura 1.1, discuta um projeto que reúna concepção, estratégias e métodos. Identifique se essa seria uma pesquisa quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos.
3. O que distingue um estudo quantitativo de um estudo qualitativo? Mencione três características.

LEITURAS ADICIONAIS

Cherryholmes, C. H. (1992, agosto-setembro). "Notes on pragmatism and scientific realism". *Educational Researcher*, 14, 13-17.

Cleo Cherryholmes discute o pragmatismo enquanto perspectiva contrastante do realismo científico. O ponto forte desse artigo são as numerosas citações de escritores sobre o pragmatismo e um esclarecimento de uma versão do pragmatismo. A versão de Cherryholmes indica que o pragmatismo é direcionado por consequências antecipadas, pela relutância em contar uma história verdadeira, e pela adoção da ideia de que há um mundo externo independente de nossas mentes. Também estão incluídas nesse artigo muitas referências a escritores históricos e recentes sobre o pragmatismo como uma postura filosófica.

Crotty, M. (1998). *The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Michael Crotty oferece uma estrutura útil para vincular as muitas questões epistemológicas, perspectivas teóricas, metodologia e métodos da pesquisa social. Ele inter-relaciona os quatro componentes do processo de pesquisa e mostra em uma tabela uma amostra representativa dos tópicos de cada componente, tais como o pós-modernismo, o feminismo, a indagação crítica, o interpretivismo, o construcionismo e o positivismo.

Kemmis, S. & Wilkinson, M. (1998). "Participatory action research and the study of practice". Em B. Atweh, S. Kemmis & P. Weeks (Eds.), *Action research in practice: Partnerships for social justice in education* (p. 21-36). New York: Routledge.

Stephen Kemmis e Mervyn Wilkinson apresentam uma excelente visão geral da pesquisa participativa. Registram, em especial, as seis principais características dessa

abordagem da investigação e discutem como a pesquisa de ação é praticada nos níveis individual, social ou em ambos.

Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (2005). "Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences". Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln, *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed., p. 191-215). Thousand Oaks, CA: Sage.

Yvonna Lincoln e Egon Guba apresentaram as crenças básicas dos cinco paradigmas da investigação alternativa na pesquisa de ciências sociais: positivista, pós-positivista, da teoria crítica, construtivista e participatório. Isso amplia a análise anterior apresentada na primeira e segunda edições do *Handbook*. Cada um é apresentado em termos da ontologia (isto é, natureza da realidade), da epistemologia (isto é, como sabemos o que sabemos) e da metodologia (isto é, o processo da pesquisa). O paradigma participatório acrescenta outro paradigma alternativo àqueles originalmente sugeridos na primeira edição. Após uma breve apresentação dessas cinco abordagens, eles as contrastam em termos de sete questões, como da natureza do conhecimento, como o conhecimento se acumula e dos critérios de excelência ou de qualidade.

Neuman, W. L. (2000). *Social research methods: Qualitative and quantitative approaches*. Boston: Allyn & Bacon.

Lawrence Neuman apresenta um texto abrangente sobre os métodos de pesquisa como introdução à pesquisa em ciências sociais. Especialmente útil no entendimento do significado alternativo da metodologia é o Capítulo 4, intitulado "Os Significados da Metodologia", em que ele contrasta três metodologias – ciência social positivista, ciência social interpretativa e ciência social crítica – em termos de oito perguntas (p. ex., O que constitui uma explicação ou teoria da realidade social? O que parece uma boa evidência ou uma informação factual?)

Phillips, D. C. & Burbules, N. C. (2000). *Postpositivism and educational research*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.

D. C. Phillips e Nicholas Burbules resumem as principais ideias do pensamento pós-positivista. Em dois capítulos, "O que é Pós-Positivismo?" e "Compromissos Filosóficos dos Pesquisadores Pós-Positivistas", os autores apresentam importantes ideias sobre o pós-positivismo, especialmente aquelas que o diferenciam do positivismo. Isso inclui saber que o conhecimento humano é mais conjectural do que incontestável, e que nossas justificativas para o conhecimento podem ser extraídas de novas investigações.

2

Revisão da Literatura

Além de selecionar uma abordagem quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos, quem elabora uma proposta também precisa rever a literatura acadêmica sobre o tópico de seu interesse. Essa revisão da literatura ajuda a determinar se vale a pena estudar esse tópico e proporciona insight sobre as maneiras em que o pesquisador pode limitar o escopo para uma área de investigação necessária.

Este capítulo continua a discussão sobre as considerações preliminares a serem feitas antes de iniciar uma proposta. Ele começa com uma discussão sobre a seleção de um tópico e sobre a redação desse tópico, para que o pesquisador possa refletir continuamente sobre ele. Nessa altura, os pesquisadores também precisam considerar se um tópico pode e deve ser pesquisado. Depois a discussão passa para o processo real da revisão da literatura, tratando do propósito geral de se utilizar a literatura em um estudo, seguindo para os princípios úteis para o planejamento da literatura em estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos.

O TÓPICO DA PESQUISA

Antes de considerar qual literatura usar em um projeto, primeiro identifique um tópico a ser estudado e reflita se é prática e proveitosa a realização do estudo. O **tópico** é o tema ou assunto de um estudo proposto, tal como “ensino acadêmico”, “criatividade organizacional” ou “estresse psicológico”. Descreva o tópico em algumas palavras ou em uma

frase curta. O tópico torna-se a ideia central a respeito da qual se vai aprender ou explorar.

Há várias maneiras de os pesquisadores obterem informações sobre seus tópicos quando estão começando a planejar sua pesquisa (a meu ver, o tópico deve ser escolhido pelo pesquisador e não por um orientador ou membro de comitê): uma maneira de consegui-lo é esboçar um breve título para o estudo. Fico surpreso ao observar a frequência com que os pesquisadores deixam de esboçar um título no início do desenvolvimento de seus projetos. Em minha opinião, a elaboração ou o esboço de um título torna-se um sinalizador importante na pesquisa, uma ideia tangível que o pesquisador pode continuar reenfocando e alterar à medida que o projeto prossegue (ver Glesne e Peshkin, 1992). Acredito que, em minha pesquisa, esse tópico me mantém focado e proporciona uma indicação do que estou estudando, assim como uma indicação com frequência utilizada para comunicar aos outros a ideia central de meu estudo. Quando os alunos me apresentam sua primeira perspectiva de um estudo de pesquisa, eu lhes peço para dar título ao trabalho caso ainda não o tenham escolhido.

Como seria escrito esse título do trabalho? Experimente completar esta frase: “Meu estudo é sobre ...”. Uma resposta pode ser: “Meu estudo é sobre as crianças em risco no ensino médio” ou “Meu estudo é sobre como ajudar os docentes a se tornarem melhores pesquisadores”. Nessa fase do planejamento, estruture a resposta à pergunta de forma que outro acadêmico possa facilmente captar o significado do projeto. Uma falha comum aos pesquisadores iniciantes é estruturarem seu estudo em uma linguagem complexa e erudita. Essa perspectiva pode resultar da leitura de artigos publicados que passaram por muitas revisões antes de serem publicados. Os projetos bons e sólidos se iniciam com pensamentos diretos, não complicados, fáceis de ler e de entender. Pense em um artigo de periódico que você leu recentemente. Se foi fácil e rápido de ler, provavelmente foi escrito em uma linguagem geral, com a qual muitos leitores podem facilmente se identificar, de uma maneira direta e simples, no projeto e na conceitualização gerais.

Wilkinson (1991) proporciona conselhos úteis para a criação de um título: ser breve e evitar desperdiçar palavras. Eliminar palavras desnecessárias como “Uma abordagem do...” “Um estudo de...”, e assim por diante. Use um título único ou um título duplo. Um exemplo de um título duplo seria: “Uma etnografia: compreendendo a percepção que uma criança tem da guerra”. Além das ideias de Wilkinson, considere um título com não mais de 12 palavras, elimine a maior parte dos artigos e das preposições e certifique-se de que ele inclua o foco ou o tópico do estudo.

Outra estratégia para o seu desenvolvimento é colocar o tópico como uma questão breve. Qual questão necessita ser respondida no estudo proposto? Um pesquisador pode perguntar: "Qual é o melhor tratamento para a depressão?", "O que significa ser árabe hoje na sociedade norte-americana?", "O que leva as pessoas aos locais turísticos do Meio-oeste?". Ao elaborar perguntas como essas, concentre-se no tópico-chave da pergunta como o principal indicador para o estudo. Considere como essa questão poderia ser posteriormente expandida para ser mais descritiva de seu estudo (ver Capítulos 6 e 7 sobre a declaração do propósito e as questões e as hipóteses da pesquisa).

Alçar ativamente esse tópico a um estudo de pesquisa requer a reflexão de se o tópico pode e deve ser pesquisado. Um tópico *pode* ser pesquisado se os pesquisadores tiverem participantes dispostos a se envolver no estudo. Também pode ser pesquisado se os investigadores tiverem recursos para coletar os dados durante um período prolongado e para analisar as informações, bem como a disponibilidade de programas computadorizados.

A questão do *deve ser pesquisado* é mais complexa. Vários fatores podem intervir nessa decisão. Talvez o mais importante seja se o tópico acrescenta algo ao conjunto do conhecimento de pesquisa disponível sobre ele se replica estudos passados, se dá voz aos grupos ou indivíduos sub-representados, se ajuda a lidar com a justiça social ou se transforma as ideias e as crenças do pesquisador.

Um primeiro passo em qualquer projeto é despender um tempo considerável na biblioteca, examinando as pesquisas sobre um tópico (as estratégias para o uso efetivo da biblioteca e dos recursos da biblioteca aparecem mais adiante neste capítulo). Esse ponto não pode ser superenfatizado. Os pesquisadores iniciantes podem propor um grande estudo que seja completo em todos os aspectos, tanto na clareza das questões da pesquisa quanto na abrangência da coleta de dados e na sofisticação da análise estatística. No entanto, o pesquisador pode conseguir pouco apoio dos comitês acadêmicos ou dos planejadores de conferência se o estudo não acrescentar nada de novo ao corpo da pesquisa. Pergunte "Como este projeto contribui para a literatura?". Pondere como o estudo pode tratar um tópico que ainda não foi examinado, estender a discussão incorporando novos elementos ou replicar (ou repetir) um estudo em novas situações ou com novos participantes.

A questão de se o tópico *deve ser estudado* também se relaciona a se alguém fora da instituição ou da área imediata do próprio pesquisador

estaria interessado no tópico. Sendo possível a escolha entre um tópico que pode ser de interesse regional limitado ou um de interesse nacional, eu optaria pelo último, pois teria um apelo maior para um público muito mais amplo. Os editores de periódicos, membros de comitê, planejadores de conferências e agências de financiamento apreciam a pesquisa que atinge um público abrangente. Finalmente, a questão do *deve* também está relacionada aos objetivos pessoais do pesquisador. Considere o tempo necessário para realizar um projeto, para revisá-lo e para disseminar os resultados. Todos os pesquisadores devem considerar como o estudo e seu pesado compromisso de tempo serão compensados na promoção de seus objetivos de carreira, quer tais objetivos sejam o de realizar mais pesquisa, de obter uma posição futura ou de progredir na direção de um título acadêmico.

Antes de prosseguir com uma proposta ou com um estudo, a pessoa precisa pesar esses fatores e consultar outras pessoas para observar sua reação a um tópico que está sendo considerado. Busque as reações de colegas, de autoridades de destaque no campo, de orientadores acadêmicos e de membros de comitês acadêmicos.

A REVISÃO DA LITERATURA

Depois que o pesquisador tiver identificado um tópico que pode e deve ser estudado, pode passar para a busca da literatura relacionada ao tópico. A **revisão da literatura** cumpre vários propósitos. Compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àquele que está sendo realizado. Relaciona um estudo ao diálogo maior e contínuo na literatura, preenchendo lacunas e ampliando estudos anteriores (Cooper, 1984; Marshall e Rossman, 2006). Proporciona uma estrutura para estabelecer a importância do estudo e também uma referência para comparar os resultados com outros resultados. Todas ou algumas dessas razões podem ser a base para a redação da literatura acadêmica em um estudo (ver Miller, 1991, para um estudo mais extensivo dos propósitos do uso da literatura em um estudo).

O uso da literatura

Além da questão de por que a literatura é usada, há a questão adicional de como ela é usada na pesquisa e nas propostas. Ela pode assumir várias formas. Meu melhor conselho é buscar a opinião de seu orienta-

dor ou de membros do corpo docente sobre a maneira como eles gostariam de ver tratada a literatura. Eu em geral recomendo a meus orientandos que a revisão da literatura em uma proposta seja breve e que resuma a principal literatura sobre o problema de pesquisa; ela não precisa ser totalmente desenvolvida e abrangente nesse momento, pois o corpo docente pode requerer importantes modificações no estudo, por exemplo, em uma reunião para a discussão da proposta. Nesse modelo, a revisão da literatura é mais curta, digamos que tenha 20 páginas de extensão, e comunica ao leitor que o proponente está informado da literatura sobre o tópico e sobre os últimos escritos. Outra abordagem é desenvolver um esboço detalhado dos tópicos e das referências potenciais que serão posteriormente desenvolvidas em todo um capítulo, em geral o segundo, intitulado "Revisão da Literatura", o qual pode se estender por cerca de 20 a 60 páginas.

A revisão da literatura em um artigo de periódico é uma forma abreviada daquela encontrada em uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado. Está contida tipicamente em uma seção chamada "Literatura Relacionada" e segue a introdução a um estudo. Esse é o padrão para os artigos de pesquisa quantitativa nas revistas. Para os artigos de pesquisa qualitativa, a revisão da literatura pode ser encontrada em uma seção separada, estar incluída na introdução ou permear todo o estudo. Independente da forma, outra consideração é como a literatura pode ser examinada, dependendo da escolha de uma abordagem qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos.

Na pesquisa *qualitativa*, os investigadores usam a literatura de maneira consistente com as suposições de conhecimento do participante, e não para prescrever questões que precisem ser respondidas pelo ponto de vista do pesquisador. Uma das principais razões para se conduzir um estudo qualitativo é que o estudo é exploratório. Isso em geral significa que não foi escrita muita coisa sobre o tópico ou sobre a população que está sendo estudada, e que o pesquisador procura ouvir os participantes e desenvolver um entendimento baseado nas ideias deles.

Entretanto, o uso da literatura na pesquisa qualitativa varia consideravelmente. Em estudos de orientação teórica, como etnografias ou etnografias críticas, a literatura sobre um conceito cultural ou sobre uma teoria crítica é introduzida no início do relato ou da proposta como uma estrutura de orientação. Na teoria fundamentada, nos estudos de caso e nos estudos fenomenológicos, a literatura é com frequência menos utilizada para determinar o cenário do estudo.

Com uma abordagem fundamentada no conhecimento dos participantes e na variação pelo tipo de pesquisa qualitativa, há vários modelos para se incorporar a revisão da literatura. Sugiro três locais de posicionamento, e ela pode ser apresentada em qualquer um ou em todos esses locais. Como mostra o Quadro 2.1, a pesquisa pode incluir a revisão da literatura na introdução. Nessa colocação, a literatura proporciona um pano de fundo útil para o problema ou a questão que conduziu à necessidade do estudo, tal como quem tem escrito a respeito, quem o tem estudado e quem tem indicado a importância de se estudar essa questão. Essa estruturação do problema, evidentemente, depende dos estudos disponíveis. Pode-se encontrar ilustrações desse modelo em muitos estudos qualitativos que empregam diferentes tipos de estratégias de investigação.

Quadro 2.1 Usando a literatura em um estudo qualitativo

Uso da Literatura	Crítérios	Exemplos de tipos de estratégias adequadas
A literatura é usada para estruturar o problema na introdução do estudo.	Deve haver alguma literatura disponível.	Tipicamente, a literatura é usada em todos os estudos qualitativos, independentemente do tipo.
A literatura é apresentada em uma seção separada, como revisão da literatura.	Esta abordagem é com frequência aceitável para um público mais familiarizado com a abordagem pós-positivista tradicional das revisões da literatura.	Esta abordagem é usada com aqueles estudos que empregam uma teoria sólida e uma literatura de base no início de um estudo, como etnografias e estudos de teoria crítica.
A literatura é apresentada no fim do estudo; torna-se uma base para comparar e para contrastar os resultados do estudo qualitativo.	Esta abordagem é mais adequada para o processo indutivo da pesquisa qualitativa; a literatura não guia nem direciona o estudo, mas se torna útil, uma vez identificados os padrões ou as categorias.	Esta abordagem é usada em todos os tipos de projetos qualitativos, mas é mais popular na teoria fundamentada, na qual se contrasta e compara uma teoria com outras teorias encontradas na literatura.

Uma segunda maneira é examinar a literatura em uma seção separada, um modelo tipicamente utilizado na pesquisa quantitativa, com frequência encontrado em revistas com orientação quantitativa. Nos estudos qualitativos orientados para a teoria, como a etnografia, a teoria crítica ou um objetivo reivindicatório ou emancipatório, o investigador pode colocar a discussão da teoria e a literatura em uma seção separada, normalmente no início da escrita. Uma terceira maneira é o pesquisador incorporar a

literatura relacionada na última seção, sendo usada para comparar e para contrastar com os resultados (ou temas ou categorias) que emergem do estudo. Esse modelo é especialmente popular em estudos de teoria fundamentada, e eu o recomendo porque ele utiliza a literatura indutivamente.

A pesquisa *quantitativa*, por outro lado, inclui uma quantidade substancial de literatura no início de um estudo para proporcionar direção às questões ou às hipóteses da pesquisa. É também usada aí para introduzir um problema ou para descrever em detalhes a literatura existente em uma seção intitulada "Literatura Relacionada" ou "Revisão da Literatura", ou algum outro título similar. Além disso, a revisão da literatura pode introduzir uma teoria, uma explicação para os relacionamentos esperados (ver Capítulo 3), descrever a teoria que será utilizada e sugerir por que é uma teoria válida de ser examinada. No final de um estudo, a literatura é revisitada pelo pesquisador e é feita uma comparação entre os resultados e os resultados existentes na literatura. Nesse modelo, o pesquisador quantitativo usa a literatura dedutivamente como estrutura para as questões ou para as hipóteses da pesquisa.

Cooper (1984) sugere que as revisões da literatura podem ser *integradoras*, na qual os pesquisadores resumem temas amplos na literatura. Esse modelo é popular nas propostas de dissertação e teses. Uma segunda forma recomendada por Cooper é uma revisão *teórica*, na qual o pesquisador se concentra na teoria existente relacionada ao problema que está sendo estudado. Essa forma aparece em artigos de periódicos em que o autor integra a teoria na introdução. Uma forma final sugerida por Cooper é uma revisão *metodológica*, na qual o pesquisador se concentra nos métodos e nas definições. Essas revisões podem proporcionar tanto um resumo dos estudos quanto uma crítica dos pontos fortes e fracos das seções dos métodos. Essa última forma não é vista frequentemente hoje em dia nas dissertações e nas teses.

Em um estudo de *métodos mistos*, o pesquisador utiliza uma abordagem qualitativa ou quantitativa da literatura, dependendo do tipo de estratégia que está sendo utilizada. Em uma abordagem sequencial, a literatura é apresentada em cada fase de uma maneira consistente com o método que está sendo usado. Por exemplo, se o estudo se inicia com uma fase quantitativa, provavelmente o investigador incluirá uma revisão substancial da literatura para ajudar a estabelecer uma justificativa para as questões ou para as hipóteses da pesquisa. Se o estudo começa com uma fase qualitativa, a literatura é substancialmente menor, e o pesquisador pode incorporá-la mais próximo ao final do estudo, uma abordagem indutiva. Se o pesquisador propõe um estudo concomitante com igual peso e ênfase aos dados qualitativos e quantitativos, a literatura pode assumir

formas qualitativas ou quantitativas. Resumindo, o uso da literatura em um projeto de métodos mistos dependerá da estratégia e do peso relativo atribuído à pesquisa qualitativa ou quantitativa no estudo.

Minhas sugestões para o uso da literatura no planejamento de um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos são as seguintes:

- Em um estudo *qualitativo*, utilize a literatura parcimoniosamente no início, para comunicar um projeto indutivo, a menos que o tipo do projeto requeira uma orientação substancial da literatura no início.
- Considere o local mais apropriado para a literatura em um estudo *qualitativo*, e baseie a decisão no público visado pelo projeto. Mantenha em mente as opções: colocá-la no início para estruturar o problema, colocá-la em uma seção separada e usá-la no final para compará-la e contrastá-la com os resultados.
- Utilize a literatura em um estudo *quantitativo* dedutivamente, como base para a apresentação das questões ou das hipóteses da pesquisa.
- Em um plano de estudo *quantitativo*, utilize a literatura para introduzir o estudo, para descrever a literatura relacionada em uma seção separada e para comparar os resultados.
- Se for utilizada uma revisão separada, pondere se a literatura será constituída de resumos integrativos, de revisões teóricas ou de revisões metodológicas. Uma prática típica na redação das dissertações é apresentar uma revisão integrativa.
- Em um estudo de *métodos mistos*, utilize a literatura de maneira consistente com o principal tipo de estratégia e com a abordagem qualitativa ou quantitativa mais prevalente no projeto.

Técnicas de planejamento

Independentemente do tipo de estudo, vários passos são úteis na condução de uma revisão da literatura.

Passos na condução de uma revisão da literatura

Uma revisão da literatura significa localizar e resumir os estudos sobre um tópico. Com frequência esses são estudos de pesquisa (desde que você esteja conduzindo um estudo de pesquisa), mas podem também incluir artigos conceituais ou reflexões que proporcionem estruturas para se pensar sobre os tópicos. Não há uma única maneira de condução de uma revisão da literatura, mas muitos acadêmicos procedem de maneira sistemática para captar, avaliar e resumir a literatura. Eis a maneira que recomendo:

1. Comece identificando as palavras-chave, as quais serão úteis na localização dos materiais em uma biblioteca acadêmica de uma faculdade ou universidade. Essas palavras-chave podem emergir na identificação de um tópico ou resultar de leituras preliminares.

2. Tendo em mente essas palavras-chave, dirija-se à biblioteca e comece a procurar os materiais (isto é, periódicos e livros) no catálogo. A maioria das bibliotecas importantes tem bancos de dados computadorizados, e eu lhe sugiro se concentrar inicialmente nos periódicos e livros relacionados ao tópico. Também comece a buscar bancos de dados computadorizados que sejam normalmente consultados pelos pesquisadores das ciências sociais, como ERIC, PsycINFO, Sociofile, Social Science Citation Index, Google Scholar, ProQuest e outros (eles serão examinados detalhadamente mais adiante). Esses bancos de dados estão disponíveis *on-line* pelo website da biblioteca ou podem estar disponíveis em CD-ROM.

3. Inicialmente, tente localizar cerca de 50 relatórios de pesquisa em artigos ou livros relacionados à pesquisa de seu tópico. Estabeleça uma prioridade na busca por artigos de periódicos e por livros, pois são mais fáceis de localizar e obter. Determine se esses artigos e livros existem em sua biblioteca acadêmica ou se você precisa solicitá-los por empréstimo inter-bibliotecas ou adquiri-los em uma livraria.

4. Dê uma olhada nesse grupo inicial de artigos ou de capítulos e tire uma cópia dos que são fundamentais para seu tópico. Ao longo desse processo, tente simplesmente obter uma percepção se o artigo ou capítulo dará uma contribuição útil para seu entendimento da literatura.

5. Depois que identificar a literatura útil, comece a montar um **mapa da literatura** (a ser discutido amplamente mais adiante). Esse é um quadro (ou figura) visual dos agrupamentos da literatura sobre o tópico, o qual ilustrará como seu estudo vai contribuir para a literatura, posicionando seu próprio estudo dentro do corpo maior da pesquisa.

6. À medida que for montando o mapa da literatura, comece também a esboçar resumos dos artigos mais importantes. Esses resumos serão acrescentados à revisão final da literatura que você escrever para sua proposta ou estudo de pesquisa. Inclua referências precisas da literatura usando um guia de estilo apropriado, como o manual de estilo da American Psychological Association (APA, 2001)*, para ter uma referência completa para usar no final da proposta ou estudo.

* N. de R. Para detalhes ver: APA. *Manual de Estilos da APA: regras básicas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

7. Depois de resumir a literatura, reúna a revisão da literatura, estruturando-a tematicamente ou organizando-a por conceitos importantes. Termine a revisão da literatura com um resumo dos principais temas e sugira como seu estudo pode constituir um acréscimo à literatura.

Busca em bancos de dados computadorizados

Para facilitar o processo de busca por material relevante, há algumas técnicas úteis no acesso rápido à literatura por meio de bancos de dados. Os **bancos de dados computadorizados da literatura** estão atualmente disponíveis nas bibliotecas e podem proporcionar um acesso rápido a milhares de revistas, textos de conferências e materiais sobre muitos tópicos diferentes. As bibliotecas acadêmicas das principais universidades têm adquirido bancos dados comercializados e também obtido bancos de dados de domínio público. Somente alguns dos principais bancos de dados disponíveis serão examinados aqui, mas eles são as principais fontes para artigos de periódicos e documentos que você deve consultar para determinar a literatura disponível sobre seu tópico.

O ERIC (Educational Resources Information Center) é uma biblioteca de pesquisa e informações sobre educação, sendo digital, gratuita *on-line* e patrocinada pelo Institute of Education Sciences (IES) do Ministério da Educação dos Estados Unidos. Esse banco de dados está disponível em <http://www.eric.ed.gov>, e proporciona uma busca de 1,2 milhões de itens indexados desde 1966. A coleção inclui artigos de periódicos, livros, sínteses de pesquisa, textos de conferência, relatórios técnicos, documentos normativos e outros materiais relacionados à educação. O ERIC tem indexados mais de 600 periódicos, com *links* disponíveis para cópias de texto integral de muitos dos materiais. Para uma melhor utilização do ERIC, é importante identificar os descritores apropriados para seu tópico, os termos utilizados pelos indexadores para categorizar o artigo ou os documentos. Os pesquisadores podem realizar sua busca por meio do *Thesaurus of ERIC Descriptors* (Educational Resources Information Center, 1975) ou navegar pelo *thesaurus on-line*. Uma **dica de pesquisa** na condução de sua busca no ERIC é localizar os artigos de periódicos e documentos recentes sobre seu tópico. Esse processo pode ser melhorado com a realização de uma busca preliminar utilizando descritores do *thesaurus on-line* e localizando um artigo de periódico ou documento sobre seu tópico. Depois observe atentamente os descritores usados nesse artigo ou documento e realize outra busca utilizando esses mesmos termos.

Esse procedimento vai maximizar a possibilidade de obtenção de uma boa lista de artigos para sua revisão da literatura.

Outro banco de dados gratuito para sua busca é o Google Scholar. Ele proporciona um caminho para uma ampla busca da literatura em muitas disciplinas e fontes, como documentos revistos por colegas, teses, livros, resumos e artigos de editoras acadêmicas, sociedades profissionais, universidades e outras organizações acadêmicas. Os artigos identificados em uma busca no Google Scholar proporcionam *links* para resumos, artigos relacionados e versões eletrônicas de artigos afiliados a uma biblioteca que você especifique. A Internet busca informações sobre essa obra e as possibilidades de adquirir o texto integral do artigo.

Os pesquisadores podem obter resumos de publicações nas ciências da saúde através do PubMed, com acesso livre. Este banco de dados é um serviço da U.S. National Library of Medicine e inclui mais de 17 milhões de citações do MEDLINE e de outras revistas de ciências da vida para artigos biomédicos publicados desde a década de 1950 (www.ncbi.nlm.nih.gov). O PubMed inclui *links* para artigos de texto completo (localizados nas bibliotecas acadêmicas) e outros recursos relacionados. Para a busca no PubMed, o pesquisador usa os termos do MeSH (Medical Subject Headings), o *Thesaurus* do vocabulário controlado da U.S. National Library of Medicine usado para indexar artigos para o MEDLINE e para o PubMed. Essa terminologia do MeSH proporciona uma maneira consistente de recuperar informações sobre tópicos que podem ser descritos com o uso de diferentes termos.

As bibliotecas acadêmicas também têm autorização para o acesso a importantes bancos de dados comerciais. Um normalmente disponível é o ProQuest (<http://proquest.com>), o qual permite a um pesquisador buscar muitos bancos de dados diferentes, e é um dos maiores repositórios do mundo de conteúdo *on-line*. Por exemplo, você pode ter acesso ao ERIC, PsycINFO, Dissertation Abstracts, Periodicals Index, Health and Medical Complete e muitos outros bancos de dados especializados (p. ex., o International Index to Black Periodicals). Como ele dá acesso a muitos bancos de dados diferentes, pode ser uma ferramenta de busca a ser usada antes de acessar bancos de dados mais especializados.

Outro banco de dados autorizado comercialmente encontrado em muitas bibliotecas acadêmicas é o *Sociological Abstracts* (Cambridge Scientific Abstracts). Esse banco de dados tem indexados mais de 2 mil periódicos, textos de conferências, listas de dissertações relevantes, críticas de livros e livros selecionados de sociologia, de assistência social e de disciplinas

relacionadas. Para a literatura no campo da psicologia e de áreas relacionadas, consulte outro banco de dados comercial, o PsycINFO (<http://www.apa.org>). Ele tem indexados 2.150 títulos de periódicos, livros e dissertações de muitos países. Cobre o campo da psicologia e também os aspectos psicológicos de disciplinas relacionadas, incluindo medicina, psiquiatria, enfermagem, sociologia, educação, farmacologia, fisiologia, linguística, antropologia, administração e direito. Tem um *Thesaurus of Psychological Index Terms* para a localização de termos úteis em uma pesquisa de literatura.

Um último banco de dados comercial disponível nas bibliotecas é o *Social Sciences Citation Index* (SSCI, Web of Knowledge, Thomson Scientific [<http://isiwebofknowledge.com>]). Ele tem indexados 1.700 periódicos, abrangendo 50 disciplinas, e indexa seletivamente itens relevantes de mais de 3.300 revistas científicas e técnicas. Pode ser utilizado para localizar artigos e autores que conduziram pesquisa sobre um determinado tópico. É especialmente útil na localização de estudos que fizeram referência a um estudo importante. O SSCI lhe permite rastrear todos os estudos, desde a publicação do estudo principal que citou a obra. Usando esse sistema, você pode desenvolver uma lista cronológica das referências que documentam a evolução histórica de uma ideia ou estudo. Essa lista cronológica pode ser mais útil no rastreamento do desenvolvimento de ideias sobre a revisão de literatura de seu tópico.

Em resumo, minhas **dicas de pesquisa** para a busca em bancos de dados computadorizados são:

- Utilize tanto os bancos de dados de literatura gratuitos *on-line* quanto aqueles disponíveis em sua biblioteca acadêmica.
- Faça sua busca em vários bancos de dados, mesmo que ache que seu tópico não seja estritamente educação, como encontra-se no ERIC, ou psicologia, como no PsycINFO. Tanto o ERIC quanto o PsycINFO encaram a educação e a psicologia como termos amplos para muitos tópicos.
- Utilize guias de termos para localizar seus artigos, como um *Thesaurus*, quando disponível.
- Localize um artigo que seja próximo a seu tópico, depois examine os termos usados para descrevê-lo e use esses termos em sua busca.
- Utilize tanto quanto possível os bancos de dados que deem acesso a cópias de texto integral de seus artigos (pelas bibliotecas acadêmicas ou mediante o pagamento de uma taxa) para poder reduzir a quantidade de tempo buscando cópias dos artigos de seu interesse.

Uma prioridade para a seleção do material da literatura

Recomendo que estabeleça uma prioridade na busca de literatura. Quais tipos de literatura podem ser examinados e em qual prioridade? Considere o seguinte:

1. Especialmente se você estiver examinando um tópico pela primeira vez e não tiver informações a respeito das pesquisas sobre ele, comece com uma síntese ampla da literatura, como as visões gerais encontradas em enciclopédias (p. ex., Aikin, 1992; Keeves, 1988). Pode também procurar resumos da literatura sobre seu tópico apresentados em artigos de periódico ou em séries de resumos (p. ex., *Annual Review of Psychology*, 1950-).

2. Em seguida, recorra a artigos de periódicos nacionais respeitados, especialmente aqueles que relatem estudos de pesquisa. Por *pesquisa*, entendo que o autor ou autores colocam uma questão ou hipótese, coletam dados e tentam responder a questão ou hipótese. Há periódicos bastante lidos em seu campo, e normalmente há publicações com um conselho editorial de alta qualidade, consistindo de indivíduos de todo o país ou do exterior. Examinando as primeiras páginas, você pode determinar se um conselho editorial está listado e se é composto de indivíduos de todo o país ou do mundo. Comece com os números mais recentes dos periódicos e procure estudos sobre seu tópico, e depois volte para trás no tempo. Examine as referências no final dos artigos para mais fontes a serem examinadas.

3. Recorra aos livros relacionados ao tópico. Comece com monografias de pesquisa que resumam a literatura acadêmica. Depois considere livros inteiros sobre um único tópico, de um ou vários autores, ou livros que contenham capítulos escritos por diferentes autores.

4. Siga essa busca por textos de conferências recentes. Procure as conferências nacionais importantes e os textos nelas distribuídos. Com frequência, os textos de conferências relatam os últimos desenvolvimentos da pesquisa. Muitas conferências importantes requerem ou solicitam que os autores submetam seus textos para inclusão em índices computadorizados. Faça contato com os autores de estudos pertinentes. Procure-os em conferências. Escreva ou telefone para eles, perguntando-lhes se conhecem estudos relacionados a sua área de interesse e indague também se têm algum instrumento que possa ser usado ou modificado para você usar em seu estudo.

5. Se o tempo permitir, escaneie as entradas no *Dissertation Abstracts* (University Microfilms, 1938). As dissertações variam imensamente em qualidade, e é preciso ser seletivo na escolha daquelas a serem examinadas. Uma busca nos *Abstracts* pode resultar em uma ou duas dissertações

importantes, e você pode solicitar cópias delas por meio de empréstimos interbibliotecas ou da University of Michigan Microfilm Library.

6. A Internet também proporciona materiais úteis para uma revisão da literatura. O fácil acesso e a possibilidade de capturar artigos inteiros tornam atrativa essa fonte de material. Entretanto, examine atentamente os artigos com relação a sua qualidade e seja cauteloso ao verificar se representam uma pesquisa rigorosa, criteriosa e sistemática a ser utilizada em uma revisão da literatura. Os periódicos *on-line*, por outro lado, com frequência incluem artigos que passaram por rigorosas revisões dos conselhos editoriais. Você pode verificar para ver se os periódicos têm um conselho editorial de avaliação que examine os manuscritos e que tenha padrões publicados para a aceitação de manuscritos em uma instrução editorial.

Em resumo, coloco os artigos de periódicos avaliados em alta posição na lista porque são os mais fáceis de localizar e reproduzir. Eles também relatam a pesquisa sobre um tópico. As dissertações são listadas em um nível menor de prioridade porque variam consideravelmente na qualidade e constituem o material de leitura mais difícil de localizar e reproduzir. Deve-se ter cautela na escolha de artigos de periódicos na Internet, a menos que façam parte das revistas *on-line* avaliadas por especialistas.

Um mapa da literatura da pesquisa

Uma das primeiras tarefas de um pesquisador que trabalha com um tópico novo é organizar a literatura. Como foi anteriormente mencionado, essa organização permite à pessoa compreender como o estudo proposto acrescenta, amplia ou reproduz as pesquisas já realizadas.

Uma ferramenta útil para essa etapa é montar um mapa da literatura. Essa é uma ideia que tive há vários anos, e tem sido útil para os alunos quando organizam sua revisão da literatura para fazer apresentações para comitês de graduação ou para resumir a literatura para uma apresentação acadêmica ou para a publicação de um artigo de periódico.

Esse mapa é um resumo visual da pesquisa que já foi conduzida por outros e é tipicamente representado em uma figura. Os mapas são organizados de diferentes maneiras. Uma maneira pode ser uma estrutura hierárquica, com uma apresentação de cima para baixo da literatura, terminando na base com o estudo proposto. Outra maneira pode ser similar a um fluxograma, em que o leitor entende a literatura como se desdobrando da esquerda para a direita, com a seção mais à direita sugerindo o estudo proposto. Um terceiro modelo pode ser uma série de círculos, cada

um representando um corpo da literatura e, a interseção dos círculos, o local em que a pesquisa futura está indicada. Tenho visto exemplos de todas essas possibilidades e penso que todas são eficazes.

A ideia central é que o pesquisador comece a construir um quadro visual da pesquisa existente sobre um tópico. Esse mapa da literatura apresenta uma visão geral da literatura existente. A Figura 2.1 é uma ilustração de um mapa que apresenta a literatura encontrada nos procedimentos regulamentares em estudos organizacionais (Janovec, 2001). O mapa de Janovec ilustra um modelo hierárquico, e ela utilizou vários princípios para a montagem de um bom mapa.

- Ela colocou o tópico da revisão de literatura na caixa que fica no topo da estrutura hierárquica.

- Em seguida, tomou os estudos que encontrou nas buscas no computador, localizou cópias desses estudos e organizou-os em três amplos subtópicos (isto é, formação de procedimentos regulamentares, efeitos dos regulamentos e os regulamentos na mudança organizacional). Para outro mapa, o pesquisador pode ter mais ou menos do que quatro categorias principais, dependendo da extensão e do número de publicações sobre o tópico.

- Dentro de cada caixa estão os rótulos que descrevem a natureza dos estudos na caixa (p. ex., resultados).

- Também dentro de cada caixa estão referências às principais citações que ilustram seu conteúdo. É conveniente utilizar referências atuais, ilustrativas do tópico da caixa, e apresentar brevemente as referências em um estilo apropriado, como, por exemplo, o da APA.

- Considere vários níveis para o mapa da literatura. Em outras palavras, os principais tópicos conduzem a subtópicos e depois a sub-subtópicos.

- Algumas seções do mapa estão mais desenvolvidas do que outras. Esse desenvolvimento depende da quantidade de literatura disponível e da profundidade da exploração da literatura pelo pesquisador.

- Depois de organizar a literatura em um diagrama, Janovec considerou as seções do mapa que proporcionam um trampolim para seu estudo proposto. Ela colocou uma caixa de “necessário estudar” (ou estudo proposto) na base do mapa, identificou brevemente a natureza desse estudo proposto (procedimentos regulamentares e cultura) e então traçou linhas para a literatura passada a que seu projeto ampliaria. Ela propôs tal estudo baseada em ideias escritas por outros autores nas seções de pesquisa futura de seus estudos.

- Inclua estudos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos em seu mapa da literatura.

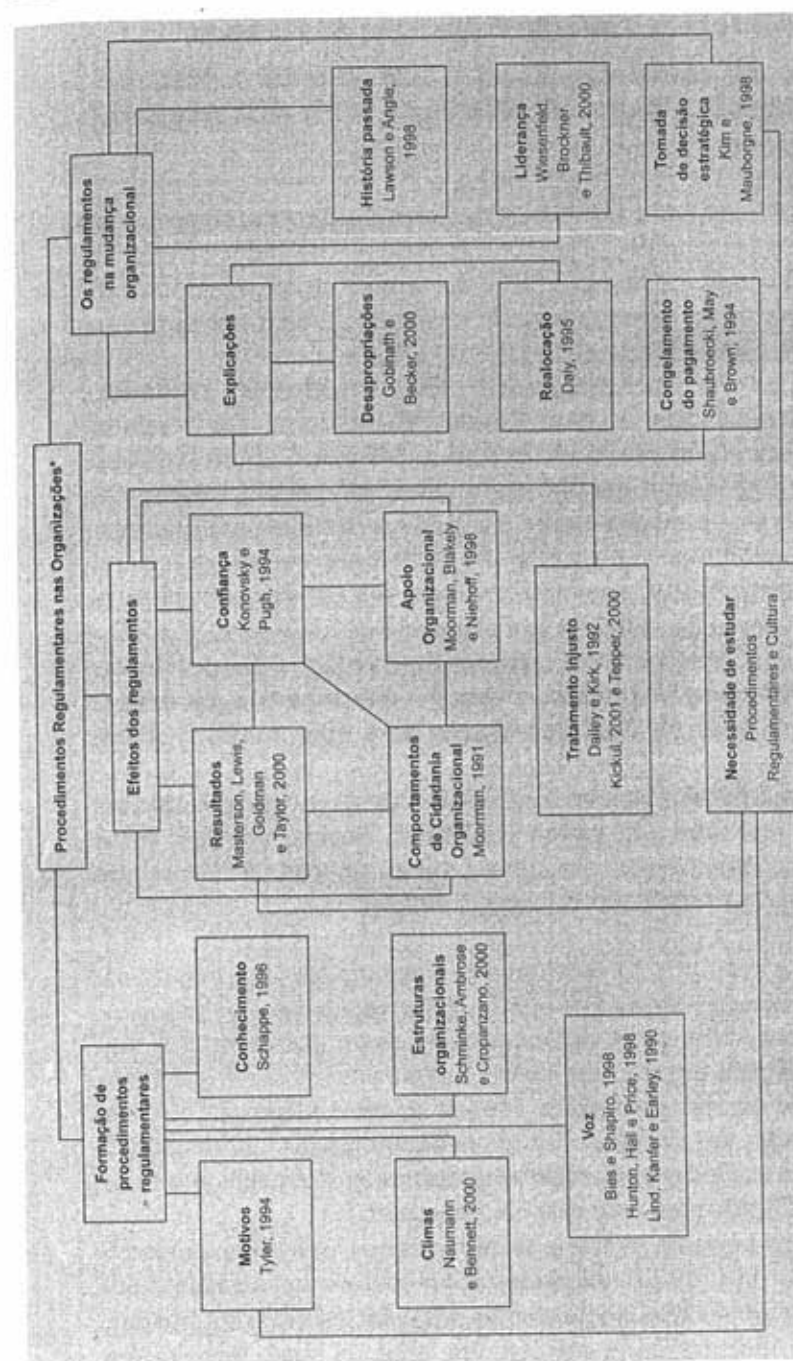


Figura 2.1 Um Exemplo de um Mapa da Literatura.

* Preocupações dos “empregados” sobre a justiça e a tomada de decisões administrativas. Fonte: Janovec (2001). Reprodução autorizada.

Resumo dos Estudos

Quando os pesquisadores escrevem revisões da literatura para estudos propostos, eles localizam artigos e desenvolvem resumos breves dos artigos compreendidos na revisão. Um **resumo** é uma revisão breve da literatura (geralmente em um parágrafo curto) que resume os principais elementos para permitir ao leitor ampliar os aspectos fundamentais do artigo. Ao desenvolver um resumo, os pesquisadores precisam considerar que material extrair e resumir. Essa é uma informação importante quando se examina talvez dezenas, se não centenas, de estudos. Um bom resumo de um estudo de pesquisa relatado em um periódico pode incluir os seguintes pontos:

- Mencionar o problema que está sendo tratado.
- Declarar o objetivo central ou o foco do estudo.
- Apresentar brevemente informações sobre a amostra, a população ou os indivíduos.
- Examinar os resultados fundamentais relacionados ao estudo proposto.
- Caso se trate de uma revisão metodológica (Cooper, 1984), indicar as falhas técnicas e as metodológicas do estudo.

Quando se examina um estudo com vistas à redação de um resumo, há locais para se buscar essas partes. Em artigos de periódicos bem confeccionados, as declarações de problema e de propósito são claramente apresentadas na introdução. As informações sobre a amostra, a população ou os sujeitos são encontradas no meio, em uma seção dedicada ao método (ou procedimento), e os resultados são frequentemente relatados próximo ao final. Nas seções dos resultados, procure passagens em que os pesquisadores relatam informações para responder ou para tratar de cada questão ou hipótese de pesquisa. Em estudos de pesquisa em extensão de livro, procure os mesmos pontos. Considere o seguinte exemplo:

Exemplo 2.1 Revisão da literatura em um estudo quantitativo

Segue-se um parágrafo resumindo os principais componentes de um estudo quantitativo (Creswell, Seagren e Henry, 1979), de uma maneira muito parecida com a que o parágrafo pode aparecer em uma revisão da seção de literatura de uma dissertação ou de um artigo de periódico. Nessa passagem, escolhi componentes importantes a serem resumidos.

Creswell, Seagren e Henry (1979) testaram o modelo de Biglan, um modelo tridimensional que agrupa 36 áreas acadêmicas em difíceis ou fáceis, puras ou aplicadas, relacionadas ou não relacionadas à vida, como um previsor

das necessidades de desenvolvimento profissional dos diretores. Oitenta diretores de departamento localizados em faculdades de quatro estados e em uma universidade de um estado do Meio-oeste participaram do estudo. Os resultados mostraram que os diretores das diferentes áreas acadêmicas diferiam em termos de suas necessidades de desenvolvimento profissional. Baseando-se nos resultados, os autores recomendaram que aqueles que desenvolvem programas internos necessitam considerar as diferenças entre as disciplinas quando planejam os programas.

Meus colegas e eu iniciamos com uma referência no texto de acordo com o formato sugerido no manual de estilo da APA (2001). Em seguida, examinamos o propósito central do estudo, seguidos de informações sobre a coleta de dados. O resumo terminava declarando os principais resultados e apresentando as implicações práticas desses resultados.

Como são resumidos os ensaios, as opiniões, as tipologias e as sínteses das pesquisas passadas, uma vez que esses não são estudos de pesquisa? O material a ser extraído desses estudos não empíricos seria o seguinte:

- Mencionar o problema que está sendo tratado pelo artigo ou livro.
- Identificar o tema central do estudo.
- Declarar as principais conclusões relacionadas a esse tema.
- Se o tipo da revisão for metodológica, mencionar as falhas no raciocínio, na lógica, na força do argumento, etc.

Considere o exemplo que se segue, o qual ilustra a inclusão desses aspectos:

Exemplo 2.2 Revisão da literatura em um estudo que desenvolve uma tipologia

Sudduth (1992) realizou uma dissertação quantitativa em ciência política sobre o tópico do uso da adaptação estratégica em hospitais rurais. Ele revisou a literatura em vários capítulos no início do estudo. Em um exemplo do resumo de um estudo isolado propondo uma tipologia, Sudduth resumiu o problema, o tema e a tipologia:

Ginter, Duncan, Richardson e Swayne (1991) reconhecem o impacto do ambiente externo sobre a capacidade de um hospital para se adaptar à mudança. Eles defendem um processo que chamam de análise ambiental e que permite à organização determinar estrategicamente as melhores reações às mudanças que ocorrem no ambiente. Entretanto, depois de examinar as muitas técnicas usadas para a análise ambiental, parece não ter sido desenvolvido algum

esquema conceitual ou modelo computadorizado abrangente para realizar uma análise completa das questões ambientais (Ginter et al., 1991). O resultado é uma parte essencial da mudança estratégica intensamente baseada em um processo de avaliação não quantificável e crítico. Para ajudar o administrador do hospital a avaliar criteriosamente o ambiente externo, Ginter e colaboradores (1991) desenvolveram a tipologia apresentada na Figura 2.1.

(Sudduth, 1992, p. 44)

Nesse exemplo, os autores citaram o estudo com uma referência no texto, mencionaram o problema ("a capacidade de um hospital de se adaptar à mudança"), identificaram o tema central ("um processo que eles chamam de análise ambiental") e apresentaram as conclusões relacionadas a esse tema (p. ex., "nenhum modelo conceitual abrangente", "desenvolveram a tipologia").

Manuais de estilo

Nos dois exemplos, introduzi a ideia do uso do estilo apropriado da APA e para tomar como ponto de referência para o artigo no início do resumo. Os manuais de estilo apresentam diretrizes para a criação de um estilo acadêmico de um manuscrito, assim como um formato consistente para citar as referências, criar títulos, apresentar tabelas e figuras e utilizar linguagem não discriminatória. Um princípio básico na revisão da literatura é usar ao longo da escrita um estilo de referência apropriado e consistente. Quando identificar um documento útil, faça uma referência completa à fonte, usando um estilo apropriado. No caso das propostas para dissertação, os alunos graduados devem buscar a orientação do corpo docente, dos membros do comitê de pós-graduação ou dos funcionários do departamento ou da faculdade sobre o manual de estilo apropriado a ser usado para citar as referências.

O *Publication Manual of the American Psychological Association, Fifth Edition* (APA, 2001), é o manual de estilo mais popular utilizado nos campos da educação e da psicologia nos Estados Unidos. São também utilizados nas ciências sociais os manuais da Universidade de Chicago (*A Manual of Style*, 1982), de Turabian (1973) e de Campbell e Ballou (1977), mas menos frequentemente do que o estilo da APA. Alguns periódicos desenvolveram suas próprias variações dos estilos populares. Recomendo identificar um estilo aceitável para o público e adotá-lo desde o início, já no processo de planejamento.

As considerações de estilo mais importantes em relação ao manual de estilo envolvem o uso de citações no corpo do texto, no final do texto, nos títulos e nas figuras e tabelas. Seguem algumas sugestões para o uso de manuais de estilo para a redação acadêmica:

- Ao usar citações no *corpo do texto*, tenha em mente a forma apropriada para os tipos de referências e preste muita atenção ao formato das citações múltiplas.
- Ao usar referências no *final do texto*, observe se o manual de estilo requer que elas sejam apresentadas em ordem alfabética ou numeradas. Além disso, certifique-se de que cada citação no corpo do texto seja acompanhada de uma referência ao final do texto.
- Os cabeçalhos são ordenados em um texto acadêmico em termos de níveis. Primeiro, observe quantos níveis de cabeçalho você terá em seu estudo de pesquisa. Depois, consulte o manual de estilo para se informar sobre o formato apropriado para cada um deles. Em geral, os relatórios de pesquisa contêm entre dois e quatro níveis de títulos.
- Se forem utilizadas *notas de rodapé*, consulte o manual de estilo para verificar sua localização apropriada. As notas de rodapé são usadas menos frequentemente nos textos acadêmicos hoje em dia do que eram há alguns anos. Se forem incluí-las, observe se serão inseridas no fim da página, no fim de cada capítulo ou no fim do texto.
- As *tabelas* e as *figuras* têm uma forma específica em cada manual de estilo. Observe nos exemplos apresentados aspectos como linhas e títulos em negrito e espaçamento.

Em resumo, o aspecto mais importante do uso de um manual de estilo é ser consistente na abordagem em toda a extensão do trabalho.

A DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Outro tópico relacionado à revisão da literatura é a identificação e a definição dos termos de que os leitores necessitam para entender um projeto de pesquisa proposto. Uma seção de **definição dos termos** pode ser encontrada separada da revisão da literatura, incluída como parte da revisão da literatura ou colocada em diferentes seções de uma proposta.

Defina os termos que os indivíduos fora do campo de estudo possam não entender e que extrapolem a linguagem comum (Locke, Spirduso e Silverman, 2007). Evidentemente, a decisão se um termo deve ser definido

é uma questão de julgamento, mas defina um termo se houver qualquer probabilidade de os leitores não conhecerem seu significado. Além disso, defina os termos quando aparecerem pela primeira vez, para que o leitor não prossiga na leitura da proposta operando com um conjunto de definições e descubra, mais adiante, que o autor está utilizando um conjunto diferente. Como comentou Wilkinson (1991), "os cientistas têm precisamente definidos os termos com os quais pensam claramente sobre sua pesquisa e comunicam com precisão de seus resultados e ideias" (p. 22). Definir os termos também adiciona precisão a um estudo científico, como declara Firestone:

As palavras da linguagem cotidiana são ricas em significados múltiplos. Como outros símbolos, seu poder vem da combinação de significado em um ambiente específico... A linguagem científica remove ostensivamente essa multiplicidade de significado das palavras no interesse da precisão. Essa é a razão pela qual são atribuídos aos termos comuns "significados técnicos" para propósitos científicos. (p. 17)

Em função dessa necessidade de precisão, os termos estão declarados já na introdução dos artigos. Nas propostas de dissertações e de teses, os termos são tipicamente definidos em uma seção especial do estudo. A justificativa é que, na pesquisa formal, os alunos devem precisar como utilizam a linguagem e os termos. A necessidade de pensamentos fundamentados nas definições consagradas constitui a boa ciência.

Defina os termos introduzidos em todas as seções do plano de pesquisa:

- O título do estudo
- A declaração do problema
- A declaração do objetivo
- As questões, as hipóteses ou os objetivos da pesquisa
- A revisão da literatura
- A teoria que constitui a base do estudo
- A seção dos métodos

Os termos especiais que precisam ser definidos aparecem em todos os três tipos de estudos: qualitativos, quantitativos e de métodos mistos.

• Nos estudos *qualitativos*, por causa do projeto metodológico indutivo e em evolução, os investigadores podem definir alguns termos no início, embora possam propor definições temporárias. Por outro lado, temas (ou perspectivas ou dimensões) podem emergir pela análise dos dados. Na seção do procedimento, os autores definem esses termos à medida que aparecem durante o processo da pesquisa. Essa abordagem visa

a adiar a definição dos termos até que eles apareçam no estudo e torna essas definições difíceis de especificar nas propostas da pesquisa. Por essa razão, as propostas qualitativas com frequência não incluem seções separadas para a definição dos termos, mas os autores propõem definições provisórias e qualitativas antes de sua entrada no campo.

• Por outro lado, os estudos *quantitativos* –, os quais operam mais dentro do modelo dedutivo de objetivos de pesquisa fixados e estabelecidos, incluem definições extensivas desde o início da proposta da pesquisa. Os investigadores os colocam em seções separadas e os definem com precisão. Os pesquisadores tentam definir abrangentemente todos os termos relevantes no início dos estudos e utilizar as definições aceitas encontradas na literatura.

• Nos estudos de *métodos mistos*, a abordagem das definições pode incluir uma seção separada se o estudo iniciar com uma primeira fase de coleta de dados quantitativos. Se começar com uma coleta de dados qualitativos, então os termos podem emergir durante a pesquisa, e serão definidos nos resultados ou na seção de resultados do relatório final. Se a coleta de dados quantitativos e qualitativos ocorrer simultaneamente, então a prioridade dada a um ou outro vai direcionar a abordagem das definições. Entretanto, em todos os estudos de métodos mistos, há termos que podem não ser familiares aos leitores – por exemplo, a definição de um estudo de métodos mistos, em si, em uma discussão dos procedimentos (ver Capítulo 10). Além disso, esclareça os termos relacionados à estratégia de investigação usada, como concomitante ou sequencial, e seu nome específico (p. ex., projeto de triangulação concomitante, como é discutido no Capítulo 10).

Nenhuma abordagem determina como uma pessoa define os termos em um estudo, mas seguem várias sugestões (ver também Locke et al., 2007):

• Defina um termo quando ele aparecer pela primeira vez na proposta. Na introdução, por exemplo, um termo pode requerer definição para ajudar o leitor a entender o problema de pesquisa e as questões ou as hipóteses do estudo.

• Escreva as definições em um nível operacional ou aplicado específico. As definições operacionais são escritas em uma linguagem específica, em vez de se utilizar definições abstratas e conceituais. Como a seção de definições em uma dissertação proporciona uma oportunidade para o autor ser específico sobre os termos usados no estudo, existe uma preferência pelas definições operacionais.

• Não defina os termos na linguagem cotidiana; em vez disso, use a linguagem aceita disponível na literatura da pesquisa. Dessa maneira, os termos são fundamentados na literatura, e não inventados (Locke et

al., 2007). É possível que a definição precise de um termo que não esteja disponível na literatura e que a linguagem cotidiana precise ser usada. Nesse caso, proporcione uma definição e use o termo consistente durante todo o planejamento e todo o estudo (Wilkinson, 1991).

- Os pesquisadores podem definir os termos para atingirem objetivos diferentes. Uma definição pode descrever uma palavra da linguagem comum (por exemplo, organização). Pode também estar relacionada a uma limitação, como, por exemplo, "O *curriculum* estará limitado àquelas atividades extra-curriculares que o *School District Manual* aprovou para os alunos do ensino médio" (Locke et al., 2007, p. 130). Você pode estabelecer um critério que será usado no estudo, tal como "Média de pontos de grau elevado significa um GPA* cumulativo de 3,7 ou mais em uma escala de 4,0." Pode também definir um termo operacionalmente, como em "O reforço vai se referir ao procedimento da listagem de todos os membros do clube no jornal da escola, proporcionando passes especiais para os membros e listando os membros do clube nos seus históricos escolares" (Locke et al., 2007, p. 130).

- Embora não exista nenhum formato para definir os termos, uma abordagem seria desenvolver uma seção separada, chamada "Definição dos Termos", e, evidentemente, acionar os termos e suas definições salientando o termo no corpo de texto. Dessa maneira, é designado à palavra um significado constante (Locke et al., 2007). Tipicamente, essa seção não tem mais de duas ou três páginas de extensão.

Dois exemplos ilustram estruturas variadas para definir os termos em um estudo de pesquisa.

Exemplo 2.3 *Termos definidos em uma dissertação de métodos mistos*

Este primeiro exemplo ilustra uma longa definição de termos apresentada em um estudo de métodos mistos em uma seção separada do Capítulo 2, que introduz o estudo. VanHorn-Grassmeyer (1998) estudou como 119 novos profissionais de orientação acadêmica em faculdades e em universidades se engajam na reflexão, quer individual ou colaborativamente. Ela pesquisou os novos profissionais e também realizou longas entrevistas com eles. Como estudou a reflexão individual e colaborativa entre os profissionais de orientação acadêmica, apresentou definições detalhadas desses termos no início do

* N. do R.T. GPA é sigla de *Grade Point Average* – um indicador usado no ensino médio de países europeus, Estados Unidos, Canadá, etc. o qual considera a carga horária e as notas das disciplinas cursadas. É usado para avaliação de futuros empregos ou acesso às universidades. Nos Estados Unidos ele varia de 1 a 4 pontos.

estudo. Ilustro abaixo dois de seus termos. Observe como ela fez a referência de suas definições em significados criados por outros autores na literatura:

Reflexão Individual

Schon (1983) dedicou todo um livro a conceitos que chamou de pensamento reflexivo, reflexão na ação e prática reflexiva; isso depois de ter escrito um livro uma década antes com Argyris (Argyris e Schon, 1978) para introduzir esses conceitos. Por isso, seria difícil de conseguir uma definição concisa do entendimento desse pesquisador sobre a reflexão individual que fizesse justiça a algo que a maioria muito apropriadamente havia identificado como um ato intuitivo. Entretanto, as características mais salientes da reflexão individual para os propósitos deste estudo foram as três seguintes: a) um "talento artístico para a prática" (Schon, 1983); b) como uma pessoa prática abertamente o que sabe intuitivamente; c) como um profissional melhora sua prática por meio do discurso refletido dentro da mente.

Profissional de Orientação Acadêmica

Um profissional tem sido descrito de muitas maneiras. Uma descrição identificou um indivíduo que exibiu "um alto grau de julgamento independente, baseado em um corpo de ideias, perspectivas, informações, normas e hábitos coletivos e informados (e que está engajado no saber profissional)" (Baskett e Marsick, 1992, p. 3). Um profissional de orientação acadêmica exibiu esses traços no serviço aos alunos de uma instituição de educação superior, em qualquer uma das várias funções que apolam o sucesso acadêmico e cocurricular.

(VanHorn-Grassmeyer, 1998, p. 11-12)

Exemplo 2.4 *Termos definidos em uma seção de variáveis independentes*

Este segundo conjunto de dois exemplos ilustra uma forma abreviada da escrita de definições para um estudo. O primeiro ilustra uma definição operacional específica de um termo fundamental, e, a segunda, a definição procedural de um termo-chave. Vernon (1992) estudou como o divórcio na geração intermediária causa impactos nos relacionamentos dos avós com seus netos. Essas definições foram incluídas em uma seção sobre variáveis independentes.

Relacionamento de Proximidade com os Netos

Relacionamento de proximidade com os netos refere-se aos avós serem avós maternos ou paternos. A pesquisa anterior (p. ex., Cherlin e Furstenberg, 1986) sugere que os avós maternos tendem a ser mais próximos a seus netos.

Sexo dos Avós

Tem-se observado que o fato de ser um avô ou de uma avó é um fator importante no relacionamento avô (avó)/neto(a) (isto é, as avós tendem a ser mais envolvidas do que os avós, o que se imagina estar relacionado ao papel de cuidadora das mulheres dentro da família (p. ex., Hagestad, 1988).

(Vernon, 1992, p. 35-36)

Uma revisão de literatura sobre métodos quantitativos ou mistos

Quando se escreve uma revisão da literatura, é difícil determinar a quantidade de literatura a ser revista. Para lidar com esse problema, desenvolvi um modelo que proporciona parâmetros em torno da revisão da literatura, especialmente quando ele pode ser utilizado para um estudo quantitativo ou de métodos mistos que empregue uma seção padronizada de revisão da literatura. Para um estudo qualitativo, a revisão da literatura pode explorar aspectos do fenômeno central que está sendo tratado e ser dividida em tópicos. Porém, a revisão da literatura, para um estudo qualitativo, como foi discutido anteriormente, pode ser colocada em uma proposta de várias maneiras (p. ex., como uma justificativa para o problema de pesquisa, como uma seção separada, como algo que permeia todo o estudo, como comparada aos resultados de um projeto).

Para um estudo quantitativo ou o elemento quantitativo de um estudo de métodos mistos, escreva uma revisão da literatura que contenha seções sobre a literatura relacionadas a importantes variáveis independentes, importantes variáveis dependentes e estudos que relacionem as variáveis independentes e dependentes (há mais informações sobre as variáveis no Capítulo 3). Essa abordagem parece apropriada para as dissertações e para a conceituação da literatura a ser introduzida em um artigo de periódico. Considere uma revisão da literatura composta de cinco componentes: uma introdução, Tópico 1 (sobre a variável independente), Tópico 2 (sobre a variável dependente), Tópico 3 (estudos que tratam tanto da variável independente quanto da dependente) e um resumo. Eis mais detalhes sobre cada seção:

1. Introduza a revisão informando o leitor sobre as seções nela incluídas. Essa passagem é uma declaração sobre a organização da seção.

2. Examine o Tópico 1, que trata da literatura acadêmica sobre a variável ou as variáveis independentes. Quando há várias variáveis independentes, considere as subseções ou se concentre na variável mais importante. Lembre-se de tratar apenas da literatura sobre a variável independente; nesse modelo, mantenha a literatura sobre as variáveis independentes e dependentes separada.

3. Examine o Tópico 2, que incorpora a literatura acadêmica sobre a variável ou as variáveis dependentes. Se houver muitas variáveis dependentes, escreva as subseções sobre cada variável ou se concentre em uma única variável dependente importante.

4. Examine o Tópico 3, que inclui a literatura acadêmica que relaciona a variável (ou variáveis) independente à dependente. Aqui estamos no ponto crucial do estudo proposto. Por isso, essa seção deve ser relativamente curta e conter estudos extremamente próximos ao tópico do estudo proposto. Talvez nada tenha sido escrito sobre o tópico. Construa uma seção que seja o mais próxima possível do tópico ou dos estudos de revisão que lidem com o tópico em um nível mais geral.

5. Apresente um sumário que destaque os estudos mais importantes, capte os principais temas, insinue por que é necessária mais pesquisa sobre o tópico e sugira como o estudo proposto vai preencher essa necessidade.

Esse modelo se concentra na revisão da literatura, a relaciona intimamente às variáveis nas questões e nas hipóteses da pesquisa, e estreita suficientemente o estudo. Torna-se um ponto de partida lógico para as questões da pesquisa e para a seção do método.

RESUMO

Antes de realizar a busca de literatura, identifique seu tópico utilizando estratégias como o esboço de um título breve ou a declaração de uma questão fundamental da pesquisa. Considere também se este tópico pode e deve ser pesquisado, examinando se há acesso aos participantes e aos recursos, e se o tópico irá acrescentar algo à literatura, ser de interesse para os outros e ser consistente com os objetivos pessoais.

Os pesquisadores usam a literatura acadêmica em um estudo para apresentar resultados de estudos similares, para relacionar o estudo presente com um diálogo contínuo na literatura e para proporcionar uma estrutura para comparar os resultados de um estudo com outros estudos. Para projetos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos, a literatura serve a diferentes propósitos. Na pesquisa qualitativa, a literatura ajuda a substanciar o problema de pesquisa, mas não restringe os pontos de vista dos participantes. Uma abordagem popular é a inclusão de mais literatura no final do que no início de um estudo qualitativo. Na pesquisa quantitativa, a literatura não apenas ajuda a substanciar o problema, mas também sugere possíveis questões ou hipóteses que precisam ser tratadas. Uma seção separada de revisão da literatura é tipicamente encontrada nos estudos qualitativos. Na pesquisa de métodos mistos, o uso da literatura vai depender do tipo de projeto e do peso atribuído aos aspectos qualitativos e quantitativos.

Quando realizar uma revisão da literatura, identifique palavras-chave para a busca na literatura. Depois faça sua busca nos bancos de dados *on-line*, como o ERIC, o ProQuest, o Google Scholar, o PubMed e bancos de dados mais especializados, como o PsycINFO, o Sociofile e o SSCI. Em seguida, localize artigos e livros tendo como prioridade de buscar primeiro por artigos de periódicos e depois por livros. Identifique referências que darão uma contribuição a sua revisão da literatura. Agrupe esses estudos em um mapa da literatura que mostre as principais categorias dos estudos e das posições de seu estudo propostas dentro dessas categorias. Comece escrevendo resumos dos estudos, registrando referências completas de acordo com um manual de estilo (p. ex., APA, 2001) e extraíndo informações sobre a pesquisa que incluam o problema de pesquisa, as questões de pesquisa, a coleta e análise dos dados e os resultados finais.

Defina as palavras-chave e, se possível, desenvolva uma seção de definição de termos para sua proposta ou os inclua em sua revisão da literatura. Finalmente, considere a estrutura geral para a organização desses estudos. Um modelo de pesquisa quantitativa é dividir a revisão em seções segundo as principais variáveis (uma abordagem quantitativa) ou os principais subtemas do fenômeno central (uma abordagem qualitativa) que você está estudando.

Exercícios de Redação

1. Desenvolva um mapa da literatura sobre seu tópico. Inclua no mapa o estudo proposto e trace linhas do estudo proposto para outras categorias de estudos, para que um leitor possa facilmente perceber como seu estudo vai ampliar a literatura existente.
2. Organize uma revisão da literatura para um estudo quantitativo e siga o modelo para delimitar a literatura de modo a refletir as variáveis no estudo. Como alternativa, organize uma revisão da literatura para um estudo qualitativo e a inclua em uma introdução como justificativa para o problema de pesquisa do estudo.
3. Pratique o uso de um banco de dados computadorizado para a busca de literatura sobre seu tópico. Realize várias buscas até encontrar um artigo que seja o mais próximo possível de seu tópico de pesquisa. Depois realize uma segunda busca usando os descritores mencionados nesse artigo. Localize 10 artigos que você selecionaria e resumiria para sua revisão da literatura.
4. Tendo por base os resultados de sua busca do Exercício 3, escreva um resumo quantitativo e outro qualitativo de dois estudos de pesquisa encontrados em sua busca *on-line*. Use as diretrizes apresentadas neste capítulo para os elementos a serem incluídos em seus resumos.

LEITURAS ADICIONAIS

Locke, L. E., Spirduso, W. W. & Silverman, S. J. (2007). *Proposals that work: A guide for planning dissertations and grant proposals* (5th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Lawrence Locke, Waneen Spirduso e Stephen Silverman descrevem três estágios para a revisão da literatura: desenvolvimento dos conceitos que proporcionam uma justificativa para o estudo, desenvolvimento de subtópicos para cada conceito importante e acréscimo das referências mais importantes que corroboram cada conceito. Eles também apresentam seis regras para a definição dos termos em um estudo acadêmico: nunca invente palavras, apresente as definições no início da proposta, não use formas de palavras da linguagem comum, defina as palavras na primeira vez em que surgirem no texto e use definições específicas para as palavras.

Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass.

Sharan Merriam apresenta uma extensa discussão sobre o uso da literatura nos estudos qualitativos. Ela identifica os passos na revisão da literatura e apresenta critérios úteis para a seleção das referências. Isso inclui verificar se o autor é uma autoridade no tópico, se a obra foi publicada recentemente, se o recurso é relevante para o tópico de pesquisa proposto e se a qualidade do recurso é boa. Merriam também sugere que a revisão da literatura não é um processo linear da leitura da literatura, da identificação da estrutura teórica e da escrita da declaração do problema. Em vez disso, o processo é extremamente interativo entre esses passos.

Punch, K. F. (2005). *Introduction to social research: Quantitative and qualitative approaches* (2nd ed.). Londres: Sage.

Keith Punch apresenta um guia para a pesquisa social que trata igualmente das abordagens quantitativa e qualitativa. Suas conceituações das questões principais que dividem as duas abordagens tratam de diferenças fundamentais. Punch observa que, ao escrever uma proposta ou relatório, o momento em que se deve concentrar na literatura varia nos diferentes estilos de pesquisa. Fatores que afetam essa decisão incluem o estilo da pesquisa, a estratégia geral da pesquisa e o quão de perto o estudo vai seguir as direções da literatura.

3

Uso da Teoria

Um componente da revisão da literatura é determinar quais teorias podem ser utilizadas para explorar as questões em um estudo acadêmico. Na pesquisa quantitativa, os pesquisadores com frequência testam as teorias como uma explicação para as respostas a suas questões. Em uma dissertação quantitativa, uma seção inteira de uma proposta de pesquisa deve ser dedicada a apresentar a teoria para o estudo. Na pesquisa qualitativa, o uso da teoria é muito mais variado. O investigador pode gerar uma teoria como o resultado final de um estudo e colocá-la no fim de um projeto, como em uma teoria fundamentada. Em outros estudos qualitativos, ela aparece no início e proporciona uma lente que define o que é observado e as questões indagadas, como nas etnografias ou na pesquisa reivindicatória. Na pesquisa de métodos mistos, os pesquisadores podem tanto testar teorias quanto gerá-las. Além disso, a pesquisa de métodos mistos pode conter uma lente teórica, como um foco nas questões feministas, raciais ou de classe, que guia todo o estudo.

Início este capítulo me concentrando no uso da teoria em um estudo quantitativo. Ele examina uma definição de uma teoria, o uso das variáveis em um estudo quantitativo, a colocação da teoria em um estudo quantitativo e as formas alternativas que ela pode assumir em um plano escrito. Em seguida, são apresentados os procedimentos na identificação de uma teoria, seguidos de um roteiro de uma seção de perspectiva teórica de uma proposta de pesquisa quantitativa. Então a discussão passa para o uso da teoria em um estudo qualitativo. Os

investigadores qualitativos usam termos diferentes para as teorias, tais como padrões, lente teórica ou generalizações naturalísticas, para descrever as explicações amplas utilizadas ou desenvolvidas em seus estudos. Os exemplos apresentados neste capítulo ilustram as alternativas disponíveis aos pesquisadores qualitativos. Por fim, o capítulo passa a se referir ao uso das teorias na pesquisa de métodos mistos e ao uso de uma perspectiva transformativa que é popular nesta abordagem.

USO DA TEORIA QUANTITATIVA

Variáveis na Pesquisa Quantitativa

Antes de discutir as teorias quantitativas, é importante entender as variáveis e os tipos que são utilizados na geração das teorias. Uma **variável** refere-se a uma característica ou atributo de um indivíduo ou de uma organização que pode ser medida ou observada, e que varia entre as pessoas ou organizações que estão sendo estudadas (Creswell, 2007a). Uma variável irá tipicamente variar entre duas ou mais categorias ou entre um contínuo de pontos, e pode ser mensurada ou avaliada em uma escala. Os psicólogos preferem usar o termo *constructo* (em vez de *variável*), o qual carrega a conotação mais de uma ideia abstrata do que de um termo especificamente definido. Entretanto, os cientistas sociais usam caracteristicamente o termo *variável*, e esse será empregado nessa discussão. As variáveis com frequência medidas nos estudos incluem gênero, idade, *status quo* socioeconômico (SSE) e atitudes ou comportamentos, tais como racismo, controle social, poder político ou liderança. Vários textos proporcionam discussões detalhadas sobre os tipos de variáveis que podem ser usadas e suas escalas de medição (p. ex., Isaac e Michael, 1981; Keppel, 1991; Kerlinger, 1979; Thorndike, 1997). As variáveis são distinguidas por duas características: ordem temporal e sua medição (ou observação).

Ordem temporal significa que uma variável precede outra no tempo. Devido a essa ordenação do tempo, diz-se que uma variável afeta ou causa outra variável, embora uma declaração mais precisa seria que uma variável *provavelmente* causa outra. Quando se lida com estudos no ambiente natural e com seres humanos, os pesquisadores não podem, em absoluto, provar causa e efeito (Rosenthal e Rosnow, 1991), e os cientistas sociais atualmente dizem que há uma provável relação causal ou “causação”. *Ordem temporal* significa que os pesquisadores pensam sobre as variáveis

em uma ordem da “esquerda para a direita” (Punch, 2005) e ordenam as variáveis em declarações de propósito, questões de pesquisa e modelos visuais em apresentações de causa e efeito, da esquerda para a direita. Assim,

- *Variáveis independentes* são aquelas que (provavelmente) causam, influenciam ou afetam os resultados. Elas também são chamadas de variáveis de *tratamento*, *manipuladas*, *antecedentes* ou *preditoras*.
- *Variáveis dependentes* são aquelas dependem das variáveis independentes; são as consequências ou os resultados da influência das variáveis independentes. Outros nomes para as variáveis dependentes são variáveis de *critério*, de *resultado* e de *efeito*.
- As *variáveis intervenientes* ou *mediadoras* situam-se entre as variáveis independentes e as dependentes, e mediam os efeitos da variável independente sobre a variável dependente. Por exemplo, se os alunos têm um bom desempenho em um teste de métodos de pesquisa (variável dependente), esse resultado pode se dever (a) a sua preparação do estudo (variável independente) e/ou (b) a sua organização das ideias do estudo em uma estrutura (variável interveniente) que influenciou seu desempenho no teste. A variável mediadora, a organização do estudo, situa-se entre as variáveis independentes e dependentes.
- *Variáveis moderadoras* são novas variáveis construídas por um pesquisador para tomar uma variável e multiplicá-la por outra para determinar o impacto conjunto de ambas (p. ex., as atitudes da idade X sobre a qualidade de vida). Essas variáveis são tipicamente encontradas nos experimentos.
- Os dois outros tipos de variáveis são as *variáveis controles* e as *variáveis espúrias*. As variáveis controles desempenham um papel ativo nos estudos quantitativos. Elas são um tipo especial de variável independente que os pesquisadores medem, pois elas influenciam potencialmente a variável dependente. Os pesquisadores usam procedimentos estatísticos (p. ex., análise de covariância) para o controle dessas variáveis. Elas podem ser variáveis demográficas ou pessoais (p. ex., idade ou gênero) que precisam ser “controladas” para que possa ser determinada a verdadeira influência da variável independente sobre a dependente. Outro tipo de variável, uma variável *espúria*, não é realmente medida ou observada em um estudo. Ela existe, mas sua influência não pode ser diretamente detectada. Os pesquisadores comentam sobre a influência das variáveis espúrias depois que o estudo foi completa-

do, porque elas podem ter operado para explicar a relação entre a variável independente e a variável dependente, mas não foram ou não puderam ser facilmente avaliadas (p. ex., atitudes discriminatórias).

Em um estudo de pesquisa quantitativa, as variáveis estão relacionadas à resposta a uma questão da pesquisa (p. ex., “Como a autoestima influencia a formação de amizades entre adolescentes?”) ou à realização de previsões sobre o que o pesquisador espera que os resultados mostrem. Tais previsões são chamadas de *hipóteses* (p. ex., “A autoestima positiva individual expande o número de amigos dos adolescentes.”).

Definição de uma teoria

Com esse pano de fundo sobre as variáveis, podemos proceder ao uso das teorias quantitativas. Na pesquisa *quantitativa*, existem alguns precedentes históricos para encarar a teoria como uma previsão ou explicação científica (ver G. Thomas, 1997, para maneiras diferentes de conceituar as teorias e de como elas podem restringir o pensamento). Por exemplo, a definição de Kerlinger (1979) de uma teoria ainda é válida hoje. Ele disse que uma teoria é “um conjunto de constructos (variáveis latentes), definições e proposições inter-relacionados que apresentam uma visão sistemática dos fenômenos especificando as relações entre as variáveis mensuradas, com o propósito de explicar os fenômenos naturais” (p. 64).

Nessa definição, uma **teoria** é um conjunto inter-relacionado de constructos (ou variáveis latentes) transformados em proposições, ou hipóteses, que especificam a relação entre as variáveis (tipicamente em termos de magnitude ou direção). Uma teoria pode aparecer em um estudo de pesquisa como um argumento, uma discussão ou uma justificativa, e ajuda a explicar (ou a prever) fenômenos que ocorrem no mundo. Labovitz e Hagedorn (1971) adicionam a essa definição a ideia de uma *justificativa teórica*, que eles definem como “especificando como e por que as variáveis e as declarações relacionais são inter-relacionadas” (p. 17). Por que uma variável independente X influencia ou afeta uma variável dependente Y? A teoria proporcionaria uma explicação para essa expectativa ou previsão. Uma discussão sobre essa teoria apareceria em uma seção de uma proposta sobre a revisão da literatura ou sobre a *base da teoria*, a *justificativa teórica* ou a *perspectiva teórica*. Prefiro o termo *perspectiva teórica* porque ele tem si-

do popularmente usado como uma seção requerida para as propostas de pesquisa quando uma pessoa submete um pedido para apresentar um trabalho na conferência da American Educational Research Association.

A metáfora de um arco-íris pode ajudar a visualizar como uma teoria opera. Suponha que o arco-íris *transponha* as variáveis independentes e dependentes (ou constructos) em um estudo. Esse arco-íris une as variáveis e proporciona uma explicação abrangente para *como* e *por que* se deveria esperar que essa variável independente explicasse ou previsse a variável dependente. As teorias se desenvolvem quando os pesquisadores testam uma previsão repetidas vezes. Por exemplo, eis como funciona o processo de desenvolvimento de uma teoria. Os investigadores combinam as variáveis independentes, mediadoras e dependentes baseados em diferentes formas de medições para as questões. Essas questões proporcionam informações sobre o tipo de relação (positiva, negativa ou desconhecida) e sua magnitude (p. ex., alto ou baixo). Transformando essa informação em uma declaração preditiva (hipótese), um pesquisador pode escrever, "Quanto maior a centralização do poder nos líderes, maior a negação dos direitos dos seguidores". Quando os pesquisadores testam repetidamente hipóteses como essa em diferentes locais e com diferentes populações (p. ex., os escoteiros, uma igreja presbiteriana, o Rotary Club e um grupo de alunos do ensino médio), uma teoria emerge e alguém lhe dá um nome (p. ex., uma teoria de atribuição). Assim, a teoria desenvolve-se como uma explicação para sugerir conhecimento em campos específicos (Thomas, 1997).

Outro aspecto das teorias é que elas variam na amplitude de sua cobertura. Neuman (2000) examina as teorias em três níveis: micro, meso e macro. As teorias do nível micro proporcionam explicações limitadas para pequenas quantidades de tempo, espaço ou números de pessoas, como a teoria do trabalho de face de Goffman, que explica como as pessoas se envolvem em rituais durante interações face a face. As teorias de nível meso vinculam os níveis micro e macro. Essas são teorias de organizações, movimento social ou comunidades, como a teoria do controle nas organizações de Collins. As teorias de nível macro explicam agregados maiores, como instituições sociais, sistemas culturais e sociedades inteiras. A teoria da estratificação social de nível macro de Lenski, por exemplo, explica como a quantidade de excedente que uma sociedade produz aumenta com o desenvolvimento da sociedade.

As teorias são encontradas nas disciplinas de ciências sociais de psicologia, sociologia, antropologia, educação e economia, e também em muitos outros campos. Localizar e ler sobre essas teorias requer a busca em bancos de

dados de literatura (p. ex., *Psychological Abstracts*, *Sociological Abstracts*) ou o exame de guias para a literatura sobre teorias (p. ex., ver Webb, Beals e White, 1986).

Formas de teorias

Os pesquisadores declaram suas teorias nas propostas de pesquisa de várias maneiras, como uma série de hipóteses, de declarações lógicas se-então ou de modelos visuais. Primeiro, alguns pesquisadores declaram as teorias na forma de hipóteses interconectadas. Por exemplo, Hopkins (1964) comunicou sua teoria dos processos de influência como uma série de 15 hipóteses. Algumas das hipóteses são as seguintes (essas foram ligeiramente alteradas para remover os pronomes específicos do gênero):

1. Quanto mais elevada a posição da pessoa, maior sua centralidade.
2. Quanto maior a centralidade da pessoa, maior sua observabilidade.
3. Quanto mais elevada a posição da pessoa, maior sua observabilidade.
4. Quanto maior a centralidade da pessoa, maior sua conformidade.
5. Quanto mais elevada a posição da pessoa, maior sua conformidade.
6. Quanto maior a observabilidade da pessoa, maior sua conformidade.
7. Quanto maior a conformidade da pessoa, maior sua observabilidade. (p. 51)

Uma segunda maneira é declarar uma teoria como uma série de declarações se-então que expliquem por que se esperaria que as variáveis independentes influenciassem ou causassem as variáveis dependentes. Por exemplo, Homans (1950) explica uma teoria da interação:

Se a frequência da interação entre duas ou mais pessoas aumenta, o grau de vinculação uma com a outra também aumentará, e vice-versa... As pessoas que têm sentimentos de vínculo uma com a outra expressarão esses sentimentos em atividades além e acima das atividades do sistema externo, e essas atividades podem fortalecer ainda mais os sentimentos de vínculo. Quanto mais frequentemente as pessoas interagem uma com a outra, mais semelhantes em alguns aspectos suas atividades e seus sentimentos tendem a se tornar. (p. 112, 118, 120)

Terceiro, um autor pode apresentar uma teoria como um modelo visual. Convém traduzir as variáveis em um quadro visual. Blalock (1969, 1985, 1991) defende a modelagem causal e reformula as teorias verbais

em modelos causais para que o leitor possa visualizar as interconexões das variáveis. Dois exemplos simplificados são apresentados aqui. Como mostra a Figura 3.1, três variáveis independentes influenciam uma única variável dependente, mediada pela influência de duas variáveis intervenientes. Um diagrama como esse mostra a possível sequência causal entre as variáveis que conduz à modelagem através da análise de caminhos e de análises mais avançadas utilizando medidas múltiplas de variáveis, como é encontrado na modelagem de equação estrutural (ver Kline, 1998). Em um nível introdutório, Duncan (1985) apresenta sugestões úteis sobre a notação para a construção desses diagramas causais visuais:

- Posicione as variáveis dependentes à direita no diagrama e as variáveis independentes à esquerda.
- Use setas unidirecionais partindo de cada variável determinante para cada variáveis dependentes.
- Indique a “força” da relação entre as variáveis inserindo sinais de valência nos caminhos. Use valências positivas ou negativas que postulem ou infiram relações.
- Use setas bidirecionais conectadas para mostrar relações não analisadas entre as variáveis não dependentes de outras relações no modelo (correlação).

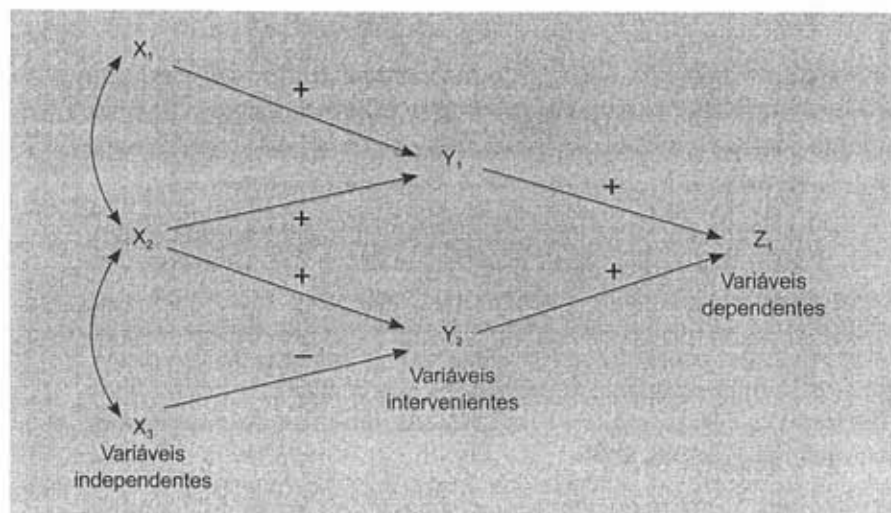


Figura 3.1 Três variáveis independentes influenciam uma única variável dependente mediada por duas variáveis intervenientes.

Diagramas causais mais complicados podem ser construídos com uma notação adicional. Este retrata um modelo básico de variáveis limitadas, como aquelas tipicamente encontradas em uma pesquisa de levantamento.

Uma variação sobre esse tema é ter variáveis independentes em que grupos controles e experimentais são comparados a uma variável independente em termos de um resultado (variável dependente). Como mostra a Figura 3.2, dois grupos da variável X são comparados em termos de sua influência sobre Y, a variável dependente. Esse projeto é um projeto experimental entre grupos (ver Capítulo 8). São aplicadas as mesmas regras de notação previamente discutidas.

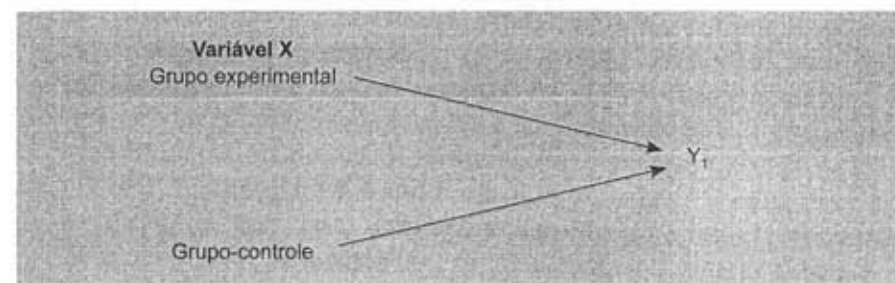


Figura 3.2 Dois grupos com diferentes tratamentos em X são comparados em termos de Y.

Esses dois modelos pretendem apenas introduzir possibilidades para conectar variáveis independentes e dependentes para construir teorias. Projetos mais complicados empregam múltiplas variáveis independentes e dependentes em modelos de causação elaborados (Blalock, 1969, 1985). Por exemplo, Jungnickel (1990), em uma proposta de tese de doutorado sobre a produtividade em pesquisa entre docentes das faculdades de farmácia, apresentou um modelo visual complexo, como mostra a Figura 3.3. Jungnickel perguntou quais fatores influenciam o desempenho de um membro docente na pesquisa acadêmica. Depois de identificar esses fatores na literatura, adaptou uma estrutura teórica encontrada na pesquisa em enfermagem (Megel, Langston e Creswell, 1988) e desenvolveu um modelo visual retratando a relação entre tais fatores, seguindo as regras para a construção de um modelo anteriormente introduzido. Ele listou as variáveis independentes na extrema esquerda, as variáveis intervenientes no meio e as variáveis dependentes à direita. A direção da influência fluiu da esquerda para a direita, e ele usou sinais de mais e de menos para indicar a direção da hipótese.

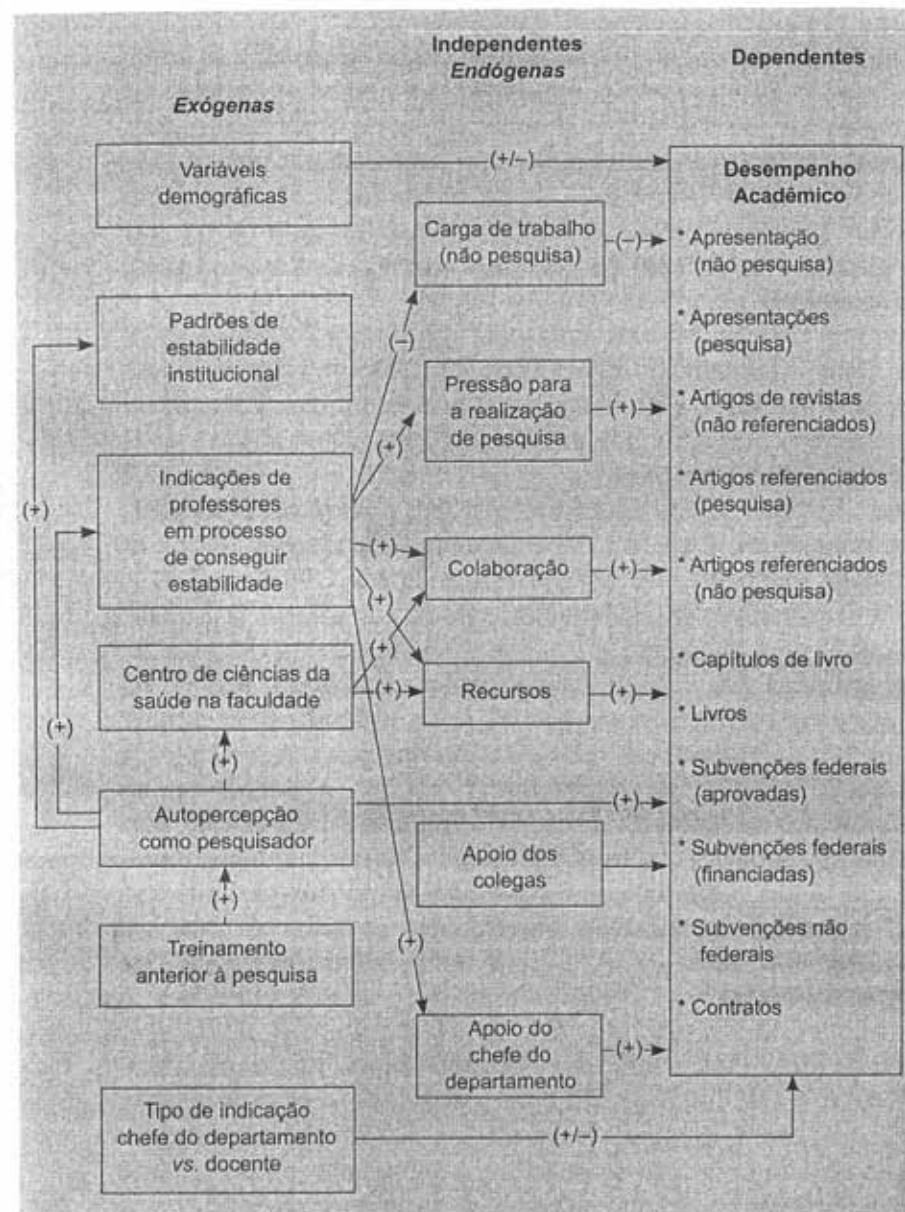


Figura 3.3 Modelo visual da teoria sobre desempenho do corpo docente acadêmico. Fonte: Jungnickel (1990). Reprodução autorizada.

Colocação das teorias quantitativas

Nos estudos quantitativos, a pessoa utiliza a teoria dedutivamente e a coloca no início da proposta de um estudo. Com o objetivo de testar ou de verificar uma teoria, em vez de desenvolvê-la, o pesquisador propõe uma teoria, coleta os dados para testá-la e reflete sobre sua confirmação ou não confirmação por meio dos resultados. A teoria torna-se uma estrutura para todo o estudo, um modelo de organização para as questões ou hipóteses de pesquisa e para o procedimento de coleta dos dados. O modelo dedutivo do pensamento usado em um estudo quantitativo é apresentado na Figura 3.4. O pesquisador testa ou verifica uma teoria examinando hipóteses ou questões dela derivadas. Essas hipóteses ou questões contêm variáveis (ou constructos) que o pesquisador precisa definir. Como alternativa, uma definição aceitável pode ser encontrada na literatura. A partir daí, o investigador localiza um instrumento para ser usado na medição ou na observação das atitudes ou dos comportamentos dos participantes em um estudo. Depois, o investigador coleta as pontuações nesses instrumentos para confirmar ou para desmentir a teoria.

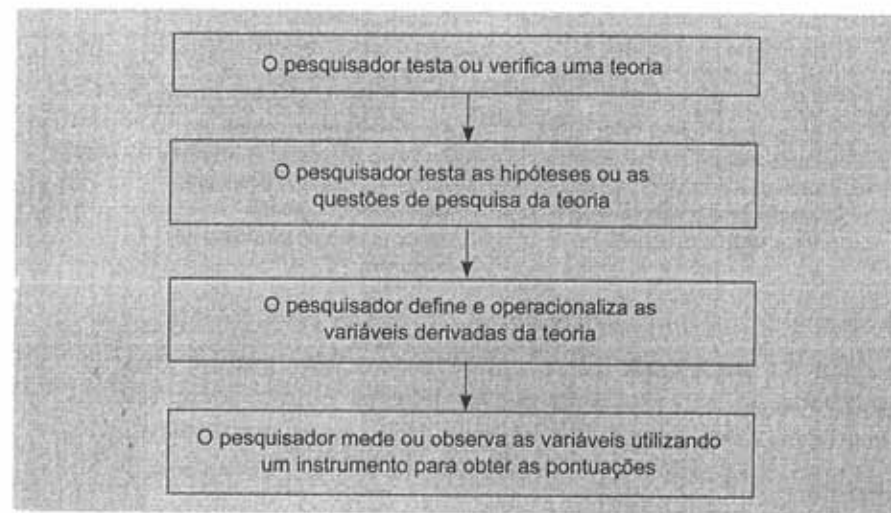


Figura 3.4 A abordagem dedutiva tipicamente utilizada na pesquisa quantitativa.

Essa abordagem dedutiva da pesquisa na abordagem quantitativa tem implicações para a colocação de uma teoria em um estudo de pesquisa quantitativo (ver Quadro 3.1).

Uma diretriz geral é introduzir a teoria no início de um plano ou estudo: na introdução, na seção de revisão da literatura, imediatamente após as hipóteses ou as questões da pesquisa (como uma justificativa para as conexões entre as variáveis) ou em uma seção à parte do estudo. Cada colocação tem suas vantagens e desvantagens.

Quadro 3.1 Opções para colocar a teoria em um estudo quantitativo

Colocação	Vantagens	Desvantagens
Na introdução	Uma abordagem frequentemente encontrada em artigos de revista. Será familiar aos leitores. Transmite uma abordagem dedutiva.	É difícil para um leitor isolar e separar a base da teoria de outros componentes do processo de pesquisa.
Na revisão da literatura	As teorias são encontradas na literatura e sua inclusão em uma revisão da literatura é ou uma extensão lógica ou parte da literatura.	É difícil para um leitor enxergar a teoria isoladamente da revisão acadêmica da literatura.
Depois das hipóteses ou questões de pesquisa	A discussão da teoria é uma extensão lógica das hipóteses ou questões de pesquisa porque explica como e por que as variáveis estão relacionadas	Um escritor pode incluir uma justificativa teórica depois das hipóteses e das questões e omitir uma ampla discussão sobre a origem e o uso da teoria.
Em uma seção à parte	Esta abordagem separa claramente a teoria dos outros componentes do processo de pesquisa e permite ao leitor identificar e entender melhor a base teórica do estudo.	A discussão da teoria fica isolada dos outros componentes do processo de pesquisa e, assim, um leitor pode não conectá-la facilmente com outros componentes do processo de pesquisa.

Uma **dica de pesquisa**: escrevo a teoria em uma seção à parte em uma proposta de pesquisa para que os leitores possam identificar claramente a teoria dos outros componentes. Essa passagem separada proporciona uma explicação completa da seção da teoria, de seu uso e de como ela se relaciona com o estudo.

Redação de uma perspectiva teórica quantitativa

Utilizando essas ideias, apresento em seguida um modelo para a redação de uma seção de perspectiva teórica quantitativa em um plano de

pesquisa. Suponha que a tarefa seja identificar uma teoria que explique a relação entre variáveis independentes e dependentes.

1. Procure uma teoria na literatura baseada na disciplina. Se a unidade de análise para as variáveis for um indivíduo, procure na literatura de psicologia; para estudar grupos ou organizações, procure na literatura sociológica. Se o projeto examinar indivíduos e grupos, considere a literatura de psicologia social. É claro que as teorias de outras disciplinas também podem ser úteis (p. ex., para estudar uma questão econômica, a teoria pode ser encontrada na economia).
2. Examine também estudos anteriores que tratem do tópico ou de um tópico intimamente relacionado. Quais teorias foram usadas por outros autores? Limite o número das teorias e tente identificar *uma teoria abrangente* que explique a hipótese central ou a principal questão da pesquisa.
3. Como foi mencionado anteriormente, faça a pergunta *abrangente* que transpõe as variáveis independentes e dependentes: Por que as variáveis independentes influenciam as variáveis dependentes?
4. Faça um roteiro da seção da teoria. Siga estas sentenças principais: "A teoria que eu utilizo é _____ (nome da teoria). Ela foi desenvolvida por _____ (identifique a origem, a fonte ou o autor que desenvolveu a teoria), e foi utilizada para estudar _____ (identifique os tópicos em que se encontra aplicada a teoria). Essa teoria indica que _____ (identifique as proposições ou hipóteses da teoria). Aplicada a meu estudo, essa teoria me faz pensar que espero que minhas variáveis independentes _____ (declare as variáveis independentes) influenciem ou expandam as variáveis dependentes (declare as variáveis dependentes), pois _____ (dê uma justificativa baseada na lógica da teoria)."

Assim, os tópicos a ser incluídos em uma discussão da teoria quantitativa são a teoria a ser usada, suas hipóteses ou proposições fundamentais, as informações sobre o uso passado da teoria e sua aplicação e as declarações que refletem como ela se relaciona a um estudo proposto. Esse modelo está ilustrado no seguinte exemplo de Crutchfield (1986).

Exemplo 3.1 Uma seção de teoria quantitativa

Crutchfield (1986) escreveu uma tese de doutorado intitulada *Locus of Control, Interpersonal Trust, and Scholarly Productivity*. Pesquisando educadores de enfermagem, sua intenção foi determinar se o locus do controle e da confiança interpessoal afetava os níveis das publicações do docente. Sua tese incluía uma seção separada no capítulo introdutório, intitulada "Perspectiva Teórica", a qual se segue. Ela inclui os seguintes pontos:

- A teoria que ela planejou usar
- As hipóteses centrais da teoria
- Informações sobre quem usou a teoria e sua aplicabilidade
- Uma adaptação da teoria às variáveis de seu estudo usando uma lógica se-então

Acrescentei anotações em *itálico* para marcar as principais passagens.

Perspectiva teórica

Na formulação de uma perspectiva teórica para o estudo da produtividade acadêmica do docente, a teoria da aprendizagem social proporciona um protótipo útil. Essa concepção do comportamento tenta conseguir uma síntese equilibrada da psicologia cognitiva com os princípios de modificação do comportamento (Bower e Hilgard, 1981). Basicamente, essa estrutura teórica unificada "aborda a explicação do comportamento humano em termos de uma interação contínua (recíproca) entre os determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais" (Bandura, 1977, p. vii). (A autora identifica a teoria para o estudo.)

Embora a teoria da aprendizagem social aceite a aplicação de reforços como a moldagem de princípios, ela tende a enxergar o papel das recompensas tanto transmitindo informações sobre a resposta ótima quanto proporcionando motivação de incentivo para um determinado ato devido à recompensa prevista. Além disso, os princípios de aprendizagem dessa teoria colocam uma ênfase especial nos importantes papéis desempenhados pelos processos vicários, simbólicos e pelos processos de autorregulação (Bandura, 1971).

A teoria da aprendizagem social não apenas lida com a aprendizagem, mas procura descrever como um grupo de competências sociais e pessoais (a chamada personalidade) pode evoluir a partir das condições sociais dentro das quais ocorre a aprendizagem. Também lida com técnicas de avaliação da personalidade (Mischel, 1968) e de modificação do comportamento em ambientes clínicos e educacionais (Bandura, 1977; Bower e Hilgard, 1981; Rotter, 1954). (A autora descreve a teoria da aprendizagem social.)

Além disso, os princípios da teoria da aprendizagem social têm sido aplicados a uma ampla série de comportamentos sociais, como competitividade, agressividade, papéis dos sexos, desvios e comportamento patológico (Bandura e Walters, 1963; Bandura, 1977; Mischel, 1968; Miller e Dollard, 1941; Rotter, 1954; Staats, 1975). (A autora descreve o uso da teoria.)

Explicando a teoria da aprendizagem social, Rotter (1954) indicou que devem ser consideradas quatro classes de variáveis: comportamento, expectativas, reforço e situações psicológicas. Foi proposta uma fórmula geral para o comportamento, a qual afirma que: "o potencial para um comportamento ocorrer em qualquer situação psicológica específica é a função da expectativa de que o comportamento vai conduzir a um reforço particular nessa situação e ao valor desse reforço" (Rotter, 1975, p. 57).

A expectativa dentro da fórmula refere-se ao grau de certeza (ou probabilidade) percebido de que em geral existe uma relação causal entre o comportamento e as recompensas. Esse constructo de expectativa generalizada tem sido definido como um locus de controle interno, quando um indivíduo acredita que os reforços são uma função do comportamento específico, ou como um locus de controle externo, quando os efeitos são atribuídos à sorte, ao destino ou a outras pessoas poderosas. As percepções das relações causais não precisam ser posições absolutas, mas tendem a variar em grau ao longo de um contínuo, dependendo das experiências prévias e das complexidades situacionais (Rotter, 1966). (A autora explica as variáveis na teoria.)

Na aplicação da teoria da aprendizagem social a esse estudo da produtividade acadêmica, as quatro classes de variáveis identificadas por Rotter (1954) serão definidas da seguinte maneira:

1. *A produtividade acadêmica é o comportamento ou a atividade desejada.*
2. *O locus do controle é a expectativa generalizada de que as recompensas sejam ou não dependentes de comportamentos específicos.*
3. *Reforços são as recompensas do trabalho acadêmico e o valor relacionado a elas.*
4. *A instituição educacional é a situação psicológica que proporciona muitas recompensas à produtividade acadêmica.*

Com essas variáveis específicas, a fórmula para o comportamento que foi desenvolvida por Rotter (1975) seria adaptada para significar: o potencial para o comportamento acadêmico ocorrer em uma instituição educacional é uma função da expectativa de que esta atividade conduza a recompensas específicas e do valor que o membro do corpo docente atribui a tais recompensas. Além disso, a interação da confiança interpessoal com o locus do controle deve ser considerada em relação à expectativa de se conseguir recompensas por comportamentos, como está recomendado pelas declarações subsequentes de Rotter (1967). Por fim, algumas características, como a preparação educacional, a idade cronológica, os colegas de pós-doutorado, a estabilidade no emprego ou o emprego de tempo integral versus o emprego de tempo parcial podem estar associados à produtividade acadêmica do docente de enfermagem de uma maneira similar àquela observada em outras disciplinas. (A autora aplicou os conceitos a seu estudo.)

A declaração que se segue representa a lógica subjacente para o planejamento e a condução desse estudo. Se o docente acredita que (a) seus esforços

e ações na produção de trabalhos acadêmicos conduzirá a recompensas (locus de controle), (b) se pode confiar que outros vão seguir seus passos (confiança interpessoal), (c) as recompensas pela atividade acadêmica valem a pena (valores de recompensa) e (d) as recompensas estão disponíveis em sua disciplina ou instituição (ambiente institucional), então ele atingirá altos níveis de produtividade acadêmica (p. 12-16). (A autora concluiu com a lógica do se-então para relacionar as variáveis independentes às variáveis dependentes.)

USO DA TEORIA QUALITATIVA

Variação no uso da teoria na pesquisa qualitativa

Os investigadores qualitativos utilizam a teoria em seus estudos de várias maneiras. Primeiro, de uma maneira muito semelhante àquela da pesquisa quantitativa, ela é utilizada como uma explicação ampla para o comportamento e as atitudes, e pode ser completada com variáveis, constructos e hipóteses. Por exemplo, os etnógrafos empregam temas culturais ou "aspectos da cultura" (Wolcott, 1999, p. 113) para estudar em seus projetos qualitativos, como controle social, linguagem, estabilidade e mudança, ou organização social, como o parentesco ou as famílias (ver a discussão de Wolcott em 1999 sobre textos que lidam com tópicos culturais na antropologia). Os temas nesse contexto proporcionam uma série de hipóteses prontas a serem testadas a partir da literatura. Embora os pesquisadores possam não se referir a elas enquanto teorias, eles apresentam explicações amplas que os antropólogos usam para estudar o comportamento de compartilhamento da cultura e as atitudes das pessoas. Essa abordagem é popular na pesquisa qualitativa das ciências da saúde, em que os investigadores começam com um modelo teórico, como a adoção de práticas de saúde ou uma orientação teórica da qualidade de vida.

Em segundo lugar, os pesquisadores usam cada vez mais uma **lente** ou **perspectiva teórica na pesquisa qualitativa**, a qual proporciona uma lente geral de orientação para o estudo de questões de gênero, classe e raça (ou outras questões de grupos marginalizados). Essa lente torna-se uma perspectiva defensiva que molda os tipos de questões formuladas, informa como os dados são coletados e analisados, e proporciona um chamado à ação ou à mudança. A pesquisa qualitativa da década de 1980 sofreu uma transformação para ampliar seu escopo de investigação para

incluir essas lentes teóricas. Elas guiam os pesquisadores com relação às questões importantes de serem examinadas (p. ex., marginalização, capacitação) e às pessoas que precisam ser estudadas (p. ex., mulheres, desabrigados, grupos minoritários). Também indicam como o pesquisador se coloca no estudo qualitativo (p. ex., diante ou desviado dos contextos pessoais, culturais e históricos) e como os relatórios escritos finais precisam ser escritos (p. ex., sem marginalizar ainda mais os indivíduos, colaborando com os participantes). Nos estudos de etnografia crítica, os pesquisadores iniciam com uma teoria que informa seus estudos. Essa teoria causal pode ser uma teoria de emancipação ou de repressão (Thomas, 1993).

Algumas dessas perspectivas teóricas qualitativas disponíveis ao pesquisador são as seguintes (Creswell, 2007):

- As *perspectivas feministas* encaram como problemáticas as diferentes situações das mulheres e as instituições que estruturam essas situações. Os tópicos de pesquisa podem incluir questões políticas relacionadas à justiça social para as mulheres em contextos específicos ou o conhecimento de situações opressivas para as mulheres (Olesen, 2000).
- Os *discursos racializados* levantam questões importantes sobre o controle e a produção do conhecimento, particularmente sobre as pessoas e as comunidades de afrodescendentes (Ladson-Billings, 2000).
- As perspectivas da *teoria crítica* estão interessadas na capacitação dos seres humanos para transcenderem às restrições impostas sobre eles pela raça, pela classe e pelo gênero (Fay, 1987).
- A *teoria queer*, um termo utilizado nessa literatura, se concentra nos indivíduos que se denominam lésbicas, gays, bissexuais ou pessoas transgêneras. A pesquisa que usa essa abordagem não objetiva os indivíduos, pois está interessada nos meios culturais e políticos e comunica as vozes e as experiências de indivíduos que têm sido reprimidos (Gamson, 2000).
- A *investigação da incapacidade* trata do significado da inclusão nas escolas e abrange administradores, professores e pais que têm filhos com incapacidades (Mertens, 1998).

Rossman e Rallis (1998) capturam a percepção da teoria como perspectivas críticas e pós-modernas na investigação qualitativa:

À medida que o século XX se aproxima do seu fim, a ciência social tradicional passa por um escrutínio e por um ataque cada vez maior, enquanto aqueles

que adotam perspectivas críticas e pós-modernas desafiam as suposições objetivas e as normas tradicionais para a conduta da pesquisa. Quatro noções inter-relacionadas estão no centro desse ataque: (a) A pesquisa envolve fundamentalmente questões de poder; (b) o relato da pesquisa não é transparente, mas desenvolvido por um indivíduo orientado por questões raciais, de classe, de gênero e políticas; (c) a raça, a classe e o gênero são fundamentais para se compreender a experiência; e (d) a pesquisa histórica, tradicional, tem silenciado os membros dos grupos oprimidos e marginalizados. (p. 66)

Em terceiro lugar, distintos dessa orientação teórica, estão os estudos qualitativos em que a teoria (ou alguma outra explicação ampla) torna-se o ponto final. Esse é um processo indutivo da construção a partir dos dados para temas amplos e para um modelo generalizado da teoria (ver Punch, 2005). A lógica dessa abordagem indutiva é apresentada na Figura 3.5.

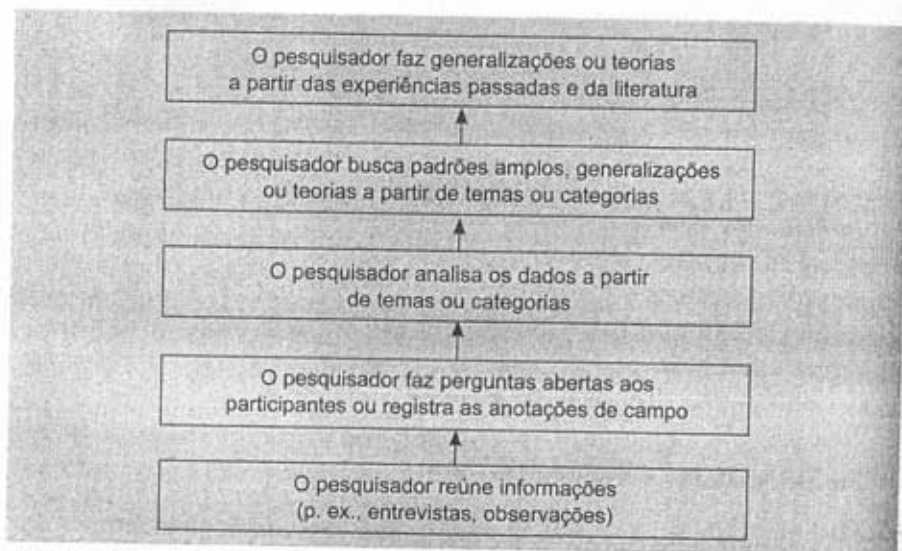


Figura 3.5 A lógica indutiva da pesquisa em um estudo qualitativo.

O pesquisador começa reunindo informações detalhadas dos participantes e então as transforma em categorias ou temas. Esses temas são desenvolvidos em padrões, teorias ou generalizações amplas que são então comparados com as experiências pessoais ou com a literatura existente sobre o tópico.

O desenvolvimento dos temas e das categorias em padrões, teorias ou generalizações sugere várias conclusões para os estudos qualitativos. Por

exemplo, na pesquisa de estudo de caso, Stake (1995) refere-se a uma afirmação como uma *generalização proposicional*, o resumo das interpretações e afirmações do profissional, a que são adicionadas as experiências pessoais do próprio pesquisador, chamadas de “generalizações naturalísticas” (p. 86). Como outro exemplo, a teoria fundamentada proporciona uma conclusão diferente. Os investigadores esperam descobrir uma teoria que é fundamentada nas informações do participante (Strauss e Corbin, 1998). Lincoln e Guba (1985) referem-se às “teorias padronizadas” como sendo explicações que se desenvolvem durante a pesquisa naturalística ou qualitativa. Em vez da forma dedutiva encontrada nos estudos quantitativos, tais teorias padronizadas ou generalizações representam pensamentos ou partes interconectadas ligadas a um todo.

Neuman (2000) apresenta informações adicionais sobre as teorias padronizadas:

A teoria padronizada não enfatiza o raciocínio dedutivo lógico. Como a teoria causal, ela contém um conjunto de conceitos e relações interconectadas, mas não requer declarações causais. Em vez disso, a teoria padronizada usa metáforas ou analogias para que a relação “faça sentido”. As teorias padronizadas são sistemas de ideias que informam. Os conceitos e as relações dentro delas formam um sistema fechado, mutuamente reforçador. Eles especificam uma sequência de fases ou vinculam as partes a um todo. (p. 38)

Em quarto e último lugar, alguns estudos qualitativos *não empregam nenhuma teoria explícita*. Entretanto, pode-se defender a ideia de que nenhum estudo qualitativo se inicia a partir da observação pura e que a estrutura conceitual anterior composta de teoria e métodos proporciona o ponto de partida para todas as observações (Schwandt, 1993). Além disso, podem-se observar estudos qualitativos que não contêm orientação teórica *explícita*, como na fenomenologia, em que os investigadores tentam construir a essência da experiência dos participantes (p. ex., ver Riemmen, 1986). Nesses estudos, o investigador constrói uma descrição rica e detalhada de um fenômeno central.

Minhas **dicas de pesquisa** sobre o uso da teoria em uma proposta qualitativa são as seguintes:

- Decida se a teoria será utilizada na proposta qualitativa.
- Se for utilizada, identifique como – como uma explicação direta, como uma conclusão ou como uma lente reivindicatória.
- Localize a teoria na proposta de uma maneira consistente com seu uso.

Localização da teoria na pesquisa qualitativa

A maneira como a teoria é utilizada afeta sua colocação em um estudo qualitativo. Nos estudos com um tema cultural ou uma lente teórica, a teoria ocorre nas passagens de abertura do estudo. Consistente com o projeto emergente da investigação qualitativa, a teoria pode aparecer no início e ser modificada ou ajustada tendo por base os pontos de vista dos participantes. Mesmo no projeto qualitativo mais orientado para a teoria, como a etnografia crítica, Lather (1986) qualifica o uso da teoria:

A construção de uma teoria de base empírica requer uma relação recíproca entre os dados e a teoria. Deve-se permitir que os dados gerem as proposições de uma maneira dialética, que permita o uso de estruturas *a priori* teóricas, mas que impeçam uma estrutura particular de se tornar o contêiner em que os dados devem ser despejados. (p. 267)

Exemplo 3.2 Uma teoria no início de um estudo qualitativo

Murguía, Padilla e Pavel (1991) estudaram a integração de 24 estudantes hispânicos e nativos americanos no sistema social de um *campus* universitário. Eles estavam curiosos sobre a maneira como a etnicidade influenciava a integração social, e começaram relacionando as experiências dos participantes a um modelo teórico, o modelo Tinto de integração social. Eles perceberam que o modelo foi "conceituado de maneira incompleta e, como consequência, entendido e mensurado de forma imprecisa" (p. 433).

Assim, o modelo não estava sendo testado, como se poderia perceber em um projeto quantitativo, mas modificado. No final do estudo, os autores aperfeiçoaram o modelo Tinto e propuseram sua modificação, que descrevia como funciona a etnia. Em contraste com essa abordagem, nos estudos qualitativos com uma conclusão de uma teoria (p. ex., uma teoria fundamentada), um padrão ou uma generalização, a teoria emerge no fim do estudo. Essa teoria pode ser apresentada como um diagrama lógico, uma representação visual das relações entre os conceitos.

Exemplo 3.3 Uma teoria no fim de um estudo qualitativo

Usando um banco de dados nacional de 33 entrevistas com chefes de departamentos acadêmicos (Creswell e Brown, 1992), desenvolvemos uma teoria fundamentada inter-relacionando variáveis (ou categorias) da influência do chefe do departamento no desempenho acadêmico dos docentes. A seção da teoria apareceu como a última seção do artigo, na qual nos foi apresentado um modelo visual da teoria desenvolvida indutivamente a partir de categorias

de informações supridas pelos entrevistados. Além disso, também propusemos hipóteses direcionais que logicamente seguiam o modelo. Além disso, nas seções sobre o modelo e as hipóteses, comparamos os resultados dos participantes com resultados de outros estudos e especulações teóricas da literatura. Por exemplo, declaramos que:

Esta proposição e suas subproposições representam uma evidência pouco comum, até mesmo contrária, a nossas expectativas. Em contrário à proposição 2.1, esperávamos que os estágios de carreira fossem similares; não no tipo da questão, mas na série de questões. Em vez disso, descobrimos que as questões para os docentes após a aquisição de estabilidade cobriam quase todos os possíveis problemas da lista. Por que as necessidades dos docentes com estabilidade eram mais extensivas do que as daqueles ainda sem estabilidade? A literatura de produtividade da pesquisa sugere que o desempenho em pesquisa de uma pessoa não diminui com a aquisição da estabilidade (Holley, 1977). Talvez os objetivos de carreira difusos do docente com estabilidade expandam as possibilidades dos "tipos" de questões. Seja como for, essa subproposição concentra a atenção no grupo de carreira subestudado que Furniss (1981) nos recorda que deve ser examinado mais detalhadamente.

(Creswell e Brown, 1992, p. 58)

Como mostra esse exemplo, desenvolvemos um modelo visual que inter-relacionava as variáveis, derivamos indutivamente de comentários dos informantes e colocamos o modelo no final do estudo, onde as principais proposições nele encontradas podiam ser contrastadas com as teorias e a literatura existentes.

USO DA TEORIA DE MÉTODOS MISTOS

O uso da teoria nos estudos de métodos mistos pode incluir a teoria dedutivamente na testagem e verificação da teoria quantitativa, ou indutivamente, como na teoria ou padrão qualitativo emergente. A teoria de uma ciência social ou de uma ciência da saúde pode ser usada como uma estrutura a ser testada em uma abordagem quantitativa ou qualitativa da investigação. Outra maneira de pensar sobre a teoria na pesquisa de métodos mistos é como uma lente ou perspectiva teórica para guiar o estudo. Estão começando a emergir estudos que empregam projetos de métodos mistos usando uma lente para estudar gênero, raça ou

etnicidade, incapacidade, orientação sexual e outras bases de diversidade (Mertens, 2003).

Historicamente, a ideia de usar uma lente teórica na pesquisa de métodos mistos foi mencionada por Greene e Caracelli em 1997. Eles identificaram o uso de um *projeto transformativo* como uma forma distinta da pesquisa de métodos mistos. Esse projeto dava primazia à pesquisa orientada para ação, baseada no valor, como a pesquisa de ação participativa e as abordagens de capacitação. Nesse projeto, sugerem misturar os compromissos de valor das diferentes tradições (p. ex., a ausência de vieses da quantitativa e o acúmulo de vieses da qualitativa), o uso de métodos diversos e o enfoque em soluções de ação. A implementação dessas ideias na prática da pesquisa de métodos mistos tem sido atualmente desenvolvida por outros autores.

Mais informações sobre os procedimentos apareceram em um capítulo escrito por Creswell, Plano Clark, Gutmann e Hanson (2003). Eles identificaram o uso de perspectivas teóricas, tais como de gênero, feminista; cultural/racial/étnica; de estilo de vida; crítica; e de classe e *status* social. Essas perspectivas tornaram-se uma superposição aos projetos de métodos mistos (ver Capítulo 10). Também desenvolveram modelos visuais para retratar como essas lentes podem proporcionar uma perspectiva de orientação para um estudo de métodos mistos. Mertens (2003) continuou a discussão. Conforme está esboçado no Quadro 3.1, ela defendeu a importância de uma lente teórica na pesquisa de métodos mistos. Ao detalhar um paradigma transformativo-emancipatório e os procedimentos específicos, ela enfatizou o papel que os valores desempenhavam no estudo das questões feministas, étnicas/raciais e de incapacidade. Sua teoria transformativa foi um termo abrangente para a pesquisa emancipatória, antidiscriminatória, participativa, freiriana, feminista, racial/étnica, para indivíduos portadores de incapacidades e para todos os grupos marginalizados.

Mertens identifica as implicações dessas teorias transformativas para a pesquisa de métodos mistos. Elas envolvem a integração da metodologia transformativa-emancipatória em todas as fases do processo de pesquisa. Lendo-se, do início ao fim, as questões apresentadas no Quadro 3.2, adquire-se uma percepção da importância de se estudar questões de discriminação e opressão e de reconhecer a diversidade entre os participantes do estudo. Essas questões também se referem a tratar os indivíduos de maneira respeitosa por meio da reunião e comunicação da coleta de dados e do relato de resultados que conduzam a mudanças nos processos e relacionamentos sociais.

Quadro 3.2 Questões transformativas-emancipatórias para os pesquisadores de métodos mistos em todo o processo da pesquisa

Definição do Problema e Busca na Literatura
<ul style="list-style-type: none"> • Você buscou deliberadamente na literatura preocupações de diferentes grupos e questões de discriminação e opressão? • A definição do problema surgiu da comunidade de interesse? • Sua abordagem de métodos mistos surgiu de despendar tempo de qualidade com essas comunidades? (isto é, desenvolvendo confiança? Utilizando outra estrutura teórica adequada além de um modelo de déficit? Desenvolvendo questões equilibradas – positivas e negativas? Desenvolvendo questões que conduzissem a respostas transformativas, como questões concentradas na autoridade e nas relações de poder em instituições e comunidades?)
Identificação do Projeto de Pesquisa
<ul style="list-style-type: none"> • Seu projeto de pesquisa nega tratamento a algum grupo e respeita as considerações éticas dos participantes?
Identificação das Fontes de Dados e Seleção dos Participantes
<ul style="list-style-type: none"> • Os participantes dos grupos estão associados a discriminação e opressão? • Os participantes estão adequadamente classificados? • O que pode ser feito para melhorar a inclusividade da amostra para aumentar a probabilidade de grupos tradicionalmente marginalizados ser representados de maneira adequada e precisa?
Identificação ou Construção de Instrumentos e Métodos de Coleta de Dados
<ul style="list-style-type: none"> • O processo e os resultados da coleta de dados beneficiarão a comunidade que está sendo estudada? • Os resultados de pesquisa podem ser dignos de crédito para essa comunidade? • A comunicação com essa comunidade será efetiva? • A coleta de dados abrirá caminhos para a participação no processo de mudança social?
Análise, Interpretação, Relato e Uso dos Resultados
<ul style="list-style-type: none"> • Os resultados levantarão novas hipóteses? • A pesquisa examinará subgrupos (isto é, análises de níveis múltiplos) para analisar o impacto diferencial sobre diferentes grupos? • Os resultados ajudarão a entender e a elucidar as relações de poder? • Os resultados facilitarão a mudança social?

Fonte: Adaptada de D.M. Mertens (2003), "Mixed Methods and the Politics of Human Research: The Transformative-Emancipatory Perspective", em A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of Mixed Methods in the Social & Behavioral Sciences*. Adaptação autorizada.

Exemplo 3.4 *A teoria em um estudo de métodos mistos transformativo-emancipatório*

Hopson, Lucas e Peterson (2000) estudaram as dificuldades em uma comunidade urbana, predominantemente afro-americana, portadora de HIV/AIDS. Consistentes com uma estrutura transformativa-emancipatória, eles examinaram a linguagem dos participantes com HIV/AIDS dentro do contexto social dos participantes. Primeiro conduziram 75 entrevistas etnográficas abertas, para identificar os "temas da linguagem" (p. 31), tais como culpa, controle e aceitação ou não aceitação. Também coletaram 40 entrevistas semiestruturadas, as quais tratavam das características demográficas, de rotina diária, uso de drogas, conhecimento dos riscos de HIV/AIDS e características sociocomportamentais de uso de drogas e sexuais. A partir desses dados qualitativos, os autores usaram os conceitos e as questões para refinar as questões de acompanhamento, incluindo o projeto de um instrumento de pós-intervenção quantitativo. Os autores sugeriram que as abordagens de capacitação na avaliação podem ser úteis, com os pesquisadores ouvindo as vozes de pessoas reais e reagindo ao que dizem os participantes do programa.

O projeto desse estudo deu "primazia às dimensões baseadas nos valores e orientadas para a ação de diferentes tradições de investigação" (Greene e Caracelli, 1997, p. 24) em um estudo de métodos mistos. Os autores usaram uma lente teórica para reconfigurar a linguagem e o diálogo dos participantes e sugeriram a importância da capacitação na pesquisa.

Ao utilizar uma teoria em uma proposta de métodos mistos

- Determine se uma teoria será usada.
- Identifique seu uso segundo as abordagens quantitativa ou qualitativa.
- Se a teoria for usada como em uma estratégia transformacional de investigação, defina essa estratégia e discuta os pontos no estudo proposto em que serão usadas as ideias emancipatórias.

RESUMO

A teoria tem um lugar na pesquisa quantitativa, qualitativa e de métodos mistos. Os pesquisadores usam a teoria em um estudo quantitativo para proporcionar uma explicação ou uma previsão sobre a relação entre as variáveis no estudo. Por isso, é essencial haver fundamentação na natureza e no uso das variáveis, pois eles formam as questões e as hipóteses

da pesquisa. Uma teoria explica como e por que as variáveis estão relacionadas, atuando como uma ponte entre as variáveis. A teoria pode ser ampla ou estreita em seu escopo, e os pesquisadores declaram suas teorias de várias maneiras, tais como uma série de hipóteses, de declarações lógicas se-então ou de modelos visuais. Usando as teorias dedutivamente, os investigadores as propõem no início do estudo, na revisão da literatura. Também as incluem com as hipóteses ou questões de pesquisa ou as colocam em uma seção à parte. Um roteiro pode ajudar a planejar a seção da teoria para uma proposta de pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, os investigadores empregam a teoria como uma explicação ampla, muito parecido com o que ocorre na pesquisa quantitativa, assim como nas etnografias. Pode também ser usada uma lente ou perspectiva teórica que levante questões relacionadas a gênero, classe, raça ou a alguma combinação destes. A teoria também aparece como uma conclusão de um estudo qualitativo, uma teoria gerada, um padrão ou uma generalização que emerge indutivamente da coleta e análise dos dados. Os teóricos fundamentados, por exemplo, geram uma teoria fundamentada nos pontos de vista dos participantes e a colocam como a conclusão de seus estudos. Alguns estudos qualitativos não incluem uma teoria explícita e apresentam a pesquisa descritiva do fenômeno central.

Os pesquisadores de métodos mistos usam a teoria dedutiva (como na pesquisa quantitativa) ou indutivamente (como na pesquisa qualitativa). Os autores também estão começando a identificar o uso de lentes ou perspectivas teóricas (p. ex., relacionadas ao gênero, estilo de vida, raça/etnicidade e classe) em seus estudos de métodos mistos. Um projeto transformativo-emancipatório incorpora essa perspectiva, e desenvolvimentos recentes têm identificado procedimentos para incorporá-la em todas as fases do processo de pesquisa.

Exercícios de Redação

1. Escreva uma seção de perspectiva teórica para seu plano de pesquisa seguindo o roteiro para uma discussão da teoria quantitativa apresentada neste capítulo.
2. Para uma proposta quantitativa que você está planejando, monte um modelo visual das variáveis na teoria usando os procedimentos para o projeto de modelo causal propostos neste capítulo.
3. Localize artigos de revistas qualitativos que (a) usem uma teoria *a priori* que seja modificada durante o processo de pesquisa, (b) gere ou desenvolva

uma teoria no final do estudo e (c) represente a pesquisa descritiva sem o uso de um modelo teórico explícito.

4. Localize um estudo de métodos mistos que use uma lente teórica, como uma perspectiva feminista, étnica/racial ou de classe. Identifique especificamente como as lentes moldam os passos seguidos no processo da pesquisa, usando o Quadro 3.2 como guia.

LEITURAS ADICIONAIS

Flinders, D. J. & Mills, G. E. (Eds.). (1993). *Theory and concepts in qualitative research: Perspectives from the field*. Nova York: Teachers College Press. Teachers College, Columbia University.

David Flinders e Geoffrey Mills editaram um livro sobre as perspectivas do campo – “a teoria em ação” – como são descritas por diferentes pesquisadores qualitativos. Os capítulos ilustram pouco consenso sobre a definição da teoria e se ela é um vício ou uma virtude. Além disso, a teoria opera em muitos níveis na pesquisa, como teorias formais, teorias epistemológicas, teorias metodológicas e metateorias. Dada essa diversidade, é melhor ver a teoria atual em ação nos estudos qualitativos, e esse volume ilustra a prática a partir da crítica pessoal, formal e educacional.

Mertens, D. M. (2003). “Mixed methods and the politics of human research: The transformative-emancipatory perspective”. In A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed methods in social & behavioral research* (p. 135-164). Thousand Oaks, CA: Sage.

Donna Mertens reconhece que, historicamente, os métodos de pesquisa não estão preocupados com as questões da política da pesquisa humana e da justiça social. Seu capítulo explora o paradigma transformativo-emancipatório da pesquisa como uma estrutura ou lente para a pesquisa de métodos mistos como tendo emergido de acadêmicos de diferentes grupos étnicos/raciais, pessoas portadoras de incapacidades e feministas. Um aspecto singular de seu capítulo é o modo como ela entrelaça esse paradigma do pensamento com os passos no processo de condução da pesquisa de métodos mistos.

Thomas, G. (1997). What’s the use of theory? *Harvard Educational Review*, 67(1), p. 75-104.

Gary Thomas apresenta uma crítica criteriosa do uso da teoria na investigação educacional. Ele comenta as várias definições da teoria e mapeia quatro usos amplos da teoria: (a) como pensamento e reflexão, (b) como hipóteses mais rígidas ou mais frouxas, (c) como explicações para se adicionar conhecimento em diferentes campos e (d) como declarações formalmente expressadas na ciência. Tendo comentado tais usos, ele então abraça a tese de que a teoria estrutura e restringe desnecessariamente o pensamento. Em vez disso, as ideias deveriam estar em um fluxo constante e deveriam ser *ad hoc*, como foi caracterizado por Toffler.

4

Estratégias de Redação e Considerações Éticas

Antes de preparar uma proposta, é importante ter uma ideia da estrutura ou um esboço geral dos tópicos e de sua ordem. A estrutura vai diferir dependendo de você estar escrevendo um projeto quantitativo, qualitativo ou de métodos mistos. Outra consideração geral é conhecer boas práticas de redação que irão ajudá-lo na composição de uma proposta (e projeto de pesquisa) consistente e extremamente legível. Durante todo o projeto, é importante se envolver nas práticas éticas e prever as questões éticas que poderão surgir. Este capítulo apresenta esboços para a estrutura geral das propostas, das práticas de redação que as tornarão legíveis e das questões éticas que precisam ser consideradas quando as propostas são escritas.

ESCREVENDO A PROPOSTA

As seções em uma proposta

Convém considerar os tópicos que serão abordados em uma proposta. Todos os tópicos precisam estar inter-relacionados e proporcionar um quadro coeso de todo o projeto. Um esboço é útil, mas os tópicos vão diferir dependendo de a proposta ser para um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos. Neste capítulo, proponho esboços para as seções de uma proposta e também uma visão geral do processo. Nos capítulos seguintes, as seções serão detalhadas.

No geral, entretanto, há argumentos centrais que estruturam qualquer proposta. Eles são introduzidos por Maxwell (2005) como nove argumentos centrais. Eu os coloco aqui como questões a serem tratadas em uma proposta acadêmica.

1. O que os leitores precisam para entender melhor seu tópico?
2. O que os leitores pouco conhecem em relação a seu tópico?
3. O que você se propõe estudar?
4. Qual é o ambiente e quem são as pessoas que você vai estudar?
5. Quais são os métodos você planeja utilizar para proporcionar os dados?
6. Como você vai analisar os dados?
7. Como vai validar seus resultados?
8. Quais são as questões éticas seu estudo vai apresentar?
9. O que os estudos preliminares mostram sobre a viabilidade e valor do estudo proposto?

Essas nove questões, se adequadamente abordadas em uma seção para cada pergunta, constituem a base da boa pesquisa e podem proporcionar a estrutura geral para uma proposta. A inclusão de validação de resultados, as considerações éticas (que serão mencionadas resumidamente), a necessidade de resultados preliminares e as primeiras evidências de importância prática concentram a atenção do leitor nos elementos-chave com frequência negligenciados nas discussões sobre projetos propostos.

Roteiro para uma proposta qualitativa

À luz desses pontos, proponho dois roteiros alternativos. O Exemplo 4.1 foi extraído de uma perspectiva construtivista/interpretivista, enquanto o Exemplo 4.2 foi mais baseado em um modelo reivindicatório/participatório da pesquisa qualitativa.

Exemplo 4.1 Um roteiro construtivista/interpretivista qualitativo

Introdução

Descrição do problema (incluindo a literatura existente sobre o problema, a importância do estudo)

O propósito do estudo e como o estudo será delimitado

As questões da pesquisa

Procedimentos

Suposições filosóficas da pesquisa qualitativa

Estratégia da pesquisa qualitativa

Papel do pesquisador

Procedimentos de coleta dos dados

Estratégias para validação dos resultados

Estrutura narrativa proposta do estudo

Questões éticas previstas

Resultados pilotos preliminares (se disponíveis)

Resultados esperados

Apêndices: Perguntas da entrevista, formulários observacionais, cronograma e orçamento proposto.

Nesse exemplo, o escritor inclui apenas duas seções importantes: a introdução e os procedimentos. Pode ser incluída uma revisão da literatura, mas isso é opcional e, como foi discutido no Capítulo 3, a literatura pode estar incluída em maior extensão no final do estudo ou na esperada seção dos resultados. Acrescentei seções que à primeira vista podem parecer pouco comuns. A realização de um cronograma para o estudo e a apresentação de um orçamento proporcionam informações úteis para os comitês de pós-graduação, embora tais seções não sejam tipicamente encontradas nos esboços das propostas.

Exemplo 4.2 Um roteiro qualitativo reivindicatório/participatório

Introdução

Declaração do problema (incluindo a questão reivindicatória/participatória que está sendo tratada, a literatura existente sobre o problema e a importância do estudo)

O propósito do estudo e as delimitações do estudo

As questões da pesquisa

Procedimentos

Suposições filosóficas da pesquisa qualitativa

Estratégia da pesquisa qualitativa

O papel do pesquisador

Procedimentos de coleta de dados (incluindo as abordagens colaborativas usadas com os participantes)

Procedimentos de registro dos dados

Procedimentos de análise dos dados

Estratégias para a validação dos resultados

Estrutura narrativa

Questões éticas previstas

Importância do estudo

Resultados pilotos preliminares (se disponíveis)

Mudanças reivindicatórias/participatórias esperadas

Apêndices: Perguntas da entrevista, formulários observacionais, cronograma e orçamento proposto

Esse roteiro é similar ao do construtivista/interpretivista, exceto pelo fato de que o investigador identifica uma questão reivindicatória/participatória específica que está sendo explorada no estudo (p. ex., marginalização, capacitação), propõe uma forma colaborativa de coleta dos dados e menciona as mudanças previstas que o estudo de pesquisa provavelmente acarretará.

Roteiro para uma proposta quantitativa

Para um estudo quantitativo, o roteiro obedece às seções tipicamente encontradas nos estudos quantitativos relatados em artigos de periódicos. A forma, em geral, acompanha um modelo com introdução, revisão de literatura, métodos, resultados e discussão. Ao planejar um estudo quantitativo e elaborar uma proposta de dissertação, considere o seguinte roteiro para traçar o plano geral (ver Exemplo 4.3).

O Exemplo 4.3 é um roteiro padrão para um estudo de ciências sociais, embora a ordem das seções, especialmente na introdução, possa variar de um estudo para outro (ver, por exemplo, Miller, 1991; Rudestam e Newton, 2007). Esse exemplo é um modelo útil para a elaboração das seções de um plano de dissertação ou do delineamento dos tópicos para um estudo acadêmico.

Exemplo 4.3 Um roteiro quantitativo**Introdução**

Descrição do problema (questão, importância da questão)

Objetivo do estudo e suas delimitações

Perspectiva teórica

Questões ou hipóteses da pesquisa

Revisão da literatura**Métodos**

Tipo de projeto de pesquisa

População, amostra e participantes

Instrumentos, variáveis e materiais de coleta de dados

Procedimentos de análise dos dados

Questões éticas previstas no estudo

Estudos preliminares ou testes-piloto

Apêndices: Instrumentos, cronograma e orçamento proposto

Roteiro para uma proposta de métodos mistos

Em um roteiro de projeto de métodos mistos, o pesquisador reúne abordagens que estão incluídas nos roteiros quantitativo e qualitativo (ver Creswell e Plano Clark, 2007). Um exemplo de tal roteiro aparece no Exemplo 4.4 (adaptado de Creswell e Plano Clark, 2007).

Exemplo 4.4 Um roteiro de métodos mistos**Introdução**

O problema da pesquisa

As pesquisas anteriores sobre o problema

Deficiências das pesquisas anteriores e deficiência relacionada à necessidade de coletar tanto dados quantitativos quanto qualitativos

O público que vai se beneficiar do estudo

Propósito

O propósito ou objetivo do estudo do projeto e as razões para um estudo de métodos mistos

As questões e as hipóteses da pesquisa (questões ou hipóteses quantitativas, questões qualitativas, questões de métodos mistos)

Bases filosóficas para o uso da pesquisa de métodos mistos

Revisão da literatura (revisão de estudos quantitativos, qualitativos e de métodos mistos)

Métodos

Uma definição da pesquisa de métodos mistos

O tipo de projeto usado e sua definição

Desafios no uso desse projeto e como eles serão abordados

Exemplos do uso desse tipo de projeto

Referência e inclusão de um diagrama visual

Coleta e análise dos dados quantitativos

Coleta e análise dos dados qualitativos

Procedimentos de análise dos dados de métodos mistos

Abordagens de validação na pesquisa quantitativa e na qualitativa

Recursos e habilidades do pesquisador
 Questões éticas potenciais
 Cronograma para a realização do estudo
 Referências e apêndices com instrumentos, protocolos, recursos visuais

Esse roteiro mostra que o pesquisador apresenta tanto uma declaração do propósito quanto questões de pesquisa para componentes quantitativos e qualitativos, assim como para componentes mistos. É importante especificar no início da proposta as razões para o uso da abordagem de métodos mistos e identificar os elementos-chave do projeto, como o tipo de estudo de métodos mistos, um quadro visual dos procedimentos e os procedimentos de coleta e análise dos dados tanto quantitativos quanto qualitativos.

Planejamento das seções de uma proposta

Seguem-se várias **dicas de pesquisa** que dou aos alunos sobre o planejamento da estrutura geral de uma proposta.

- Especificar as seções no início do planejamento de uma proposta. Trabalhar em uma seção frequentemente suscita ideias para outras seções. Primeiro desenvolva um esboço e depois escreva rapidamente algo para cada seção, para colocar as ideias no papel. A seguir aperfeiçoe as seções quando considerar em maiores detalhes as informações que devem aparecer em cada uma.

- Encontre propostas que outros alunos já tenham realizado com seu orientador e observe-as atentamente. Peça a seu orientador cópias das propostas que ele tenha gostado mais e percebido como bons produtos acadêmicos. Estude os tópicos abordados e sua ordem, assim como o nível de detalhes utilizado na redação da proposta.

- Determine se seu programa ou instituição oferece um curso sobre o desenvolvimento da proposta ou sobre algum tópico similar. Muito frequentemente esse curso será útil como sistema de apoio para seu projeto e também para conhecer indivíduos que possam reagir a suas ideias propostas à medida que elas se desenvolvem.

- Sente-se com seu orientador e examine o formato preferido por ele para uma proposta. A ordem das seções encontradas nos artigos de periódicos publicados podem não proporcionar as informações desejadas por seu orientador ou comissão de pós-graduação.

A REDAÇÃO DAS IDEIAS

Com o passar dos anos, colecionei livros sobre como escrever, e normalmente tenho um novo que estou lendo enquanto trabalho nos meus projetos de pesquisa. Enquanto trabalho nesta terceira edição, estou lendo *Reading Like a Writer*, de Francine Prose (2006). Lendo livros como este, sou constantemente lembrado dos bons princípios da escrita, os quais precisam ser incluídos ao que escrevo sobre pesquisa. Meus livros abrangem um amplo espectro, desde livros de negócios profissionais até livros de escrita acadêmica. Nessa seção, extraí as ideias-chave que para mim foram importantes, encontradas nos muitos livros de escrita interessantes que tenho utilizado.

Uma característica dos escritores inexperientes é que preferem discutir seu estudo proposto em vez de escrever sobre ele. Recomendo o seguinte:

- *No início do processo de pesquisa, anote as ideias em vez de falar sobre elas.* Os especialistas em redação escrevem enquanto pensam (Bailey, 1984). Zinsser (1983) discute a necessidade de tirarmos as ideias de nossas mentes e colocá-las no papel. Os orientadores reagem melhor quando leem as ideias no papel do que quando ouvem e discutem um tópico de pesquisa com um aluno ou colega. Quando um pesquisador coloca as ideias no papel, um leitor pode visualizar o produto final, realmente ver como ele se parece e começar a esclarecer as ideias. O conceito de trabalhar as ideias no papel tem funcionado bem para muitos escritores experientes. Antes de planejar uma proposta, delineie uma ou duas páginas sobre a visão geral de seu projeto e solicite a seu orientador a aprovação do direcionamento de seu estudo proposto. Esse esboço pode conter as informações essenciais: o problema de pesquisa que está sendo abordado, o propósito do estudo, as questões fundamentais que serão formuladas, a fonte dos dados e a importância do projeto para diferentes públicos. Pode também ser útil esboçar várias declarações de uma ou duas páginas sobre diferentes tópicos e ver qual seu orientador gosta mais e sente que seria a melhor contribuição para seu campo.

- *Faça vários esboços de uma proposta em vez de tentar polir o primeiro esboço.* É esclarecedor ver no papel como as pessoas pensam. Zinsser (1983) identificou dois tipos de escritores: os “pedreiros”, que compõem cada parágrafo antes de partir para o próximo parágrafo, e o escritor que “deixa todas as ideias expostas como elas surgem no primeiro esboço”, que escreve todo o primeiro esboço sem se importar se ele parece desmazelado ou se está mal-escrito. Entre os dois está alguém como Peter Elbow (Elbow, 1973), o qual recomenda que se deve prosseguir pelo processo repetitivo

da escrita, revendo e reescrevendo. Ele cita este exercício: se tiver apenas uma hora para escrever uma passagem, escreva quatro esboços (um a cada 15 minutos) em vez de apenas um esboço durante uma hora (normalmente nos últimos 15 minutos). Os pesquisadores mais experientes escrevem o primeiro esboço de maneira cuidadosa, mas não buscam um texto polido; o polimento vem relativamente tarde no processo da escrita.

• *Não edite sua proposta na fase do primeiro esboço.* Em vez disso, considere os três modelos de Franklin (1986), que tenho achado útil no desenvolvimento das propostas e em minha redação acadêmica:

1. Primeiro, desenvolva um esboço – pode ser o esboço ou um mapa visual de uma frase ou palavra.
2. Escreva um rascunho e depois modifique e selecione as ideias, movendo parágrafos inteiros no manuscrito.
3. Finalmente, edite e dê polimento a cada sentença.

O hábito de escrever

Estabeleça a disciplina ou o **hábito de escrever** de uma maneira regular e contínua em sua proposta. Embora pôr de lado por algum tempo um esboço terminado de sua proposta possa proporcionar alguma perspectiva para examinar seu trabalho antes do polimento final, um processo de escrita de começar-e-parar com frequência quebra o fluxo do trabalho. Pode transformar um pesquisador bem intencionado no que chamo de um escritor de fim-de-semana, um indivíduo que só tem tempo para trabalhar na pesquisa nos fins-de-semana, depois que todo o trabalho “importante” da semana tiver sido realizado. O trabalho contínuo na proposta significa escrever algo todos os dias, ou pelo menos estar envolvido diariamente no processo de pensar, coletar informações e rever o que vai entrar no manuscrito e na produção da proposta.

Escolha para trabalhar na proposta o período do dia melhor para você, e então use a disciplina para escrever todos os dias nesse período. Escolha um lugar isento de distrações. Boice (1990, p. 77-78) oferece ideias para estabelecer bons hábitos de escrita:

- Com a ajuda do princípio da prioridade, faça do ato de escrever uma atividade diária, independentemente de seu humor, independentemente de sua disposição para escrever.
- Se você acha que não tem tempo para escrever regularmente, comece fazendo um esquema das suas atividades para uma ou duas

semanas em blocos de meia-hora. Provavelmente vai encontrar um tempo para escrever.

- Escreva quando estiver bem-disposto.
- Evite escrever em “repentes”.
- Escreva em quantidades pequenas e regulares.
- Programe as tarefas de redação de forma que você a planeje trabalhar em unidades de escrita específicas e administráveis em cada sessão.
- Mantenha gráficos diários. Represente por meio deles pelo menos três coisas: (a) tempo despendido escrevendo, (b) equivalentes de páginas terminadas e (c) percentagem de tarefa planejada realizada.
- Planeje além dos objetivos diários.
- Compartilhe seus escritos com amigos solidários e construtivos até se sentir pronto para torná-los públicos.
- Tente trabalhar concomitantemente em dois ou três projetos de escrita para não ficar sobrecarregado por um único projeto.

Também é importante reconhecer que redigir é um processo que transcorre devagar e que um escritor precisa estar tranquilo para escrever. Como o corredor que se alonga antes de uma corrida, o escritor necessita de exercícios de aquecimento tanto para a mente quanto para os dedos. Algumas atividades relaxantes de redação, como escrever uma carta para um amigo, colocar uma série de ideias no computador, ler algum bom material escrito ou decorar um poema favorito, pode tornar mais fácil a tarefa real da escrita. Isso me recorda do “período de aquecimento” de John Steinbeck (1969, p. 42), descrito em detalhes em *Journal of a Novel: The East of Eden Letters*. Steinbeck iniciava cada dia escrevendo uma carta para seu editor e grande amigo Pascal Covici, em um grande caderno de anotações fornecido por Covici.

Outros exercícios também podem se mostrar úteis como aquecimento. Carroll (1990) fornece exemplos de exercícios para melhorar o controle de um escritor em passagens descritivas e emotivas:

- Descreva um objeto por suas partes e dimensões, sem imediatamente dizer ao leitor o nome desse objeto.
- Escreva uma conversa entre duas pessoas sobre um tema dramático ou intrigante.
- Escreva um conjunto de orientações para uma tarefa complicada.
- Escolha um tema e escreva sobre ele de três maneiras diferentes (p. 113-116).

Este último exercício parece apropriado para pesquisadores qualitativos, que analisam seus dados para códigos e temas múltiplos (ver o Capítulo 9 para a análise de dados qualitativos).

Considere também os implementos de escrita e a localização física que auxiliam o processo da redação disciplinada. Os implementos – um computador, um bloco de papel tamanho ofício, a caneta favorita, um lápis, até mesmo café e salgadinhos (Wolcott, 2001) – oferecem ao escritor opções para se sentir confortável quando estiver escrevendo. O ambiente físico também pode ajudar. Annie Dillard, romancista vencedora do prêmio Pulitzer, evitava locais de trabalho atrativos:

Gosto de um local sem nenhuma vista, para que a imaginação consiga encontrar a memória no escuro. Quando mobiliei meu escritório, há sete anos, coloquei minha mesa contra uma parede branca, de modo que não pudesse olhar por janela alguma. Certa vez, há 15 anos, escrevi em uma pequena sala de tijolos de concreto sobre um estacionamento. Ele dava para um telhado de piche e cascalho. Esta cabana de pinho sob árvores não é tão boa quanto o escritório de tijolos de concreto, mas vai funcionar. (Dillard, 1989, p. 26-27).

Legibilidade do manuscrito

Antes de começar a elaborar uma proposta, considere como você vai melhorar sua legibilidade para as outras pessoas. O *Publication Manual* da APA (2001) discute uma apresentação sistemática, mostrando as relações entre as ideias e pelo uso de conectivos. Além disso, é importante utilizar termos consistentes e apresentar uma preparação e uma previsão das ideias e coerência integrados ao plano.

- Use *termos consistentes* durante toda a proposta. Use o mesmo termo cada vez que uma variável for mencionada em um estudo quantitativo ou que um fenômeno central for mencionado em um estudo qualitativo. Evite usar sinônimos para esses termos, um problema que faz o leitor ter de se esforçar para compreender o significado das ideias e monitorar mudanças sutis no significado.

- Considere como ideias de diferentes tipos orientam um leitor. Esse conceito foi proposto por Tarshis (1982), o qual recomendou que os escritores preparassem as ideias para orientar os leitores. Elas eram de quatro tipos:

1. Ideias abrangentes – as ideias gerais ou básicas que a pessoa está tentando explicar

2. Grandes ideias na escrita – ideias ou imagens específicas que recaem no âmbito dos pensamentos abrangentes e servem para reforçar, clarificar ou elaborar os pensamentos abrangentes
3. Pequenas ideias – ideias ou imagens cuja principal função é reforçar as grandes ideias
4. Ideias que atraem atenção ou interesse – ideias cujos propósitos são manter o leitor no rumo certo, organizar as ideias e manter a atenção de um indivíduo

Os pesquisadores iniciantes parecem ter mais problemas com os pensamentos abrangentes e os que atraem atenção. Uma proposta pode incluir demasiadas ideias abrangentes, com o conteúdo insuficientemente detalhado para corroborar grandes ideias. Isso pode ocorrer em uma revisão da literatura, na qual o pesquisador precisa apresentar menos seções menores e mais seções maiores para vincular grandes corpos de literatura. Um sinal claro desse problema é uma mudança contínua de ideias de uma ideia importante para outra em um manuscrito. Com frequência, veem-se apenas parágrafos curtos nas introduções das propostas, como aqueles escritos por jornalistas em artigos jornalísticos. Pensar em termos de uma narrativa detalhada para corroborar ideias abrangentes pode ajudar a solucionar este problema.

Ideias que atraíam atenção, que apresentam declarações organizacionais para orientar o leitor, também são necessárias. Os leitores precisam de sinais para orientá-los de uma ideia principal para a seguinte (os Capítulos 6 e 7 deste livro discutem sinais importantes na pesquisa, como declarações de propósito e questões e hipóteses da pesquisa). Um parágrafo de organização é com frequência útil no início e no fim das revisões de literatura. Os leitores precisam enxergar a organização geral das ideias ao longo dos parágrafos introdutórios e ser informados dos pontos de maior destaque que devam se lembrar em um resumo.

- Utilize a *coerência* para aumentar a legibilidade do manuscrito. **Coerência na escrita** significa que as ideias se vinculam e fluem logicamente de uma sentença para outra e de um parágrafo para outro. Por exemplo, a repetição dos nomes da mesma variável no título, a declaração do propósito, as questões da pesquisa e a revisão dos tópicos da literatura em um projeto quantitativo ilustram esse pensamento. Essa abordagem confere coerência ao estudo. Enfatizar uma ordem consistente quando as variáveis independentes e dependentes são mencionadas também reforça essa ideia.

Em um nível mais detalhado, a coerência é construída por meio da conexão das sentenças e dos parágrafos no manuscrito. Zinsser (1983) sugere que toda sentença deve ser uma sequência lógica daquela que a precede. O objetivo do exercício de setas e círculos (Wilkinson, 1991) é útil para conectar os pensamentos de uma sentença para outra e de um parágrafo para outro.

A passagem que segue, extraída de um esboço da proposta de um aluno mostra um alto nível de coerência. Ela pertence à seção introdutória de um projeto de dissertação qualitativo sobre alunos em risco. Nessa passagem, tomei a liberdade de traçar setas e círculos para conectar as ideias de uma sentença para outra e de um parágrafo para outro. Como foi mencionado anteriormente, o objetivo do exercício de setas e círculos (Wilkinson, 1991) é conectar os principais pensamentos de cada sentença e parágrafo. Se essa conexão não puder ser facilmente realizada, a passagem escrita fica sem coerência, as ideias e os tópicos ficam deslocados, e o escritor precisa adicionar palavras, expressões ou sentenças de transição para estabelecer uma conexão clara.

Em minhas aulas de desenvolvimento de proposta, apresento uma passagem de uma introdução a uma proposta e peço aos alunos para conectarem as sentenças usando círculos para as ideias principais e setas para conectar essas ideias principais de uma sentença para outra. É importante que o leitor encontre coerência em uma proposta desde a primeira página. Primeiro dou a meus alunos uma passagem sem marcação e, posteriormente, depois do exercício, forneço uma passagem marcada. Como a ideia principal de uma sentença deve estar conectada com uma ideia fundamental na sequência seguinte, eles precisam marcar essa relação na passagem. Se as sentenças não se conectarem, estão faltando conectivos que precisam ser inseridos. Também peço aos alunos que se certifiquem de que, assim como as sentenças individuais, os parágrafos também estejam conectados com setas e círculos.

Exemplo 4.5 Uma ilustração da técnica de setas e círculos

Eles se sentam no fundo da sala, não porque querem, mas porque foi o lugar que lhes foi designado: As barreiras invisíveis que existem na maioria das salas de aula dividem a sala e separam os alunos. Na frente da sala, estão os "bons" alunos, que esperam com suas mãos prontas para levantar quando for o momento. Com uma postura relaxada, como insetos gigantes presos em armadilhas educacionais, os atletas e seus adeptos ocupam o centro da sala. Aqueles menos seguros de si e da sua posição na sala sentam-se atrás e à margem do corpo dos alunos.

Os alunos sentados no círculo de fora compõem uma população que, por uma série de razões, não é bem-sucedida no sistema de educação pública americana. Eles têm sido sempre parte da população de alunos. No passado, eles foram chamados de incapazes, deficientes, retardados, pouco dotados, atrasados e de vários outros nomes (Cuban, 1989; Presselsen, 1988). Hoje em dia, são chamados de alunos em risco. Seus rostos estão mudando e nos ambientes urbanos seus números estão aumentando (Hodgkinson, 1985).

Nos últimos oito anos, tem havido uma quantidade sem precedentes de pesquisa sobre a necessidade de excelência na educação e o aluno em risco. Em 1983, o governo lançou um documento intitulado *A Nation At-Risk*, o qual identificava os problemas no sistema educacional americano e requeria uma importante reforma. Grande parte da reforma inicial concentrava-se em processos de estudo mais vigorosos e em padrões mais elevados de realização do aluno (Barber, 1987). Em meio à atenção à excelência, ficou claro que as necessidades do aluno marginal não estavam sendo satisfeitas. A questão do que teria de ser feito para garantir que todos os alunos tivessem uma oportunidade justa de uma educação de qualidade estava recebendo pouca atenção (Hamilton, 1987; Toch, 1984). A medida que aumentou a pressão por excelência na educação, tornaram-se mais aparentes as necessidades do aluno em risco.

Grande parte da pesquisa inicial se concentrou na identificação das características do aluno em risco (OERI, 1987; Barber e McClellan, 1987; Hahn, 1987; Rumberger, 1987), enquanto outros na pesquisa educacional reivindicavam reforma e desenvolviam programas para alunos em risco (Mann, 1987; Presselsen, 1988; Wheelage, 1988; Wheelage e Lipman, 1988; Stockinski, 1991; e Levin, 1991). Estudos e pesquisas sobre esse tópico incluíram especialistas no campo da educação, dos negócios e da indústria, assim como muitas agências governamentais.

Embora tenha havido progresso na identificação das características dos alunos em risco e no desenvolvimento de programas para atender suas necessidades, a essência da questão em risco continua a castigar o sistema escolar americano. Alguns educadores acreditam que não precisamos de mais pesquisa (DeBlois, 1989; Mann, 1987; Wheelage, 1988). Outros reivindicam uma rede mais forte entre os negócios e a educação (DeBlois, 1989; Mann, 1987; Wheelage, 1988). Outros ainda reivindicam uma reestruturação total do nosso sistema educacional (OERI, 1987; Gainer, 1987; Levin, 1988; McCune, 1988).

Depois de toda a pesquisa e estudos realizados por especialistas, ainda temos alunos que continuam à margem da educação. A singularidade deste estudo vai mudar o foco das causas e do currículo para o aluno. Chegou a hora de questionar alunos e de ouvir suas respostas. Essa dimensão acrescentada deve trazer maior entendimento à pesquisa disponível e conduzir a mais áreas de reforma. Aqueles que abandonaram os estudos e potenciais alunos propensos a abandonar os estudos serão entrevistados em profundidade para descobrir se há fatores comuns no ambiente da escola pública que interferiram com seu processo de aprendizagem. Essas informações deverão ser úteis tanto para o pesquisador que vai continuar a buscar novas abordagens na educação quanto para o profissional que trabalha cotidianamente com esses alunos.

A voz, o tempo verbal e os “excessos”

Do trabalho com pensamentos amplos e parágrafos, passo ao nível das sentenças e palavras escritas. Questões similares de gramática e construção de frases estão tratadas no *Publication Manual* da APA (2001), mas incluo essa seção para destacar algumas questões gramaticais comuns que tenho observado nas propostas dos alunos e em minha própria escrita.

Meus pensamentos estão direcionados para o nível de polimento da escrita, para usar o termo de Franklin (1986). É uma etapa abordada no final do processo de redação. Pode-se encontrar uma abundância de livros de redação sobre a escrita de pesquisa e a escrita literária, com regras e princípios a serem seguidos relacionados à boa sintaxe e à escolha lexical. Por exemplo, Wolcott (2001), um etnógrafo qualitativo, fala sobre o aprimoramento das habilidades editoriais para eliminar palavras desnecessárias, não utilizar a voz passiva, reduzir os adjetivos, eliminar as expressões excessivamente usadas e reduzir o excesso de citações, o uso de itálicos e os comentários entre parênteses. As ideias adicionais que seguem sobre a voz ativa, o tempo verbal e a redução dos “excessos” podem fortalecer e revigorar a redação acadêmica para as propostas de dissertações e teses.

- Use o máximo possível a voz ativa nos escritos acadêmicos (APA, 2001). Segundo o escritor literário Ross-Larson (1982), “Se o sujeito age, a voz é ativa. Se o sujeito é objeto da ação, a voz é passiva” (p. 29). Além disso, um sinal da construção passiva é alguma variação de um verbo auxiliar, como *era*. Exemplos incluem *será*, *tem sido* e *está sendo*. Os escritores podem usar a construção passiva quando a pessoa que age pode ser logicamente deixada fora da sentença e quando a que é objeto da ação é o sujeito do resto do parágrafo (Ross-Larson, 1982).

- Use verbos fortes e os tempos de verbos apropriados para a passagem. Verbos preguiçosos são aqueles que carecem de ação (p. ex., *é* ou *era*), ou aqueles usados como adjetivos ou advérbios.

- Existe uma prática comum ao uso do tempo passado para rever a literatura e relatar os resultados de um estudo. O tempo futuro seria apropriado em todos os outros momentos nas propostas e planos de pesquisa. Para estudos já finalizados, use o tempo presente para adicionar vigor a um estudo, especialmente na introdução. O *Publication Manual* da APA (2001) recomenda o tempo passado (p. ex., “Jones relatou”) para a revisão e os procedimentos da literatura baseados em eventos passados e descrever os resultados (p. ex., “o estresse baixou a autoestima”) e o tempo presente (p. ex., “os resultados qualitativos mostram”) para discutir

os resultados e apresentar as conclusões. Não considero essa uma regra rigorosa, mas uma diretriz útil.

- Espere editar e rever os rascunhos de um manuscrito para cortar os excessos. “Excessos” são as palavras adicionais desnecessárias para comunicar o significado das ideias. Escrever muitos rascunhos de um manuscrito é uma prática-padrão para a maior parte dos escritores. O processo consiste tipicamente de escrever, rever e editar. No processo da edição, corte as palavras em excesso das sentenças, assim como os modificadores amontoados, o excesso de preposições e as construções – por exemplo, “o estudo de” – as quais adicionam uma verbosidade desnecessária (Ross-Larson, 1982). Lembrei-me da prosa desnecessária que aparece nas redações pelo exemplo mencionado por Bunge (1985):

Hoje em dia você quase pode ver pessoas brilhantes se esforçando para reinventar a sentença complexa diante de seus olhos. Um amigo meu que é administrador de uma faculdade de vez em quando tem que dizer uma sentença complexa, e então entra em uma daquelas complicações que começam, “Eu esperaria que fôssemos capazes...” Ele nunca falava dessa maneira quando o conheci, mas mesmo na sua idade, com seu distanciamento da crise nas vidas dos jovens, ele está de certa forma alienado da fala fácil. (Bunge, 1985, p. 172)

Comece estudando bons textos que usam projetos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos. Na boa redação, o olho não pausa e a mente não tropeça em uma passagem. Neste livro, tentei extrair exemplos de boa prosa de periódicos de ciências humanas e sociais, como *American Journal of Sociology*, *Journal of Applied Psychology*, *Administrative Science Quarterly*, *American Educational Research Journal*, *Sociology of Education* e *Image: Journal of Nursing Scholarship*. Na área qualitativa, a boa literatura serve para ilustrar a prosa clara e passagens detalhadas. Os indivíduos que ensinam pesquisa qualitativa indicam livros conhecidos da literatura (p. ex., *Moby Dick*, *The Scarlet Letter* e *The Bonfire of the Vanities*) como atribuições de leitura (Webb e Glesne, 1992). *Qualitative Inquiry*, *Qualitative Research*, *Symbolic Interaction*, *Qualitative Family Research* e *Journal of Contemporary Ethnography* representam bons periódicos acadêmicos a serem examinados. Quando utilizar a pesquisa de métodos mistos, examine periódicos que relatem estudos com pesquisa e dados qualitativos e quantitativos combinados, incluindo muitos periódicos de ciências sociais, como *Journal of Mixed Methods Research*, *Field Methods* e *Quality and Quantity*. Examine os muitos artigos citados no *Handbook of Mixed Methods in the Social & Behavioral Sciences* (Tashakkori e Teddlie, 2003).

QUESTÕES ÉTICAS A SEREM PREVISTAS

Além de conceituar o processo da redação para uma proposta, os pesquisadores precisam prever as questões éticas que podem surgir durante seus estudos (Hesse-Biber e Leavey, 2006). A pesquisa envolve coletar dados das pessoas, sobre as pessoas (Punch, 2005). Como foi mencionado anteriormente, é necessário escrever sobre essas questões para criar um argumento para um estudo, além de ser um tópico importante no formato para as propostas. Os pesquisadores precisam proteger os participantes de sua pesquisa, desenvolver uma relação de confiança, promover a integridade da pesquisa, proteger-se contra conduta inadequada e impropriedades que possam refletir em suas organizações ou instituições, e enfrentar problemas novos e desafiadores (Israel e Hay, 2006). Os problemas éticos são aparentes atualmente em questões como revelação pessoal, autenticidade e credibilidade do relatório da pesquisa, o papel dos pesquisadores em contextos interculturais e questões de privacidade pessoal por meio de formas de coleta de dados na Internet (Israel e Hay, 2006).

Na literatura, as questões éticas surgem em discussões sobre códigos de conduta profissional para os pesquisadores e em comentários sobre dilemas éticos e suas potenciais soluções (Punch, 2005). Muitas associações nacionais têm publicado padrões ou **códigos de ética** em seus sites na Internet para profissionais de seus campos. Para exemplos, ver

- Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct, escrito em 2002, disponível em www.apa.org/ethics
- The American Sociological Association Code of Ethics, adaptado em 1997, disponível em www.asanet.org
- The American Anthropological Association's Code of Ethics, aprovado em junho de 1998, disponível em www.aaanet.org
- The American Educational Research Association Ethical Standards of the American Educational Research Association, 2002, disponível em www.aera.net
- The American Nurses Association Code of Ethics for Nurses-Provisions, aprovado em junho de 2001, e disponível em www.ana.org

As práticas éticas envolvem muito mais do que apenas seguir um conjunto de diretrizes estáticas, como aquelas proporcionadas pelas associações profissionais. Os escritores precisam prever e abordar quaisquer dilemas éticos que possam surgir em sua pesquisa (p. ex., ver

Berg, 2001; Punch, 2005; Sieber, 1998). Essas questões se aplicam à pesquisa qualitativa, quantitativa e de métodos mistos, e a todos os estágios da pesquisa. Os autores das propostas precisam prevêê-las e abordá-las diligentemente em seus planos de pesquisa. Nos capítulos seguintes, na Parte II, refiro-me às questões éticas em muitos estágios da pesquisa. Mencionando-os nesse momento, espero encorajar o escritor da proposta a colocá-las ativamente nas seções de uma proposta. Embora essas discussões não cubram de forma abrangente todas as questões éticas, elas abordam as principais. Essas questões surgem principalmente durante a especificação do problema de pesquisa (Capítulo 5), a identificação de uma declaração de objetivo e das questões de pesquisa (Capítulos 6 e 7) e a coleta, a análise e a redação dos resultados dos dados (Capítulos 8, 9 e 10).

Questões éticas no problema de pesquisa

Hesse-Biber e Leavy (2006) perguntam, "Como as questões éticas entram na escolha de um problema de pesquisa?" (p. 86). Ao escrever uma introdução para um estudo, o pesquisador identifica um problema ou uma questão importante a ser estudada e apresenta uma justificativa para sua importância. Durante a identificação do problema de pesquisa, é importante identificar um problema que beneficie os indivíduos que estão sendo estudados, um problema que será significativo para outras pessoas além do pesquisador (Punch, 2005). Uma ideia básica da pesquisa de ação/participatória é que o investigador não marginalize ou incapacite ainda mais os participantes do estudo. Para se proteger contra isso, aqueles que desenvolvem propostas podem conduzir projetos-piloto para estabelecer um vínculo de confiança e respeito com os participantes para que os investigadores possam detectar qualquer marginalização antes que a proposta seja desenvolvida e o estudo iniciado.

Questões éticas no propósito e nas questões

Ao desenvolver a descrição de objetivo ou a intenção e as questões fundamentais de um estudo, os indivíduos que elaboram a proposta precisam comunicar o propósito do estudo, o qual será descrito para os participantes (Sarantakos, 2005). A decepção ocorre quando os participantes

entendem um propósito, mas o pesquisador tem em mente um propósito diferente. É também importante que os pesquisadores especifiquem o patrocínio de seu estudo. Por exemplo, ao planejar as cartas de encaminhamento para sua pesquisa, o patrocínio é um elemento importante no estabelecimento da confiança e da credibilidade para um instrumento de pesquisa encaminhado.

Questões éticas na coleta dos dados

Quando os pesquisadores preveem a coleta dos dados, precisam respeitar os participantes e os locais da pesquisa. Surgem muitas questões éticas durante essa fase da pesquisa.

Não coloque os participantes em risco e respeite as populações vulneráveis. Os pesquisadores precisam ter seus planos de pesquisa revistos pelo Conselho de Revisão Institucional (Institutional Review Board – IRB)* do *campus* de sua faculdade ou universidade. Os comitês do IRB existem nos *campi* devido às regulamentações federais que protegem contra violações dos direitos humanos. Para um pesquisador, o processo do IRB requer avaliação do potencial de risco – dano físico, psicológico, social, econômico ou legal (Sieber, 1998) – para os participantes de um estudo. Além disso, o pesquisador precisa considerar as necessidades especiais de populações vulneráveis, como os menores de idade (abaixo de 18 anos), participantes mentalmente incapacitados, vítimas, pessoas com deficiências neurológicas, mulheres grávidas ou fetos, prisioneiros e indivíduos portadores de AIDS. Os investigadores submetem as propostas de pesquisa contendo os procedimentos e as informações sobre os participantes ao comitê do IRB do *campus* para que o conselho possa examinar em que extensão a pesquisa que está sendo proposta expõe os indivíduos a algum risco. Além dessa proposta, o pesquisador desenvolve um **formulário de consentimento informado**** para os participantes assinarem antes de se engajarem na pesquisa. Esse formulário reconhece que os direitos

dos participantes serão protegidos durante a coleta dos dados. Os elementos de tal formulário incluem o seguinte (Sarantakos, 2005):

- Identificação do pesquisador
- Identificação da instituição patrocinadora
- Indicação de como os participantes foram selecionados
- Identificação do propósito de pesquisa
- Identificação dos benefícios da participação
- Identificação do nível e do tipo de envolvimento dos participantes
- Informação dos riscos aos participantes
- Garantia de confidencialidade para o participante
- Garantia de que o participante pode se retirar da pesquisa a qualquer momento
- Fornecimento de nomes para as pessoas contatarem se surgirem problemas

Uma questão a ser prevista sobre a confidencialidade é que alguns participantes podem desejar que sua identidade permaneça confidencial. Concordando com isso, o pesquisador permite aos participantes manterem o controle de suas vozes e exercerem sua independência na tomada de decisões. Entretanto, eles precisam estar bem informados sobre os possíveis riscos da não confidencialidade, como a inclusão de dados no relatório final que eles podem não ter considerado, informações que infringem os direitos dos outros e que devem permanecer ocultas, e assim por diante (Giordano, O'Reilly, Taylor e Dogra, 2007).

• Outros procedimentos éticos durante a coleta de dados envolvem obter a concordância dos indivíduos em posição de autoridade (p. ex., porteiros) para proporcionar o acesso aos participantes do estudo aos locais da pesquisa. Isso com frequência envolve a redação de uma carta que identifique a extensão do tempo, o potencial impacto e os resultados da pesquisa. O uso de respostas dadas pela internet, obtidas por meio de entrevistas ou de levantamentos eletrônicos, necessita de permissão dos participantes. Ela pode ser obtida primeiro pela obtenção da permissão e depois do envio da entrevista ou levantamento.

• Os pesquisadores precisam respeitar os locais de pesquisa para que permaneçam intactos após um estudo de pesquisa. Isso exige que os investigadores, especialmente em estudos qualitativos, os quais envolvam observação prolongada ou entrevistas em um local, tenham conhecimento de seu impacto e minimizem a perturbação do ambiente físico. Por exemplo, eles podem fazer visitas com hora marcada para que elas

* N. de R. No Brasil há o CONEP – Comissão de Ética em pesquisa <<http://conselho.saude.gov.br/comissao/eticapesq.htm>>, o qual estabelece regras para a pesquisa com seres humanos. Em muitas universidades há os comitês de Ética que podem avaliar projetos de pesquisa, quando do envolvimento com seres humanos.

** N. de R.T. No site do CONEP há regras e modelos dos formulários de consentimentos de informação.

perturbem pouco o fluxo das atividades dos participantes. Além disso, as organizações com frequência têm diretrizes que proporcionam orientação para a condução de pesquisas sem perturbar seus locais.

- Em estudos experimentais, os investigadores precisam coletar dados para que todos os participantes, não apenas um grupo experimental, se beneficiem dos tratamentos. Isso pode exigir que se proporcione *algum* tratamento a todos os grupos ou que se disponha do tratamento de tal modo que finalmente todos os grupos recebam o tratamento benéfico.

- Uma questão ética surge quando não há reciprocidade entre o pesquisador e os participantes. Tanto o pesquisador quanto os participantes devem se beneficiar da pesquisa. Em algumas situações, pode facilmente haver abuso de poder, e os participantes podem ser coagidos a participar de um projeto. Envolver os indivíduos colaborativamente na pesquisa pode proporcionar reciprocidade. Estudos extremamente colaborativos, populares na pesquisa qualitativa, podem engajar os participantes como copesquisadores durante todo o processo de pesquisa, como o planejamento, a coleta e análise dos dados, a redação do relatório e a divulgação dos resultados (Patton, 2002).

- A entrevista, na pesquisa qualitativa, está sendo cada vez mais vista como uma investigação moral (Kvale, 2007). Por isso, os entrevistadores precisam considerar como a entrevista vai melhorar a situação humana (e também aumentar o conhecimento científico), como uma interação sensível na entrevista pode ser estressante para os participantes, se os participantes têm influência na maneira como suas declarações são interpretadas, até que ponto os entrevistados podem ser criticamente questionados e quais podem ser as consequências da entrevista para os entrevistados e para os grupos a que pertencem.

- Os pesquisadores também precisam prever a possibilidade de que informações prejudiciais e íntimas sejam reveladas durante o processo de coleta dos dados. É difícil prever e tentar planejar com relação ao impacto dessas informações durante ou depois de uma entrevista (Patton, 2002). Por exemplo, um aluno pode discutir o abuso dos pais ou prisioneiros podem falar sobre uma fuga. Tipicamente, nessas situações, o código de ética para os pesquisadores (os quais podem ser diferentes para as escolas e as prisões) visa proteger a privacidade dos participantes e comunicar essa proteção a todos os indivíduos envolvidos em um estudo.

Questões éticas na análise e na interpretação dos dados

Quando o pesquisador analisa e interpreta tanto dados quantitativos quanto qualitativos, emergem questões que requerem boas decisões éticas. Na previsão de um estudo de pesquisa, considere o seguinte:

- Como o estudo vai proteger o anonimato dos indivíduos, dos papéis e dos incidentes no projeto? Por exemplo, na pesquisa de levantamento, os investigadores dissociam os nomes das respostas durante o processo de codificação e registro. Na pesquisa qualitativa, os investigadores usam nomes falsos ou pseudônimos para os indivíduos e os locais, para proteger as identidades.

- Os dados, uma vez analisados, precisam ser guardados durante um período razoável (p. ex., Sieber, 1998, recomenda 5 a 10 anos). Os investigadores devem então descartar os dados para que não caiam em mãos de outros pesquisadores que possam utilizá-los inadequadamente.

- A questão de a quem pertence os dados uma vez coletados e analisados pode também ser um problema que divide as equipes de pesquisa e coloca os indivíduos uns contra os outros. Uma proposta pode mencionar essa questão da propriedade dos dados e discutir como ela será resolvida – por exemplo, por meio do desenvolvimento de um entendimento claro entre o pesquisador, os participantes e, possivelmente, os orientadores docentes (Punch, 2005). Berg (2001) recomenda o uso de acordos pessoais para designar a propriedade dos dados de pesquisa. Uma extensão dessa ideia é evitar o compartilhamento dos dados com indivíduos não envolvidos no projeto.

- Na interpretação dos dados, os pesquisadores precisam providenciar um relato preciso das informações. Essa precisão pode requerer uma prestação de contas entre o pesquisador e os participantes da pesquisa quantitativa (Berg, 2001). Pode incluir, na pesquisa qualitativa, o uso de uma ou mais estratégias para verificar a precisão dos dados com os participantes ou entre diferentes fontes de dados (ver as estratégias de validação no Capítulo 9).

Questões éticas na redação e divulgação da pesquisa

As questões éticas não param com a coleta e análise dos dados; elas também se aplicam à redação propriamente dita e à divulgação do relatório final da pesquisa. Por exemplo,

- Faça com que a pesquisa não utilize linguagem ou palavras tendenciosas contra as pessoas devido a gênero, orientação sexual, grupo racial ou

étnico, incapacidade ou idade. O *Publication Manual* da APA (2001) sugere três diretrizes. Primeiro, apresentar uma linguagem não tendenciosa em um nível de especificidade apropriado (p. ex., em vez de dizer "O comportamento do cliente foi tipicamente masculino", declarar, "O comportamento do cliente foi _____ [especifique]"). Segundo, usar uma linguagem que seja sensível aos rótulos (p. ex., em vez de "400 hispânicos", indicar "400 mexicanos, espanhóis e porto-riquenhos"). Terceiro, reconhecer os participantes em um estudo (p. ex., em vez de "sujeito", usar a palavra "participante", e em vez de "médica mulher", use simplesmente "médica" ou "doutora").

- Outras questões éticas na redação da pesquisa vão envolver a potencial supressão, falsificação ou invenção de resultados para satisfazer às necessidades de um pesquisador ou de determinado público. Tais práticas fraudulentas não são aceitas nas comunidades de pesquisa profissionais e constituem má conduta científica (Neuman, 2000). Uma proposta pode conter uma postura pró-ativa por parte do pesquisador de não se engajar em tais práticas.

- Ao planejar um estudo, é importante prever as repercussões de conduzir a pesquisa com determinados públicos e não usar inadequadamente os resultados para a vantagem de um ou outro grupo. O pesquisador precisa fornecer àqueles que estão no local da pesquisa uma cópia preliminar de quaisquer publicações da pesquisa (Creswell, 2007).

- Uma questão importante na redação de um manuscrito acadêmico é não explorar o trabalho dos colegas e reconhecer a contribuição das pessoas que colaboraram substancialmente para as publicações. Isreal e Hay (2006) discutem a prática não ética da chamada concessão de autoria a indivíduos que não contribuem para um manuscrito, e da autoria fantasma, em que a equipe júnior que deu importantes contribuições foi omitida da lista dos autores.

- Por fim, é importante fornecer os detalhes da pesquisa junto ao projeto do estudo, para que os leitores possam determinar por si mesmos a credibilidade do estudo (Neuman, 2000). Procedimentos detalhados para a pesquisa quantitativa, qualitativa e de métodos mistos serão enfatizados nos capítulos seguintes. Além disso, os pesquisadores não devem se envolver em publicação duplicada ou redundante, em que os autores publicam artigos que apresentam exatamente os mesmos dados, discussões e conclusões e não oferecem material novo. Algumas revistas biomédicas atualmente requerem que os autores declarem se publicaram ou se estão elaborando materiais para publicação que estejam intimamente relacionados ao manuscrito que está sendo submetido (Isreal e Hay, 2006).

RESUMO

Convém considerar como redigir uma proposta de pesquisa antes de realmente se engajar nesse processo. Considere os nove argumentos propostos por Maxwell (2005) como os elementos-chave a serem incluídos, e depois use um dos quatro esboços de tópicos apresentados para desenvolver uma proposta qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos.

No desenvolvimento da proposta, comece colocando as palavras no papel para pensar sobre as ideias; estabeleça o hábito de escrever regularmente; e use estratégias como a aplicação de termos consistentemente, diferentes níveis de pensamentos narrativos e coerência para fortalecer a redação. Escrever na voz ativa, usar verbos fortes e revisar e editar também ajudam.

Antes de redigir a proposta, convém considerar as questões éticas que possam ser previstas e descritas na proposta. Essas questões estão relacionadas a todas as fases do processo de pesquisa. Considerando-se os participantes, os locais de pesquisa e os potenciais leitores, é possível planejar estudos contendo práticas éticas.

Exercícios de Redação

1. Desenvolva um esboço de tópicos para uma proposta quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos. Inclua os principais tópicos nos exemplos incluídos neste capítulo.
2. Localize um artigo de periódico que relate pesquisas qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos. Examine a introdução do artigo e, usando o método de setas e círculos ilustrado neste capítulo, identifique o fluxo das ideias de sentença para sentença e de parágrafo para parágrafo, bem como quaisquer deficiências.
3. Considere um dos seguintes dilemas éticos que um pesquisador pode enfrentar. Descreva as maneiras como você poderia prever o problema e lidar com ele ativamente em sua proposta de pesquisa.
 - a. Um prisioneiro que você está entrevistando lhe fala sobre uma potencial fuga da prisão naquela noite. O que você faz?
 - b. Um pesquisador de sua equipe copia frases de outro estudo e as incorpora no relatório escrito final de seu projeto. O que você faz?
 - c. Um aluno coleta dados para um projeto de vários indivíduos entrevistados em famílias de sua cidade. Depois da quarta entrevista, o aluno lhe diz que ainda não foi recebida a aprovação do projeto por parte do Comitê de Ética. O que você faz?

LEITURAS ADICIONAIS

Maxwell, J. (2005). *Qualitative research design: An interactive approach*. (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Joe Maxwell apresenta uma boa visão geral do processo de desenvolvimento de proposta para pesquisa qualitativa que é aplicável de muitas maneiras também à pesquisa quantitativa e à pesquisa de métodos mistos. Ele declara que uma proposta é um argumento para conduzir um estudo e apresenta um exemplo qual descreve nove passos necessários. Além disso, inclui uma proposta qualitativa completa e a analisa como ilustração de um bom modelo a seguir.

Siebert, J. E. (1998). "Planning ethically responsible research." Em L. Bickman & D.J. Rog (Eds.). *Handbook of applied social research methods* (p. 127-156). Thousand Oaks, CA: Sage.

Joan Siebert discute a importância do planejamento ético como integrante do processo do projeto de pesquisa. Neste capítulo, ela apresenta uma revisão abrangente de muitos tópicos relacionados às questões éticas, como IRBs, consentimento informado, privacidade, confidencialidade e anonimato, assim como elementos de risco de pesquisa e de população vulneráveis. Sua cobertura é ampla e suas recomendações para estratégias são numerosas.

Israel, M. & Hay, I. (2006). *Research ethics for social scientists: Between ethical conduct and regulatory compliance*. London: Sage.

Mark Israel e Lain Hay apresentam uma análise completa do valor prático de se pensar séria e sistematicamente sobre o que constitui conduta ética nas ciências sociais. Eles examinam as diferentes teorias da ética, tais como as abordagens da conduta ética consequencialistas e não consequencialistas, ética da virtude e normativas e orientadas para o cuidado. Também oferecem uma perspectiva internacional, baseando-se na história de práticas éticas em países do mundo todo. Ao longo do livro, oferecem exemplos de caso práticos e maneiras em que os pesquisadores podem tratar os casos de maneira ética. No apêndice, apresentam três exemplos de caso e solicitam a acadêmicos de destaque que comentem como abordariam determinadas questões éticas.

Wolcott, H. F. (2001). *Writing up qualitative research* (2^a ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Harry Wolcott, etnógrafo educacional, compilou um excelente guia de recursos tratando de muitos aspectos do processo de redação na pesquisa qualitativa. Ele examina técnicas úteis para se iniciar na redação; para desenvolver detalhes; para estabelecer vínculos com a literatura, a teoria e o método; para ser rigoroso na revisão e na edição; e para concluir o processo cuidando de aspectos como o título e os apêndices. Para todos os aspirantes a escritores, esse é um livro essencial, independentemente de se tratar de um estudo qualitativo, quantitativo ou de métodos mistos.

Parte II

Planejamento da Pesquisa

5 Introdução

6 Declaração de Objetivo

7 Questões e Hipóteses de Pesquisa

8 Métodos Quantitativos

9 Métodos Qualitativos

10 Métodos Mistos

A Parte II relaciona os três métodos – quantitativo, qualitativo e de mistos – aos passos seguidos no processo da pesquisa. Cada capítulo aborda um passo separado desse processo.

5

Introdução

Depois de ter optado por uma abordagem qualitativa, quantitativa ou de métodos mistos, e depois de conduzir uma revisão preliminar da literatura e de optar por um formato para uma proposta, o próximo passo no processo é projetar ou planejar o estudo. Então, inicia-se um processo de organização e de redação das ideias, o qual começa com o planejamento de uma introdução para uma proposta. Este capítulo discute a composição e a redação de uma introdução para esses três diferentes tipos de projetos. Em seguida a discussão passa aos cinco componentes da redação de uma boa introdução: (a) determinar o principal problema do estudo, (b) rever a literatura sobre o problema, (c) identificar as deficiências na literatura sobre o problema, (d) visar um público e indicar a importância do problema para ele e (e) identificar o objetivo do estudo proposto. Esses componentes compreendem um modelo de deficiência das ciências sociais da redação de uma introdução, pois um importante componente da introdução é expor as deficiências das pesquisas anteriores. Para ilustrar esse modelo, é apresentada e analisada uma introdução completa de um estudo de pesquisa publicado.

A IMPORTÂNCIA DAS INTRODUÇÕES

Uma introdução é a primeira passagem em um artigo de periódico, dissertação ou estudo de pesquisa acadêmico. Ela prepara o terreno para todo o estudo. Como disse Wilkinson (1991),

A introdução é a parte do material que proporciona aos leitores as informações de fundo para a pesquisa relatada no papel. Seu propósito é estabelecer uma estrutura para a pesquisa, para que os leitores consigam entender como ela está relacionada a outras pesquisas. (p. 96)

A introdução estabelece a questão ou o interesse que conduz à pesquisa, ao comunicar informações sobre um problema. Como é a parte inicial de um estudo ou proposta, deve-se tomar um cuidado especial ao escrevê-la. A introdução precisa suscitar o interesse no leitor pelo tópico, estabelecer o problema que conduz o estudo, situar o estudo dentro do contexto mais amplo da literatura acadêmica e atingir um público específico. Tudo isso é realizado em uma seção concisa, de poucas páginas. Devido às mensagens que precisam ser comunicadas e ao espaço limitado que lhes é destinado, as introduções são desafiadoras tanto de escrever quanto de entender.

Um **problema de pesquisa** é o problema ou a questão que conduz à necessidade de um estudo. Ele pode se originar de muitas fontes potenciais. Pode provir de uma experiência que os pesquisadores tiveram em suas vidas pessoais ou em seus locais de trabalho. Pode decorrer de um debate extenso que tenha surgido na literatura. Pode se desenvolver a partir de debates políticos no governo ou entre altos executivos. As fontes dos problemas de pesquisa são, em geral, múltiplas. Identificar e estabelecer o problema de pesquisa subjacente a um estudo não é fácil: por exemplo, identificar a questão da gravidez na adolescência é apontar um problema para as mulheres e para a sociedade em geral. Infelizmente, muitos autores não identificam claramente o problema de pesquisa, deixando a cargo do leitor decidir a importância da questão. Quando o problema não está claro, é difícil entender a importância da pesquisa. Além disso, o problema de pesquisa é com frequência confundido com as questões de pesquisa, aquelas questões que o investigador gostaria que fossem respondidas para entender ou explicar o problema.

A essa complexidade soma-se a necessidade de introduções para encorajar o leitor a continuar lendo e percebendo a importância do estudo.

Felizmente, há um modelo em que se guiar para redigir uma boa introdução acadêmica nas ciências sociais. Antes de apresentar esse modelo, é necessário distinguir sutis diferenças entre as introduções para os estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos.

INTRODUÇÕES QUALITATIVAS, QUANTITATIVAS E DE MÉTODOS MISTOS

Um exame geral de todas as introduções mostra que elas seguem um padrão similar: os autores anunciam um problema e justificam por que ele precisa ser estudado. O tipo de problema apresentado em uma introdução vai variar dependendo da abordagem utilizada (ver Capítulo 1). Em um projeto *qualitativo*, o autor vai descrever um problema de pesquisa que pode ser mais bem entendido explorando-se um conceito ou um fenômeno. Sugerir que a pesquisa qualitativa é exploratória, e que os pesquisadores a utilizam para explorar um tópico quando as variáveis e a base teórica são desconhecidas. Por exemplo, Morse (1991) diz o seguinte:

As características de um problema de pesquisa qualitativa são: (a) o conceito é "imaturo" devido a uma evidente falta de teoria e pesquisa prévia; (b) a uma noção de que a teoria disponível pode ser imprecisa, inadequada, incorreta ou tendenciosa; (c) à existência de uma necessidade de explorar e descrever os fenômenos e de desenvolver uma teoria; ou (d) ao fato de a natureza do fenômeno poder não ser adequada às medidas quantitativas. (p. 120)

Por exemplo, o problema da expansão urbana (um problema) precisa ser explorado, pois não tem sido examinado em algumas áreas de um estado. Por outro lado, as crianças das salas de aula do ensino fundamental têm uma ansiedade que interfere com a aprendizagem (um problema) e a melhor maneira de explorar esse problema é ir às escolas e abordá-lo diretamente com os professores e os alunos. Alguns pesquisadores qualitativos têm uma lente teórica através da qual o problema será examinado (p. ex., a desigualdade de remuneração entre homens e mulheres ou as atitudes raciais envolvidas no perfil dos motoristas nas estradas). Thomas (1993) sugere que "os pesquisadores críticos partem da premissa de que toda vida cultural está em constante tensão entre o controle e a resistência" (p. 9). Essa orientação teórica molda a estrutura de uma introdução. Beisel (1990), por exemplo, propôs que se examinasse como a teoria da política de classe explicava o insucesso de uma campanha contra o vício em uma entre três cidades americanas. Assim, em alguns estudos qualitativos, a abordagem na introdução pode ser menos indutiva, embora ainda se baseie na perspectiva dos participantes, como a maior parte dos estudos qualitativos. Além disso, as introduções qualitativas podem começar com uma declaração pessoal das experiências do autor, como aquelas encontradas nos estudos fenomenológicos (Moustakas, 1994). Também

podem ser escritas de um ponto de vista pessoal, subjetivo, em primeira pessoa, em que o próprio pesquisador se posiciona na narrativa.

Menos variação é observada nas introduções *quantitativas*. Em um projeto quantitativo, o problema é mais bem trabalhado entendendo-se quais os fatores ou as variáveis influenciam um resultado. Por exemplo, em resposta a cortes de trabalhadores (um problema para todos os empregados), um investigador pode procurar descobrir quais fatores influenciam as empresas para reduzir seu contingente humano. Outro pesquisador pode precisar entender o alto índice de divórcios entre casais (um problema) e examinar se as questões financeiras contribuem para o divórcio. Nessas duas situações, o problema de pesquisa é um no qual o entendimento dos fatores que explicam ou se relacionam a um resultado auxilia o investigador a compreender e a explicar melhor o problema. Além disso, nas introduções quantitativas, os pesquisadores às vezes propõem a testagem de uma teoria e incorporam revisões substanciais da literatura para identificar questões de pesquisa que precisam ser respondidas. Uma introdução quantitativa pode ser escrita do ponto de vista impessoal e no tempo passado, para garantir objetividade à linguagem da pesquisa.

Um estudo de *métodos mistos* pode empregar tanto a abordagem qualitativa quanto a quantitativa (ou alguma combinação delas) para a redação de uma introdução. Em qualquer estudo de métodos mistos, a ênfase pode apontar na direção da pesquisa quantitativa ou qualitativa, e a introdução vai refletir essa ênfase. Para outros projetos de métodos mistos, a ênfase será igual entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa. Nesse caso, pode abordar-se um problema em que exista uma necessidade tanto de entender a relação entre as variáveis em uma situação quanto de explorar o tópico em maior profundidade. Um projeto de métodos mistos pode inicialmente buscar explicar a relação entre o comportamento de fumar e a depressão entre os adolescentes, e depois explorar os pontos de vista detalhados dos adolescentes e exibir diferentes padrões de fumo e depressão. Sendo a primeira fase desse projeto quantitativa, a introdução pode enfatizar uma abordagem quantitativa com a inclusão de uma teoria que prevê essa relação e uma revisão substantiva da literatura.

MODELO DE INTRODUÇÃO

Essas diferenças entre as várias abordagens são pequenas, e estão amplamente relacionadas aos diferentes tipos de problemas abordados em estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos. Pode ser útil ilustrar uma

abordagem para planejar e redigir uma introdução a um estudo de pesquisa o qual os pesquisadores possam usar independentemente de sua abordagem.

O **modelo de deficiências de uma introdução** é um padrão geral para se redigir uma boa introdução. É uma abordagem popular utilizada nas ciências sociais, e uma vez elucidada sua estrutura, o leitor vai perceber que ela aparece repetidas vezes em muitos estudos de pesquisa publicados. Consiste de cinco partes, e um parágrafo separado pode ser dedicado a cada parte, para uma introdução de cerca de duas páginas de extensão:

1. O problema de pesquisa
2. Os estudos que têm abordado o problema
3. As deficiências nos estudos
4. A importância do estudo para determinados públicos
5. A declaração de objetivo

Uma ilustração

Antes de uma revisão de cada parte, segue um exemplo excelente de um estudo quantitativo publicado por Terenzini, Cabrera, Colbeck Mjorklund e Parente (2001) no *Journal of Higher Education* e intitulado "Racial and Ethnic Diversity in the Classroom" (reprodução autorizada). Após cada seção importante da introdução, destaco brevemente o componente que está sendo abordado.

Desde a aprovação do Ato dos Direitos Civis de 1964 e do Ato da Educação Superior de 1965, as faculdades e universidades da América têm se esforçado para aumentar a diversidade racial e étnica de seus alunos e seus docentes, e a "ação afirmativa" tornou-se a política de escolha para atingir essa heterogeneidade. (*Os autores declaram o gancho narrativo.*) Essas políticas, no entanto, estão agora no centro de um intenso debate nacional. A base legal atual para as políticas de ação afirmativa se apóia no processo *Regents of the University of California v. Bakke*, de 1978, em que o juiz William Powell declarou que a raça poderia ser considerada entre os fatores em que são baseadas as decisões das admissões. Mais recentemente, contudo, o Tribunal de Apelação do Quinto Circuito dos Estados Unidos, no processo *Hopwood v. State of Texas*, em 1996, achou deficiente o argumento de Powell. As decisões do tribunal que se desviam das políticas de ação afirmativa têm sido acompanhadas por referendos e legislações estaduais e por ações relacionadas banindo ou reduzindo bastante o problema de discriminação por raça nas admissões ou contratações na Califórnia, Flórida, Louisiana, Maine, Massachusetts, Michigan, Mississippi, New Hampshire, Rhode Island e Porto Rico (Healy, 1998a. 1998b. 1999).

Em resposta, educadores e outros profissionais apresentaram argumentos educacionais apoiando a ação afirmativa, declarando que um corpo de alunos diversificado é mais educacionalmente efetivo do que um mais homogêneo. O reitor da Universidade de Harvard, Neil Rudenstine, alega que "a justificativa fundamental para a diversidade dos alunos na educação superior é seu valor educacional" (Rudenstine, 1991, p. 1). Lee Bollinger, contraparte de Rudenstine na Universidade de Michigan, afirmou, "Uma sala de aula que não tem uma representação significativa de membros de diferentes raças produz uma discussão empobrecida" (Schmidt, 1998, p. A32). Esses dois reitores não estão isolados em suas crenças. Uma declaração publicada pela Associação das Universidades Americanas e endossada pelos reitores de 62 universidades de pesquisa afirmava: "Falamos, antes de tudo, como educadores. Acreditamos que nossos alunos se beneficiam significativamente da educação que tem lugar em um ambiente diversificado" ("On the importance of Diversity in University Admissions", *The New York Times*, 24 de abril de 1997, p. A27). (Os autores identificam o problema de pesquisa.)

Estudos do impacto da diversidade sobre os resultados educacionais dos alunos tendem a abordar as maneiras como os alunos enfrentam a "diversidade" em uma entre três maneiras. Um pequeno grupo de estudos trata os contatos dos alunos com a "diversidade" em grande parte como uma função da mistura de alunos racial/étnica ou de gênero, numérica ou proporcional em um *campus* (p. ex., Chang, 1996, 1999a; Kanter, 1997; Sax, 1996)... Um segundo conjunto de estudos consideravelmente maior trata uma pequena quantidade de diversidade estrutural como uma realidade admitida e operacionaliza os encontros dos alunos com a diversidade usando a frequência ou a natureza de suas relatadas interações com colegas que são racial e etnicamente diferentes deles próprios... Um terceiro conjunto de estudos examina os esforços programáticos institucionalmente estruturados e destinados a ajudar os alunos a se engajarem com a "diversidade" racial/étnica e/ou de gênero, tanto na forma de ideias quanto de pessoas.

Essas várias abordagens têm sido usadas para examinar os efeitos da diversidade em uma ampla série de resultados educacionais dos alunos. A evidência é quase uniformemente consistente na indicação de que os alunos em uma comunidade diversa em termos raciais/étnicos ou de gênero, ou engajados em uma atividade relacionada à diversidade, colhem uma ampla série de benefícios educacionais positivos. (Os autores mencionam estudos que abordam o problema.)

Apenas relativamente poucos estudos (p. ex., Chang, 1996, 1999a; Sax, 1996) examinaram especificamente se a *composição racial/ética ou de gênero* dos alunos em um *campus*, em um mestrado acadêmico ou em uma sala de aula (isto é, diversidade estrutural) tem os benefícios educacionais reivindicados... Entretanto, se o grau de diversidade racial de um *campus* ou de uma sala

de aula tem um efeito *direto* sobre os resultados é algo que permanece uma questão em aberto. (São observadas deficiências nos estudos.)

A escassez de informações sobre os benefícios educacionais da diversidade estrutural em um *campus* ou em suas salas de aula é lamentável, pois é o tipo de evidência que os tribunais parecem exigir para dar apoio a políticas de admissões sensíveis à raça. (Importância do estudo para um público mencionado.)

Este estudo tentou contribuir para a base de conhecimento, explorando a influência da diversidade estrutural na sala de aula sobre o desenvolvimento das habilidades acadêmicas e intelectuais dos alunos... Examina tanto o efeito direto da diversidade na sala de aula sobre os resultados acadêmicos e intelectuais quanto se quaisquer efeitos da diversidade na sala de aula podem ser moderados pela extensão em que abordagens de ensino colaborativas são utilizadas no curso. (O propósito do estudo é identificado.) (p. 510-512, reprodução autorizada por *The Journal of Higher Education*)

O problema de pesquisa

No artigo de Terenzini e colaboradores (2001), a primeira frase cumpre os dois principais objetivos de uma introdução: despertar o interesse no estudo e comunicar um problema ou questão distinta de pesquisa. Qual efeito causou essa frase? Ela motivou o leitor para continuar a ler? Foi apresentada de tal maneira que um amplo público pudesse entendê-la? Essas questões são importantes para as frases de abertura, e são chamadas de **gancho narrativo**, um termo extraído da composição inglesa, o qual significa palavras que servem para atrair, engajar ou conectar o leitor com o estudo. Para aprender como escrever bons ganchos narrativos, estude as frases de abertura das principais revistas de diferentes campos de estudo. Os jornalistas, geralmente, proporcionam bons exemplos nas frases iniciais de artigos de jornais e revistas. Seguem-se alguns exemplos de frases iniciais de periódicos de ciências sociais.

- "A celebridade transexual e etnometodológica Agnes mudou sua identidade quase três anos antes de ser submetida à cirurgia de mudança de sexo." (Cahill, 1989, p. 281)
- "Quem controla o processo de sucessão do presidente de uma empresa?" (Boeker, 1992, p. 400)
- "Há um grande corpo de literatura que estuda a linha cartográfica (um recente artigo resumido é Battenfield, 1985) e a generalização das linhas cartográficas (McMaster, 1987)." (Carstensen, 1989, p. 181)

Esses três exemplos apresentam informações facilmente entendidas por muitos leitores. Os dois primeiros, introduções em estudos qualitativos, demonstram como o interesse do leitor pode ser despertado por referência ao único participante e pela colocação de uma pergunta. O terceiro exemplo, um estudo experimental quantitativo, mostra como é possível começar com uma perspectiva da literatura. Os três exemplos demonstram bem como a sentença inicial pode ser escrita de forma que o leitor não seja conduzido a uma complicação detalhada do pensamento, mas levado delicadamente ao tópico.

Eu uso a metáfora do escritor baixando um balde em um poço. O escritor *iniciante* mergulha o balde (o leitor) nas profundidades do poço (o artigo). O leitor enxerga apenas o material com o qual não está familiarizado. O escritor *experiente* baixa o balde (o leitor, mais uma vez) lentamente, permitindo ao leitor se aclimatar à profundidade (o estudo). Esse baixar do balde se inicia com um gancho narrativo de generalidade suficiente para o leitor entender e conseguir se relacionar com o tópico.

Além dessa primeira sentença, é importante identificar claramente a(s) questão(ões) ou o(s) problema(s) que conduz(em) à necessidade do estudo. Terenzini e colaboradores (2001) discutem um problema distinto: o esforço em aumentar a diversidade étnica nos *campi* das faculdades e universidades dos Estados Unidos. Eles observam que as políticas para aumentar a diversidade estão “no centro de um intenso debate nacional” (p. 509).

Na pesquisa das ciências sociais aplicada, os problemas se originam de questões, dificuldades e práticas atuais. O problema de pesquisa em um estudo começa a se tornar claro quando o pesquisador pergunta “Qual é a necessidade deste estudo?” ou “Qual problema influenciou a necessidade de realizar este estudo?” Por exemplo, as escolas podem não ter implementado diretrizes multiculturais, as necessidades do corpo docente nas faculdades são tais que ele necessita se envolver em atividades de desenvolvimento em seus departamentos, os alunos das minorias precisam de melhor acesso às universidades ou uma comunidade precisa entender melhor as contribuições das mulheres que foram suas primeiras pioneiras. Esses são todos problemas de pesquisa importantes, os quais merecem estudo adicional e estabelecem uma questão ou um interesse prático que necessita ser abordado. Quando planejar os parágrafos de abertura de uma proposta que incluam o problema de pesquisa, tenha em mente as seguintes **dicas de pesquisa**:

- Escreva uma sentença de abertura que estimule o interesse do leitor e que também comunique uma questão com a qual um público amplo pode se relacionar.

- Como regra geral, evite usar citações, especialmente as mais longas, na sentença inicial. As citações levantam muitas possibilidades de interpretação e, por isso, criam inícios obscuros. Entretanto, como está evidente em alguns estudos qualitativos, as citações podem despertar o interesse do leitor.
- Evite expressões idiomáticas ou expressões banais (p. ex., “O método expositivo continua sendo uma ‘vaca sagrada’ entre a maioria dos professores das faculdades e universidades.”).
- Considere dados numéricos para causar impacto (p. ex., “Todo ano, cerca de 5 milhões de americanos experimentam a morte de um membro da família imediata.”).
- Identifique claramente o problema de pesquisa (isto é, dilema, questão) o qual conduz ao estudo. Pergunte a si mesmo, “Há uma sentença (ou sentenças) específica por meio da qual eu posso comunicar o problema de pesquisa?”
- Indique por que o problema é importante citando muitas referências que justifiquem a necessidade de se estudá-lo. Talvez de uma maneira não tão jocosa, digo a meus alunos que se eles não tiverem uma dúzia de referências citadas na primeira página de sua proposta, eles não têm um estudo acadêmico.
- Certifique-se de que o problema esteja estruturado de uma maneira consistente com a pesquisa do estudo (p. ex., exploratória nos qualitativos, examinando as relações ou os prognosticadores nos quantitativos e uma ou outra abordagem na investigação de métodos mistos).
- Reflita e escreva sobre a existência de um único problema envolvido no estudo proposto ou problemas múltiplos que conduzam à necessidade do estudo. Múltiplos problemas de pesquisa são com frequência abordados nos estudos de pesquisa.

Estudos que abordam o problema

Depois de estabelecer o problema de pesquisa nos parágrafos de abertura, Terenzini e colaboradores (2001) justificam então sua importância revendo estudos que examinaram a questão. Preciso ser cuidadoso quando falo aqui sobre a revisão de estudos, pois não tenho em mente uma revisão completa da literatura para a fase da introdução. Somente mais tarde, na seção de revisão da literatura de uma proposta, os alunos examinam

exaustivamente a literatura. Na introdução, essa parte da revisão da literatura deve resumir grandes grupos de estudos, não estudos individuais. Digo a meus alunos para refletirem sobre seus mapas de literatura (descritos no Capítulo 2) e examinarem e resumirem as principais categorias amplas nas quais alocaram sua literatura. A menção a essas categorias amplas é o que entendo por examinar os estudos em uma introdução a uma proposta.

O objetivo da **revisão dos estudos** em uma introdução é justificar a importância do estudo e criar distinções entre os estudos anteriores e o estudo proposto. Esse componente pode ser chamado de “colocar o problema de pesquisa dentro do diálogo corrente na literatura”. Os pesquisadores não desejam conduzir um estudo que replique exatamente o que outra pessoa já estudou. Os novos estudos precisam fazer acréscimos à literatura ou ampliar ou retestar o que outros examinaram. Marshall e Rossman (2006) referem-se a essa breve revisão da literatura em uma introdução como uma maneira de colocar o estudo dentro do contexto de outros estudos relacionados. A capacidade para estruturar o estudo dessa maneira separa os pesquisadores novatos dos mais experientes. O veterano examinou e entende o que foi escrito sobre um tópico ou algum problema no campo. Esse conhecimento vem de anos de experiência que seguem o desenvolvimento de problemas e da literatura a eles associada.

Frequentemente surge a questão sobre qual o tipo de literatura examinar. Meu melhor conselho seria examinar os estudos de pesquisa em que os autores propõem questões de pesquisa e relatam dados para respondê-las. O ponto importante é que a literatura apresente estudos sobre o problema de pesquisa que está sendo abordado na proposta. Os pesquisadores iniciantes com frequência perguntam, “O que faço agora? Nenhuma pesquisa foi realizada sobre meu tópico.” É claro que, em alguns estudos restritamente construídos, ou em projetos novos, exploratórios, não existe literatura para documentar o problema de pesquisa. Além disso, faz sentido que um tópico esteja sendo proposto para estudo justamente porque pouca pesquisa venha sendo conduzida a seu respeito. Para me contrapor a essa afirmação, muitas vezes sugiro que um investigador pense sobre a literatura usando um triângulo invertido como uma imagem. No ápice do triângulo invertido fica o estudo acadêmico que está sendo proposto. Esse estudo é restrito e concentrado (e podem não existir estudos a seu respeito). Quando se amplia a revisão da literatura ascendentemente, na direção da base do triângulo invertido, pode-se encontrar literatura, embora ela possa ser de algum modo removida do estudo em questão. Por exemplo, o tópico restrito dos afro-americanos

em risco no ensino elementar pode não ter sido pesquisado; entretanto, se pensarmos em termos mais amplos, o tópico de alunos em geral em risco no ensino fundamental ou em qualquer nível de educação pode ter sido estudado. O pesquisador resumiria a literatura mais geral e terminaria com declarações sobre uma necessidade de estudos que examinem os alunos afro-americanos em risco no nível do ensino fundamental.

Para examinar a literatura relacionada ao problema de pesquisa para a introdução de uma proposta, considere as seguintes **dicas de pesquisa**:

- Refira-se à literatura resumindo grupos de estudos, não estudos individuais (diferentemente do foco em estudos individuais na revisão integrada do Capítulo 2). A intenção deve ser estabelecer áreas amplas de pesquisa.
- Para retirar a ênfase de estudos individuais, coloque as referências no texto ao fim de um parágrafo ou ao final de um ponto no resumo que se refere a vários estudos.
- Examine estudos de pesquisa que tenham usado abordagens quantitativas, qualitativas ou de métodos mistos.
- Dê preferência à literatura recente para resumir, como aquela publicada nos últimos 10 anos. Cite estudos mais antigos apenas se forem valiosos em função de terem sido amplamente citados por outros autores.

Deficiências na literatura existente

Depois de apresentar o problema e de examinar a literatura sobre ele, o pesquisador então identifica as deficiências encontradas nessa literatura. Por isso chamo este formato de *modelo de deficiências* para escrever uma introdução. A natureza dessas deficiências varia de um estudo para outro. As **deficiências na literatura existente** podem existir porque os tópicos não foram explorados enquanto grupo, amostra ou população específica; a literatura pode precisar ser replicada ou repetida para ver se os mesmos resultados se mantêm com novas amostras de pessoas ou novos locais de estudo; ou se a voz dos grupos sub-representados não foi ouvida na literatura publicada. Em qualquer estudo, os autores podem mencionar uma ou mais dessas deficiências. As deficiências podem com frequência ser encontradas nas seções de “sugestões para pesquisa futura” dos artigos de revistas, e os autores podem encaminhar estas ideias e apresentar outras justificativas para o estudo que propõem.

Além de mencionar as deficiências, os autores da proposta precisam dizer como seu estudo planejado vai remediar ou abordar essas deficiências. Por exemplo, como os estudos existentes negligenciaram uma variável importante, um estudo irá incluí-la e analisar seu efeito: por exemplo, como os estudos passados negligenciaram o exame dos nativos americanos enquanto grupo cultural, um estudo irá incluí-los enquanto participantes do projeto.

Nos dois exemplos que seguem, os autores apontam as lacunas ou deficiências da literatura. Observe seu uso das expressões principais para indicar as deficiências: “o que permanece a ser explorado”, “pouca pesquisa empírica” e “muito poucos estudos”.

Exemplo 5.1 Deficiências na literatura – estudos necessários

Por essa razão, o significado da guerra e da paz tem sido extensivamente explorado pelos cientistas sociais (Cooper, 1965; Alvik, 1968; Rosell, 1968; Svancarova e Svancarova, 1967-68; Haavetsrud, 1970). O que permanece a ser explorado, no entanto, é como os veteranos de guerras passadas reagem às cenas vivas de uma nova guerra.

(Ziller, 1990, p. 85-86)

Exemplo 5.2 Deficiências na literatura – poucos estudos

Apesar de um interesse aumentado na micropolítica, é surpreendente que tão pouca pesquisa empírica tenha sido realmente conduzida sobre o tópico, especialmente a partir das perspectivas dos subordinados. A pesquisa política nos ambientes educacionais é especialmente escassa: poucos estudos têm se concentrado na maneira com que os professores usam o poder para interagir estrategicamente com os diretores de escola e o que isso significa descritiva e conceitualmente (Ball, 1987; Hoyle, 1986; Pratt, 1984).

(Blase, 1989, p. 381)

Em resumo, ao identificar as deficiências na literatura existente, os autores das propostas podem usar as seguintes **dicas de pesquisa**:

- Citar várias deficiências para tornar o caso ainda mais forte para um estudo.
- Identificar especificamente as deficiências de outros estudos (p. ex., falhas metodológicas, variáveis negligenciadas).
- Escrever sobre as áreas negligenciadas pelos estudos passados, incluindo tópicos, tratamentos estatísticos especiais, implicações importantes, etc.

- Discutir como um estudo proposto vai remediar essas deficiências e proporcionar uma contribuição singular para a literatura acadêmica.

Essas deficiências podem ser mencionadas usando-se uma série de parágrafos curtos que identifiquem três ou quatro falhas da pesquisa passada ou concentrando-se em uma falha importante, como ilustrado na introdução de Terenzini e colaboradores (2001).

Importância de um estudo para o público

Nas dissertações, com frequência os autores incluem uma seção específica descrevendo a **importância do estudo** para públicos seletos, para comunicar a importância do problema para diferentes grupos que podem se beneficiar da leitura e do uso do estudo. Incluindo essa seção, o escritor cria uma justificativa clara para a importância do estudo. Quanto mais públicos puderem ser mencionados, maior a importância do estudo e mais ele será visto pelos leitores como tendo uma aplicação ampla. Ao planejar essa seção, pode-se incluir:

- Três ou quatro razões que o estudo acrescenta à pesquisa acadêmica e à literatura da área
- Três ou quatro razões sobre como o estudo ajuda a melhorar a prática
- Três ou quatro razões sobre por que o estudo vai melhorar a política

No exemplo a seguir, o autor declarou a importância do estudo nos parágrafos de abertura de um artigo de periódico. Esse estudo realizado por Mascarenhas (1989) examinou a propriedade de firmas industriais. Ele identificou explicitamente os tomadores de decisão, os membros da organização e os pesquisadores enquanto público para o estudo.

Exemplo 5.3 Importância do estudo declarada em uma introdução para um estudo quantitativo

Um estudo da propriedade de uma organização e seu domínio, definidos aqui como os mercados servidos, o escopo dos produtos, a orientação do cliente e a tecnologia empregada (Abell e Hammond, 1979; Abell, 1980; Perry e Rainey, 1988), é importante por várias razões. Em primeiro lugar, entender as relações entre as dimensões da propriedade e do domínio pode ajudar a

revelar a lógica subjacente das atividades das organizações e pode auxiliar os membros da organização a avaliar estratégias... Em segundo lugar, uma decisão fundamental que confronte todas as sociedades está relacionada ao tipo de instituições a serem encorajadas ou adotadas para a conduta da atividade... O conhecimento das consequências do domínio dos diferentes tipos de propriedade pode servir como uma contribuição para essa decisão... Em terceiro lugar, os pesquisadores têm com frequência estudado organizações que refletem um ou dois tipos de propriedade, mas seus resultados podem ter sido implicitamente supergeneralizados para todas as organizações.

(Mascarenhas, 1989, p. 582)

Terenzini e colaboradores (2001) terminam sua introdução mencionando como os tribunais poderiam usar as informações do estudo para exigir que as faculdades e universidades apoiem "políticas de admissões sensíveis à raça" (p. 512). Além disso, os autores poderiam ter mencionado a importância desse estudo para os escritórios de admissões e para os alunos que buscam admissão, assim como para os comitês que examinam as candidaturas à admissão.

Por fim, boas introduções aos estudos de pesquisa terminam com uma declaração do objetivo ou intenção do estudo. Terenzini e colaboradores (2001) terminaram sua introdução comunicando que planejavam examinar a influência da diversidade estrutural nas habilidades dos alunos na sala de aula.

RESUMO

Este capítulo oferece conselhos sobre a composição e a redação de uma introdução para um estudo acadêmico. O primeiro elemento é considerar como a introdução incorpora os problemas de pesquisa associados à pesquisa quantitativa, qualitativa ou de métodos mistos. Depois, uma introdução de cinco partes é sugerida como um modelo ou padrão para uso. Chamado de *modelo de deficiências*, ele é baseado primeiro na identificação do problema de pesquisa (e inclui um gancho narrativo). Depois inclui uma breve revisão da literatura que tem abordado o problema, indicando uma ou mais deficiências na literatura existente e sugerindo como o estudo vai remediar essas deficiências. Essa seção é seguida da especificação dos públicos que vão se beneficiar da pesquisa sobre o problema, e a introdução termina com uma declaração de objetivo que apresenta a intenção do estudo.

Exercícios de Redação

1. Esboce vários exemplos de ganchos narrativos para a introdução de um estudo e compartilhe-os com seus colegas para determinar se atraem o leitor, se criam interesse no estudo e se são apresentados em um nível com o qual os leitores possam se relacionar.
2. Escreva a introdução para um estudo proposto. Inclua um parágrafo para cada um dos seguintes: o problema de pesquisa, a literatura sobre esse problema, as deficiências da literatura e os públicos que potencialmente terá interesse no estudo.
3. Localize vários estudos de pesquisa publicados em periódicos acadêmicos em um campo particular de estudo. Examine as introduções e localize a sentença ou as sentenças em que os autores declaram o problema ou questão de pesquisa.

LEITURAS ADICIONAIS

Bem, D. J. (1987). "Writing the empirical journal article". Em M.P. Zanna & M. M. Darley (Eds.). *The compleat academic: A practical guide for the beginning social scientist* (p. 171-201), NY: Random House.

Daryl Bem enfatiza a importância da declaração de abertura na pesquisa publicada. Ele apresenta uma lista de regras práticas para as declarações de abertura, enfatizando a necessidade de uma prosa clara e legível e de uma estrutura que conduza o leitor passo a passo até a declaração do problema. São proporcionados exemplos tanto de declarações satisfatórias quanto de insatisfatórias. Bem defende declarações de abertura que sejam acessíveis ao não especialista, porém não tediosas para o leitor tecnicamente sofisticado.

Maxwell, J. A. (2005). *Qualitative research design: An interactive approach* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Joe Maxwell reflete sobre o propósito de uma proposta para uma dissertação qualitativa. Um dos aspectos fundamentais de uma proposta é justificar o projeto, para ajudar os leitores a compreender não apenas o que você planeja fazer, mas também por quê. Ele menciona a importância de identificar as questões que planeja abordar e indicar por que é importante estudá-las. Em um exemplo de uma proposta de dissertação de mestrado, ele compartilha as principais questões que o aluno abordou para criar um argumento efetivo para o estudo.

Wilkinson, A. M. (1991). *The scientist's handbook for writing papers and dissertations*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Antoinette Wilkinson identifica as três partes de uma introdução: a derivação e a declaração do problema e uma discussão de sua natureza, a discussão dos antecedentes do problema e a declaração da questão de pesquisa. Seu livro oferece muitos exemplos dessas três partes, juntamente com uma discussão de como redigir e estruturar uma introdução. Enfatiza a necessidade de que a introdução conduza lógica e inevitavelmente à declaração da questão de pesquisa.

6

Declaração de Objetivo

A última seção de uma introdução, como mencionado no Capítulo 5, é apresentar uma declaração de objetivo que estabeleça a intenção de todo o estudo de pesquisa. É a declaração mais importante de todo o estudo, e precisa ser apresentada de maneira clara e específica. A partir daí seguem-se todos os outros aspectos da pesquisa. Nos artigos de periódico, os pesquisadores escrevem a declaração de objetivo nas introduções; nas dissertações e nas propostas de dissertação, com frequência aparece como uma seção à parte.

Neste capítulo, dedicado exclusivamente à declaração de objetivo, abordando as razões para desenvolvê-la, os princípios-chave a serem usados em seu planejamento e apresento exemplos de bons modelos a serem usados na criação de uma declaração de objetivo para sua proposta.

IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO DE UMA DECLARAÇÃO DE OBJETIVO

Segundo Locke e colaboradores (2007), a declaração de objetivo indica “por que você quer fazer o estudo e o que pretende atingir” (p. 9). Infelizmente, os textos de redação de proposta dão pouca atenção à declaração de objetivo e aqueles que escrevem sobre o método com frequência a incorporam nas discussões sobre outros tópicos, como a especificação das questões ou hipóteses de pesquisa. Wilkinson (1991), por exemplo, refere-se a ela dentro do contexto da questão e do objetivo da pesquisa.

Outros autores a estruturam como um aspecto do problema de pesquisa (Catetter e Heisleir, 1977). No entanto, um exame atento de suas discussões indica que ambos se referem à declaração de propósito como a ideia central e dominante em um estudo.

Essa passagem é chamada de *declaração de objetivo* por comunicar a intenção geral de um estudo proposto em uma sentença ou várias sentenças. Nas propostas, os pesquisadores precisam distinguir claramente entre a declaração de objetivo, o problema de pesquisa e as questões de pesquisa. A declaração de objetivo apresenta a intenção do estudo, não o problema ou a questão que conduz à necessidade do estudo (ver Capítulo 5). O objetivo também não são as questões de pesquisa, aquelas questões que a coleta de dados vai tentar responder (discutidas no Capítulo 7). Em vez disso, e mais uma vez, a **declaração de objetivo** apresenta os objetivos, a intenção ou as principais ideias de uma proposta ou estudo. Essa ideia cria uma necessidade (o problema) e é refinada em questões específicas (as questões de pesquisa).

Dada a importância da declaração de propósito, convém estabelecê-la separadamente de outros aspectos da proposta ou do estudo e estruturá-la como uma sentença ou parágrafo único que os leitores possam identificar facilmente. Embora as declarações de pesquisa qualitativa, quantitativa e de métodos mistos compartilhem tópicos similares, cada uma delas é identificada nos parágrafos seguintes e ilustrada com roteiros inseridos para construir uma declaração de objetivo completa, porém fácil de administrar.

Uma declaração de objetivo qualitativa

Uma boa declaração de objetivo qualitativa contém informações sobre o fenômeno central explorado no estudo, os participantes do estudo e o local da pesquisa. Também comunica uma intenção emergente e utiliza palavras de pesquisa extraídas da linguagem da investigação qualitativa (Schwandt, 2007). Por isso, é preciso considerar vários aspectos básicos de projeto para redigir a declaração:

- Use palavras como *propósito*, *intenção* ou *objetivo* para assinalar atenção à declaração como a ideia central dominante. Apresente a declaração como uma sentença ou parágrafo separado e use a linguagem de pesquisa, como, por exemplo, “O propósito (ou intenção ou objetivo) deste estudo é (foi) (será)...”. Os pesquisadores com frequência usam o verbo no tempo presente ou passado nos artigos de periódicos e dissertações, e o

tempo futuro nas propostas, porque os pesquisadores estão apresentando um plano para um estudo ainda não realizado.

- Concentre-se em um único fenômeno (ou conceito ou ideia). Estreite o estudo a uma ideia a ser explorada ou entendida. Esse foco significa que um objetivo não comunica a relação entre duas ou mais variáveis ou a comparação de dois ou mais grupos, como é tipicamente encontrado na pesquisa quantitativa. Em vez disso, apresenta um fenômeno isolado, reconhecendo que o estudo pode se desenvolver em uma exploração de relações ou comparações entre ideias. Nenhuma dessas explorações relacionadas pode ser antecipada no início. Por exemplo, um projeto pode começar explorando os papéis do reitor na promoção do desenvolvimento do corpo docente (Creswell e Brown, 1992). Outros estudos qualitativos podem começar explorando a identidade do professor e a marginalização dessa identidade para um professor em uma determinada escola (Huber e Whelan, 1999), o significado de uma cultura do beisebol em um estudo do trabalho e da conversa dos empregados de um estádio (Trujillo, 1992), ou como os indivíduos retratam cognitivamente a AIDS (Anderson e Spencer, 2002). Todos esses exemplos ilustram o foco em uma única ideia.

- Use verbos de ação para comunicar como será realizado o estudo. Os verbos e as expressões de ação, tais como *descrever*, *entender*, *desenvolver*, *examinar o significado de* ou *descobrir*, mantêm a investigação aberta e comunicam uma intenção emergente.

- Use palavras e expressões neutras – linguagem não direcional – como, por exemplo, explorar as “experiências dos indivíduos” em vez de “as experiências bem-sucedidas dos indivíduos”. Outras palavras e expressões que podem ser problemáticas incluem *útil*, *positivo* e *informativo*, pois todas elas são palavras que sugerem um resultado que pode ou não ocorrer. McCracken (1988) refere-se à necessidade, nas entrevistas qualitativas, de deixar o respondente descrever sua experiência. Os entrevistadores (ou as pessoas que elaboram declarações de objetivo) podem facilmente violar a “lei da não direção” (McCracken, 1988, p. 21) na pesquisa qualitativa, usando palavras que sugerem uma orientação direcional.

- Apresente uma definição do funcionamento geral do fenômeno ou ideia central, especialmente se o fenômeno é um termo que não é tipicamente entendido por uma audiência ampla. Consistente com a retórica da pesquisa qualitativa, essa definição não é rígida e estabelecida, mas provisória e evolutiva durante todo um estudo baseado nas informações dos participantes. Por isso, um escritor pode usar as palavras “Uma definição provisória atual para _____ (fenômeno principal) é”

Dever também notar que essa definição não deve ser confundida com a definição detalhada da seção de termos, como foi discutido no Capítulo 2, sobre a revisão da literatura. A intenção aqui é comunicar aos leitores, em um estágio inicial de uma proposta ou estudo de pesquisa, uma percepção geral do fenômeno central para que possam entender melhor as informações que vão sendo apresentadas durante o estudo.

- Inclua palavras que denotem a estratégia de investigação a ser usada na coleta de dados, na análise e no processo da pesquisa – por exemplo, se o estudo vai usar uma abordagem etnográfica, de teoria fundamentada, de estudo de caso, fenomenológica, narrativa ou alguma outra estratégia.

- Mencione os participantes do estudo, podem ser um ou mais indivíduos, um grupo de pessoas ou uma organização inteira.

- Identifique o local da pesquisa, tais como lares, salas de aula, organizações, programas ou eventos. Descreva esse local em detalhes suficientes para que o leitor saiba exatamente onde o estudo será realizado.

- Como um pensamento final na declaração de objetivo, inclua alguma linguagem que delimite o escopo de participação ou os locais de pesquisa do estudo. Por exemplo, o estudo pode ser limitado apenas a mulheres ou a hispânicos. O local da pesquisa pode ser limitado a uma metrópole ou a uma área geográfica pequena. O fenômeno central pode ser limitado a indivíduos em empresas que participam de equipes criativas. Tais delimitações ajudam a definir melhor os parâmetros do estudo de pesquisa.

Embora haja uma variação considerável na inclusão desses pontos nas declarações de objetivo, uma boa proposta de dissertação ou tese deve conter muitos deles.

Para ajudá-lo, segue-se um roteiro que deve ser útil no esboço de uma declaração completa. Um **roteiro**, como é usado neste livro, contém as principais palavras e ideias de uma declaração e proporciona espaço para o pesquisador inserir informações.

O propósito deste estudo _____ (estratégia de investigação, como uma etnografia, estudo de caso ou outro tipo) é (foi? será?) _____ (entender? descrever? desenvolver? descobrir?) o _____ (fenômeno central que está sendo estudado) para _____ (os participantes, tais como o indivíduo, grupos, organização) em _____ (local da pesquisa). Nesta fase da pesquisa, o _____ (fenômeno central que está sendo estudado) será em geral definido como _____ (proporcione uma definição geral).

Os exemplos a seguir podem não ilustrar perfeitamente todos os elementos desse roteiro, mas representam modelos adequados para estudar e imitar.

Exemplo 6.1 *Uma declaração de objetivo em um estudo fenomenológico qualitativo*

Lauterbach (1993) estudou cinco mulheres que perderam um bebê ao final da gravidez e suas lembranças e experiências dessa perda. Sua declaração de objetivo foi a seguinte:

A investigação fenomenológica, como parte da descoberta de significado, articulou "essências" de significado nas experiências vividas das mães quando seus bebês tão desejados morreram. Usando a lente da perspectiva feminista, o foco foram as lembranças das mães e sua experiência "vvida". Essa perspectiva facilitou romper o silêncio que envolvia as experiências das mães; ajudou na articulação e na amplificação das lembranças das mães e de suas histórias da perda. Os métodos de investigação incluíram reflexão fenomenológica sobre os dados suscitados pela investigação existencial das experiências das mães e pela investigação do fenômeno nas artes criativas.

(Lauterbach, 1993, p. 134)

Encontrei a declaração de objetivo de Lauterbach (1993) na seção de abertura do artigo da revista sob o título "Objetivo do Estudo". Desse modo, o título chama a atenção para essa declaração. As "experiências vividas das mães" seriam o fenômeno central, e a autora usa a palavra de ação *retratar* para discutir o *significado* (uma palavra neutra) dessas experiências. A autora também definiu quais experiências foram examinadas quando identifica "lembranças" e experiências "vividas". Ao longo de toda essa passagem fica claro que Lauterbach utilizou a estratégia da fenomenologia. Além disso, a passagem comunica que as participantes eram mães, e, mais adiante no artigo, o leitor é informado de que o autor entrevistou uma amostra de cinco mães, cada uma das quais experimentou uma morte perinatal de um filho em seu lar.

Observe a ressalva de Kos (1991) de que o estudo não foi quantitativo, medindo a magnitude das mudanças de leitura nos alunos. Kos colocou-o claramente dentro da abordagem qualitativa, utilizando palavras como "explorar". Ela concentrou sua atenção no fenômeno central dos "fatores" e apresentou uma definição provisória, mencionando exemplos, tais como "afetivos, sociais e educacionais". Ela incluiu a declaração sob

o título de "Objetivo do Estudo" para chamar a atenção para ele, e mencionou os participantes. No resumo e na seção da metodologia, um leitor percebe que o estudo usou a estratégia de investigação da pesquisa de estudo de caso e que teve lugar em uma sala de aula.

Exemplo 6.2 *Uma declaração de objetivo em um estudo de caso*

Kos (1991) conduziu um estudo de caso múltiplo das percepções de alunos do ensino médio deficientes em leitura sobre os fatores que os impediam de progredir em seu desenvolvimento da leitura. Sua declaração de objetivo dizia o seguinte:

O objetivo deste estudo foi explorar os fatores afetivos, sociais e educacionais que podem ter contribuído para o desenvolvimento das deficiências de leitura em quatro adolescentes. O estudo também buscou explicações sobre a razão de as deficiências de leitura persistirem apesar de anos de instrução. Este não foi um estudo de intervenção e, embora alguns alunos possam ter melhorado sua leitura, a melhora na leitura não foi o foco do estudo.

(Kos, 1991, p. 876-877)

Exemplo 6.3 *Uma declaração de objetivo em uma etnografia*

Rhoads (1997) conduziu um estudo etnográfico com dois anos de duração explorando como o clima do *campus* pode ser melhorado para homens gays e bissexuais em uma grande universidade. Sua declaração de objetivo, incluída na seção de abertura, foi a seguinte:

O artigo contribui para a literatura que trata das necessidades de alunos gays e bissexuais identificando várias áreas em que pode ser feito progresso na melhora do clima do campus para esses alunos. Este estudo deriva de um estudo etnográfico com dois anos de duração de uma subcultura de alunos composta de homens gays e bissexuais em uma grande universidade de pesquisa; o foco nos homens reflete o fato de que as mulheres lésbicas e bissexuais constituem uma subcultura de alunos separada na universidade em questão.

(Rhoads, 1997, p. 276)

Com a intenção de melhorar o *campus*, esse estudo qualitativo cai no gênero de pesquisa reivindicatória, como mencionado no Capítulo 1. Além disso, essas sentenças aparecem no início do artigo, para indicar ao leitor o objetivo do estudo. As necessidades desses alunos tornam-se

o fenômeno central do estudo, e o autor procura identificar áreas que podem melhorar o clima para homens gays e bissexuais. O autor também mencionou que a estratégia de investigação será etnográfica e que o estudo envolverá homens (participantes) de uma grande universidade (local). Nesse ponto, o autor não apresenta informações adicionais sobre a natureza exata dessas necessidades ou uma definição operacional para iniciar o artigo. Entretanto, ele se refere à identidade e oferece um significado provisório a esse termo na seção seguinte do estudo.

Exemplo 6.4 *Uma declaração de objetivo em um estudo de teoria fundamentada*

Richie e colaboradores (1997) conduziram um estudo qualitativo para desenvolver uma teoria do desenvolvimento de carreira de 18 mulheres afro-americanas e brancas nos Estados Unidos, trabalhando em campos ocupacionais diferentes. No segundo parágrafo desse estudo, eles declararam seu objetivo:

O presente artigo descreve um estudo qualitativo do desenvolvimento de carreira de 18 destacadas mulheres afro-americanas e brancas nos Estados Unidos em oito campos ocupacionais. O objetivo geral do estudo foi explorar as influências críticas no desenvolvimento das carreiras dessas mulheres, particularmente aquelas relacionadas ao que conduziu ao seu sucesso profissional.

(Richie et al., 1997, p. 133)

Nessa declaração, o fenômeno central é o desenvolvimento da carreira, e o leitor é informado de que o fenômeno é definido como influências fundamentais no sucesso profissional das mulheres. Nesse estudo, o sucesso, uma palavra direcional, serve mais para definir a amostra de indivíduos a serem estudados do que para limitar a investigação sobre o fenômeno principal. Os autores planejam explorar tal fenômeno, e o leitor é informado de que todos os participantes são mulheres, em diferentes grupos ocupacionais. A teoria fundamentada enquanto estratégia de investigação é mencionada no resumo e mais adiante na discussão do procedimento.

Declaração de objetivo quantitativa

As declarações de objetivos quantitativas diferem consideravelmente dos modelos qualitativos em termos da linguagem e de um foco ao relacionar ou comparar variáveis ou constructos. Lembre-se dos tipos das

principais variáveis, independentes, mediadoras, moderadoras e dependentes, apresentadas no Capítulo 3.

A intenção de uma **declaração de objetivo quantitativa** inclui as variáveis no estudo e suas relações, os participantes e o local da pesquisa. Também inclui a linguagem associada à pesquisa quantitativa e à testagem dedutiva das relações ou teorias. Uma declaração de objetivo quantitativa se inicia com a identificação das principais variáveis propostas em um estudo (independente, interveniente, dependente), acompanhada por um modelo visual para identificar claramente essa sequência, e a localização e especificação de como as variáveis serão medidas ou observadas. Por fim, a intenção de utilizar as variáveis quantitativamente será relacionar as variáveis, como se vê tipicamente em um levantamento, ou a de comparar amostras ou grupos em termos de um resultado, como é comumente encontrado nos experimentos.

Os principais componentes de uma boa declaração de objetivo quantitativa incluem o seguinte:

- Inclua palavras para indicar a principal intenção do estudo, como *propósito*, *intenção* ou *objetivo*. Comece com “O propósito (ou objetivo ou intenção) deste estudo é (foi, será)...”
- Identifique a teoria, o modelo ou a estrutura conceptual. Nesse ponto, não é necessário descrevê-lo em detalhes; no Capítulo 3, sugiro a possibilidade de redigir uma seção à parte, “Perspectiva Teórica”, para tal propósito. A menção disso na declaração de objetivo dá ênfase à importância da teoria e prenuncia seu uso no estudo.
- Identifique as variáveis independentes e dependentes, assim como quaisquer variáveis mediadoras, moderadoras ou de controle utilizadas no estudo.
- Use expressões que conectem as variáveis independentes às dependentes para indicar que estão relacionadas, tais como “a relação entre” duas ou mais variáveis ou uma “comparação de” dois ou mais grupos. A maioria dos estudos quantitativos emprega uma dessas duas opções para conectar variáveis na declaração de objetivo. Também pode haver uma combinação entre comparação e relação – por exemplo, um experimento de dois fatores em que o pesquisador tem dois ou mais grupos de tratamento, e uma variável independente contínua. Embora tipicamente se encontre estudos sobre a comparação de dois ou mais grupos em experimentos, é também possível comparar grupos em um estudo de levantamento.
- Posicione ou ordene as variáveis da esquerda para a direita na declaração de objetivo, com a variável independente seguida da variável

dependente. Coloque as variáveis intervenientes entre as variáveis independentes e as dependentes. Muitos pesquisadores também colocam as variáveis moderadoras entre as variáveis independentes e as dependentes. Como alternativa, as variáveis de controle podem ser colocadas imediatamente após a variável dependente, em uma expressão como "controle para..." Nos experimentos, a variável independente será sempre a variável manipulada.

- Mencione o tipo específico de estratégia ou investigação (como levantamento ou pesquisa experimental) usado no estudo. Incorporando essa informação, o pesquisador antecipa a discussão dos métodos e permite ao leitor associar a relação das variáveis à abordagem da investigação.
- Faça referência aos participantes (ou à unidade de análise) do estudo e mencione o local da pesquisa.
- Defina, em termos gerais, cada variável fundamental, preferencialmente usando definições estabelecidas apresentadas e aceitas, encontradas na literatura. Nesse ponto, são incluídas definições gerais para auxiliar o leitor a entender melhor a declaração de objetivo. Elas não substituem as definições específicas e operacionais encontradas mais tarde, na seção de "Definição de Termos" (detalhe sobre o modo como as variáveis serão medidas). Também devem ser mencionadas as delimitações que afetam o escopo do estudo, tais como o escopo da coleta de dados ou se ele está limitado a determinados indivíduos.

Tendo como base esses pontos, o roteiro de uma declaração de objetivo quantitativa pode incluir as seguintes ideias:

O propósito deste estudo _____ (experimento? levantamento?) é (foi? será?) testar a teoria _____ que _____ (compara? relaciona?) a _____ (variável independente) à _____ (variável dependente), controle para _____ (variáveis de controle) para _____ (participantes) em _____ (local da pesquisa). A(s) variável(s) independente(s) _____ será(ão) definida(s) como _____ (apresente uma definição). A(s) variável(s) dependente(s) será(ão) definida(s) como _____ (apresente uma definição), e a(s) variável(s) de controle e interveniente(s), _____ (identifique as variáveis de controle e intervenientes) será(ão) definida(s) como _____ (apresente uma definição).

Os exemplos que seguem ilustram muitos dos elementos desses roteiros. Os dois primeiros estudos são levantamentos; o último é um experimento.

Exemplo 6.5 *Uma declaração de objetivo em um estudo de levantamento publicado*

Kalof (2000) conduziu um estudo longitudinal, de dois anos de duração, com 54 universitárias sobre suas atitudes e experiências com vitimização sexual. As participantes responderam a duas pesquisas idênticas pelo correio, com dois anos de intervalo entre elas. A autora combinou a declaração de objetivo, apresentada na seção de abertura, às questões de pesquisa.

Este estudo é uma tentativa de elaborar e de esclarecer o vínculo entre as atitudes das mulheres em relação ao sexo e suas experiências com a vitimização sexual. Utilizei dois anos de dados colhidos de 54 universitárias para responder às seguintes questões: (1) As atitudes das mulheres influenciam sua vulnerabilidade à coerção sexual em um período de dois anos? (2) As atitudes mudaram após as experiências com vitimização sexual? (3) A vitimização anterior reduz ou aumenta o risco de vitimização posterior?

(Kalof, 2000, p. 48)

Embora Kalof (2000) não mencione uma teoria que busque testar, ela identifica tanto sua variável independente (ver atitudes de papel) quanto a variável dependente (vitimização sexual). Ela posicionou-as da independente para a dependente. Também discutiu mais o vínculo do que a relação entre as variáveis para estabelecer uma conexão entre elas. Essa passagem identifica os participantes (mulheres) e o local da pesquisa (um ambiente universitário). Mais tarde, na seção de método, mencionou que o estudo foi um levantamento realizado pelo correio. Embora ela não defina as principais variáveis, apresenta medidas específicas das variáveis nas questões de pesquisa.

Exemplo 6.6 *Uma declaração de objetivo em um estudo de levantamento para uma tese de doutorado*

DeGraw (1984) realizou uma tese de doutorado no campo da educação sobre o tópico de educadores que trabalham em instituições correccionais para adultos. Sob uma seção intitulada "Declaração do Problema", ele apresentou o objetivo do estudo:

O objetivo deste estudo foi examinar a relação entre as características pessoais e a motivação no emprego de educadores formados que ensinavam

em determinadas instituições estaduais correccionais para adultos nos Estados Unidos. As características pessoais foram divididas em informações básicas sobre o respondente (i. e., informações institucionais, nível de educação, treinamento anterior, etc.) e informações sobre os pensamentos dos respondentes sobre mudanças de empregos. O exame das informações básicas foi importante para este estudo porque se esperava que fosse possível identificar as características e os fatores que contribuem para importantes diferenças na mobilidade e na motivação. A segunda parte do estudo solicitava aos respondentes que identificassem os fatores motivacionais que os preocupavam. A motivação no emprego foi definida por seis fatores gerais, identificados no questionário do estudo de componentes do trabalho educacional (educational work components study – EWCS) (Miskel e Heller, 1973). Esses seis fatores são: potencial para desafio pessoal e desenvolvimento pessoal; competitividade; vantagens e recompensas pelo sucesso; tolerância às pressões do trabalho; segurança conservadora; e disposição para buscar recompensas apesar da incerteza versus evitação.

(DeGraw, 1984, p. 4, 5)

Essa declaração incluiu vários componentes de uma boa declaração de objetivo. Foi apresentada em uma seção à parte, utilizou a palavra *relação*, os termos foram definidos e a população foi mencionada. Além disso, a partir da ordem das variáveis apresentadas na declaração, pode-se identificar claramente as variáveis independente e a dependente.

Exemplo 6.7 Uma declaração de objetivo em um estudo experimental

Booth-Kewley, Edwards e Rosenfeld (1992) realizaram um estudo comparando as vantagens sociais de responder a uma versão computadorizada de uma atitude a um questionário de personalidade com a vantagem de realizar uma versão em lápis e papel. Eles replicaram um estudo realizado com estudantes universitários que utilizou um inventário, chamado Balanced Inventory of Desirable Responding (BIDR), composto de duas escalas, gerenciamento de impressão (GI) e autoengano (AE). No parágrafo final da introdução, eles apresentam o objetivo do estudo.

Planejamos o presente estudo para comparar as respostas de recrutas da Marinha nas escalas de GI e AE, coletadas sob três condições: com lápis e papel, em um computador com permissão para correção, e em um computador sem tal permissão. Aproximadamente a metade dos recrutas respondeu o questionário de forma anônima e a outra metade se identificou.

(Booth-Kewley et al., 1992, p. 563)

Essa declaração também refletiu muitas propriedades de uma boa declaração de objetivo. A declaração foi separada de outras ideias na introdução como um parágrafo separado, mencionou que seria realizada uma comparação e identificou os participantes do experimento (i. e., a unidade de análise). Em termos da ordem das variáveis, os autores as apresentaram com a variável dependente em primeiro lugar, contrariamente a minha sugestão (entretanto, os grupos estão claramente identificados). Embora a base teórica não seja mencionada, os parágrafos precedentes à declaração de objetivo examinaram os achados da teoria anterior. Os autores também não se referem à estratégia da investigação, mas outras passagens, especialmente aquelas relacionadas aos procedimentos, discutem o estudo enquanto experimento.

Uma declaração de objetivo de métodos mistos

Uma declaração de objetivo de métodos mistos contém a intenção geral do estudo, as informações sobre as tendências quantitativas e qualitativas do estudo e uma justificativa da incorporação das duas tendências para estudar o problema de pesquisa. Essas declarações precisam ser identificadas de início, na introdução, e apresentam sinalizações importantes para o leitor compreender as partes quantitativas e qualitativas de um estudo. Várias diretrizes podem orientar a organização e a apresentação da declaração de objetivos de métodos mistos:

- Comece com palavras indicativas, como “O objetivo de” ou “A intenção de”.
- Indique a intenção geral do estudo a partir de uma perspectiva do conteúdo, como “A intenção é aprender sobre a eficácia organizacional” ou “A intenção é examinar famílias com enteados”. Dessa maneira, o leitor tem uma âncora para entender o estudo geral antes de o pesquisador dividir o projeto em tendências quantitativas e qualitativas.
- Indique o tipo de projeto de métodos mistos – tal como sequencial, concomitante ou transformativo – que será utilizado.
- Discuta as razões para a combinação de dados quantitativos e qualitativos. Essa razão poderia ser uma das seguintes (ver o Capítulo 10 para mais detalhes):
 - ✓ Melhor entender um problema de pesquisa convergindo (ou triangulando) as tendências numéricas da pesquisa quantitativa e os detalhes da pesquisa qualitativa.

- ✓ Explorar as concepções do participante com a intenção de ampliar essas visões com a pesquisa quantitativa para que possam ser exploradas com uma grande amostra de uma população.
- ✓ Obter resultados estatísticos e quantitativos de uma amostra e depois realizar o acompanhamento com alguns indivíduos para ajudar a explicar esses resultados em maior profundidade (ver também O'Cathain, Murphy e Nicholl, 2007).
- ✓ Comunicar melhor as tendências e as vozes de grupos ou indivíduos marginalizados.
- Inclua as características de uma boa declaração de objetivo qualitativa, como a concentração em um único fenômeno, usando palavras de ação e linguagem não direcionada, mencionando a estratégia da investigação e identificando os participantes e o local da pesquisa.
- Inclua as características de uma boa declaração de objetivo quantitativo, como a identificação da teoria e das variáveis, a relação entre as variáveis ou a comparação dos grupos em termos das variáveis, colocando-as em ordem de independentes para dependentes, mencionando a estratégia da investigação e especificando os participantes e o local da pesquisa.
- Considere adicionar informações sobre os usos específicos das coletas de dados quantitativa e qualitativa.

Baseados nesses elementos, seguem quatro roteiros de declaração de objetivo de métodos mistos (Creswell e Plano Clark, 2007). Os dois primeiros são estudos sequenciais com um tipo de coleta de dados ampliando o outro; o terceiro é um estudo concomitante com os dois tipos de dados coletados ao mesmo tempo e reunidos na análise dos dados. O quarto exemplo é um roteiro de estudo de métodos mistos também baseado em um projeto concomitante.

1. Um estudo sequencial com uma segunda fase quantitativa ampliando uma fase inicial qualitativa:

O objetivo deste estudo de métodos mistos de duas fases e sequencial é _____ (mencionar o objetivo de conteúdo do estudo). A primeira fase será uma exploração qualitativa de um _____ (fenômeno principal) coletando _____ (tipos de dados) de _____ (participantes) em _____ (local da pesquisa). Os resultados desta fase qualitativa serão então utilizados para testar _____ (uma teoria, questões ou hipóteses de pesquisa)

que _____ (relacione, compare) _____ (variável dependente) para _____ (amostra da população) em _____ (local da pesquisa). A razão de se coletar os dados qualitativos inicialmente é que _____ (p. ex., os instrumentos são inadequados ou indisponíveis, as variáveis não são conhecidas, há pouca teoria para orientação ou poucas taxonomias).

2. Um estudo sequencial com a fase de acompanhamento qualitativa ampliando e ajudando a explicar a fase quantitativa inicial:

A intenção deste estudo de métodos mistos de duas fases, sequencial, será _____ (mencionar o objetivo de conteúdo do estudo). Na primeira fase, as questões ou hipóteses da pesquisa quantitativa irão abordar _____ a relação ou comparação de _____ (variável independente) e _____ (variável dependente) com _____ (participantes) em _____ (local da pesquisa). As informações desta primeira fase serão mais bem exploradas em uma segunda fase qualitativa. Na segunda fase, serão utilizadas entrevistas qualitativas ou observações para sondar os _____ (resultados quantitativos) explorando aspectos do _____ (fenômeno principal) com _____ (alguns participantes) em _____ (local da pesquisa). A razão de se fazer o acompanhamento com pesquisa qualitativa na segunda fase é _____ (p. ex., melhor entender e explicar os resultados quantitativos).

3. Um estudo concomitante com a intenção de reunir dados quantitativos e qualitativos e fundi-los ou integrá-los para entender melhor um problema de pesquisa:

O objetivo deste estudo de métodos mistos concomitante é _____ (objetivo do conteúdo do estudo). No estudo, serão usados _____ (instrumentos quantitativos) para avaliar a relação entre _____ (variável independente) e _____ (variável dependente). Ao mesmo tempo, o _____ (fenômeno principal) será explorado por meio de _____ (entrevistas qualitativas ou observações) com _____ (participantes) em _____ (local da pesquisa). A razão de se combinar dados quantitativos e qualitativos é entender melhor esse problema de

pesquisa convergindo os dados quantitativos (tendências numéricas amplas) e os dados qualitativos (concepções detalhadas).

4. Este roteiro final pode ser utilizado por um pesquisador de métodos mistos com uma estratégia de investigação de métodos mistos transformativos. O roteiro foi redigido para um estudo concomitante, mas o projeto de métodos mistos pode usar uma estratégia de investigação tanto concomitante (dados quantitativos e qualitativos coletados ao mesmo tempo) quanto sequencial (os dois tipos de dados coletados em sequência ou fases). Os elementos que designam este roteiro como transformacional são o fato de o objetivo do estudo ser o de abordar uma questão fundamental para grupos ou indivíduos sub-representados ou marginalizados. Além disso, o resultado de um estudo desse tipo é defender as necessidades destes grupos ou indivíduos, e essa informação está incluída na declaração do objetivo.

O objetivo deste estudo de métodos mistos concomitante é _____ (declarar a questão que precisa ser abordada para o grupo ou indivíduos). No estudo, serão utilizados _____ (instrumentos quantitativos) para medir a relação entre _____ (variável independente) e _____ (variável dependente). Ao mesmo tempo, o _____ (fenômeno principal) será explorado com o uso de _____ (entrevistas qualitativas ou observações) com _____ (participantes) em _____ (local da pesquisa). A razão de se combinar os dados quantitativos e qualitativos é entender melhor esse problema de pesquisa convergindo tanto os dados quantitativos (tendências numéricas amplas) quanto os qualitativos (concepções detalhadas) e defender a mudança para _____ (grupos ou indivíduos).

Exemplo 6.8 *Uma declaração de objetivos de métodos mistos concomitantes*

Hossler e Vesper (1993) estudaram as atitudes de alunos e pais em relação às poupanças dos pais para a educação universitária de seus filhos. Nesse estudo, com três anos de duração, identificaram os fatores mais fortemente associados às poupanças dos pais e coletaram tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Sua declaração de objetivos foi a seguinte:

Em um esforço de esclarecer a poupança feita pelos pais, este artigo examina os comportamentos de economia dos pais. Utilizando dados dos alunos e dos pais de um estudo longitudinal empregando múltiplos levantamentos

durante um período de três anos, foi usada regressão logística para identificar os fatores mais fortemente associados às poupanças dos pais para a educação universitária de seus filhos. Além disso, os insights obtidos das entrevistas de uma pequena subamostra de alunos e pais que foi entrevistada cinco vezes durante o período de três anos são usados para examinar mais detalhadamente as poupanças dos pais.

(Hossler e Vesper, 1991, p. 141)

Essa seção estava contida sob o título de “Objetivo” e indicava que tanto os dados quantitativos (levantamentos) quanto os dados qualitativos (entrevistas) foram incluídos no estudo. As duas formas de dados foram coletadas durante o período de três anos, e os autores podem ter identificado seu estudo como um projeto de triangulação ou concomitante. Embora a justificativa para o estudo não esteja incluída nessa passagem, ela é articulada mais adiante, na discussão dos métodos sobre os levantamentos e as entrevistas. Aqui percebemos que “as entrevistas também foram utilizadas para explorar as variáveis sob investigação em maiores detalhes e os resultados triangulados utilizando-se dados quantitativos e qualitativos” (Hossler e Vesper, 1993, p. 146).

Exemplo 6.9 *Uma declaração de objetivo de métodos mistos sequenciais*

Ansorge, Creswell, Swidler e Gutmann (2001) estudaram o uso de computadores *laptop* iBook sem fio em três cursos de métodos de formação de professores. Esses computadores *laptop* permitiam que os alunos trabalhassem em suas carteiras e os usassem para se conectarem diretamente nos sites da web recomendados pelos instrutores. A declaração de objetivo foi a seguinte:

O objetivo deste estudo de métodos mistos sequencial foi primeiro explorar e gerar temas sobre o uso de laptops iBook pelos alunos em três salas de aula de formação de professores usando-se observações de campo e entrevistas face a face. Depois, tendo por base esses temas, a segunda fase foi desenvolver um instrumento e realizar um levantamento dos alunos sobre o uso do laptop em várias dimensões. A justificativa para o uso de ambos os dados, qualitativos e quantitativos, foi que um levantamento útil da experiência dos alunos só poderia ser mais bem desenvolvido após uma exploração preliminar do uso dos alunos.

Nesse exemplo, a declaração se inicia com as palavras indicativas “o objetivo de”. Depois menciona o tipo de projeto de métodos mistos e contém os elementos básicos tanto da fase qualitativa inicial quanto um

acompanhamento da fase quantitativa. Inclui informações sobre os dois tipos de coleta de dados e termina com uma justificativa para a incorporação das duas formas de dados em um projeto sequencial.

Exemplo 6.10 *Uma declaração de objetivo de métodos mistos transformativos concomitantes*

Com este estudo, esperamos contribuir para o entendimento geral de como são formadas as percepções de justiça e como a igualdade de gênero é conceituada por mulheres e homens suecos. O objetivo deste artigo é estudar a importância do uso do tempo, dos recursos individuais, da justiça distributiva e da ideologia de gênero para as percepções de justiça e para as percepções da igualdade entre os gêneros. Dois estudos são utilizados para isso: um estudo de levantamento e um estudo de entrevista qualitativo.

(Nordenmark e Nyman, 2003, p. 185)

Essa declaração de objetivo começa com a intenção do estudo e apresenta a questão da igualdade entre os gêneros como uma questão de interesse. Essa passagem aparece no final da introdução, e o leitor já percebeu que a Suécia tem um objetivo político de trabalhar na direção da igualdade entre os gêneros, em que “o equilíbrio do trabalho e do poder entre os sexos seja eliminado” (Nordenmark e Nyman, 2003, p. 182). Os autores mencionam os dois tipos de dados a serem coletados (levantamento e entrevistas) e, depois dessa passagem, referem-se às vantagens de se combinar os dois métodos e afirmam que os dois conjuntos de dados são complementares. Por isso, é sugerido um projeto concomitante. A declaração de objetivo mencionou as variáveis quantitativas que foram relacionadas no estudo; adiante, veremos que várias dessas variáveis foram também transformadas em questões de pesquisa qualitativa. Entretanto, os autores poderiam ter sido mais explícitos também na explicitação de seus procedimentos quantitativos e qualitativos, especificando o tipo de estratégia de métodos mistos que utilizaram. Além disso, não houve menção de como esse estudo auxiliaria a criar maior igualdade na Suécia. Entretanto, na parte final do estudo publicado, os autores sugerem que os objetivos conflitantes e o comportamento e as ideias contraditórios podem todos ter um impacto sobre a igualdade dos gêneros na Suécia, e reivindicam medidas de justiça e maior igualdade para pesquisas em larga escala.

RESUMO

Este capítulo enfatiza a fundamental importância de uma declaração de objetivo – apresentar a ideia central de um estudo. Ao escrever uma declaração de objetivo qualitativa, o pesquisador precisa identificar um único fenômeno principal e lhe proporcionar uma definição provisória. Além disso, o pesquisador emprega palavras de ação, como *descobrir*, *desenvolver* ou *entender*; usa linguagem não direcional; e menciona a estratégia de investigação, os participantes e o local da pesquisa. Em uma declaração de objetivo quantitativa, o pesquisador declara a teoria que está sendo testada e também as variáveis e sua relação ou a comparação entre elas. É importante colocar a variável independente primeiro e depois a dependente. O pesquisador comunica a estratégia da investigação e também os participantes e o local de pesquisa para a investigação. Em algumas declarações de objetivo, o pesquisador também define as variáveis fundamentais usadas no estudo. Em um estudo de métodos mistos, o tipo de estratégia é também mencionado como sua justificativa, assim como se os dados são coletados concomitante ou sequencialmente. São incluídos muitos elementos de boas declarações de objetivo qualitativas e quantitativas.

Exercícios de Redação

1. Usando o roteiro para uma declaração de objetivo qualitativa, escreva uma declaração preenchendo as lacunas. Faça uma declaração curta; não escreva mais do que aproximadamente três quartos de uma página digitada.
2. Usando o roteiro para uma declaração de objetivo quantitativa, escreva uma declaração. Faça também uma declaração curta, com não mais do que três quartos de uma página digitada.
3. Usando o roteiro para uma declaração de objetivo de métodos mistos, escreva uma declaração de objetivo. Certifique-se de incluir a razão para misturar dados quantitativos e qualitativos e de incorporar os elementos de uma boa declaração de objetivo qualitativa e de uma boa declaração de objetivo quantitativa.

LEITURAS ADICIONAIS

Marshall, C. & Rossman, G. B. (2006). *Designing qualitative research* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Catherine Marshall e Gretchen Rossman chamam a atenção para a principal intenção do estudo, o objetivo do estudo. Essa seção fica em geral incorporada à discussão do

tópico, e é mencionada em uma ou duas sentenças. Comunica ao leitor que os resultados da pesquisa devem ser concluídos. As autoras caracterizam os objetivos como exploratórios, explanatórios, descritivos e emancipatórios. Também mencionam que a declaração inclui a unidade de análise (p. ex., indivíduos, díades ou grupos).

Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2007). *Designing and conducting mixed methods research*. Thousand Oaks, CA: Sage.

John W. Creswell e Vicki L. Plano Clark escreveram uma visão geral e uma introdução à pesquisa de métodos mistos que cobre todo o processo de pesquisa, desde a redação de uma introdução, da coleta de dados, da análise dos dados e interpretação e da redação de estudos de métodos mistos. Em seu capítulo sobre a introdução, discutem as declarações de objetivo qualitativa, quantitativa e de métodos mistos. Apresentam roteiros e exemplos para quatro tipos de estudos de métodos mistos, assim como diretrizes gerais para a redação dessas declarações.

Wilkinson, A. M. (1991). *The scientist's handbook for writing papers and dissertations*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Antoinette Wilkinson chama a declaração de objetivos de "objetivo imediato" do estudo de pesquisa. Ela afirma que o objetivo do objetivo é responder à questão de pesquisa. Além disso, o objetivo do estudo precisa ser apresentado na introdução, embora possa estar implicitamente declarado como o objeto da pesquisa, do artigo ou do método. Se explicitamente declarado, o objetivo é encontrado no final do argumento, na introdução; pode também ser encontrado próximo ao início ou no meio, dependendo da estrutura da introdução.

7

Hipótese

Questões e Hipóteses de Pesquisa

Os investigadores colocam indicações para conduzir o leitor ao longo de um plano para um estudo. A primeira indicação é a declaração de objetivo, a qual estabelece a direção principal do estudo. Da declaração de objetivo geral, ampla, o pesquisador estreita o foco para as questões específicas a serem respondidas ou para as previsões baseadas em hipóteses a serem testadas. Este capítulo inicia com a apresentação de vários princípios no planejamento e de roteiros para a redação de questões de pesquisa qualitativa; as questões, os objetivos e as hipóteses da pesquisa quantitativa; e as questões de pesquisa de métodos mistos.

QUESTÕES DA PESQUISA QUALITATIVA

Em um estudo qualitativo, os investigadores apresentam as questões de pesquisa, não os objetivos (os objetivos específicos da pesquisa) ou as hipóteses (as previsões que envolvem variáveis e testes estatísticos). Essas questões de pesquisa assumem duas formas: uma questão central e as subquestões associadas.

A **questão central** é uma questão ampla que pede uma exploração do fenômeno ou do conceito central em um estudo. O investigador coloca essa questão, consistente com a metodologia emergente da pesquisa qualitativa, como uma questão geral para não limitar a investigação. Para chegar a ela, pergunte, "Qual é a questão mais ampla que posso formular no estudo?" Os pesquisadores iniciantes treinados na pesquisa *quantitativa* podem ter difi-

culdades com essa abordagem, pois estão acostumados à abordagem inversa: identificar questões ou hipóteses estritas e específicas baseadas em algumas variáveis. Na pesquisa qualitativa, a intenção é explorar o conjunto complexo de fatores que envolvem o fenômeno central e apresentar as perspectivas ou os significados variados dos participantes. Seguem as diretrizes para a formulação de questões amplas de pesquisa qualitativa:

- *Formule uma ou duas questões, seguidas de não mais do que 5 a 7 subquestões.* Várias subquestões seguem cada pergunta central geral; as subperguntas estreitam o foco do estudo, mas deixam em aberto o questionamento. Essa abordagem está bem dentro dos limites estabelecidos por Miles e Huberman (1994), os quais recomendaram que os pesquisadores não escrevessem no todo mais de 12 questões de pesquisa qualitativa (questão central e subquestões). As subquestões, por sua vez, podem se tornar questões específicas utilizadas durante as entrevistas (ou na observação ou quando se examina documentos). Ao desenvolver um protocolo ou guia de entrevista, o pesquisador pode formular no início uma pergunta para “quebrar o gelo”, por exemplo, seguida de umas cinco subquestões no estudo (ver Capítulo 9). A entrevista terminaria então com uma questão de fechamento ou resumo, como fiz em um de meus estudos de caso qualitativos. “A quem eu deveria recorrer para aprender mais sobre esse tópico?” (Asmussen e Creswell, 1995).

- *Relacione a questão central à estratégia qualitativa específica da investigação.* Por exemplo, a especificidade das questões na etnografia nesse estágio do projeto difere daquela de outras estratégias qualitativas. Na pesquisa etnográfica, Spradley (1980) apresentou uma taxonomia de questões etnográficas que incluía um *minitour* do grupo que compartilha a cultura, suas experiências, o uso da língua nativa, contrastes com outros grupos culturais, e questões para verificar a precisão dos dados. Na etnografia crítica, as questões de pesquisa podem basear-se em um corpo de literatura existente. Essas questões tornam-se mais diretrizes de trabalho do que verdades a serem comprovadas (Thomas, 1993, p. 35). Alternativamente, na fenomenologia, as questões podem ser amplamente apresentadas sem referência específica à literatura existente ou a uma tipologia de questões. Moustakas (1994) fala a respeito de se perguntar sobre as experiências dos participantes e sobre os contextos ou as situações em que ocorreram as experiências. Um exemplo fenomenológico é “Como é para uma mãe viver com um filho adolescente que está morrendo de câncer?” (Nieswiadomy, 1993, p. 151). Na teoria fundamentada, as questões podem ser direcionadas para a geração de uma teoria de algum processo, como a exploração de um processo sobre a maneira como cuidadores e pacientes interagem em um ambiente

hospitalar. Em um estudo de caso qualitativo, as questões podem tratar de uma descrição dos casos e dos temas que emergem de seu estudo.

- *Comece as questões de pesquisa com as palavras o que ou como para comunicar um projeto aberto e emergente.* O uso do *por que* com frequência implica que o pesquisador está tentando explicar porque algo ocorre, e isso me sugere um tipo de pensamento de causa-e-efeito que associa à pesquisa quantitativa em vez de à postura mais aberta e emergente da pesquisa qualitativa.

- *Concentre-se em um fenômeno ou conceito único.* Como um estudo vai se desenvolvendo com o tempo, vão emergir fatores que podem influenciar esse fenômeno único, mas inicie o estudo com um foco único a ser explorado muito detalhadamente.

- *Utilize verbos exploratórios que comuniquem a linguagem do projeto emergente.* Esses verbos vão dizer ao leitor que o estudo irá

- ✓ Descobrir (p. ex., teoria fundamentada)
- ✓ Buscar entender (p. ex., etnografia)
- ✓ Explorar um processo (p. ex., estudo de caso)
- ✓ Descrever as experiências (p. ex., fenomenologia)
- ✓ Relatar as histórias (p. ex., pesquisa narrativa)

- *Utilize esses verbos mais exploratórios, que são não direcionais em vez de as palavras direcionais, as quais sugerem pesquisa quantitativa, como “afetar”, “influenciar”, “impactar”, “determinar”, “causar” e “relacionar”.*

- *Espere que as questões de pesquisa evoluam e se modifiquem durante o estudo, de uma maneira consistente com as suposições de um projeto emergente.* Com frequência, nos estudos qualitativos, as questões estão sob revisão e reformulação contínuas (como em um estudo de teoria fundamentada). Essa abordagem pode ser problemática para indivíduos acostumados a projetos quantitativos, em que as questões de pesquisa permanecem fixas durante todo o estudo.

- *Utilize questões abertas sem referência à literatura ou à teoria, a menos que indicado de outra forma por uma estratégia de investigação qualitativa.*

- *Especifique os participantes e o local da pesquisa para o estudo, se as informações ainda não tiverem sido prestadas.*

Eis um roteiro para uma questão central qualitativa:

_____ (Como ou o que) é a _____ (“história” da pesquisa narrativa; o “significado” do fenômeno para a fenomenologia; a “teoria que explica o processo” para a teoria fundamenta-

da; o “padrão de compartilhamento da cultura” para a etnografia; a “questão” no “caso” para o estudo de caso) do _____ (fenômeno principal) para _____ (participantes) em _____ (local da pesquisa).

Seguem exemplos de questões de pesquisa qualitativa extraídas de vários tipos de estratégias.

Exemplo 7.1 Uma questão central qualitativa de uma etnografia

Finders (1996) usou procedimentos etnográficos para documentar a leitura de revistas para adolescentes por alunas de 7ª série americanas-europeias de classe média. Examinando a leitura de revistas para adolescentes, a pesquisadora explorou como as garotas percebem e constroem seus papéis e relacionamentos sociais quando entram no ensino médio. Ela formulou uma questão central direcionadora em seu estudo.

Como as mulheres no início da adolescência leem a literatura que recai fora do âmbito da ficção?

(Finders, 1996, p. 72)

A questão central de Finders (1996) se inicia com *como*; usa um verbo aberto, *ler*; concentra-se em um conceito único, a literatura ou as revistas para adolescentes; e menciona os participantes, garotas adolescentes, como o grupo de compartilhamento da cultura. Observe como a autora criou uma questão única e concisa a qual precisava ser respondida no estudo. É uma questão ampla, estabelecida para permitir às participantes compartilharem diferentes perspectivas sobre a leitura da literatura.

Exemplo 7.2 Questões qualitativas centrais para um estudo de caso

Padula e Miller (1999) conduziram um estudo de caso múltiplo que descrevia as experiências de mulheres que voltaram para a escola após um tempo sem estudar, em um programa de doutorado em Psicologia de uma importante universidade de pesquisa do Meio-oeste

(a) *Como as mulheres em um programa de doutorado em Psicologia descrevem sua decisão de voltar a estudar?* (b) *Como as mulheres em um programa de doutorado em psicologia descrevem suas experiências de reingresso?* E (c) *como voltar aos estudos de graduação muda as vidas dessas mulheres?*

(Padula e Miller, 1999, p. 328)

Essas três questões centrais se iniciam com a palavra *como*; elas incluem verbos abertos, como “descrever”, e se concentram em três aspectos da experiência do doutorado – o retorno à escola, o reingresso e a mudança. Também mencionam os participantes como mulheres em um programa de doutorado em uma universidade de pesquisa do Meio-oeste.

QUESTÕES E HIPÓTESES DA PESQUISA QUANTITATIVA

Nos estudos quantitativos, os investigadores utilizam questões e hipóteses – e às vezes objetivos – da pesquisa quantitativa para moldar e focar especificamente o objetivo do estudo. As **questões da pesquisa quantitativa** investigam as relações entre as variáveis que o investigador procura conhecer. São usadas frequentemente na pesquisa de ciências sociais e especialmente em estudos de levantamento. As **hipóteses quantitativas**, por outro lado, são previsões que o pesquisador faz sobre as relações esperadas entre as variáveis. São estimativas numéricas dos valores da população baseados em dados coletados de amostras. A testagem de hipóteses emprega procedimentos estatísticos em que o investigador faz inferências sobre a população a partir da amostra de um estudo. As hipóteses são usadas com frequência em experimentos em que os investigadores comparam grupos. Os conselheiros com frequência recomendam seu uso em um projeto de pesquisa formal, como uma dissertação ou tese, como um meio de estabelecer a direção que um estudo vai tomar. Os objetivos, por sua vez, indicam as metas ou os objetivos para um estudo. Com frequência aparecem em propostas para financiamento, mas tendem a ser usados com menos frequência atualmente na pesquisa de ciências sociais e de saúde. Devido a isso, o foco aqui serão as questões e as hipóteses de pesquisa. Segue um exemplo de um roteiro para uma questão de pesquisa quantitativa:

_____ (O nome da teoria) explica a relação entre _____ (variável independente) e _____ (variável dependente), controlando para os efeitos de _____ (variável controle)?

Alternativamente, um roteiro para uma hipótese quantitativa nula pode ser o seguinte:

Não há diferença significativa entre _____ (os grupos controle e experimental na variável independente) sobre a(o) _____ (variável dependente).

As diretrizes para a redação de boas questões e hipóteses da pesquisa quantitativa incluem o seguinte:

- O uso de variáveis nas questões ou hipóteses de pesquisa é tipicamente limitado a três abordagens básicas. O pesquisador pode *comparar* grupos em uma variável independente para ver seu impacto em uma variável dependente. Como alternativa, o investigador pode *relacionar* uma ou mais variáveis dependentes. Em terceiro lugar, o pesquisador pode *descrever* as respostas às variáveis independentes, mediadoras ou dependentes. A maioria das pesquisas quantitativas cai em uma ou mais dessas três categorias.

- A forma mais rigorosa da pesquisa quantitativa segue um teste de uma teoria (ver Capítulo 3) e a especificação das questões ou das hipóteses de pesquisa que estão incluídas na teoria.

- As variáveis independentes e dependentes devem ser medidas separadamente. Esse procedimento reforça a lógica de causa e efeito da pesquisa quantitativa.

- Para eliminar a redundância, escreva apenas as questões ou hipóteses de pesquisa, não ambas, a menos que as hipóteses ampliem as questões de pesquisa (segue discussão). Escolha a forma tendo por base a tradição, as recomendações de um orientador ou de um comitê de docentes, ou se as pesquisas anteriores indicam uma previsão sobre os resultados.

- Se forem usadas hipóteses, há duas formas: nula e alternativa. Uma **hipótese nula** representa a abordagem tradicional: faz uma previsão que, na população geral, não há relação ou diferença significativa entre os grupos em uma variável. A maneira de expressar isso é, "Não há diferença (ou relação)" entre os grupos. O exemplo que segue ilustra uma hipótese nula.

Exemplo 7.3 Uma hipótese nula

Um investigador pode examinar três tipos de reforço para crianças com autismo: dicas verbais, uma recompensa e nenhum reforço. O investigador coleta medidas comportamentais que avaliem a interação social das crianças com seus irmãos. Uma hipótese nula pode ser apresentada assim:

Não há diferença significativa entre os efeitos de dicas verbais, recompensas e nenhum reforço em termos da interação social para crianças com autismo e seus irmãos.

- A segunda forma, popular nos artigos de periódicos, é a hipótese alternativa ou **hipótese direcional**. O investigador faz uma previsão sobre o resultado esperado, baseando essa previsão na literatura e nos

estudos anteriores sobre o tópico que sugerem um resultado potencial. Por exemplo, o pesquisador pode prever que "As pontuações serão mais elevadas para o Grupo A do que para o Grupo B" na variável dependente, ou que "O Grupo A vai mudar mais do que o Grupo B" no resultado. Esses exemplos ilustram uma hipótese direcional, pois é feita uma previsão esperada (p. ex., uma mudança maior, mais mudança). O exemplo que segue ilustra uma hipótese direcional.

Exemplo 7.4 Hipóteses direcionais

Mascarenhas (1989) estudou as diferenças entre os tipos de propriedade (estatal, de capital aberto e privada) de empresas na indústria de perfuração de petróleo na plataforma continental. O estudo explorou especificamente diferenças como a dominação do mercado interno, presença internacional e orientação para o cliente. Foi um estudo de campo controlado usando procedimentos quase-experimentais.

Hipótese 1: As empresas de capital aberto terão índices de crescimento mais elevados do que as empresas privadas.

Hipótese 2: As empresas de capital aberto terão um escopo internacional maior do que as estatais e as privadas.

Hipótese 3: As estatais terão uma parcela maior do mercado interno do que as empresas de capital aberto ou privadas.

Hipótese 4: As empresas de capital aberto terão linhas de produto mais amplas do que as estatais e as privadas.

Hipótese 5: As estatais têm maior probabilidade de ter estatais como clientes no exterior.

Hipótese 6: As estatais terão uma estabilidade de base de clientes maior do que as empresas privadas.

Hipótese 7: Em contextos menos visíveis, as empresas de capital aberto empregarão tecnologia mais avançada do que as estatais e as privadas.

(Mascarenhas, 1989, p. 585-588)

- Outro tipo de hipótese alternativa é a **não direcional** – uma previsão é feita, mas a forma exata das diferenças (p. ex., mais alta, mais baixa, mais, menos) não é especificada, pois o pesquisador não sabe o que pode ser previsto a partir da literatura anterior. Assim, o investigador pode escrever, "Há uma diferença" entre os dois grupos. Segue-se um exemplo que incorpora os dois tipos de hipóteses.

Exemplo 7.5 Hipóteses não direcionais e direcionais

As vezes as hipóteses direcionais são criadas para examinar a relação entre variáveis, em vez de comparar grupos. Por exemplo, Moore (2000) estudou o significado da identidade de gênero para mulheres judias e árabes religiosas e seculares na sociedade israelense. Em uma amostra de probabilidade nacional de mulheres judias e árabes, o autor identificou três hipóteses para estudo. A primeira é não direcional e as duas últimas são direcionais.

H1: A identidade de gênero de mulheres árabes e judias, religiosas e seculares, está relacionada a diferentes ordens sociais sociopolíticas que refletem os diferentes sistemas de valores que elas adotam.

H2: As mulheres religiosas com identidade de gênero acentuada são menos sociopoliticamente ativas do que as mulheres seculares com identidades de gênero acentuadas.

H3: As relações entre a identidade de gênero, a religiosidade e as ações sociais são mais fracas entre as mulheres árabes do que entre as mulheres judias.

- A menos que o estudo empregue intencionalmente variáveis demográficas como preditores, use variáveis não demográficas (i. e., atitudes ou comportamentos) como variáveis independentes e dependentes. Como os estudos quantitativos tentam verificar teorias, as variáveis demográficas (p. ex., idade, nível de renda, nível educacional, etc.) tipicamente entram nesses modelos como variáveis intervenientes (ou mediadoras ou moderadoras), e não como importantes variáveis independentes.

- Use o mesmo padrão de ordem de palavras nas questões ou hipóteses para permitir ao leitor identificar facilmente as principais variáveis. Isso exige repetição de frases-chave e posicionamento das variáveis começando com a independente e concluindo com a dependente, na ordem da esquerda para a direita (como foi discutido no Capítulo 6, sobre as boas declarações de objetivo). Segue-se um exemplo de ordem de palavras com as variáveis independentes apresentadas no começo da frase.

Exemplo 7.6 Uso padrão da linguagem em hipóteses

1. Não há relação entre a utilização de serviços de apoio auxiliares e persistência acadêmica para mulheres universitárias de idade não tradicional.
2. Não há relação entre os sistemas de apoio familiar e a persistência acadêmica para mulheres universitárias de idade não tradicional.
3. Não há relação entre os serviços de apoio auxiliares e os sistemas de apoio familiar para mulheres universitárias de idade não tradicional.

Um modelo para questões e hipóteses descritivas

Considere um modelo para questões ou hipóteses escritas baseadas em questões descritivas escritas (descrevendo algo) seguidas de questões ou hipóteses inferenciais (extraíndo inferências de uma amostra para uma população). Essas questões ou hipóteses incluem tanto variáveis independentes quanto dependentes. Nesse modelo, o autor especifica questões descritivas para cada variável independente e dependente, e para importantes variáveis intervenientes ou moderadoras. As questões (ou hipóteses) inferenciais as quais relacionam variáveis ou comparam grupos seguem essas questões descritivas. Um conjunto final de questões pode acrescentar questões ou hipóteses inferenciais em que as variáveis são controladas.

Exemplo 7.7 Questões descritivas e inferenciais

Para ilustrar esta abordagem, um pesquisador quer examinar a relação entre as habilidades de pensamento crítico (uma variável independente medida em um instrumento) e o desempenho dos alunos (uma variável dependente medida por notas) em aulas de ciências para alunos de 8ª série em um grande distrito escolar metropolitano. O pesquisador controla os efeitos intervenientes das notas anteriores nas aulas de ciências e as conquistas educacionais dos pais. Seguindo o modelo proposto, as questões de pesquisa podem ser escritas da seguinte maneira:

Questões Descritivas

1. Como os alunos são avaliados nas habilidades de pensamento crítico? (Uma questão descritiva concentrada na variável independente)
2. Quais são os níveis de realização (ou notas) do aluno nas aulas de ciências? (Uma questão descritiva concentrada na variável dependente)
3. Quais são as notas anteriores do aluno nas aulas de ciências? (Uma questão descritiva concentrada na variável controle das notas anteriores)
4. Qual é o nível educacional dos pais dos alunos de 8ª série? (Uma questão descritiva concentrada em outra variável controle, o nível educacional dos pais)

Questões Inferenciais

1. A capacidade de pensamento crítico está relacionada ao desempenho do aluno? (Uma questão inferencial relacionando as variáveis independentes e dependentes)
2. A capacidade de pensamento crítico está relacionada ao desempenho do aluno, ao controle dos efeitos das notas anteriores em ciências e ao nível educacional dos pais dos alunos de 8ª série? (Uma questão inferencial relacionando as variáveis independente e dependente, controlando os efeitos das duas variáveis controladas)

Esse exemplo ilustra como organizar todas as questões de pesquisa em questões descritivas e inferenciais. Em outro exemplo, um pesquisador pode querer comparar grupos, e a linguagem pode mudar para refletir essa comparação nas questões inferenciais. Em outros estudos, muito mais variáveis independentes e dependentes podem estar presentes no modelo que está sendo testado, o que resultaria em uma lista mais longa de questões descritivas e inferenciais. Recomendo esse modelo descritivo-inferencial.

Esse exemplo também ilustra a utilização das variáveis para descrever e também para relacionar. Especifica as variáveis independentes na primeira posição nas questões, as dependentes na segunda e as controles na terceira posição. Emprega a demografia mais como variáveis controles do que centrais nas questões, e o leitor precisa supor que as questões fluem a partir de um modelo teórico.

QUESTÕES E HIPÓTESES DA PESQUISA DE MÉTODOS MISTOS

Nas discussões sobre métodos, os pesquisadores normalmente não se deparam com as questões ou hipóteses específicas, talhadas especialmente para a pesquisa de métodos mistos. Entretanto, a discussão se iniciou com respeito ao uso das questões de métodos mistos nos estudos e também a como planejá-las (ver Creswell e Plano Clark, 2007; Tashakkori e Creswell, 2007). Um estudo sólido de métodos mistos começaria com uma questão de pesquisa de métodos mistos para moldar os métodos e o planejamento geral do estudo. Como um estudo de métodos mistos não se baseia apenas na pesquisa quantitativa ou qualitativa, alguma combinação das duas proporciona as melhores informações para as questões e as hipóteses de pesquisa. Devem ser considerados quais os tipos de questões a serem apresentadas, e quando e quais informações são mais necessárias para comunicar a natureza do estudo:

- Tanto as questões (ou hipóteses) da pesquisa qualitativa quanto aquelas da pesquisa quantitativa precisam ser apresentadas em um estudo de métodos mistos para estreitar e concentrar o foco da declaração de objetivo. Tais questões ou hipóteses podem ser apresentadas no início ou quando surgirem, durante uma fase posterior da pesquisa. Por exemplo, se o estudo começa com uma fase quantitativa, o investigador pode introduzir hipóteses. Mais adiante no estudo, quando a fase qualitativa é abordada, aparecem as questões da pesquisa qualitativa.

- Ao escrever essas questões ou hipóteses, siga as diretrizes deste capítulo para formular boas questões ou hipóteses.

- Deve-se prestar atenção à ordem das questões e hipóteses de pesquisa. Em um projeto de duas fases, as questões da primeira fase devem vir primeiro, seguidas das questões da segunda fase, para que os leitores as vejam na ordem em que serão tratadas no estudo proposto. Em uma estratégia de investigação de fase única, as questões devem ser ordenadas conforme o método que recebe mais peso no planejamento.

- Inclua uma **questão de pesquisa de métodos mistos** que trate diretamente da mistura das tendências quantitativas e qualitativas da pesquisa. Essa é a questão que será respondida no estudo tendo por base essa mistura (ver Creswell e Plano Clark, 2007). Essa é uma nova forma de questão nos métodos de pesquisa, e Tashakkori e Creswell (2007, p. 208) a denominam de questão “híbrida” ou “integrada”. Tal questão pode ser escrita no início ou quando emergir; por exemplo, em um estudo de duas fases em que uma amplia a outra, as questões de métodos mistos podem ser colocadas em uma discussão entre as duas fases. Isso pode assumir uma de duas formas. A primeira é redigi-la de uma maneira que comunique os *métodos* ou *procedimentos* utilizados em um estudo (p. ex., Os dados qualitativos ajudam a explicar os resultados da fase quantitativa inicial do estudo? Ver Creswell e Plano Clark, 2007). A segunda forma é escrevê-la de uma maneira que comunique o *conteúdo* do estudo (p. ex., O tema do apoio social ajuda a explicar por que alguns alunos adotam um comportamento ameaçador nas escolas? Ver Tashakkori e Creswell, 2007)

- Considere várias maneiras diferentes em que todos os tipos de questões de pesquisa (quantitativas, qualitativas e mistas) podem ser escritos em um estudo de métodos mistos:

- ✓ Escreva as questões ou hipóteses quantitativas e as questões qualitativas em separado. Elas podem ser escritas no início de um estudo ou quando aparecem no projeto, se o estudo se desdobra em estágios ou fases. Com essa abordagem, a ênfase é colocada nas duas abordagens, e não no componente de métodos mistos ou no componente integrativo do estudo.
- ✓ Escreva as questões ou hipóteses quantitativas e as questões qualitativas separadamente, e acompanhe-as com uma questão de métodos mistos. Isso destaca a importância das duas fases do estudo, qualitativa e quantitativa, assim como sua força combinada, e por isso é, provavelmente, a abordagem ideal.

- ✓ Escreva apenas uma questão de métodos mistos que reflita os procedimentos ou o conteúdo (ou escreva a questão de métodos mistos em uma abordagem tanto de procedimento quanto de conteúdo), e não inclua questões quantitativas e qualitativas separadamente. Esta abordagem vai melhorar a concepção de que o estudo pretende conduzir a alguma integração ou conexão entre as fases quantitativa e qualitativa do estudo (i. e., a soma das duas partes é maior do que cada parte).

Exemplo 7.8 Hipóteses e questões de pesquisa em um estudo de métodos mistos

Houtz (1995) apresenta um exemplo de um estudo de duas fases com hipóteses e questões de pesquisa quantitativa e qualitativa à parte, apresentadas em seções que introduzem cada fase. Ela não utilizou uma questão de pesquisa de métodos mistos separada e distinta. Seu estudo investigou as diferenças entre as estratégias do ensino fundamental (não tradicionais) e do início do ensino médio (tradicionais) para alunos de 7ª e 8ª série e suas atitudes com relação às ciências e a seu desempenho em ciências. Seu estudo foi conduzido em um momento em que muitas escolas estavam mudando do conceito de dois anos juniores do ensino médio para a abordagem educacional de três anos de ensino fundamental (incluindo a 6ª série). Nesse estudo de duas fases, a primeira fase envolveu avaliar as atitudes e o desempenho pré-teste e pós-teste utilizando escalas e pontuações no exame. Houtz acompanhou então os resultados quantitativos com entrevistas qualitativas com os professores de ciências, o diretor da escola e os orientadores. A segunda fase ajudou a explicar as diferenças e as semelhanças entre as duas abordagens de ensino obtidas na primeira fase.

Com um estudo quantitativo de primeira fase, Houtz (1995, p. 630) mencionou as hipóteses que guiaram sua pesquisa:

Foi formulada a hipótese de que não haveria diferença significativa entre os alunos de ensino fundamental e aqueles do ensino médio na atitude com relação às ciências como disciplina escolar. Também foi formulada a hipótese de que não haveria diferença significativa entre os alunos do ensino fundamental e aqueles do ensino médio no desempenho em ciências.

Essas hipóteses apareceram no início do estudo como uma introdução à fase quantitativa. Antes da fase qualitativa, Houtz levantou questões para explorar mais profundamente os resultados quantitativos. Concentrando-se nos resultados do teste de desempenho, ela entrevistou os professores de ciências, o diretor e os orientadores da universidade, fazendo-lhes três perguntas:

Que diferenças existem atualmente entre a estratégia de instrução do ensino fundamental e a estratégia de ensino do ensino médio nesta escola em transição? Como este período de transição impactou a atitude e o

desempenho em ciências de seus alunos? Como os professores se sentem com relação a este processo de mudança?

(Houtz, 1995, p. 649)

O exame deste estudo de métodos mistos mostra que o autor incluiu questões quantitativas e qualitativas, especificou-as no início de cada fase de seu estudo, e utilizou bons elementos para escrever tanto as hipóteses quantitativas quanto as questões de pesquisa qualitativas. Se Houtz (1995) tivesse desenvolvido uma questão de métodos mistos, ela poderia ter sido apresentada a partir de uma perspectiva procedural.

Como as entrevistas com os professores, o diretor e os orientadores da universidade ajudam a explicar quaisquer diferenças quantitativas no desempenho dos alunos de ensino fundamental e do ensino médio?

Como alternativa, a questão de métodos mistos poderia ter sido escrita a partir de uma orientação de conteúdo, como, por exemplo:

Como os temas mencionados pelos professores ajudam a explicar por que os alunos de ensino fundamental têm notas inferiores aos do ensino médio?

Exemplo 7.9 Uma questão de métodos mistos redigida em termos de procedimentos mistos

Em que extensão e de que maneiras as entrevistas qualitativas com alunos e membros do corpo docente servem para contribuir para um entendimento mais abrangente e sutil dessa relação prevista entre as notas no CEEPT e o desempenho acadêmico dos alunos, por meio de uma análise integrativa de métodos mistos?*

(Lee e Greene, 2007)

Esse é um bom exemplo de uma questão de métodos mistos concentrada na intenção de misturar, para integrar as entrevistas qualitativas e os dados quantitativos, a relação entre as notas e o desempenho dos alunos. Essa questão enfatizou o que a integração estava tentando realizar – um entendimento abrangente e sutil – e, no final do artigo, os autores apresentaram evidências respondendo a ela.

* N. de R. T. CEEPT sigla em inglês para um teste realizado em ambiente informatizado para alunos cujo inglês é a segunda língua.

RESUMO

As questões e as hipóteses de pesquisa restringem a declaração de objetivo e se tornam indicações importantes para os leitores. Os pesquisadores qualitativos formulam pelo menos uma questão central e várias subquestões. Eles iniciam as questões com as palavras *como* ou *o que*, e utilizam verbos exploratórios, tais como *explorar* ou *descrever*. Formulam questões amplas e gerais para permitir aos participantes explicar suas ideias. Também se concentram inicialmente em um fenômeno de interesse central. As questões podem também mencionar os participantes e o local da pesquisa.

Os pesquisadores quantitativos escrevem questões ou hipóteses de pesquisa. As duas formas incluem variáveis que são descritas, relacionadas e categorizadas em grupos para comparação, e as variáveis independentes e dependentes são medidas separadamente. Em muitas propostas quantitativas, os autores usam questões de pesquisa; no entanto, uma declaração de pesquisa mais formal emprega hipóteses. Essas hipóteses são previsões sobre as conclusões dos resultados e podem ser redigidas como hipóteses alternativas especificando os resultados exatos a serem esperados (mais ou menos, mais elevados ou mais baixos que alguma coisa). Também podem ser declarados na forma nula, indicando que não se espera diferença ou que não há relação entre os grupos em uma variável dependente. Geralmente, o pesquisador escreve a variável (ou variáveis) independente primeiro, seguida da variável (ou variáveis) dependente. Um modelo para ordenar as questões em uma proposta quantitativa é começar com questões descritivas seguidas de questões inferenciais que relacionem variáveis ou comparem grupos.

Eu encorajo os pesquisadores de métodos mistos a construir questões de métodos mistos separadamente em seus estudos. Essas questões podem ser escritas para enfatizar os procedimentos ou o conteúdo do estudo, e podem ser colocadas em diferentes momentos. Ao escrever essas questões, o pesquisador comunica a importância de integrar ou combinar os elementos quantitativos e qualitativos. Existem vários métodos para redigir as questões de métodos mistos nos estudos: escrever apenas as questões ou hipóteses quantitativas e as questões qualitativas, ou escrever tanto as questões ou hipóteses quantitativas quanto as questões qualitativas seguidas por uma questão de métodos mistos, ou escrever apenas uma questão de métodos mistos.

Exercícios de Redação

1. Para um estudo qualitativo, redigir uma ou duas questões centrais seguidas de 5 a 7 subquestões.
2. Para um estudo quantitativo, elabore dois conjuntos de questões. O primeiro conjunto deve ser de questões descritivas sobre as variáveis independentes e dependentes do estudo. O segundo conjunto coloca questões que relacionam (ou comparam) a variável (ou variáveis) independente com a variável (ou variáveis) dependente. Isso segue o modelo apresentado neste capítulo para combinar questões descritivas e inferenciais.
3. Para métodos mistos, elabore uma questão de pesquisa. Redija uma questão de pesquisa de métodos mistos. Redija-a primeiro como uma questão incorporando os procedimentos de seu estudo de métodos mistos e depois a reescreva para incorporar o conteúdo. Comente qual abordagem funciona melhor para você.

LEITURAS ADICIONAIS

Creswell, J. W. (1999). *Mixed-method research: Introduction and application*. Em G. J. Cizek (Ed.), *Handbook of educational policy* (p. 455-472). San Diego: Academic Press

Nesse capítulo, discuto os nove passos na condução de um estudo de métodos mistos. Eles são os seguintes:

1. Determinar se um estudo de métodos mistos é necessário para estudar o problema.
2. Considerar se um estudo de métodos mistos é factível.
3. Escrever questões de pesquisa tanto qualitativas quanto quantitativas.
4. Examinar e decidir sobre os tipos de coleta de dados.
5. Avaliar o peso relativo e a estratégia de implementação para cada método.
6. Apresentar um modelo visual.
7. Determinar como os dados serão analisados.
8. Avaliar os critérios para avaliar o estudo.
9. Desenvolver um plano para o estudo.

Ao redigir as questões de pesquisa, recomendo desenvolver tipos tanto qualitativos quanto quantitativos e declarar dentro deles o tipo de estratégia qualitativa de investigação que está sendo usada.

Tashakkori, A. & Creswell, J. W. (2007). *Exploring the nature of research question in mixed methods research*. Editorial. *Journal of Mixed Methods Research*, 1(3), p. 207-211.

Esse editorial trata do uso e da natureza das questões de pesquisa na pesquisa de métodos mistos. Destaca a importância das questões de pesquisa no processo da pesquisa e discute a necessidade de um melhor entendimento do uso das questões de métodos mistos. Ele

pergunta, "Como se estrutura uma questão de pesquisa em um estudo de métodos mistos?" (p. 207). São apresentados três modelos: redigir questões quantitativas e qualitativas separadamente, redigir uma questão de métodos mistos abrangente, ou redigir questões de pesquisa para cada fase de um estudo à medida que a pesquisa se desenvolve.

Morse, J. M. (1994). *Designing funded qualitative research*. Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (p. 220-235). Thousand Oaks, CA: Sage.

Janice Morse, pesquisadora de enfermagem, identifica e descreve as principais questões envolvidas no planejamento de um projeto qualitativo. Ela compara várias estratégias de investigação e mapeia o tipo de questões de pesquisa utilizadas em cada estratégia. Para a fenomenologia e a etnografia, a pesquisa exige questões de significado e questões descritivas. Para a teoria fundamentada, as questões precisam lidar com o processo, enquanto que, na etnometodologia e na análise do discurso, as questões estão relacionadas à interação verbal e ao diálogo. Ela indica que o teor da questão de pesquisa determina o foco e o escopo do estudo.

Tuckman, B. W. (1999). *Conducting educational research* (5th ed.). Fort Worth, TX: Harcourt Brace.

Bruce Tuckman apresenta um capítulo inteiro sobre a construção de hipóteses. Ele identifica a origem das hipóteses nas posições teóricas dedutivas e nas observações indutivas. Também define e ilustra as hipóteses alternativas e as hipóteses nulas, e conduz o leitor pelo procedimento de testagem das hipóteses.

8

Métodos Quantitativos

Para muitos daqueles que redigem propostas, a seção do método é a parte mais concreta e específica de uma proposta. Este capítulo apresenta os passos essenciais no planejamento de métodos quantitativos para uma proposta ou estudo de pesquisa, com um foco específico no levantamento e em projetos experimentais. Esses projetos refletem suposições filosóficas pós-positivistas, como discutiu-se no Capítulo 1. Por exemplo, o determinismo sugere que o exame das relações entre as variáveis é fundamental para responder às questões e hipóteses por meio de levantamentos e experimentos. A redução a um conjunto parcimonioso de variáveis, rigidamente controladas pelo planejamento ou pela análise estatística, proporciona medidas ou observações para a testagem de uma teoria. Dados objetivos resultam de observações e de medidas empíricas. A validade e a confiabilidade das pontuações nos instrumentos conduzem a interpretações significativas dos dados.

Relacionando essas suposições e os procedimentos que as implementam, essa discussão não aborda exhaustivamente os métodos de pesquisa quantitativos. Textos excelentes e detalhados proporcionam informações sobre a pesquisa de levantamento (p. ex., ver Babbie, 1990, 2007; Fink, 2002; Salant e Dillman, 1994). Para procedimentos experimentais, alguns livros tradicionais (p. ex., Campbell e Stanley, 1963; Cook e Campbell, 1979), assim como alguns textos mais recentes, ampliam as ideias aqui apresentadas (p. ex., Bausell, 1994; Boruch, 1998; Field e Hole, 2003; Keppel, 1991; Lipsey, 1990; Reichardt e Mark, 1998). Neste capítulo, o foco são os componentes essenciais de uma seção de método nas propostas para um levantamento e um experimento.

DEFININDO LEVANTAMENTOS E EXPERIMENTOS

Um **projeto de levantamento** apresenta uma descrição quantitativa ou numérica de tendências, atitudes ou opiniões de uma população, estudando-se uma amostra dessa população. A partir dos resultados da amostra, o pesquisador generaliza ou faz afirmações sobre a população. Em um *experimento*, os investigadores também podem identificar uma amostra e generalizar para uma população; no entanto, a intenção básica de um **projeto experimental** é testar o impacto de um tratamento (ou de uma intervenção) sobre um resultado, controlando todos os outros fatores que possam influenciar esse resultado. Como forma de controle, os pesquisadores indicam aleatoriamente os indivíduos para os grupos. Quando um grupo recebe um tratamento e o outro grupo não o recebe, o experimentador pode isolar se é o tratamento – e não outros fatores – que influencia o resultado.

COMPONENTES DE UM PLANO DE MÉTODO DE LEVANTAMENTO

O planejamento de uma seção de método de levantamento segue um formato padrão. Muitos exemplos desse formato aparecem em publicações acadêmicas, e proporcionam modelos úteis. As seções que seguem detalham componentes típicos. Ao preparar o planejamento desses componentes em uma proposta, considere como guia geral as questões apresentadas na lista apresentada no Quadro 8.1.

O projeto de levantamento

Em uma proposta ou plano, uma das primeiras partes da seção do método pode introduzir os leitores ao objetivo e à justificativa básicos para a pesquisa de levantamento. Inicie a discussão examinando o propósito de um levantamento e a justificativa para sua seleção para o estudo proposto. Essa discussão pode:

- Identificar o propósito da pesquisa de levantamento. Esse objetivo é generalizar a partir de uma amostra para uma população, para que possam ser feitas inferências sobre algumas características, atitudes ou comportamentos dessa população (Babbie, 1990). Proporcione uma referência para esse objetivo a partir de um dos textos de método de pesquisa (vários estão identificados neste capítulo).

- Indique por que um levantamento é o tipo preferido de procedimento de coleta de dados para o estudo. Nessa justificativa, considere as vantagens dos projetos de levantamento, como a parcimônia do projeto e o processo rápido na coleta dos dados. Discuta a vantagem da identificação dos atributos de uma população grande a partir de um grupo pequeno de indivíduos (Babbie, 1990; Fowler, 2002).

Quadro 8.1 Uma lista de questões para o planejamento de um método de levantamento

_____	O objetivo é estabelecido como projeto de levantamento?
_____	São mencionadas as razões para a escolha do projeto?
_____	Está identificada a natureza do levantamento (corte transversal <i>versus</i> longitudinal)?
_____	Estão mencionadas a área e seu tamanho?
_____	A população será estratificada? Se for, como será?
_____	Quantas pessoas farão parte da amostra? Em que base esse tamanho foi escolhido?
_____	Qual será o procedimento para a amostragem desses indivíduos (p. ex., aleatório, não aleatório)?
_____	Qual instrumento será utilizado no levantamento? Quem desenvolveu o instrumento?
_____	Quais são as áreas de conteúdo abordadas no levantamento? E as escalas?
_____	Qual procedimento será usado para o teste piloto ou para o teste de campo do levantamento?
_____	Qual é a linha de tempo utilizada para administrar o levantamento?
_____	Quais são as variáveis utilizadas no estudo?
_____	Como essas variáveis se cruzam com as questões e os itens de pesquisa no levantamento?
_____	Quais passos específicos serão tomados na análise dos dados para
(a) _____	analisar os retornos?
(b) _____	verificar os vieses das respostas?
(c) _____	conduzir uma análise descritiva?
(d) _____	fragmentar os itens em escalas?
(e) _____	verificar a confiabilidade das escalas?
(f) _____	operar com estatísticas inferenciais para responder as questões de pesquisa?
_____	Como os resultados serão interpretados?

- Indique se o levantamento será de corte transversal, com os dados coletados em um momento do tempo, ou será longitudinal, com os dados coletados no decorrer do tempo.

- Especifique a forma de coleta dos dados. Fink (2002) identifica quatro tipos: questionários autoadministrados; entrevistas; revisões de registros estruturados para coletar informações financeiras, médicas ou escolares; e observações estruturadas. A coleta de dados pode também envolver a criação de um levantamento baseado na *web* ou na internet e administrado *on-line* (Nesbary, 2000; Sue e Ritter, 2007). Independentemente da forma de coleta dos dados, apresente uma justificativa para o

procedimento, usando argumentos baseados em seus pontos fortes e fracos, custos, disponibilidade dos dados e conveniência.

A população e a amostra

Especifique as características da população e os procedimentos da amostragem. Os metodologistas têm escrito excelentes discussões sobre a lógica básica da teoria da amostragem (p. ex., Babbie, 1990, 2007). Seguem aspectos essenciais da população e da amostra a serem descritos em um plano de pesquisa:

- Identificar a população do estudo. Também declarar o tamanho dessa população, se este puder ser determinado, e os meios para identificar os indivíduos na população. Aqui surgem questões de acesso, e o pesquisador pode se referir à disponibilidade das estruturas de amostragem – listas de correio ou listas publicadas de respondentes potenciais na população.

- Identificar se o projeto da amostragem para essa população é de fase única ou multifásico (chamado *clustering*). A amostragem por *cluster*^{*} é ideal quando é impossível ou pouco prático compilar uma lista dos elementos que compõem a população (Babbie, 2007). Um procedimento de amostragem de fase única é aquele em que o pesquisador tem acesso aos nomes na população e pode amostrar as pessoas (ou outros elementos) diretamente. Em um procedimento multifásico ou de *clustering*, o pesquisador primeiro identifica os *clusters* (grupos ou organizações), obtém os nomes dos indivíduos pertencentes a eles e depois as amostras dentro deles.

- Identificar o processo de seleção dos indivíduos. Recomendo selecionar uma amostra *aleatória*, em que cada indivíduo na população tenha uma probabilidade igual de ser selecionado (uma amostragem sistemática ou probabilística). Menos desejável é uma amostra de não probabilidade (ou amostra de conveniência), em que os respondentes são escolhidos baseados em sua conveniência e disponibilidade (Babbie, 1990). Com a randomização, uma amostra representativa de uma população proporciona a capacidade para generalizar para uma população.

- Identificar se o estudo vai envolver estratificação da população antes da seleção da amostra. *Estratificação* significa que as características específicas dos indivíduos (p. ex., tanto mulheres quanto homens) estão representadas nas amostras e que a amostra reflete a real proporção na população de in-

divíduos com determinadas características (Fowler, 2002). Quando se seleciona aleatoriamente as pessoas de uma população, essas características podem ou não estar presentes na amostra nas mesmas proporções que na população; a estratificação garante sua representação. Também identifica as características usadas na estratificação da população (p. ex., gênero, níveis de renda, educação). Em cada camada, identificar se a amostra contém indivíduos com a característica na mesma proporção em que a característica aparece na população em geral (Babbie, 1990; Miller, 1991).

- Discutir os procedimentos para a seleção da amostra a partir das listas disponíveis. O método mais rigoroso para a seleção da amostra é escolher os indivíduos usando uma tabela de números aleatórios, tabela essa disponível em muitos textos introdutórios de estatística (p. ex., Gravetter e Wallnau, 2000).

- Indicar o número de pessoas na amostra e os procedimentos usados para computar esse número. Na pesquisa de levantamento, recomendo o uso de uma fórmula de tamanho de amostra disponível em muitos textos de levantamento (p. ex., ver Babbie, 1990; Fowler, 2002).

Instrumentação

Como parte de uma coleta de dados rigorosa, o autor da proposta também apresenta informações detalhadas sobre o instrumento real de levantamento a ser usado no estudo proposto. Considere o seguinte:

- Nomeie o instrumento de levantamento usado para coletar os dados. Discuta se é um instrumento designado para essa pesquisa, um instrumento modificado ou um instrumento intacto, desenvolvido por outra pessoa. Caso se trate de um instrumento modificado, indique se o autor concedeu a permissão apropriada para seu uso. Em alguns projetos de levantamento, o pesquisador compõe um instrumento a partir de componentes de vários instrumentos. Mais uma vez, precisa-se obter a permissão para o uso de qualquer parte de outros instrumentos. Além disso, cada vez mais estão sendo designados instrumentos para levantamentos *on-line* (ver Sue e Ritter, 2007). Uma ferramenta de levantamento *on-line* é o SurveyMonkey (SurveyMonkey.com), um produto comercial disponível desde 1999. Utilizando esse serviço, os pesquisadores podem criar rapidamente seus próprios levantamentos utilizando gabaritos personalizados e colocando-os em sites da *web*, ou os enviando por e-mail aos participantes para que os completem. O SurveyMonkey pode então gerar resultados e remetê-los de volta ao pesquisador como

^{*} N. de R.T. *Cluster*, termo em inglês que significa conglomerado.

estatísticas descritivas ou informações em gráficos. Os resultados podem ser baixados em uma planilha eletrônica ou em um banco de dados para análise posterior. O programa básico é gratuito para 100 respostas por levantamento e não mais de 10 questões por levantamento. Para respostas adicionais, mais questões e várias características personalizadas, o SurveyMonkey cobra uma taxa mensal ou anual.

- Para usar um instrumento já existente, descreva a validade e a confiabilidade das pontuações obtidas pelo uso passado do instrumento. Isso significa os esforços relatados pelos autores para estabelecer a **validade** – se a pessoa pode extrair inferências significativas e úteis das pontuações obtidas pelos instrumentos. As três formas tradicionais de validade a serem buscadas são a validade do conteúdo (Os itens medem o conteúdo que foram destinados a medir?), a validade preditiva ou concomitante (As pontuações preveem uma medida de critério? Os resultados se correlacionam com outros resultados?) e a validade de constructo (Os itens medem constructos ou conceitos hipotéticos?). Em estudos mais recentes, a validade do constructo também tem incluído se as pontuações servem a um propósito útil e têm consequências positivas quando são usadas na prática (Humbley e Zumbo, 1996). Estabelecer a validade das pontuações em um levantamento ajuda a identificar se um instrumento pode ser bom para ser utilizado na pesquisa de levantamento. Essa forma de validade é diferente de identificar as ameaças à validade na pesquisa experimental, como será discutido mais adiante neste capítulo.

Também discuta se os resultados resultantes do uso passado do instrumento demonstram **confiabilidade**. Veja se outros autores relatam medidas de consistência interna (As respostas dos itens são consistentes por meio dos constructos?) e de correlações teste-reteste (As pontuações são estáveis no decorrer do tempo quando o instrumento é administrado uma segunda vez?). Também determine se houve consistência na administração e na pontuação do teste (Os erros foram causados por negligência na administração ou na pontuação?; Borg, Gall e Gall, 1993).

- Quando se modifica um instrumento ou se combina instrumentos em um estudo, a validade e a confiabilidade originais podem não corroborar o novo instrumento, e torna-se importante restabelecer a validade e a confiabilidade durante a análise dos dados.

- Inclua itens da amostra do instrumento para que os leitores possam ver os itens reais utilizados. Em um apêndice à proposta, anexe itens da amostra ou todo o instrumento.

- Indique as principais seções de conteúdo do instrumento, como a carta de apresentação (Dillman, 1978, proporciona uma lista útil de itens a serem incluídos nas cartas de apresentação), os itens (p. ex., itens demográficos, itens atitudinais, itens comportamentais, itens factuais) e as instruções de fechamento. Também mencione o tipo de escalas usadas para medir os itens no instrumento, tais como escalas contínuas (p. ex., *concorda fortemente* a *discorda fortemente*) e escalas categóricas (p. ex., sim/não, classificação da maior para a menor importância).

- Discuta os planos para o teste piloto ou teste de campo do levantamento e apresente uma justificativa para esses planos. Essa testagem é importante para estabelecer a validade de conteúdo de um instrumento e para melhorar as questões, o formato e as escalas. Indique o número de pessoas que testarão o instrumento e os planos para incorporar seus comentários nas revisões finais do instrumento.

- Para uma pesquisa realizada pelo correio, identifique os passos para administrar o levantamento e para realizar seu acompanhamento para garantir um alto índice de resposta. Salant e Dillman (1994) sugerem um processo de administração de quatro fases. A primeira correspondência é uma carta de apresentação e informações enviada a todos os membros da amostra, e a segunda correspondência é a pesquisa real, distribuída cerca de uma semana depois da carta de apresentação e informações. A terceira correspondência consiste em um cartão de acompanhamento enviado a todos os membros da amostra quatro a oito dias depois do questionário inicial. A quarta correspondência, enviada a todos os não respondentes, consiste de uma carta de apresentação e informações com uma assinatura à mão, o questionário e um envelope subscrito e selado para o retorno. Os pesquisadores enviam essa quarta correspondência três semanas após a segunda. Assim, no total, contando que os retornos satisfaçam os objetivos do projeto, o pesquisador conclui o período de administração quatro semanas depois de seu início.

Variáveis no estudo

Embora os leitores de uma proposta sejam informados sobre as variáveis nas declarações de propósito e nas seções de questões/hipóteses de pesquisa, convém, na seção do método, relacionar as variáveis às questões ou hipóteses específicas no instrumento. Uma técnica é relacionar as variáveis, as questões ou hipóteses de pesquisa e os itens no instrumento do levantamento, para que o leitor possa facilmente determinar como o pesquisador utilizará os itens

do questionário. Planeje incluir uma tabela e uma discussão que faça uma referência cruzada às variáveis, às questões ou hipóteses e a itens específicos do levantamento. Esse procedimento é especialmente útil nas dissertações em que os investigadores testam modelos de larga escala. O Quadro 8.2 ilustra uma tabela desse tipo usando dados hipotéticos.

Quadro 8.2 Variáveis, questões de pesquisa e itens em um levantamento

Nome da variável	Questão de pesquisa	Item no levantamento
Variável Independente 1: Publicações anteriores	Pesquisa descritiva Questão 1: Quantas publicações o docente produziu antes da defesa de doutorado?	Ver as Questões 11, 12, 13, 14 e 15: as publicações incluem artigos para revistas, livros, <i>papers</i> de conferência, capítulos de livros publicados antes da defesa de doutorado.
Variável Dependente 1: Subvenções concedidas	Pesquisa descritiva Questão 3: Quantas subvenções o docente recebeu nos últimos três anos?	Ver as Questões 16, 17 e 18: subvenções de fundações, subvenções federais e subvenções estaduais.
Variável Controle 1: Status de estabilidade	Pesquisa descritiva Questão 5: O docente tem estabilidade no cargo?	Ver a Questão 19: estabilidade (sim/não)

Análise e interpretação dos dados

Na proposta, apresente informações sobre os passos envolvidos na análise dos dados. Recomendo as seguintes **dicas de pesquisa**, apresentando-as como uma série de passos para que o leitor possa ver como um passo conduz a outro para uma discussão completa dos procedimentos de análise dos dados.

Passo 1. Relate as informações sobre o número de membros da amostra que retornaram e os que não retornaram o levantamento. Uma tabela com números e percentagens descrevendo os respondentes e os não respondentes é um instrumento útil para apresentar essa informação.

Passo 2. Discuta o método pelo qual o viés da resposta será determinado. **Viés de resposta** é o efeito das não respostas nas estimativas do levantamento (Fowler, 2002). *Viés* significa que, se os não respondentes tivessem respondido, suas respostas teriam alterado substancialmente os resultados gerais. Mencione os procedimentos usados para verificar o viés de resposta, como a análise de onda ou uma análise de respondente/não respondente. Na análise de onda, o pesquisador examina os retornos em itens selecionados semanalmente para determinar se a média de respostas muda (Leslie, 1972).

Baseado na suposição de que aqueles que retornam os levantamentos nas semanas finais do período de resposta são quase todos não respondentes, se as respostas começam a mudar, existe um potencial para um viés de resposta. Uma verificação alternativa para o viés de resposta é entrar em contato por telefone com alguns não respondentes e determinar se suas respostas diferem substancialmente daquelas dos respondentes. Isso constitui uma verificação respondente/não respondente para o viés de resposta.

Passo 3. Discuta um plano para apresentar uma **análise descritiva** dos dados para todas as variáveis independentes e dependentes do estudo. Essa análise deve indicar as médias, os desvios padrão e a variação das pontuações para essas variáveis.

Passo 4. Se a proposta contém um instrumento com escalas ou um plano para desenvolver escalas (combinando os itens em escalas), identifique o procedimento estatístico (i. e., a análise fatorial) para sua realização. Também mencione as verificações de confiabilidade para a consistência interna das escalas (i. e., a estatística alfa de Cronbach).

Passo 5. Identifique as estatísticas e o programa de estatística computadorizado para testar as principais questões ou hipóteses de pesquisa no estudo proposto. As **questões** ou **hipóteses inferenciais** relacionam as variáveis ou comparam grupos em termos de variáveis, de tal modo que se possa extrair inferências da amostra para uma população. Apresente uma justificativa para a escolha do teste estatístico e mencione as suposições associadas com a estatística. Como está mostrado no Quadro 8.3, baseie esta escolha na natureza da questão de pesquisa (p. ex., relacionando variáveis ou comparando grupos como os mais populares), no número de variáveis independentes e dependentes e no número de variáveis controladas (p. ex., ver Rudestam e Newton, 2007). Além disso, considere se as variáveis serão medidas em um instrumento como uma pontuação contínua (p. ex., idade, de 18 a 36) ou como uma pontuação categórica (p. ex., mulheres = 1, homens = 2). Finalmente, considere se as pontuações da amostra podem ser normalmente distribuídas em uma curva do sino se colocadas em um gráfico ou não normalmente distribuídas. Há outras maneiras de determinar se as pontuações estão normalmente distribuídas (ver Creswell, 2008). Esses fatores, em combinação, permitem a um pesquisador determinar qual teste estatístico será adequado para responder a questão ou hipótese de pesquisa. No Quadro 8.3, mostro como os fatores, em combinação, conduzem à seleção de vários testes estatísticos comuns. Para outros tipos de testes estatísticos, os leitores podem recorrer a livros de métodos estatísticos, como o de Gravetter e Wallnau (2000).

Quadro 8.3 Critérios para a escolha de testes estatísticos

Natureza da questão	Número de variáveis independentes	Número de variáveis dependentes	Número de variáveis controlares (covariadas)	Tipo de pontuação das variáveis independentes e dependentes	Distribuição das pontuações	Teste estatístico
Comparação do grupo	1	1	0	Catégorico/contínuo	Normal	Teste t
Comparação do grupo	1 ou mais	1	0	Catégorico/contínuo	Normal	Análise de variância
Comparação do grupo	1 ou mais	1	1	Catégorico/contínuo	Normal	Análise de covariância
Comparação do grupo	1	1	0	Catégorico/contínuo	Não normal	Teste U de Mann-Whitney
Comparação do grupo	1	1	0	Catégorico/catégorico	Não normal	Qui-quadrado
Associação entre grupos	1	1	0	Catégorico/contínuo	Normal	Correlação produto-momento de Pearson
Variáveis relacionadas	1	1	0	Catégorico/contínuo	Normal	Regressão múltipla
Variáveis relacionadas	2 ou mais	1	0	Catégorico/contínuo	Normal	Correlação de postos de Spearman
Variáveis relacionadas	1	1 ou mais	0	Catégorico/catégorico	Não normal	Correlação de postos de Spearman

Passo 6. Um passo final na análise dos dados é apresentar os resultados em tabelas ou figuras e interpretar os resultados do teste estatístico. Uma **interpretação dos resultados** significa que o pesquisador tira conclusões a partir dos resultados para as questões e hipóteses de pesquisa e para o significado maior dos resultados. Essa interpretação envolve vários passos.

- Relate se os resultados do teste estatístico foram ou não estatisticamente significantes. Por exemplo, “a análise da variância revelou uma diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres em termos das atitudes com relação à proibição de fumar em restaurantes $F(2;6) = 8,55, p = 0,001$.”

- Relate como esses resultados responderam a questão ou hipótese de pesquisa. Os resultados corroboraram a hipótese ou contradisseram o que era esperado?

- Indique o que pode explicar por que os resultados ocorreram. Essa implicação pode remeter à teoria apresentada no estudo proposto (ver o Capítulo 3), à literatura anterior examinada na revisão da literatura (ver o Capítulo 2) ou ao raciocínio lógico.

- Discuta as implicações dos resultados para a prática ou para a pesquisa futura sobre o tópico.

Exemplo 8.1 Uma seção do método de levantamento

Segue um exemplo de uma seção de método de levantamento que ilustra muitos dos passos que acabaram de ser mencionados. Este trecho (usado com permissão dos autores) foi extraído de um artigo de periódico relatando um estudo dos fatores que afetam desistência dos alunos em uma pequena faculdade de artes liberais (Bean e Creswell, 190, p. 321-322).

Metodologia

O local deste estudo foi uma pequena faculdade (mil alunos matriculados) de artes liberais, religiosa e coeducacional em uma cidade do Meio-oeste com uma população de 175 mil habitantes. (Os autores identificaram o local da pesquisa e a população.)

O índice de desistência no ano anterior foi de 25%. Os índices de desistência tendem a ser mais altos entre calouros e alunos de segundo ano, e, por isso, foi feita uma tentativa de atingir o máximo possível de calouros e de alunos de segundo ano pela distribuição do questionário entre as classes. A pesquisa sobre a desistência indica que homens e mulheres desistem da faculdade por razões diferentes (Bean, 1978, no prelo; Spady, 1971). Por isso, somente as mulheres foram analisadas neste estudo.

Durante o mês de abril de 1979, 169 mulheres retomaram os questionários. Uma amostra homogênea de 135 mulheres com 25 anos ou menos, solteiras, com cidadania totalmente norte-americana, e caucasianas, foi selecionada para essa análise para excluir algumas possíveis variáveis de ruído (Kerlinger, 1973).

Dessas mulheres, 71 eram calouras, 55 estavam no segundo ano e 9 estavam no terceiro ano; 95% tinham entre 18 e 21 anos. Esta amostra é tendenciosa com relação a alunos com potencial intelectual mais elevado, como está indicado pelas pontuações no teste ACT. (Os autores apresentaram informações descritivas sobre a amostra.)

Os dados foram coletados por meio de um questionário contendo 116 itens. A maioria deles eram itens tipo Likert, baseados em uma escala de "uma extensão muito pequena" para "uma extensão muito grande". Outras questões foram formuladas para a obtenção de informações factuais, como pontuações no teste ACT, notas no ensino médio e nível educacional dos pais. Todas as informações utilizadas nesta análise foram derivadas de dados do questionário. O questionário foi desenvolvido e testado em três outras instituições antes de seu uso nesta faculdade. (Os autores discutiram o instrumento.)

A validade concomitante e convergente (Campbell e Fiske, 1959) dessas medidas foi estabelecida pela análise fatorial, e avaliada como estando em um nível adequado. A confiabilidade dos fatores foi estabelecida pelo coeficiente alfa. Os constructos foram representados por 25 medidas – itens múltiplos combinados tendo por base a análise fatorial para compor os índices – e 27 medidas foram indicadores de itens únicos. (A validade e a confiabilidade foram tratadas.)

A regressão múltipla e a análise de caminho (Heise, 1969; Kerlinger e Pedhazur, 1973) foram utilizadas para analisar os dados.

No modelo causal..., foi feita a regressão da intenção de abandonar o curso sobre todas as variáveis que a precederam na sequência causal, também, foi feita a regressão das variáveis intervenientes significativamente relacionadas à intenção de abandonar o curso, sobre as variáveis organizacionais, variáveis pessoais, variáveis ambientais e variáveis de segundo plano (Foram apresentadas os passos para a análise de dados.)

COMPONENTES DE UM PLANO DE MÉTODO EXPERIMENTAL

Uma discussão do método experimental segue uma forma padrão: participantes, materiais, procedimentos e medidas. Esses quatro tópicos em geral são suficientes. Nesta seção, examino esses componentes e também as informações sobre o projeto experimental e a análise estatística. Da mesma maneira que na seção sobre os levantamentos, a intenção aqui

é destacar os tópicos fundamentais a serem tratados em uma proposta de método experimental. Um guia geral para esses tópicos pode ser encontrado na resposta às questões na lista exibida no Quadro 8.4.

Participantes

Os leitores precisam ser informados sobre a seleção, a designação e o número de pessoas que participarão do experimento. Considere as seguintes sugestões ao escrever a seção de método para um experimento:

- Descreva o processo de seleção para os participantes como aleatório ou não aleatório (p. ex., convenientemente selecionados). Os participantes podem ser selecionados por *seleção aleatória* ou *amostragem aleatória*. Com a seleção aleatória ou **amostragem aleatória**, cada indivíduo tem uma probabilidade igual de ser selecionado da população, garantindo que a amostra será representativa da população (Keppel, 1991). Em muitos experimentos, no entanto, somente é possível uma amostra de *conveniência*, pois o investigador deve usar grupos naturalmente formados (p. ex., uma classe de alunos, uma organização, uma unidade familiar) ou voluntários. Quando os indivíduos não são designados aleatoriamente, o procedimento é chamado de **quase-experimento**.

- Quando os indivíduos podem ser aleatoriamente designados aos grupos, o procedimento é chamado de **experimento verdadeiro**. Se for feita uma designação aleatória, discuta como o projeto irá *designar aleatoriamente* os indivíduos para os grupos de tratamento. Isso significa que, do conjunto de participantes, o Indivíduo 1 vai para o Grupo 1, o Indivíduo 2 para o Grupo 2, e assim por diante, para que não haja viés sistemático na designação dos indivíduos. Esse procedimento elimina a possibilidade de diferenças sistemáticas entre as características dos participantes que possam afetar os resultados, de modo que quaisquer diferenças nos resultados podem ser atribuídas ao tratamento experimental (Keppel, 1991).

- Identifique outras características no projeto experimental que sistematicamente controlarão as variáveis que podem influenciar o resultado. Uma abordagem é **unir os participantes** em termos de um determinado traço ou característica e depois designar um indivíduo de cada conjunto unido para cada grupo. Por exemplo, podem ser obtidas pontuações em um pré-teste. Os indivíduos podem então ser designados a grupos, com cada grupo tendo o mesmo número de pontuadores altos, médios e baixos no pré-teste. Como alternativa, os critérios para a união podem ser os níveis de capacidade ou as variáveis demográficas.

* N. de R.T. Sigla em inglês para American College Test.

Quadro 8.4 Uma lista de questões para o planejamento de um procedimento experimental

_____	Quais são os participantes do estudo?
_____	Qual é a população para a qual serão generalizados os resultados dos participantes?
_____	Como os participantes foram selecionados? Foi usado um método de seleção aleatória?
_____	Como os participantes serão aleatoriamente designados? Eles serão colocados aos pares ou grupos? Como?
_____	Quantos participantes estarão nos grupos controle e experimental?
_____	Qual é a variável ou variáveis dependentes (i. e., a variável do resultado) no estudo?
_____	Como isso será medido? Será medido antes e depois do experimento?
_____	Quais são as condições do tratamento? Como isso foi operacionalizado?
_____	As variáveis serão covariadas no experimento? Como elas serão medidas?
_____	Qual projeto de pesquisa experimental será usado? Como seria um modelo visual deste projeto?
_____	Qual(is) instrumento(s) será(ão) usado(s) para medir o resultado no estudo? Por que ele foi escolhido? Quem o desenvolveu? Ele tem validade e confiabilidade estabelecidas? Buscou-se permissão para usá-lo?
_____	Quais são os passos do procedimento (p. ex., designação aleatória dos participantes aos grupos, coleta de informações demográficas, administração de pré-teste, administração de tratamento(s), administração de pós-teste)?
_____	Quais são as potenciais ameaças à validade interna e externa para o projeto e o procedimento experimentais? Como elas serão tratadas?
_____	Será conduzido um teste piloto do experimento?
_____	Qual estatística será utilizada para analisar os dados (p. ex., descritiva e inferencial)?
_____	Como os resultados serão interpretados?

Entretanto, um pesquisador pode não decidir unir os participantes, pois isto é caro, requer tempo (Salkind, 1990) e conduz a grupos incomparáveis se os participantes abandonarem o experimento (Rosenthal e Rosnow, 1991). Outros procedimentos para estabelecer controle nos experimentos envolve o uso de covariadas (p. ex., pontuações no pré-teste) como variáveis moderadoras e controle de seus efeitos estatisticamente, selecionando amostras homogêneas ou bloqueando os participantes em subgrupos ou categorias e analisando o impacto de cada subgrupo no resultado (Creswell, 2008).

- Informe ao leitor o número de participantes de cada grupo e os procedimentos sistemáticos para determinar o tamanho de cada grupo. No caso da pesquisa experimental, os investigadores utilizam uma análise estatística de potência (Lipsey, 1990) para identificar o tamanho de amostra adequado para os grupos. Esse cálculo envolve:

- ✓ Uma consideração do nível de significância estatística para o experimento, ou alfa.
- ✓ A quantidade de potência desejada em um estudo – tipicamente apresentada como alta, média ou baixa – para o teste estatístico de

hipótese nula com dados da amostra quando a hipótese nula é, na verdade, falsa.

- ✓ O tamanho do efeito, as diferenças esperadas nas médias entre os grupos controle e experimental expressadas em unidades de desvio padrão.

- Os pesquisadores estabelecem valores para esses três fatores (p. ex., alfa = 0,05, potência = 0,80 e tamanho do efeito = 0,50) e podem procurar em uma tabela o tamanho necessário para cada grupo (ver Cohen, 1977; Lipsey, 1990). Dessa maneira, o experimento é planejado de tal forma que o tamanho de cada grupo de tratamento proporcione a maior percepção de que o efeito sobre o resultado realmente se deve à manipulação experimental no estudo.

Variáveis

As variáveis precisam ser especificadas em um experimento para que fique claro aos leitores quais grupos estão recebendo o tratamento experimental e quais resultados estão sendo medidos. Eis algumas sugestões para desenvolver ideias sobre as variáveis em uma proposta:

- Identifique claramente as *variáveis independentes* no experimento (lembre-se da discussão das variáveis apresentada no Capítulo 3). Uma variável independente deve ser a *variável de tratamento*. Um ou mais grupos recebem a manipulação experimental, ou tratamento, por parte do pesquisador. Outras variáveis independentes podem simplesmente ser as variáveis medidas nas quais que não ocorre manipulação (p. ex., atitudes ou características pessoais dos participantes). Outras variáveis dependentes, ainda, podem ser estatisticamente controladas, como as demográficas (p. ex., gênero ou idade). A seção de método deve listar e identificar claramente todas as variáveis independentes em um experimento.

- Identifique a *variável ou variáveis dependentes* (i. e., os resultados) no experimento. A variável dependente é a resposta ou a variável de critério que se presume ter sido causada ou influenciada pelas condições de tratamento independentes e por quaisquer outras variáveis independentes. Rosenthal e Rosnow (1991) apresentaram três medidas de resultados prototípicas: a direção da mudança observada, a quantidade dessa mudança e a facilidade com que o participante muda (p. ex., o participante readquire a resposta correta em um projeto de tema único).

Instrumentação e materiais

Durante um experimento, faz-se observações ou obtém-se medidas utilizando instrumentos em um estágio de pré-teste ou pós-teste (ou ambos) dos procedimentos. Um plano de pesquisa sólido requer uma discussão metódica sobre o instrumento, ou instrumentos, seu desenvolvimento, seus itens, suas escalas e relatos da confiabilidade e validade das pontuações em usos anteriores. O pesquisador também deve relatar os materiais utilizados para o tratamento experimental (p. ex., o programa especial ou as atividades específicas designadas ao grupo experimental).

- Descreva o instrumento ou instrumentos que os participantes preenchem no experimento, tipicamente preenchidos antes do início do experimento e em sua conclusão. Indique a validade e a confiabilidade estabelecidas das pontuações nos instrumentos, os indivíduos que os desenvolveram e quaisquer permissões necessárias para sua utilização.

- Discuta exaustivamente os materiais utilizados para o tratamento experimental. Um grupo, por exemplo, pode participar de um plano de aprendizagem auxiliado por computador, utilizado por um professor em uma sala de aula. Esse plano pode envolver apostilas, lições e instruções escritas especiais para auxiliar os alunos desse grupo experimental a aprender como estudar um tema usando computadores. Um teste piloto desses materiais pode também ser discutido, assim como qualquer treinamento necessário para administrar os materiais de uma maneira padronizada. A intenção desse teste piloto é assegurar que os materiais possam ser administrados sem variabilidade para o grupo experimental.

Procedimentos experimentais

Os procedimentos específicos do projeto experimental também precisam ser identificados. Essa discussão envolve indicar o tipo geral do experimento, citando as razões que motivaram o projeto e apresentando um modelo visual para ajudar o leitor a entender os procedimentos.

- Identifique o tipo de projeto experimental a ser utilizado no estudo proposto. Os tipos disponíveis nos experimentos são projetos pré-experimentais, experimentos reais, quase-experimentos e projetos de indivíduo único. Nos projetos *pré-experimentais*, o pesquisador estuda um único grupo e realiza uma intervenção durante o experimento. Esse projeto não

tem um grupo-controle para ser comparado ao grupo experimental. Nos *quase-experimentos*, o investigador usa grupos-controle e experimental, mas não designa aleatoriamente os participantes aos grupos (p. ex., eles podem ser grupos intactos disponíveis ao pesquisador). Em um *experimento real*, o investigador designa aleatoriamente os participantes para os grupos de tratamento. Um **projeto de indivíduo único** ou projeto *N* de 1 envolve a observação do comportamento de um único indivíduo (ou de um pequeno número de indivíduos) ao longo do tempo.

- Identifique o que está sendo comparado no experimento. Em muitos experimentos, aqueles de um tipo chamado de projetos *entre indivíduos*, o investigador compara dois ou mais grupos (Keppel, 1991; Rosenthal e Rosnow, 1991). Por exemplo, um experimento de *projeto fatorial*, uma variação do projeto entre grupos, envolve o uso de duas ou mais variáveis de tratamento para examinar os efeitos independentes e simultâneos dessas variáveis de tratamento sobre um resultado (Vogt, 1999). Esse projeto de pesquisa comportamental, amplamente utilizado, explora os efeitos de cada tratamento separadamente e também os efeitos das variáveis utilizadas em combinação, proporcionando, assim, uma visão multidimensional rica e reveladora (Keppel, 1991). Em outros experimentos, o pesquisador estuda apenas um grupo, no que é chamado de um projeto *dentro do grupo*. Por exemplo, em um projeto de *medidas repetidas*, os participantes são designados a diferentes tratamentos em diferentes momentos durante o experimento. Outro exemplo de um projeto dentro do grupo seria um estudo do comportamento de um único indivíduo no decorrer do tempo, em que o experimentador proporciona e mantém um tratamento em diferentes momentos do experimento para determinar seu impacto.

- Apresente um diagrama ou uma figura para ilustrar o projeto de pesquisa específico a ser utilizado. Nessa figura, precisa-se usar um sistema de notação padrão. Uma **dica de pesquisa** que recomendo é a utilização de um sistema de notação clássico, criado por Campbell e Stanley (1963, p. 6):

- ✓ X representa uma exposição de um grupo a uma variável ou evento experimental, cujos efeitos deverão ser medidos.
- ✓ O representa uma observação ou medida registrada em um instrumento.
- ✓ Os X e O em uma dada linha são aplicados às mesmas pessoas específicas. Os X e O na mesma coluna, ou colocados verticalmente em relação um ao outro, são simultâneos.

- ✓ A dimensão da esquerda para a direita indica a ordem temporal dos procedimentos em um experimento (às vezes indicada com uma seta).
 - ✓ O símbolo R indica designação aleatória.
- A separação de linhas paralelas por uma linha horizontal indica que os grupos de comparação não são iguais (ou igualados) pela designação aleatória. Nenhuma linha horizontal entre os grupos indica designação aleatória dos indivíduos aos grupos de tratamento.

Nos exemplos que seguem, essa notação é usada para ilustrar projetos pré-experimentais, quase-experimentais, experimentais reais e de indivíduo único.

Exemplo 8.2 Projetos pré-experimentais

Estudo de Caso Único

Este projeto envolve uma exposição de um grupo a um tratamento seguido de uma medida.

Grupo A X _____ O

Projeto de Pré-Teste e Pós-Teste de Um Grupo

Este projeto inclui uma medida de pré-teste seguida de um tratamento e um pós-teste para um único grupo.

Grupo A O1 _____ X _____ O2

Comparação de Grupo Estático ou Apenas Pré-Teste com Grupos Não Equivalentes

Os experimentadores usam este projeto depois de implementar um tratamento. Depois do tratamento, o pesquisador escolhe um grupo de comparação e apresenta um pós-teste tanto para o grupo(s) experimental quanto para o grupo(s) de comparação.

Grupo A X _____ O

Grupo B _____ O

Projeto de Tratamento Alternativo Apenas de Pós-Teste com Grupos Não Equivalentes

Este projeto usa o mesmo procedimento que a Comparação de Grupo Estático, com a exceção de que o grupo de comparação não equivalente recebeu um tratamento diferente.

Grupo A X1 _____ O

Grupo B X2 _____ O

Exemplo 8.3 Projetos quase-experimentais

Projeto de Grupo-Control Não Equivalente (Pré-Teste e Pós-Teste)

Neste projeto, uma abordagem popular dos quase-experimentos, o grupo A experimental e o grupo B controle são selecionados sem designação aleatória. Os dois grupos realizam um pré-teste e um pós-teste. Somente o grupo experimental recebe o tratamento.

Grupo A O _____ X _____ O

Grupo B O _____ O

Projeto de Séries Temporais Interrompidas com Grupo Único

Neste projeto, o pesquisador registra as medidas para um grupo único antes e depois de um tratamento.

Grupo A O—O—O—O—X—O—O—O—O

Projeto de Séries Temporais Interrompidas com Grupo-Control

Uma modificação do projeto de Séries Temporais Interrompidas com Grupo Único, em que dois grupos de participantes, não aleatoriamente designados, são observados no decorrer do tempo. Um tratamento é administrado a apenas um dos grupos (ao Grupo A).

Grupo A O—O—O—O—X—O—O—O—O

Grupo B O—O—O—O—O—O—O—O—O

Exemplo 8.4 Projetos experimentais verdadeiros

Projeto de Pré-Teste e Pós-Teste com Grupo-Control

Projeto tradicional e clássico, este procedimento envolve uma designação aleatória dos participantes a dois grupos. É aplicado tanto um pré-teste quanto um pós-teste aos dois grupos, mas o tratamento é proporcionado apenas ao grupo A experimental.

Grupo A R _____ O _____ X _____ O

Grupo B R _____ O _____ O _____ O

Projeto Apenas de Pós-Teste com Grupo-Control

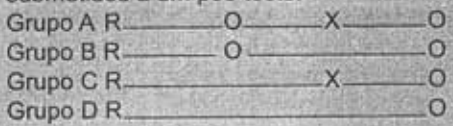
Este projeto controla quaisquer efeitos de ruído de um pré-teste e é um projeto experimental popular. Os participantes são designados aleatoriamente aos grupos, um tratamento é proporcionado apenas ao grupo experimental, e os dois grupos são medidos no pós-teste.

Grupo A R _____ X _____ O

Grupo B R _____ O _____ O

Projeto Solomon de Quatro Grupos

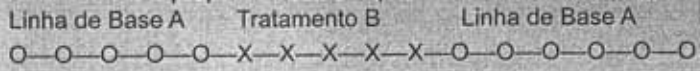
Um caso especial de projeto fatorial 2 X 2, este procedimento envolve a designação aleatória dos participantes a quatro grupos. Os pré-testes e os tratamentos são variados para os quatro grupos. Todos os grupos são submetidos a um pós-teste.



Exemplo 8.5 Projetos de indivíduo único

Projeto A-B-A de Indivíduo Único

Este projeto envolve múltiplas observações de um único indivíduo. O comportamento-alvo de um único indivíduo é estabelecido no decorrer do tempo e é referido como um comportamento básico. O comportamento básico é avaliado, o tratamento é proporcionado e depois o tratamento é retirado.



Ameaças à validade

Há várias ameaças à validade que levantarão questões sobre a competência de um experimentador para concluir que a intervenção afeta um resultado e não algum outro fator. Os pesquisadores experimentais precisam identificar ameaças potenciais à validade interna de seus experimentos e planejá-los de tal modo a não permitir o surgimento delas, ou minimizá-las, caso surjam. As **ameaças à validade interna** são procedimentos, tratamentos ou experiências experimentais dos participantes que ameaçam a possibilidade de o pesquisador extrair inferências corretas dos dados sobre a população em um experimento. O Quadro 8.5 exibe essas ameaças, apresenta uma descrição de cada uma delas e sugere as atitudes que o pesquisador pode tomar para que a ameaça não ocorra. Há aquelas que envolvem os participantes (i. e., história, maturação, regressão, seleção e mortalidade), aquelas relacionadas ao uso de um tratamento experimental que o pesquisador manipula (i. e., difusão, desmoralização compensatória e ressentida e rivalidade compensatória), e aquelas que envolvem os procedimentos utilizados no experimento (i. e., testagem e instrumentos).

Também devem ser identificadas as ameaças potenciais à validade interna e as medidas adotadas para minimizar tais ameaças. As **ameaças à validade externa** surgem quando os experimentadores extraem inferências incorretas dos dados da amostra para outras pessoas, para outros locais e para situações passadas ou futuras. Como mostra o Quadro 8.6, essas ameaças surgem devido às características dos indivíduos selecionados para a amostra, a singularidade do local e a programação do tempo do experimento. Por exemplo, as ameaças à validade externa surgem quando o pesquisador generaliza além dos grupos do experimento para outros grupos raciais ou sociais que não estão sendo estudados, para locais não estudados ou para situações passadas ou futuras. Os passos para lidar com esses problemas potenciais estão também apresentados no Quadro 8.6.

Outras ameaças que podem ser mencionadas na seção do método são as ameaças à **validade da conclusão estatística**, as quais surgem quando os experimentadores extraem inferências inexatas dos dados devido à potência estatística inadequada ou à violação de suposições estatísticas. As ameaças à **validade de constructo** ocorrem quando os investigadores usam definições e medidas de variáveis inadequadas.

Quadro 8.5 Tipos de ameaças à validade interna

Tipo de ameaça à validade interna	Descrição da ameaça	Em resposta, atitudes que o pesquisador pode tomar
História	Como o tempo passa durante um experimento, podem ocorrer eventos que influenciam indevidamente o resultado para além do tratamento experimental.	O pesquisador pode fazer com que tanto o grupo experimental quanto o controle experimentem os mesmos eventos externos.
Maturação	Os participantes de um experimento podem amadurecer ou mudar durante o experimento, influenciando, assim, os resultados.	O pesquisador pode selecionar os participantes que amadurecem ou mudam na mesma velocidade (p. ex., a mesma idade) durante o experimento.
Regressão	Os participantes com pontuações extremas são selecionados para o experimento. Naturalmente, suas pontuações provavelmente se alterarão durante o experimento. As pontuações, com o tempo, regressam rumo à média.	Um pesquisador pode selecionar os pacientes que não têm pontuações extremas como características de ingresso no experimento.
Seleção	Podem ser selecionados participantes que tenham algumas características que os predisponham a ter determinados resultados (p. ex., que sejam brilhantes).	O pesquisador pode selecionar os participantes aleatoriamente para que as características tenham a probabilidade de ser igualmente distribuídas entre os grupos experimentais.

Mortalidade	Os participantes abandonam uma experiência em andamento devido a muitas razões possíveis. Por isso, são desconhecidos os resultados para esses indivíduos.	Um pesquisador pode recrutar uma amostra grande para considerar os abandonos ou para comparar aqueles que abandonam a experiência com os que continuam nela, em termos do resultado.
Difusão do tratamento	Os participantes dos grupos controle e experimental se comunicam um com o outro. Essa comunicação pode influenciar a maneira como os dois grupos pontuam nos resultados.	O pesquisador pode manter os dois grupos o mais separados possível durante o experimento.
Desmoralização compensatória/ressentida	Os benefícios de um experimento podem ser desiguais ou ressentidos quando apenas o grupo experimental recebe o tratamento (p. ex., o grupo experimental recebe terapia e o grupo-controle não recebe nada).	O pesquisador pode proporcionar benefícios para os dois grupos, dando ao grupo-controle o tratamento <i>depois</i> que termina o experimento ou dando ao grupo-controle algum tipo diferente de tratamento <i>durante</i> o experimento.
Rivalidade compensatória	Os participantes do grupo-controle e acham que estão sendo desvalorizados em comparação com o grupo experimental, pelo fato de não experimentarem o tratamento.	O pesquisador pode tomar medidas para criar igualdade entre os dois grupos, como, por exemplo, reduzindo as expectativas do grupo-controle.
Testagem	Os participantes tornam-se familiarizados com a medida do resultado e lembram as respostas para o teste posterior.	O pesquisador pode ter um intervalo de tempo mais longo entre as administrações do resultado ou o uso de itens diferentes em um teste posterior do que aqueles que foram usados em um teste anterior.
Instrumentação	As mudanças de instrumento entre um pré-teste e um pós-teste, impactando, assim, as pontuações no resultado.	O pesquisador pode usar o mesmo instrumento para as medidas pré-teste e pós-teste.

Fonte: Adaptado de Creswell (2008).

Seguem **dicas de pesquisa** para os autores de propostas lidarem com as questões de validade:

- Identifique as ameaças à validade que podem surgir em seu estudo. Pode ser composta uma seção à parte em uma proposta para apresentar essa ameaça.
- Defina o tipo exato de ameaça e qual problema potencial ele apresenta o seu estudo.
- Discuta como você planeja tratar a ameaça no planejamento de seu experimento.
- Cite referências a livros que discutem a questão das ameaças à validade, tais como Cook e Campbell (1979); Creswell (2008); Reichardt e Mark (1998); Shadish, Cook e Campbell (2001); Tuckman (1999).

Quadro 8.6 Tipos de ameaças à validade externa

Tipo de ameaça à validade externa	Descrição da ameaça	Em resposta, atitudes que o pesquisador pode tomar
Interação entre a seleção e o tratamento	Devido às características estritas dos participantes do experimento, o pesquisador não pode generalizar para indivíduos que não tenham as características dos participantes.	O pesquisador restringe as afirmações sobre grupos aos quais os resultados não podem ser generalizados. O pesquisador conduz experimentos adicionais com grupos com características diferentes.
Interação entre o local e o tratamento	Devido às características do local dos participantes em um experimento, um pesquisador não pode generalizar para indivíduos de outros locais.	O pesquisador precisa conduzir experimentos adicionais em novos locais para ver se ocorrem os mesmos resultados do que no local original.
Interação entre a história e o tratamento	Dada a limitação temporal de um experimento, um pesquisador não pode generalizar os resultados para situações passadas ou futuras.	O pesquisador precisa replicar o estudo em épocas posteriores para determinar se ocorrem os mesmos resultados de que no tempo anterior.

Fonte: Adaptado de Creswell (2008).

O procedimento

O autor de uma proposta precisa descrever em detalhes o procedimento para a condução do experimento. Um leitor deve conseguir entender o projeto que está sendo utilizado, as observações, o tratamento e a linha de tempo das atividades.

• Discuta uma abordagem passo a passo para o procedimento no experimento. Por exemplo, Borg e Gall (1989, p. 679) delinearam seis passos tipicamente utilizados no procedimento para um projeto de pré-teste e pós-teste com grupo-controle que compara os participantes nos grupos experimental e controle:

1. Administre aos participantes da pesquisa medidas de variável dependente ou uma variável intimamente correlacionada à variável dependente.
2. Designe os participantes para pares compatibilizados tendo por base suas pontuações nas medidas descritas no Passo 1.
3. Designe aleatoriamente um membro de cada par para o grupo experimental e o outro membro para o grupo-controle.

4. Exponha o grupo experimental ao tratamento experimental e não administre nenhum tratamento nem tratamento alternativo ao grupo-controle.
5. Administre medidas das variáveis dependentes aos grupos experimental e controle.
6. Compare o desempenho dos grupos experimental e controle no(s) pós-teste(s), utilizando testes de significância estatística.

Estatística de análise

Informe o leitor sobre os tipos de análise estatística que serão utilizados durante o experimento.

- Relate as estatísticas descritivas calculadas para observações e medidas na fase de pré-teste ou pós-teste dos projetos experimentais. Essas estatísticas são médias, desvios-padrão e variações.

- Indique os testes estatísticos inferenciais utilizados para examinar as hipóteses no estudo. Para os projetos experimentais com informações categóricas (grupos) sobre a variável independente e informações contínuas sobre a variável dependente, os pesquisadores usam testes *t* ou análise univariada de variância (ANOVA), análise de covariância (ANCOVA) ou análise multivariada de variância (MANOVA – múltiplas medidas dependentes). (Vários destes testes estão mencionados no Quadro 8.3, apresentada anteriormente.) Nos projetos fatoriais, são utilizados tanto os efeitos de interação quanto os principais da ANOVA. Quando os dados de um pré-teste ou pós-teste exibem um desvio marcante de uma distribuição normal, use testes estatísticos não paramétricos.*

- Para projetos de pesquisa com indivíduo único, use gráficos de linha para a linha de base e observações de tratamento para as unidades de tempo da abscissa (eixo horizontal) e para o comportamento visado da ordenada (eixo vertical). Cada ponto de dado é colocado separadamente no gráfico, e os pontos de dados são conectados por linhas (ver, p. ex., Neuman e McCormick, 1995). Ocasionalmente, os testes de significância estatística, como os testes *t*, são utilizados para comparar a média agrupada da linha de base e as fases do tratamento, embora esses procedimentos possam violar a suposição das medidas independentes (Borg e Gall, 1989).

* N. de R.T. Para uma visão em profundidade dos testes não paramétricos ver Segal, S.; Castellan Jr., N. J. *Estatística não paramétrica para Ciência do comportamento*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- Com uma frequência crescente, os pesquisadores experimentais relatam tanto os resultados estatísticos da testagem da hipótese quanto os intervalos de confiança e o tamanho do efeito como indicadores de significância prática dos resultados. Um **intervalo de confiança** é uma estimativa de intervalo da variação dos valores estatísticos superiores e inferiores que são consistentes com os dados observados e provavelmente contêm a média da população real. Um **tamanho do efeito** identifica a força das conclusões sobre as diferenças do grupo ou as relações entre as variáveis nos estudos quantitativos. O cálculo do tamanho do efeito varia para os diferentes testes estatísticos.

Interpretação dos resultados

O último passo em um experimento é interpretar os resultados à luz das hipóteses ou questões de pesquisa apresentadas no início. Nessa interpretação, veja se as hipóteses ou questões foram corroboradas ou refutadas. Considere se o tratamento que foi implementado realmente fez uma diferença para os participantes que o experimentaram. Sugira os motivos pelos quais os resultados foram ou não significantes, baseando-se na literatura prévia que você examinou (Capítulo 2), na teoria utilizada no estudo (Capítulo 3) ou na lógica persuasiva que pode explicar os resultados. Veja se os resultados podem ter ocorrido devido a procedimentos experimentais inadequados, tais como ameaças à validade interna, e indique como os resultados podem ser generalizados para algumas pessoas, locais e épocas. Finalmente, indique as implicações dos resultados para a população estudada ou para a pesquisa futura.

Exemplo 8.6 Uma seção de método experimental

Segue uma passagem selecionada de um estudo quase-experimental realizado por Enns e Hackett (1990) que demonstra muitos dos componentes em um projeto experimental. Seu estudo tratou da questão geral de corresponder os interesses do cliente e do orientador ao longo das dimensões das atitudes com relação ao feminismo. Elas formularam a hipótese de que as participantes feministas seriam mais receptivas do que as participantes não feministas a uma orientadora feminista radical, e que as participantes não feministas seriam mais receptivas a uma conselheira não sexista e liberal. Exceto por uma discussão limitada sobre a análise dos dados e por uma seção de interpretação encontrada na discussão de seu artigo, sua abordagem contém os elementos de uma boa seção de método para um estudo experimental.

Método

Participantes

As participantes foram 150 universitárias matriculadas em cursos de nível inferior e superior de Sociologia, Psicologia e Comunicações em uma unidade de porte médio e em uma faculdade comunitária, ambas localizadas na costa oeste. (As autoras descreveram as participantes do estudo.)

Planejamento e Manipulação Experimental

Este estudo utilizou um projeto fatorial 3 X 2 X 2: Orientação da Conselheira (não sexista-humanista, feminista liberal ou feminista radical) X Afirmação de Valores (implícitos ou explícitos) X Identificação das Participantes com o Feminismo (feministas ou não feministas). Os ocasionais dados ausentes em determinados itens foram tratados por meio de um procedimento de eliminação dos pares. (As autoras identificaram o projeto geral.)

As três condições de orientação – não sexista-humanista, liberal e feminista radical – foram descritas por vinhetas de videotape de 10 minutos de uma segunda sessão de aconselhamento entre uma orientadora e uma cliente ... A condição de afirmação implícita dos valores usou apenas a entrevista da amostra; os valores da orientadora estavam, portanto, implícitos em suas respostas. A condição da afirmação explícita dos valores foi criada adicionando-se a cada uma das três condições do aconselhamento um trecho inicial de 2 minutos que retratava a orientadora descrevendo para sua cliente sua abordagem de aconselhamento e os valores associados, incluindo para as duas condições feministas uma descrição de sua orientação filosófica feminista, liberal ou radical... Três roteiros de aconselhamento foram inicialmente desenvolvidos tendo por base as distinções entre filosofias não sexistas-humanistas, liberais e feministas radicais e as implicações de aconselhamento da orientadora. As declarações da cliente e o resultado de cada entrevista foram mantidos constantes, embora as respostas da orientadora diferissem dependendo da abordagem. (As autoras descreveram as três variáveis das condições de tratamento manipuladas no estudo.)

Instrumentos

Verificações de manipulação. Como uma verificação da percepção das participantes da manipulação experimental e como uma similaridade percebida da avaliação das participantes pelas três orientadoras, duas subescalas da Escala das Atribuições do Termo Feminista de Berryman-Fink e Verderber (1985) foram examinadas e utilizadas neste estudo: o Questionário de Descrição do Orientador (QDO) e o Questionário de Descrição Pessoal (PDQ) ... Berryman-Fink e Verderber (1985) relataram confiabilidades de consistência interna de 0,86 e 0,89 para as versões originais dessas duas subescalas. (As autoras discutiram os instrumentos e a confiabilidade das escalas para a variável dependente no estudo.)

Procedimento

Todas as sessões experimentais foram conduzidas individualmente. A experimentadora, uma aluna avançada de doutorado em Aconselhamento Psicológico, cumprimentou cada participante, explicou o propósito do estudo como sendo o de avaliar as reações das alunas ao aconselhamento, e administrou o ATF. O ATF foi então coletado e pontuado enquanto cada participante preenchia um formulário de dados demográficos e examinava um conjunto de instruções para assistir o videotape. A primeira metade da amostra foi designada aleatoriamente para 1 dos 12 videotapes (3 Abordagens X 2 Declarações X 2 Orientadoras), e foi obtida uma mediana no ATF. A mediana para a primeira metade da amostra foi então usada para categorizar a segunda metade do grupo como feminista ou não feminista, e o remanescente das participantes foi aleatoriamente designado para condições separadamente de cada grupo de orientação feminista para garantir tamanhos de células quase iguais. A mediana da amostra final foi verificada e algumas participantes recategorizadas pela divisão da mediana final, que resultou em 12 ou 13 participantes por célula.

Depois de assistirem o videotape que correspondia a sua designação experimental, as participantes completaram as medidas dependentes e foram entrevistadas. (p. 35-36; As autoras descreveram o procedimento usado no experimento.)

Fonte: Enns e Hackett (1990), © 1990 da American Psychological Association. Reprodução autorizada.

RESUMO

Este capítulo identificou os componentes essenciais no planejamento de um procedimento de método para um estudo de levantamento ou experimental. O delineamento dos passos para um estudo de levantamento iniciou com uma discussão sobre o objetivo, a identificação da população e da amostra, os instrumentos de levantamento a serem utilizados, a relação entre as variáveis, as questões de pesquisa, os itens específicos do levantamento e os passos a serem seguidos na análise e na interpretação dos dados do levantamento. No planejamento de um experimento, o pesquisador identifica os participantes do estudo, as variáveis – as condições de tratamento e as variáveis do resultado – e os instrumentos utilizados para os pré-testes e os pós-testes e os materiais a serem utilizados nos tratamentos. O planejamento também inclui o tipo específico de experimento: um projeto pré-experimental, quase-experimental, de experimento real ou de indivíduo único. Então o pesquisador traça uma figura para ilustrar o projeto, usando uma notação apropriada. Isso é seguido

de comentários sobre as ameaças potenciais à validade interna e externa (e possivelmente validade estatística e de constructo) relacionadas ao experimento, a análise estatística utilizada para testar as hipóteses ou questões de pesquisa e a interpretação dos resultados.

Exercícios de Redação

1. Trace um plano para os procedimentos a serem utilizados em um estudo de levantamento. Examine a lista do Quadro 8.1 depois que escrever a seção para determinar se todos os componentes foram abordados.
2. Trace um plano para os procedimentos para um estudo experimental. Consulte o Quadro 8.4 depois de concluir seu plano para determinar se todas as questões foram tratadas adequadamente.

LEITURAS ADICIONAIS

Babbie, E. (1990). *Survey research methods* (2nd ed.). Belmont, CA: Wadsworth.

Earl Babbie apresenta um texto completo e detalhado sobre todos os aspectos do projeto de levantamento. Ele examina os tipos de projetos, a lógica da amostragem e exemplos de projetos. Discute também a conceituação de um instrumento de levantamento e suas escalas. Além disso, apresenta ideias úteis sobre a administração de um questionário e o processamento dos resultados. Também inclui uma discussão sobre a análise dos dados, chamando a atenção para a construção e o entendimento das tabelas e da redação de um relatório do levantamento. O livro é detalhado, informativo e tecnicamente orientado para alunos dos níveis intermediário ou avançado de pesquisa de levantamento.

Campbell, D. T. & Stanley, J. C. (1963). *Experimental and quasi-experimental designs for research*. Em N. L. Gage (Ed.). *Handbook of research on teaching* (p. 1-76). Chicago: Rand-McNally.

Este capítulo do *Handbook* de Gage é a declaração clássica dos projetos experimentais. Campbell e Stanley criaram um sistema de notação para os experimentos que é utilizado até hoje; também apresentaram os tipos de projetos experimentais, começando pelos fatores que colocam em risco a validade interna e externa, os tipos de projeto pré-experimentais, os experimentos reais, os projetos quase-experimentais e os projetos correlacionais e *ex post facto*. Esse capítulo apresenta um excelente resumo dos tipos de projetos, suas ameaças à validade e os procedimentos estatísticos para testar os projetos. É um capítulo essencial para os alunos que estão se iniciando nos estudos experimentais.

Fink, A. (2002). *The survey kit* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

"The Survey Kit" é composto de muitos livros e editado por Arlene Fink. O primeiro livro apresenta uma visão geral dos livros da série. Como uma introdução aos volumes,

Fink discute todos os aspectos da pesquisa de levantamento, incluindo como formular questões, como conduzir levantamentos, como conduzir as entrevistas por telefone, como preparar uma amostra e como medir a validade e a confiabilidade. Grande parte da discussão está orientada para o iniciante em pesquisa de levantamento, e os numerosos exemplos e excelentes ilustrações são um instrumento útil para a aprendizagem dos princípios básicos da pesquisa de levantamento.

Fowler, F. J. (2002). *Survey research methods* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Floyd Fowler apresenta um texto útil sobre as decisões importantes no planejamento de um projeto de pesquisa de levantamento. Ele trata do uso de procedimentos de amostragem alternativa, das maneiras de reduzir os índices de não resposta, da coleta de dados, do planejamento de boas perguntas, do emprego de técnicas de entrevista consistentes, da preparação dos levantamentos para análise e das questões éticas nos projetos de levantamento.

Keppel, G. (1991). *Design and analysis: A researcher's handbook* (3rd ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Geoffrey Keppel apresenta um tratamento detalhado e completo do planejamento de experimentos desde o início do planejamento até a análise estatística dos dados experimentais. No geral, o livro destina-se ao aluno de estatística de nível médio a avançado, o qual procura entender e planejar a análise estatística dos experimentos. O capítulo introdutório apresenta uma visão geral informativa dos componentes dos projetos experimentais.

Lipsey, M. W. (1990). *Design sensitivity: Statistical power for experimental research*. Newbury Park, CA: Sage.

Mark Lipsey compôs um importante livro sobre os tópicos dos projetos experimentais e do poder estatístico desses projetos. Sua premissa básica é que um experimento necessita ter sensibilidade suficiente para detectar os efeitos que ele pretende investigar. O livro explora o poder da estatística e inclui uma tabela para auxiliar os pesquisadores a identificar o tamanho apropriado dos grupos em um experimento.

Neuman, S. B. & McCormick, S. (Eds.). (1995). *Single-subject experimental research: Applications for literacy*. Newark, DE: International Reading Association.

Susan Neuman e Sandra McCormick editaram um guia útil e prático para o planejamento de uma pesquisa de indivíduo único. Elas apresentam muitos exemplos de diferentes tipos de projetos, tais como projetos reversos e projetos de linhas de base múltiplas, e enumeram os procedimentos estatísticos que podem estar envolvidos na análise dos dados de um indivíduo único. Um dos capítulos, por exemplo, ilustra as convenções para exibir os dados em gráficos de linha. Embora o livro cite muitas aplicações na alfabetização, tem ampla aplicação nas ciências sociais e humanas.

9

Métodos Qualitativos

Os métodos qualitativos mostram uma abordagem diferente da investigação acadêmica do que aquela dos métodos da pesquisa quantitativa. A investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação dos dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação.

Na verdade, as estratégias de investigação escolhidas em um projeto qualitativo têm uma enorme influência sobre os procedimentos que, mesmo nas estratégias, são nada uniformes. A observação do panorama dos procedimentos qualitativos mostra diversas perspectivas que variam desde o pensamento de justiça social (Denzin e Lincoln, 2005) até perspectivas ideológicas (Lather, 1991), posturas filosóficas (Schwandt, 2000) e diretrizes procedurais sistemáticas (Creswell, 2007; Corbin e Strauss, 2007). Todas as perspectivas disputam o espaço central nesse modelo de investigação desdobrado denominado pesquisa qualitativa.

Este capítulo tenta combinar muitas perspectivas, apresenta procedimentos gerais e faz um uso liberal de exemplos para ilustrar variações nas estratégias. Essa discussão baseia-se em pensamentos extraídos de vários autores que escrevem sobre o projeto de proposta qualitativa (p. ex., ver Berg, 2001; Marshall e Rossman, 2006; Maxwell, 2005; Rossman e Rallis, 1998). Os tópicos de uma seção de proposta sobre os procedimentos são característicos da pesquisa qualitativa, da estratégia de

pesquisa, do papel do pesquisador, dos passos seguidos na coleta e a análise dos dados, nas estratégias para validade, na precisão dos resultados e na estrutura narrativa. O Quadro 9.1 apresenta uma lista de questões para o planejamento dos procedimentos qualitativos.

AS CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA QUALITATIVA

Durante muitos anos, os autores de propostas tiveram de discutir as características da pesquisa qualitativa e convencer o corpo docente e o público sobre sua legitimidade. Agora essas discussões são menos frequentemente encontradas na literatura e há algum consenso sobre o que constitui uma investigação qualitativa. Por isso, minhas sugestões sobre essa seção de uma proposta são as seguintes:

Quadro 9.1 Uma lista de questões para o planejamento de um procedimento qualitativo

_____	Foram mencionadas as características básicas dos estudos qualitativos?
_____	Foi mencionado o tipo específico de estratégia de investigação qualitativa a ser utilizado no estudo? Está mencionada a história, uma definição e as aplicações da estratégia?
_____	O leitor ganha um entendimento do papel do pesquisador no estudo (histórico passado, experiências culturais, conexões pessoais com lugares e pessoas, os passos seguidos no ingresso e questões éticas sutis)?
_____	Foi identificada a estratégia de amostragem intencional para os locais e os indivíduos?
_____	Foram mencionadas as formas específicas de coleta de dados e está apresentada uma justificativa para seu uso?
_____	Foram mencionados os procedimentos para registro das informações durante o procedimento de coleta dos dados (tais como os protocolos)?
_____	Foram identificados os passos seguidos na análise dos dados?
_____	Há evidência de que o pesquisador organizou os dados para a análise?
_____	O pesquisador examinou os dados em geral para obter uma percepção das informações?
_____	Foi utilizada uma codificação para os dados?
_____	Os códigos foram desenvolvidos para formar uma descrição ou para identificar os temas?
_____	Os temas estão inter-relacionados para exibir um nível mais elevado de análise e de abstração?
_____	Foram mencionadas as maneiras em que os dados serão representados, tais como em tabelas, gráficos e figuras?
_____	Foram especificadas as bases para a interpretação da análise (experiências pessoais, a literatura, questões, agenda de ações)?
_____	O pesquisador mencionou o resultado do estudo (desenvolveu uma teoria, apresentou um quadro complexo dos temas)?
_____	Foram citadas múltiplas estratégias para a validação dos resultados?

- Examine as necessidades dos potenciais públicos para a proposta. Decida se os membros do público têm conhecimento suficiente sobre as características da pesquisa qualitativa de modo que essa seção não seja necessária.

- Se houver alguma dúvida sobre seu conhecimento, apresente as características básicas da pesquisa qualitativa na proposta e possivelmente discuta um artigo recente de periódico sobre pesquisa (ou estudo) qualitativa para utilizar como exemplo para ilustrar as características.

- Várias listas de características podem ser usadas (p. ex., Bogdan e Biklen, 1992; Eisner, 1991; Hatch, 2002; LeCompte e Schensul, 1999; Marshall e Rossman, 2006), mas vou basear-me em uma análise combinada desses autores que incorporei em meu livro sobre investigação qualitativa (Creswell, 2007). Minha lista capta tanto as perspectivas tradicionais quanto as perspectivas defensiva, participatória e autorreflexivas mais recentes da investigação qualitativa. Seguem as características da pesquisa qualitativa apresentadas em nenhuma ordem específica de importância:

- Ambiente natural – Os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado. Eles não levam os indivíduos para um laboratório (uma situação artificial) nem enviam instrumentos para os indivíduos preencherem. Esse fechamento das informações coletadas por meio da conversa direta com as pessoas e da observação de como elas se comportam e agem dentro de seu contexto é uma característica importante da pesquisa qualitativa. No ambiente natural, os pesquisadores têm interações face a face no decorrer do tempo.
- O pesquisador como um instrumento fundamental – Os pesquisadores qualitativos coletam pessoalmente os dados por meio de exame de documentos, de observação do comportamento ou de entrevista com os participantes. Eles podem utilizar um protocolo – instrumento para a coleta dos dados, mas são eles próprios que coletam as informações. Não tendem a usar ou a se basear em questionários ou instrumentos desenvolvidos por outros pesquisadores.
- Múltiplas fontes de dados – Os pesquisadores qualitativos geralmente coletam múltiplas formas de dados, tais como entrevistas, observações e documentos, em vez de confiarem em uma única fonte de dados. Depois os pesquisadores examinam todos os dados, extraem sentido deles e os organizam em categorias ou temas que cobrem todas as fontes de dados.
- Análise de dados indutiva – Os pesquisadores qualitativos criam seus próprios padrões, categorias e temas de baixo para cima, or-

ganizando os dados em unidades de informação cada vez mais abstratas. Esse processo indutivo ilustra o trabalho de um lado para o outro entre os temas e o banco de dados até os pesquisadores terem estabelecido um conjunto abrangente de temas. Isso também pode envolver a colaboração interativa com os participantes, de modo a terem uma oportunidade de dar forma aos temas ou abstrações que emergem do processo.

- Significados dos participantes – Em todo o processo de pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém um foco na aprendizagem do significado que os participantes dão ao problema ou questão, e não ao significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou que os autores expressam na literatura.
- Projeto emergente – O processo de pesquisa dos pesquisadores qualitativos é emergente. Isso significa que o plano inicial para a pesquisa não pode ser rigidamente prescrito, e que todas as fases do processo podem mudar ou se deslocar depois que o pesquisador entrar no campo e começar a coletar os dados. Por exemplo, as questões podem mudar, as formas de coleta de dados podem ser deslocadas, e os indivíduos estudados e os locais visitados podem ser modificados. A ideia fundamental que está por trás da pesquisa qualitativa é a de aprender sobre o problema ou questão com os participantes e lidar com a pesquisa de modo a obter essas informações.
- Lente teórica – Os pesquisadores qualitativos com frequência usam lentes para enxergar seus estudos, tais como o conceito de cultura, fundamental para a etnografia, ou o de gênero, racial ou de classe para as orientações teóricas discutidas no Capítulo 3. Às vezes o estudo pode ser organizado em torno da identificação do contexto social, político ou histórico do problema que está sendo estudado.
- Interpretativo – A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, história, contextos e entendimentos anteriores. Depois de liberado um relato de pesquisa, os leitores, assim como os participantes, fazem uma interpretação, oferecendo, ainda, outras interpretações do estudo. Com os leitores, os participantes e os pesquisadores realizando interpretações, ficam claras as múltiplas visões que podem emergir do problema.
- Relato holístico – Os pesquisadores qualitativos tentam desenvolver um quadro complexo do problema ou questão que está sendo estu-

dado. Isso envolve o relato de múltiplas perspectivas, a identificação dos muitos fatores envolvidos em uma situação, e, em geral, o esboço do quadro mais amplo que emerge. Um modelo visual de muitas facetas de um processo ou de um fenômeno central ajuda no estabelecimento desse quadro holístico (Ver por exemplo, Creswell e Brown, 1992).

ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO

Além dessas características gerais, há estratégias de investigação mais específicas. Elas se concentram na coleta, na análise e na redação dos dados, mas se originam das disciplinas e fluem durante todo o processo de pesquisa (p. ex., tipos de problemas, questões éticas importantes; Creswell, 2007b). Existem muitas estratégias, como as 28 abordagens identificadas por Tesch (1990), os 19 tipos na árvore de Wolcott (2001) e as 5 abordagens da investigação qualitativa de Creswell (2007). Como foi discutido no Capítulo 1, recomendo aos pesquisadores qualitativos que escolham entre as possibilidades, tais como narrativa, fenomenologia, etnografia, estudo de caso e teoria fundamentada. Selecionei essas cinco porque são populares atualmente nas ciências sociais e da saúde. Existem outras que têm sido adequadamente tratadas em livros qualitativos, como a pesquisa de ação participativa (Kemmis e Wilkinson, 1998) ou a análise do discurso (Cheek, 2004). Para as cinco abordagens, os pesquisadores podem estudar os indivíduos (narrativa, fenomenologia); explorar processos, atividades e eventos (estudo de caso, teoria fundamentada); ou aprender sobre o comportamento amplo de compartilhamento de cultura de indivíduos ou grupos (etnografia).

Ao escrever um procedimento para uma proposta qualitativa, considere as seguintes **dicas de pesquisa**:

- Identifique a abordagem específica da investigação que você estará utilizando.
- Apresente algumas informações básicas sobre a estratégia, tais como a origem de sua disciplina, suas aplicações e uma breve definição dela (ver o Capítulo 1 para as cinco estratégias da investigação).
- Discuta por que ela é a estratégia apropriada para ser utilizada no estudo proposto.
- Identifique como o uso da estratégia vai moldar os tipos de questões formuladas (ver Morse, 1994, para as questões que se relacionam às estratégias), a forma de coleta dos dados, os passos da análise dos dados e a narrativa final.

O PAPEL DO PESQUISADOR

Como foi mencionado na lista das características, a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes. Isso introduz uma série de questões estratégicas, éticas e pessoais ao processo de pesquisa qualitativa (Locke et al., 2007). Com essas preocupações em mente, os investigadores identificam explícita e reflexivamente seus vieses, seus valores e suas origens pessoais, tais como gênero, história, cultura e *status* socioeconômico que podem moldar suas interpretações durante um estudo. Além disso, obter o ingresso a um local de pesquisa e as questões éticas que podem surgir são também elementos do papel do pesquisador.

- Inclua declarações sobre as experiências passadas que proporcionam dados passados por meio dos quais o público possa entender melhor o tópico, o local ou os participantes, e também a interpretação do fenômeno por parte do pesquisador.

- Comente sobre as conexões entre o pesquisador e os participantes e sobre os locais da pesquisa. A pesquisa de “fundo de quintal” (Glesne e Peshkin, 1992) envolve estudar a própria organização do pesquisador, os amigos ou o local de trabalho. Isso com frequência conduz a comprometimentos na capacidade do pesquisador de revelar informações e cria difíceis questões de poder. Embora a coleta de dados possa ser conveniente e fácil, são imensos os problemas criados pelo relato de dados tendenciosos, incompletos ou comprometidos. Se for necessário estudar o “fundo de quintal”, empregue múltiplas estratégias de validade (como será discutido mais adiante) para criar a confiança do leitor na exatidão dos resultados.

- Indique os passos seguidos na obtenção de permissão do Conselho de Revisão Institucional (Capítulo 4) para proteger os direitos dos participantes humanos. Adicione, como apêndice, a carta de aprovação do CRI e discuta o processo envolvido na obtenção da permissão.

- Discuta os passos seguidos para conseguir ingressar no local e para obter permissão para estudar os participantes ou a situação (Marshall e Rossman, 2006). É importante obter acesso aos locais da pesquisa ou dos arquivos, procurando a aprovação dos “guardiões”, indivíduos do local de pesquisa que proporcionam o acesso ao local e concedem ou permitem que a pesquisa seja realizada. Uma proposta breve pode precisar ser desen-

* N. de R.T. O termo guardião (*gatekeeper*) foi usado pelo autor para designar as pessoas que permitem o acesso ao local da pesquisa, tais como o diretor de uma organização.

volvida e submetida à aprovação dos “guardiões”. Bogdan e Biklen (1992) apresentaram tópicos que podem ser tratados em uma proposta desse tipo:

- Por que o local foi escolhido para o estudo?
- Quais atividades ocorrerão no local durante o estudo da pesquisa?
- O estudo será perturbador?
- Como os resultados serão relatados?
- O que o “guardião” ganhará com o estudo?

• Comente sobre as questões éticas sutis que podem surgir (ver o Capítulo 3, e Berg, 2001). Para cada questão levantada, discuta como o estudo da pesquisa será abordado. Por exemplo, quando estudar um tópico delicado, é necessário omitir os nomes das pessoas, dos locais e das atividades. Nessa situação, o processo para mascarar as informações requer discussão na proposta.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os comentários sobre o papel do pesquisador determinam o palco para a discussão das questões envolvidas na coleta dos dados. Os passos da coleta de dados incluem o estabelecimento dos limites para o estudo, a coleta de informações por meio de observações e entrevistas não estruturadas ou semiestruturadas, de documentos e materiais visuais, assim como do estabelecimento do protocolo para o registro das informações.

• Identifique os locais ou os indivíduos *intencionalmente selecionados* para o estudo proposto. A ideia que está por trás da pesquisa qualitativa é a **seleção intencional** dos participantes ou dos locais (ou dos documentos ou do material visual) que melhor ajudarão o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa. Isso não sugere, necessariamente, uma amostragem ou seleção aleatória de um grande número de participantes e locais, como é tipicamente observado na pesquisa *quantitativa*. Uma discussão sobre os participantes e o local pode incluir quatro aspectos identificados por Miles e Huberman (1994): o *local* (onde a pesquisa será realizada), os *atores* (quem será observado ou entrevistado), os *eventos* (o que os atores serão observados ou entrevistados fazendo) e o *processo* (a natureza evolutiva dos eventos realizados pelos atores no local).

• Indique o tipo ou os tipos de dados a serem coletados. Em muitos estudos qualitativos, os investigadores coletam muitas formas de dados e despendem um tempo considerável na coleta de informações no ambiente natural. Os procedimentos de coleta na pesquisa qualitativa envolvem quatro tipos básicos, como mostra o Quadro 9.2.

Quadro 9.2 Tipos, opções, vantagens e limitações da coleta de dados qualitativos

Tipos de coleta de dados	Opções dentro dos tipos	Vantagens do tipo	Limitações do tipo
Observação	<ul style="list-style-type: none"> • Participante completo – o pesquisador oculta o papel. • O observador como participante – o papel do pesquisador é conhecido. • O Participante como observador – o papel da observação é secundário ao papel do participante. • Observador completo – o pesquisador observa sem participar. 	<ul style="list-style-type: none"> • O pesquisador tem uma experiência de primeira mão com o participante. • O pesquisador pode registrar informações, caso ocorram. • Aspectos pouco comuns podem surgir durante a observação. • Útil na exploração de tópicos que podem ser desconfortáveis para os participantes discutirem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os pesquisadores podem ser vistos como invasivos. • Podem ser observadas informações privadas que o pesquisador não pode relatar. • O pesquisador pode não ter boas habilidades de atenção e observação. • Pode-se ter problemas para se conseguir <i>rapport</i> com determinados participantes (com crianças, por exemplo).
Entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> • Face a face – entrevista interpessoal um a um. • Por telefone – entrevistas realizadas por telefone. • Grupo focal – o pesquisador entrevista os participantes em grupo. • Entrevista por e-mail. 	<ul style="list-style-type: none"> • Útil quando os participantes não podem ser diretamente observados. • Os participantes podem fornecer informações históricas. • Permite ao pesquisador controlar a linha do questionamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Proporciona informações indiretas, filtradas pelos pontos de vista dos entrevistados. • Proporciona informações em um local designado, em vez de no local de campo natural. • A presença do pesquisador pode influenciar as respostas. • Nem todas as pessoas são igualmente articuladas e perceptivas.
Documentos	<ul style="list-style-type: none"> • Documentos públicos, tais como minutas de reuniões, ou jornais. • Documentos privados, tais como diários ou cartas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Permite ao pesquisador obter a linguagem e as palavras dos participantes. • Podem ser acessados em um momento conveniente para o pesquisador – uma fonte de informações pertinente. • Representam dados criteriosos, pois os participantes receberam atenção ao compilá-los. • Como evidências escritas, poupam tempo e gastos ao pesquisador para transcrevê-los. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nem todas as pessoas são igualmente articuladas e perceptivas. • Podem ser informações protegidas, não disponíveis ao acesso público ou privado. • Requerem que o pesquisador busque as informações em lugares difíceis de encontrar. • Os materiais podem estar incompletos. • Os documentos podem não ser autênticos ou precisos.
Materiais audiovisuais	<ul style="list-style-type: none"> • Fotografias • Videoteipes • Objetos de arte • Software de computador • Filmes 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode ser um método conveniente de coleta de dados. • Proporciona uma oportunidade para os participantes compartilharem diretamente sua realidade. • É criativo, pois capta a atenção visualmente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode ser difícil de interpretar. • Pode não ser acessível pública ou privadamente. • A presença de um observador (por exemplo, um fotógrafo) pode ser perturbadora e afetar as respostas.

Nota: Este Quadro inclui material extraído de Merriam (1998), Bogdan e Biklen (1992) e Creswell (2007).

- **Observações qualitativas** são aquelas em que o pesquisador faz anotações de campo sobre o comportamento e as atividades dos indivíduos no local de pesquisa. Nessas anotações de campo, o pesquisador registra, de uma maneira não estruturada ou semi-estruturada (usando algumas questões anteriores que o investigador quer saber), as atividades no local da pesquisa. Os observadores qualitativos também podem se envolver em papéis que variam desde um não participante até um completo participante.
- Nas **entrevistas qualitativas**, o pesquisador conduz entrevistas face a face com os participantes, entrevista os participantes por telefone ou se engaja em entrevistas de grupo focal, com seis a oito entrevistados em cada grupo. Essas entrevistas envolvem questões não estruturadas e em geral abertas, que são em pequeno número e se destinam a suscitar concepções e opiniões dos participantes.
- Durante o processo de pesquisa, o investigador pode coletar **documentos qualitativos**. Podem ser documentos públicos (p. ex., jornais, minutas de reuniões, relatórios oficiais) ou documentos privados (p. ex., diários pessoais, cartas, e-mails).
- Uma categoria final dos dados qualitativos consiste de **materiais audiovisuais**. Esses dados podem assumir a forma de fotografias, objetos de arte, videoteipes ou quaisquer formas de som.

• Em uma discussão sobre as formas de coleta de dados, seja específico sobre os tipos e inclua argumentos relacionados aos pontos fortes e fracos de cada tipo, como está discutido no Quadro 9.2.

• Inclua tipos de coleta de dados que vão além de observações e entrevistas típicas. Essas formas pouco comuns criam o interesse do leitor em uma proposta e podem captar informações úteis que as observações e entrevistas podem não conseguir. Por exemplo, examine no Quadro 9.3 a súmula dos tipos de dados que podem ser usados para estender a imaginação sobre as possibilidades, como coleta de sons ou sabores, ou o uso de itens apreciados para suscitar comentários durante uma entrevista.

PROCEDIMENTOS DE REGISTRO DE DADOS

Antes de entrar no campo, os pesquisadores qualitativos planejam sua abordagem ao registro de dados. A proposta deve identificar que dados o pesquisador vai registrar e os procedimentos para o registro desses dados.

• Use um *protocolo* para registrar os dados observacionais. Os pesquisadores com frequência se engajam em observações múltiplas no decorrer de um estudo qualitativo e usam um **protocolo observacional** para registrar as informações. Ele pode ser de uma única página, com uma linha dividindo-a ao meio no sentido longitudinal para separar as *notas descritivas* (retratos dos participantes, reconstrução de diálogo, descrição do local físico, relatos de determinados eventos ou atividades) das *notas reflexivas* (os pensamentos pessoais do observador, tais como “especulação, sentimentos, problemas, ideias, palpites, impressões e preconceitos”, Bogdan e Biklen, 1992, p. 121). Também podem ser escritas dessa forma as *informações demográficas* sobre o tempo, o local e a data do local de campo onde ocorreu a observação.

Quadro 9.3 Uma lista de abordagens de coleta de dados qualitativos

Observações

- Realize anotações de campo conduzindo uma observação como participante.
- Realize anotações de campo conduzindo uma observação como observador.
- Realize anotações de campo passando mais tempo como participante do que como observador.
- Realize anotações de campo passando mais tempo como observador do que como participante.
- Realize anotações de campo primeiro observando como um estranho e depois entrando no local e observando como uma pessoa envolvida.

Entrevistas

- Conduza uma entrevista não estruturada, aberta, e faça anotações da entrevista.
- Conduza uma entrevista não estruturada, aberta, grave a entrevista em áudio e a transcreva.
- Conduza uma entrevista semiestruturada, grave a entrevista em áudio e a transcreva.
- Conduza uma entrevista de grupo focal, grave-a em áudio e a transcreva.
- Conduza diferentes tipos de entrevistas: por e-mail, face a face, grupo focal, grupo focal *on-line*, entrevistas por telefone.

Documentos

- Mantenha um diário durante o estudo de pesquisa.
- Faça um participante manter um diário durante o estudo de pesquisa.
- Colete cartas pessoais dos participantes.
- Analise documentos públicos (p. ex., memorandos oficiais, minutas, registros, material de arquivo).
- Faça os participantes tirarem fotografias ou filmarem (estimulação de fotos).
- Exame de gráficos.
- Registros médicos.

Materiais Audiovisuais

- Examine evidências de vestígios físicos (p. ex., pegadas na neve).
- Filme uma situação social, individual ou grupal.
- Examine fotografias ou videoteipes.
- Colete sons (p. ex., sons musicais, o riso de uma criança, buzinas de automóvel).
- Colete mensagens de e-mail.
- Colete mensagens de texto de telefones celulares.
- Examine posses ou objetos rituais.
- Colete sons, cheiros, sabores ou quaisquer estímulos dos sentidos.

Fonte: Adaptada de Creswell (2007).

• Use um **protocolo de entrevista** para formular perguntas e registrar as respostas durante uma entrevista qualitativa. Esse protocolo inclui os seguintes componentes:

- Um cabeçalho (com data, local, nome do entrevistador e nome do entrevistado).
- Instruções a serem seguidas pelo entrevistador para que procedimentos padrão sejam usados por vários entrevistadores.
- As questões (geralmente uma questão para quebrar o gelo no início), seguida de quatro a cinco perguntas que são com frequência as subquestões em um plano de pesquisa qualitativa, seguidas de alguma declaração conclusiva ou uma pergunta como "Quem devo procurar para aprender mais sobre minhas perguntas?".
- Sondagens das quatro a cinco perguntas, para o acompanhamento e para pedir aos indivíduos para explicarem suas ideias mais detalhadamente ou para elaborar sobre o que disseram.
- Espaço entre as perguntas para registrar as respostas.
- Um agradecimento final para reconhecer o tempo que o entrevistado gastou durante a entrevista (ver Creswell, 2007).

• Os pesquisadores registram informações das entrevistas fazendo anotações escritas à mão, gravando-as em áudio ou em vídeo. Mesmo que uma entrevista seja gravada, recomendo que os pesquisadores façam anotações, no caso de o equipamento de gravação falhar. Se for utilizada gravação em vídeo, os pesquisadores precisam planejar antecipadamente a transcrição da fita.

• O registro dos documentos e dos materiais visuais pode ser baseado na estrutura de anotações do pesquisador. Tipicamente, as anotações refletem informações sobre o documento ou outro material, assim como ideias importantes que aparecem nos documentos. Convém anotar se a informação representa material primário (p. ex., informações diretamente extraídas da pessoa ou da situação que está sendo estudada) ou material secundário (p. ex., relatos de segunda mão da pessoa ou da situação, escritos por outras pessoas). Também convém redigir comentários sobre a confiabilidade e o valor da fonte dos dados.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A discussão do plano de análise dos dados pode ter vários componentes. O processo de análise dos dados envolve extrair sentido dos dados

do texto e da imagem. Envolve preparar os dados para a análise, conduzir diferentes análises, ir cada vez mais fundo no processo de compreensão dos dados (alguns pesquisadores qualitativos gostam de pensar nisso como descascar as camadas de uma cebola), representar os dados e realizar uma interpretação do significado mais amplo dos dados. Vários processos genéricos podem ser estabelecidos na proposta para comunicar uma percepção das atividades gerais da análise de dados qualitativos, como os de minha autoria (Creswell, 2007) e aqueles de Rossman e Rallis (1998):

• Trata-se de um processo permanente envolvendo reflexão contínua sobre os dados, formulando questões analíticas e escrevendo anotações durante todo o estudo. Ou seja, a análise de dados qualitativos é conduzida concomitantemente com a coleta dos dados, a realização de interpretações e a redação de relatórios. Enquanto as entrevistas são realizadas, por exemplo, o pesquisador pode estar analisando uma entrevista coletada anteriormente, escrevendo anotações que podem ser finalmente incluídas como narrativa no relatório final, e organizando a estrutura do relatório final.

• A análise dos dados envolve a coleta de dados abertos, baseada em formular questões abertas e desenvolver uma análise das informações fornecidas pelos participantes.

• Com frequência vemos análises de dados qualitativos relatadas em artigos de periódicos e em livros que são uma forma genérica de análise. Nessa abordagem, o pesquisador coleta dados qualitativos, analisa-os por temas ou perspectivas, e relata entre quatro e cinco temas. Considero essa abordagem uma análise qualitativa básica; atualmente, muitos pesquisadores qualitativos vão além dessa análise genérica e acrescentam um procedimento em uma das estratégias de investigação qualitativas. Por exemplo, a *teoria fundamentada* tem passos sistemáticos (Corbin e Strauss, 2007; Strauss e Corbin, 1990, 1998). Estes envolvem gerar categorias de informações (codificação aberta), selecionar uma das categorias e posicioná-la dentro de um modelo teórico (codificação axial), e então explicar uma história a partir da interconexão dessas categorias (codificação seletiva). O *estudo de caso* e a *pesquisa etnográfica* envolvem uma descrição detalhada do local ou dos indivíduos, seguida pela análise dos dados realizada por temas ou problemas (ver Stake, 1995; Wolcott, 1994). A *pesquisa fenomenológica* usa a análise de declarações importantes, a geração de unidades significativas e o desenvolvimento do que Moustakas (1994) chama de uma descrição da essência. A **pesquisa narrativa** emprega a re-historização das histórias dos participantes utilizando dispositivos estruturais, como enredo, local, atividades, clímax

e desfecho (Clandinin e Connelly, 2000). Como esses exemplos ilustram, os processos, assim como os termos, diferem de uma estratégia analítica para outra.

- Apesar dessas diferenças analíticas, dependendo do tipo de estratégia utilizada, os investigadores qualitativos com frequência usam um procedimento geral e comunicam, na proposta, os passos seguidos na análise dos dados. Uma situação ideal é misturar os passos gerais com os passos específicos da estratégia de pesquisa. Uma visão geral do processo de análise dos dados está apresentada na Figura 9.1. Como **dica de pesquisa**, estimulo os pesquisadores a observar a análise de dados qualitativos seguindo os passos do específico para o geral e envolvendo níveis múltiplos de análise.

- A Figura 9.1 sugere uma abordagem linear, hierárquica, construída de baixo para cima, mas a vejo como mais interativa na prática; os vários estágios são inter-relacionados e nem sempre visitados na ordem apresentada. Esses níveis são enfatizados nos seguintes passos:

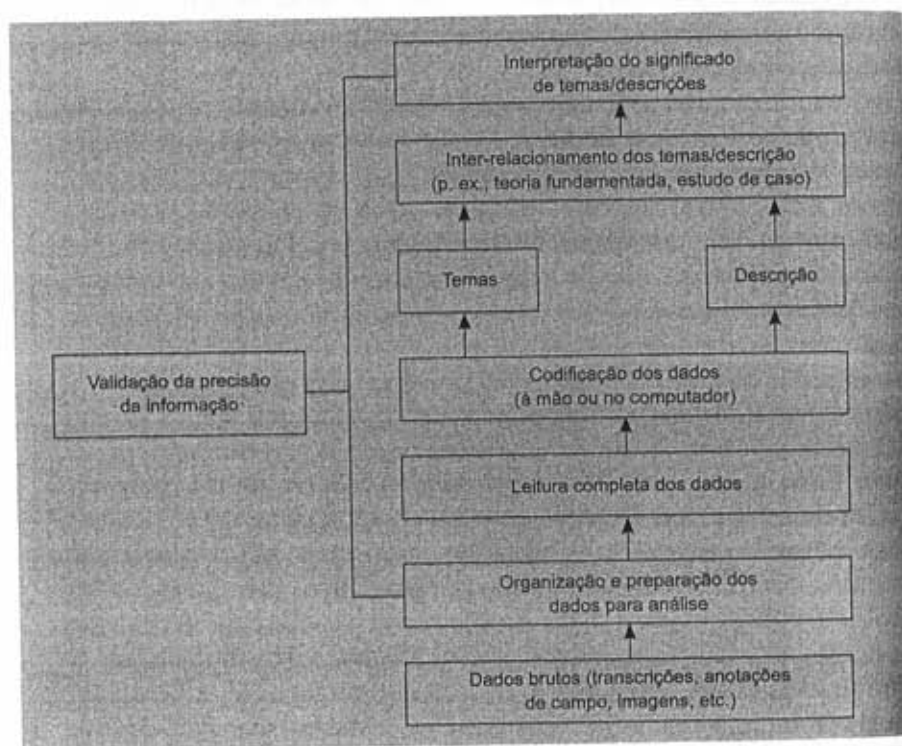


Figura 9.1 Análise de dados na pesquisa qualitativa.

Passo 1. Organize e prepare os dados para a análise. Isso envolve transcrever as entrevistas, escanear opticamente o material, digitar as anotações de campo ou separar e dispor os dados em diferentes tipos, dependendo das fontes de informação.

Passo 2. Leia todos os dados. O primeiro passo é obter uma *percepção geral* das informações e refletir sobre seu significado global. Quais as ideias gerais que os participantes estão expressando? Qual é o tom das ideias? Qual é a impressão da profundidade, da credibilidade e do uso geral das informações? Às vezes os pesquisadores qualitativos escrevem anotações nas margens ou começam a registrar os pensamentos gerais sobre os dados nesse estágio.

Passo 3. Comece a análise detalhada com um processo de codificação. A **codificação** é o processo de organização do material em blocos ou segmentos de texto antes de atribuir significado às informações (Rossman e Rallis, 1998, p. 171). Isso envolve manter os dados de texto, ou as figuras, reunidos durante a coleta de dados, segmentando sentenças (ou parágrafos) ou imagens em categorias e rotulando essas categorias com um termo, com frequência um termo baseado na linguagem real do participante (chamado um termo *in vivo*).

Antes de passar ao Passo 4, considere algumas observações que lhe proporcionarão uma orientação detalhada para o processo de codificação. Tesch (1990, p. 142-145) proporciona uma análise útil do processo em oito passos:

1. Obtenha uma percepção do todo. Leia atentamente todas as transcrições. Talvez você anote algumas ideias enquanto elas vêm à mente.
2. Pegue um documento (p. ex., uma entrevista) – o mais interessante, o mais curto, aquele que está no alto da pilha. Aprofunde-se nele, perguntando a si mesmo, “O que é isto?”. Não pense sobre a substância da informação, mas sobre seu significado subjacente. Escreva seus pensamentos na margem.
3. Quando tiver terminado essa tarefa para vários participantes, faça uma lista de todos os tópicos. Reúna os tópicos similares. Coloque-os em colunas, talvez dispostos como tópicos principais, tópicos únicos e descartáveis.
4. Agora, pegue essa lista e volte a seus dados. Abrevie os tópicos como códigos e escreva os códigos próximos aos segmentos apropriados do texto. Experimente esse esquema preliminar de organização para ver se emergem novas categorias e códigos.

5. Encontre a redação mais descritiva para seus tópicos e os transforme em categorias. Busque maneiras de reduzir sua lista total de categorias agrupando tópicos que se relacionem. Uma ideia é traçar linhas entre suas categorias para mostrar as inter-relações.
6. Tome uma decisão final sobre a abreviação de cada categoria e ponha esses códigos em ordem alfabética.
7. Reúna o material dos dados pertencente a cada categoria em um lugar e realize uma análise preliminar.
8. Se necessário, recodifique seus dados.

Esses oito passos envolvem um pesquisador em um processo sistemático de análise de dados textuais. Há variações nesse processo. Como **dica de pesquisa**, encorajo os pesquisadores qualitativos a analisarem seus dados para materiais que possam tratar do seguinte:

- Códigos sobre tópicos que os leitores esperariam encontrar, baseados na literatura passada e no bom senso.
- Códigos surpreendentes e que não foram previstos no início do estudo.
- Códigos incomuns e, em si e por si, de interesse conceitual para os leitores (p. ex., em Asmussen e Creswell, 1995, identificamos o *reativamento* como um dos códigos/temas na análise que sugeriu uma nova dimensão para nós para um incidente com um pistoleiro no *campus* e que parecia estar conectado a experiências de outras pessoas no *campus*).
- Códigos que tratam de uma perspectiva teórica mais ampla na pesquisa.

Como uma conceituação alternativa, considere a lista proposta por Bogdan e Biklen (1992, p. 166-172) dos tipos de códigos que eles procuram em um banco de dados qualitativo:

- Códigos de local e contexto
- Perspectivas dos indivíduos
- Maneiras de pensar dos indivíduos sobre as pessoas e os objetos
- Códigos de processo
- Códigos de atividade
- Códigos de estratégia
- Códigos de relacionamento e estrutura social
- Esquemas de codificação pré-designados

Outra questão sobre a codificação é se o pesquisador deve (a) desenvolver códigos tendo por base *apenas* as informações emergentes coletadas dos participantes, (b) utilizar códigos predeterminados e depois ajustar os dados a eles, ou (c) utilizar alguma combinação de códigos predeterminados e emergentes. A abordagem tradicional nas ciências sociais é permitir que os códigos emergjam durante a análise dos dados. Nas ciências da saúde, uma abordagem comum é usar códigos predeterminados baseados na teoria que está sendo examinada. Nesse caso, os pesquisadores podem desenvolver um **livro de códigos qualitativo**, um quadro ou um registro que contenha uma lista de códigos predeterminados que os pesquisadores utilizam para codificar os dados. Esse livro de códigos pode ser composto pelos nomes dos códigos em uma coluna, uma definição dos códigos em outra coluna, e, depois, os momentos específicos (p. ex., números alinhados) em que o código foi encontrado nas transcrições. Ter um livro de códigos desse tipo é valioso quando muitos pesquisadores estão codificando os dados de diferentes transcrições. Esse livro de códigos pode se desenvolver e mudar durante um estudo baseado na análise detalhada dos dados, mesmo quando o pesquisador não está partindo de uma perspectiva de código emergente. Para os pesquisadores que têm uma teoria distinta que querem testar em seus projetos, recomendaria o desenvolvimento de um livro de códigos preliminar para codificar os dados e permitir que este se desenvolva e mude, tendo em vista as informações obtidas durante a análise dos dados. O uso de um livro de códigos é especialmente útil para campos em que a pesquisa *quantitativa* domina e é necessária uma abordagem mais sistemática da pesquisa *qualitativa*.

Voltando ao processo de codificação geral, alguns pesquisadores têm considerado conveniente codificar à mão as transcrições ou informações qualitativas, às vezes utilizando esquemas de cor e cortando e colando segmentos de texto em cartões de anotações. Essa é uma abordagem trabalhosa e que consome muito tempo. Outros tendem a usar programas de computador qualitativos para ajudar a codificar, a organizar e a separar informações que serão úteis na escrita do estudo qualitativo. Estão disponíveis vários programas de computador excelentes, e todos têm características similares: bons CDs explicativos e demonstrativos, capacidade para incorporar tanto dados de texto quanto de imagem (p. ex., fotografias), a característica de armazenar e organizar dados, a capacidade de busca de localizar todo texto associado com códigos específicos, códigos inter-relacionados para fazer restaurações da relação entre os códigos e a importa-

ção e exportação de dados qualitativos para programas *quantitativos*, como planilhas eletrônicas ou programas de análise de dados.

A ideia básica que está por trás desses programas é que o uso do computador é um meio eficiente para armazenar e localizar dados qualitativos. Embora o pesquisador ainda precise vasculhar cada linha de texto (como nas transcrições) e atribuir códigos, esse processo pode ser mais rápido e mais eficiente do que a codificação à mão. Além disso, em grandes bancos de dados, o pesquisador pode localizar rapidamente todas as passagens (ou segmentos de texto) codificadas da mesma forma e determinar se os participantes estão reagindo a uma ideia de código de maneiras similares ou diferentes. O programa de computador também pode facilitar a comparação de diferentes códigos (p. ex., como homens e mulheres – o primeiro código de gênero – diferem em termos de suas atitudes com relação ao fumo – um segundo código). Essas são apenas algumas características dos programas de *software* que os tornam uma escolha lógica para a análise de dados qualitativos em vez da codificação à mão. Como acontece com qualquer um desses programas, os programas qualitativos requerem tempo e habilidade para serem aprendidos e empregados efetivamente, embora livros para a aprendizagem dos programas estejam amplamente disponíveis (p. ex., Weitzman e Miles, 1995).

A maioria dos programas está disponível apenas na plataforma do PC. Os programas de *software* de computador que minha equipe e eu usamos no escritório de pesquisa são os seguintes:

- MAXqda (<http://maxqa.com/>). Excelente programa baseado no PC, oriundo da Alemanha, que ajuda os pesquisadores a avaliar e interpretar sistematicamente textos qualitativos. Tem todas as características anteriormente mencionadas.
- Atlas.ti (<http://atlasti.com/>). Este é outro programa da Alemanha baseado no PC, que permite a um pesquisador organizar arquivos de textos, gráficos e dados visuais, juntamente com codificação, notas e resultados, em um projeto.
- QSR NVivo (<http://qsrinternational.com>). Este programa, oriundo da Austrália, apresenta o popular programa N6 (ou Nud.ist) e o conceito NVivo de mapeamento combinado. É disponível apenas para Windows PC.
- HyperRESEARCH (<http://researchware.com/>). Este é um programa disponível tanto para o MAC quanto para o PC. É um *software* qualitativo fácil de usar e que permite aos usuários codificar, recuperar, analisar e conduzir análises dos dados.

Passo 4. Utilize o processo de codificação para gerar uma descrição do local ou das pessoas e também das categorias ou temas para análise. A *descrição* envolve uma apresentação detalhada de informações sobre pessoas, lugares ou eventos em um local. Os pesquisadores podem gerar códigos para essa descrição, que é útil no planejamento de descrições detalhadas para projetos de pesquisa de estudos de caso, etnográficos e narrativos. Use então a codificação para gerar um pequeno número de *temas* ou categorias, talvez cinco a sete categorias para um estudo de pesquisa. Esses temas são aqueles que aparecem como principais resultados nos estudos qualitativos e são com frequência utilizados para criar títulos nas seções de resultados dos estudos. Eles devem exibir múltiplas perspectivas dos indivíduos e ser corroborados por diversas citações e evidências específicas.

Além de identificar os temas durante o processo de codificação, os pesquisadores qualitativos podem fazer muito com os temas para criar camadas adicionais de análise complexa. Por exemplo, os pesquisadores interconectam temas em um enredo de história (como nas narrativas) ou os desenvolvem em um modelo teórico (como na teoria fundamentada). Os temas são analisados para cada caso e em diferentes casos (como nos estudos de caso) ou moldados em uma descrição geral (como na fenomenologia). Estudos qualitativos sofisticados vão além da descrição e da identificação e chegam a complexas conexões do tema.

Passo 5. Informe como a descrição e os temas serão *representados* na narrativa qualitativa. A abordagem mais popular é a utilização de uma passagem narrativa para comunicar os resultados da análise. Essa pode ser uma discussão que mencione uma cronologia dos eventos, a discussão detalhada de vários temas (completados com subtemas, ilustrações específicas, perspectivas múltiplas dos indivíduos e citações) ou uma discussão com temas interconectados. Muitos pesquisadores qualitativos também usam recursos visuais, figuras ou tabelas como adjuntos às discussões. Eles apresentam um modelo de processo (como na teoria fundamentada), uma descrição do local de pesquisa específico (como na etnografia) ou informações descritivas sobre cada participante em uma tabela (como nos estudos de caso e nas etnografias).

Passo 6. Um passo final na análise dos dados envolve realizar uma **interpretação** ou extrair um significado dos dados. Perguntar “Quais foram as lições aprendidas?” capta a essência dessa ideia (Lincoln e Guba, 1985). Essas *lições* podem ser a interpretação pessoal do pesquisador, expressa no entendimento que o investigador traz para o estudo de sua

própria cultura, história e experiências. Pode ser também um significado derivado de uma comparação dos resultados com informações coletadas da *literatura* ou de *teorias*. Dessa maneira, os autores sugerem que os resultados confirmam informações passadas ou delas divergem. Também pode sugerir a necessidade de formulação de *novas questões* – questões levantadas pelos dados e pela análise que o investigador não havia previsto no início do estudo. Segundo Wolcott (1994), uma maneira de os etnógrafos poderem concluir um estudo é formular questões adicionais. A abordagem do questionamento é também utilizada nas abordagens defensivas e participativas da pesquisa qualitativa. Além disso, quando os pesquisadores qualitativos utilizam uma lente teórica, podem realizar interpretações que requerem agendas de ação para reforma e mudança. Assim, a interpretação na pesquisa qualitativa pode assumir muitas formas, ser adaptada para diferentes tipos de projetos e ser flexível para comunicar significados pessoais, baseados na pesquisa e da ação.

CONFIABILIDADE, VALIDADE E GENERALIZABILIDADE

Embora a validação dos resultados ocorra durante todos os passos do processo de pesquisa (conforme demonstrado na Figura 9.1), essa discussão se concentra nela para permitir a um pesquisador escrever uma passagem em uma proposta sobre os procedimentos para validar os resultados que serão utilizados em um estudo. Os autores de propostas precisam comunicar os passos que seguirão em seus estudos para verificar a precisão e a credibilidade de seus resultados.

A validade não carrega as mesmas conotações na pesquisa qualitativa que carrega na pesquisa quantitativa, nem é uma companheira da confiabilidade (exame da estabilidade ou consistência das respostas) nem da generalizabilidade (a validade externa da aplicação dos resultados a novos locais, pessoas ou amostras; ambas discutidas no Capítulo 8). A **validade qualitativa** significa que o pesquisador verifica a precisão dos resultados empregando alguns procedimentos, enquanto a **confiabilidade qualitativa** indica que a abordagem do pesquisador é consistente entre diferentes pesquisadores e diferentes projetos (Gibbs, 2007).

Como os pesquisadores qualitativos verificam para determinar se suas abordagens são consistentes ou confiáveis? Yin (2003) sugere que os pesquisadores qualitativos precisam documentar os procedimentos de seus estudos de caso e documentar o máximo de passos possível dos

procedimentos. Ele também recomenda apresentar um protocolo e um banco de dados detalhados do estudo de caso. Gibbs (2007) sugere vários **procedimentos de confiabilidade**:

- Verifique as transcrições para se assegurar de que elas não contêm erros óbvios cometidos durante a transcrição.
- Certifique-se de que não há um desvio na definição dos códigos, uma mudança no significado durante o processo de codificação. Isso pode ser realizado comparando-se constantemente os dados com os códigos e fazendo anotações sobre os códigos e suas definições (ver a discussão sobre um livro de códigos qualitativo).
- Para a pesquisa em equipe, coordene a comunicação entre os codificadores por meio de reuniões regulares documentadas e do compartilhamento da análise.
- Faça uma verificação cruzada dos códigos desenvolvidos por diferentes pesquisadores comparando resultados que são derivados independentemente.

Os autores de propostas precisam incluir vários desses procedimentos como evidências de que terão resultados consistentes em seu estudo proposto. Recomendo que vários procedimentos sejam mencionados em uma proposta e que os pesquisadores individuais encontrem outra pessoa que possa verificar seus códigos, para o que eu chamo de **acordo entre codificadores** (ou verificação cruzada). Esse acordo pode ser baseado em se dois ou mais codificadores concordam com os códigos utilizados para as mesmas passagens no texto (isso não quer dizer que eles codifiquem a mesma passagem do texto, mas se outro codificador o codificaria com o mesmo código ou com um código similar). Os procedimentos estatísticos ou subprogramas de confiabilidade nos *softwares* de computador qualitativos podem então ser usados para determinar o nível de consistência da codificação. Miles e Huberman (1994) recomendam que a consistência da codificação esteja de acordo em pelo menos 80% do tempo para uma boa confiabilidade qualitativa.

A validade, por outro lado, é um dos pontos fortes da pesquisa qualitativa, e se baseia na determinação se os resultados são precisos do ponto de vista do pesquisador, do participante ou dos leitores de um relato (Creswell e Miller, 2000). São abundantes os termos na literatura qualitativa que expressam essa ideia, tais como *fidedignidade*, *autenticidade* e *credibilidade* (Creswell e Miller, 2000), e esse é um tópico muito discutido (Lincoln e Guba, 2000).

Uma perspectiva procedural a qual recomendo para as propostas de pesquisa é a de identificar e discutir uma ou mais estratégias disponíveis para verificar a precisão dos resultados. O pesquisador incorpora ativamente a sua proposta às **estratégias de validade**. Recomendo o uso de múltiplas estratégias, as quais devem melhorar a capacidade do pesquisador para avaliar a precisão dos resultados e também para convencer os leitores dessa precisão. Há oito estratégias principais, organizadas das mais frequentemente usadas e fáceis de implementar para as ocasionalmente usadas e mais difíceis de implementar:

- *Triangle* diferentes fontes de informação examinando as evidências das fontes e utilizando-as para criar uma justificativa coerente para os temas. Se os temas forem estabelecidos baseados na convergência de várias fontes de dados ou perspectivas dos participantes, então pode-se dizer que esse processo está auxiliando a validação do estudo.
- Utilize a *verificação dos membros* para determinar a precisão dos resultados qualitativos retornando o relatório final ou as descrições ou os temas específicos aos participantes e determinando se esses participantes os consideram resultados. Isso não significa retomar as transcrições brutas para verificar a precisão; em vez disso, o pesquisador retoma partes do produto aprimorado, como os temas, as análises de caso, a teoria fundamentada, a descrição cultural, e assim por diante. Tal procedimento pode envolver a realização de uma entrevista de acompanhamento com os participantes do estudo e proporcionar uma oportunidade para eles comentarem os resultados.
- Utilize uma *descrição rica e densa* para comunicar os resultados. Essa descrição pode transportar os leitores para o local e proporcionar à discussão um elemento de experiências compartilhadas. Por exemplo, quando os pesquisadores qualitativos apresentam descrições detalhadas do local ou apresentam muitas perspectivas sobre um tema, os resultados tornam-se mais realistas e mais ricos. Esse procedimento pode aumentar a validade dos resultados.
- Esclareça o *viés* que o pesquisador traz para o estudo. Essa autor-reflexão cria uma narrativa aberta e honesta a qual vai impressionar bem os leitores. A reflectividade tem sido mencionada como uma característica básica da pesquisa qualitativa. A boa pesquisa qualitativa contém comentários dos pesquisadores sobre como sua interpretação dos resultados é moldada por suas origens, tais como seu gênero, cultura, história e origem socioeconômica.

- Apresente também *informações negativas* ou *discrepantes* as quais se opõem aos temas. Como a vida real é composta de diferentes perspectivas que nem sempre se unem, discutir as informações contrárias aumenta a credibilidade de um relato. Um pesquisador pode fazer isso discutindo as evidências sobre um tema. A maior parte das evidências vai gerar um caso para o tema; os pesquisadores também podem apresentar informações que contradigam a perspectiva geral desse tema. Apresentando essas evidências contraditórias, o relato torna-se mais realístico e, portanto, válido.
- Passe um *tempo prolongado* no campo. Dessa maneira, o pesquisador desenvolve um entendimento profundo do fenômeno que está sendo estudado e pode comunicar detalhes sobre o local e as pessoas que conferem credibilidade ao relato narrativo. Quanto mais experiência um pesquisador tem com os participantes em seu local real, mais acurados ou válidos serão os resultados.
- Utilize a revisão por pares (*peer debriefing*) para aumentar a precisão do relato. Esse processo envolve localizar uma pessoa (um *debriefer* entre os pares) a qual examina e formula questões sobre o estudo qualitativo para que o relato repercuta em outras pessoas além do pesquisador. Essa estratégia – que envolve uma interpretação além do pesquisador e investida em outra pessoa – aumenta a validade de um relato.
- Utilize um *auditor externo* para examinar todo o projeto. Distintamente de um *debriefer* entre pares, esse auditor não está familiarizado com o pesquisador ou com o projeto e pode realizar uma avaliação objetiva do projeto durante todo o processo de pesquisa ou na conclusão do estudo. Seu papel é similar àquele de um auditor fiscal, e há perguntas específicas que os auditores podem fazer (Lincoln e Guba, 1985). O procedimento de pedir que um investigador independente examine muitos aspectos do projeto (p. ex. a precisão da transcrição, a relação entre as questões e os dados de pesquisa, o nível de análise dos dados a partir dos dados brutos por meio da interpretação) aumenta a validade geral de um estudo qualitativo.

Generalização qualitativa é um termo utilizado de uma maneira limitada na pesquisa qualitativa, pois a intenção dessa forma de investigação não é generalizar os resultados para os indivíduos, os locais ou as situações fora daqueles que estão sendo estudados (ver Gibbs, 2007, para esta nota de advertência sobre a generalizabilidade qualitativa).

Na verdade, o valor da pesquisa qualitativa está na descrição específica e nos temas desenvolvidos no *contexto* de um local específico. É mais a *particularidade* do que a *generalizabilidade* (Greene e Caracelli, 1997) que constitui a marca da pesquisa qualitativa. Entretanto, há algumas discussões na literatura qualitativa sobre a generalizabilidade, especialmente quando aplicada à pesquisa de estudo de caso em que o investigador estuda vários casos. Yin (2003), por exemplo, acredita que os resultados do estudo de caso qualitativo podem ser generalizados para alguma *teoria mais ampla*. A generalização ocorre quando os pesquisadores qualitativos estudam casos adicionais e generalizam os resultados para os novos casos. É o mesmo que a *lógica da replicação* utilizada na pesquisa experimental. Entretanto, repetir os resultados de um estudo de caso em um novo cenário de caso requer uma boa documentação dos procedimentos qualitativos, tais como um protocolo para documentar o problema em detalhes e o desenvolvimento de um banco de dados completo do estudo de caso (Yin, 2003).

O RELATÓRIO QUALITATIVO

Um plano para um procedimento qualitativo deve terminar com alguns comentários sobre a narrativa que emerge da análise dos dados. Existem muitas variedades de narrativas, e exemplos de revistas acadêmicas ilustram os modelos. Em um plano para um estudo, considere a sugestão de vários pontos sobre a narrativa.

O procedimento básico no relato dos resultados de um estudo qualitativo é desenvolver descrições e temas que comuniquem perspectivas múltiplas dos participantes e descrições detalhadas do local ou dos indivíduos. Utilizando-se uma estratégia de investigação qualitativa, esses resultados podem também proporcionar uma narrativa cronológica da vida de um indivíduo (pesquisa narrativa), uma descrição detalhada de suas experiências (fenomenologia), uma teoria gerada dos dados (teoria fundamentada), um retrato detalhado de um grupo que compartilha uma cultura (etnografia) ou uma análise profunda de um ou mais casos (estudo de caso).

Dadas essas diferentes estratégias, as seções dos resultados e da interpretação de um plano para um estudo podem discutir como as seções serão apresentadas: como relatos objetivos, experiências do trabalho de campo (Van Maanen, 1988), uma cronologia, um modelo de processo, uma história ampliada, uma análise por casos ou entre casos, ou um retrato descritivo detalhado (Creswell, 2007).

No nível específico, algumas **estratégias da escrita** podem ser as seguintes:

- Utilize citações e varie sua extensão de passagens curtas a longas incorporadas.
- Faça um roteiro da conversa e relate a conversa em diferentes línguas para refletir a sensibilidade cultural.
- Apresente as informações de texto em forma de quadro (p. ex., matrizes, quadros de comparação de diferentes códigos).
- Use o modo de expressar dos participantes para formar códigos e rótulos de temas.
- Entremeie citações com interpretações (do autor).
- Use recuos ou outras formatações especiais do manuscrito para chamar a atenção para as citações dos participantes.
- Utilize a primeira pessoa "eu" ou o coletivo "nós" na forma narrativa.
- Use metáforas e analogias (ver, por exemplo, Richardson, 1990, que discute algumas dessas formas).
- Use a abordagem narrativa geralmente usada em uma estratégia de investigação qualitativa (p. ex., a descrição nos estudos de caso e, nas etnografias, uma história detalhada na pesquisa narrativa).
- Descreva como o resultado da narrativa será comparado às teorias e à literatura geral sobre o tópico. Em muitos artigos qualitativos, os pesquisadores discutem a literatura no final do estudo (ver a discussão no Capítulo 2).

Exemplo 9.1 Procedimentos qualitativos

Segue um exemplo de um procedimento qualitativo escrito como parte de uma proposta de doutorado (Miller, 1992). O projeto de Miller era um estudo etnográfico das experiências no primeiro ano de exercício no cargo do reitor de uma faculdade com cursos de quatro anos de duração. Do modo como apresento essa discussão, remeto às seções abordadas neste capítulo e as destaco em negrito. Também mantive o uso de Miller do termo *informante*, embora atualmente deva ser usado o termo mais apropriado, *participante*.

O Paradigma da Pesquisa Qualitativa

O paradigma da pesquisa qualitativa tem suas raízes na antropologia cultural e na sociologia americana (Kirk e Miller, 1986). Só recentemente ele foi adotado pelos pesquisadores educacionais (Borg e Gall, 1989). A intenção da pesquisa qualitativa é entender uma situação social, um evento, um papel, um grupo ou uma interação específica (Locke, Spirduso e Silverman, 1987).

É, em grande parte, um processo investigativo, no qual o pesquisador pouco a pouco extrai sentido de um fenômeno social contrastando, comparando, replicando, catalogando e classificando o objeto do estudo (Miles e Huberman, 1984). Marshall e Rossman (1989) sugerem que isso envolve imersão na vida cotidiana do local escolhido para o estudo; o pesquisador entra no mundo dos informantes e, por meio de uma interação contínua, busca as perspectivas e os significados dos informantes. (São mencionadas as suposições qualitativas).

Os acadêmicos afirmam que a pesquisa qualitativa pode ser distinguida da metodologia quantitativa por muitas características singulares as quais são inerentes ao projeto. Segue uma síntese das suposições comumente articuladas com relação às características apresentadas por vários pesquisadores.

1. A pesquisa qualitativa ocorre nos ambientes naturais, onde ocorrem o comportamento e os eventos humanos.
2. A pesquisa qualitativa baseia-se em suposições que são muito diferentes dos projetos quantitativos. A teoria ou as hipóteses não são estabelecidas a priori.
3. O pesquisador é o principal instrumento na coleta de dados, em vez de algum mecanismo inanimado (Eisner, 1991; Frankel e Wallen, 1990; Lincoln e Guba, 1985; Merriam, 1988).
4. Os dados que emergem de um estudo qualitativo são descritivos. Ou seja, os dados são relatados em palavras (principalmente as palavras do participante) ou imagens, em vez de em números (Fraenkel e Wallen, 1990; Locke et al., 1987; Marshall e Rossman, 1989; Merriam, 1988).
5. O foco da pesquisa qualitativa são as percepções e as experiências dos participantes e a maneira como eles extraem sentido de suas vidas (Fraenkel e Wallen, 1990; Locke et al., 1987; Merriam, 1988). Por isso, a tentativa não é entender uma, mas múltiplas realidades (Lincoln e Guba, 1985).
6. A pesquisa qualitativa se concentra no processo que está ocorrendo e também no produto ou resultado. Os pesquisadores estão particularmente interessados em entender como as coisas acontecem (Fraenkel e Wallen, 1990; Merriam, 1988).
7. É utilizada a interpretação ideográfica. Em outras palavras, presta-se atenção às particularidades; e os dados são interpretados com relação às particularidades de um caso, em vez de às generalizações.
8. A pesquisa qualitativa é um projeto emergente em seus resultados negociados. Os significados e as interpretações são negociados com as fontes de dados humanos porque são as realidades dos indivíduos que o pesquisador tenta reconstruir (Lincoln e Guba, 1985; Merriam, 1988).
9. Essa tradição da pesquisa baseia-se na utilização de conhecimento tácito, (conhecimento intuitivo e sentido) pois com frequência as nuances das realidades múltiplas podem ser mais apreciadas dessa maneira (Lincoln e Guba, 1985). Por isso, os dados não são quantificáveis no sentido tradicional da palavra.

10. A objetividade e a veracidade são fundamentais para as duas tradições da pesquisa. Entretanto, os critérios para se julgar um estudo qualitativo diferem daqueles da pesquisa quantitativa. Antes de tudo, o pesquisador busca a credibilidade, baseada na coerência, no insight e na conveniência instrumental (Eisner, 1991), e a fidedignidade (Lincoln e Guba, 1985) por meio de um processo de verificação, em vez de por meio das medidas tradicionais de validade e confiabilidade. (As características qualitativas são mencionadas.)

O Projeto de Pesquisa Etnográfico

Este estudo vai utilizar a tradição da pesquisa etnográfica. Este projeto emergiu do campo da antropologia, principalmente das contribuições de Bronislaw Malinowski, Robert Park e Franz Boas (Jacob, 1987; Kirk e Miller, 1986). A intenção da pesquisa etnográfica é obter um quadro holístico do tema do estudo, com ênfase na retratação das experiências cotidianas dos indivíduos por meio da observação e de entrevistas realizadas com eles e com outras pessoas relevantes (Fraenkel e Wallen, 1990). O estudo etnográfico inclui entrevistas em profundidade e observação persistente e contínua do participante em uma situação (Jacob, 1987) e, tentando captar todo o quadro, revela como as pessoas descrevem e estruturam seu mundo (Fraenkel e Wallen, 1990). (O autor usou a abordagem etnográfica.)

O Papel do Pesquisador

Particularmente na pesquisa qualitativa, o papel do pesquisador como o principal instrumento de coleta de dados necessita da identificação dos valores pessoais, das suposições e dos vieses no início do estudo. A contribuição do investigador para a situação da pesquisa pode ser útil e positiva, em vez de prejudicial (Locke et al., 1987). Minhas percepções da educação superior e da reitoria da faculdade têm sido moldadas por minhas experiências pessoais. De agosto de 1980 a maio de 1990 trabalhei como administrador de faculdades privadas de 600 a 5 mil alunos. Mais recentemente (1987-1990) trabalhei como pró-reitor de graduação em uma pequena faculdade do Meio-oeste. Como membro do gabinete do reitor, estava envolvido com todas as atividades e decisões de alto nível administrativo do gabinete, e trabalhei intimamente com o corpo docente, com os oficiais de gabinete, com o reitor e com o conselho administrativo. Além de me comunicar diretamente com o reitor, trabalhei com ele durante seu primeiro ano no cargo. Acredito que esse entendimento do contexto e do papel aumenta minha consciência, meu conhecimento e minha sensibilidade de muitos dos desafios, das decisões e dos problemas encontrados por um reitor em seu primeiro ano de exercício no cargo, e vai me ajudar a trabalhar com o informante neste estudo. Tenho o conhecimento tanto da estrutura da educação superior quanto do papel da reitoria da faculdade. Será dada uma atenção particular ao papel do novo reitor na iniciação de mudanças, construção de

relacionamentos, tomada de decisões e demonstração de liderança e visão. Devido às experiências anteriores trabalhando de perto com um novo reitor de faculdade, trago alguns vieses a este estudo. Embora todo esforço será feito para garantir a objetividade, tais vieses podem moldar a maneira como vejo e entendo os dados que colete e a maneira em que interpreto minhas experiências. Início este estudo com a perspectiva de que a reitoria de uma faculdade é uma posição diversificada e frequentemente difícil. Embora as expectativas sejam imensas, questiono quanto poder o reitor tem para iniciar mudanças e demonstrar liderança e visão. Encaro o primeiro ano como crítico; repleto de ajustes, frustrações, surpresas imprevistas e desafios. (O autor fez uma reflexão sobre seu papel no estudo.)

Limitando o Estudo

Local

Este estudo será conduzido no campus de uma faculdade estadual do Meio-oeste. A faculdade está situada em uma comunidade rural do Meio-oeste. Os 1.700 alunos da instituição são quase o triplo da população de 1 mil habitantes da cidade durante o período letivo. A instituição concede títulos de licenciado, de bacharel e de mestre em 51 disciplinas.

Atores

O informante deste estudo é o novo reitor de uma faculdade estadual do Meio-oeste. O principal informante deste estudo é o reitor. Entretanto, eu o estarei observando no contexto das reuniões administrativas do gabinete. O gabinete do reitor inclui três vice-reitores (Assuntos Acadêmicos, Administração e Assuntos Estudantis) e dois pró-reitores (Estudos de Graduação e Educação Continuada).

Eventos

Usando a metodologia da pesquisa etnográfica, o foco deste estudo serão as experiências e os eventos cotidianos do novo reitor da faculdade e as percepções e o significado relacionados a essas experiências como são expressados pelo informante. Isso inclui a assimilação de eventos ou de informações inesperadas e a extração de sentido de eventos e questões críticas que surgem.

Processos

Estarei particularmente atento ao papel do novo reitor na iniciação de mudanças, na construção de relacionamentos, na tomada de decisões e na demonstração de liderança e visão. (O autor mencionou os limites da coleta de dados.)

Considerações Éticas

A maioria dos autores que discute o projeto de pesquisa qualitativa trata da importância das considerações éticas (Locke et al., 1982; Marshall e Rossman, 1989; Merriam, 1988; Spradley, 1980). Antes de tudo, o pesquisador tem a obrigação de respeitar os direitos, as necessidades, os valores

e os desejos do(s) informante(s). Até certo ponto, a pesquisa etnográfica é sempre invasiva. A observação do participante invade a vida do informante (Spradley, 1980) e informações sensíveis frequentemente são reveladas. Essa é uma preocupação particular neste estudo, em que a posição e a instituição do informante são extremamente visíveis. Serão empregadas as seguintes salvaguardas para proteger os direitos do informante: 1) os objetivos da pesquisa serão articulados verbalmente e por escrito, para que sejam claramente entendidos pelo informante (incluindo uma descrição de como os dados serão utilizados); 2) o informante concederá uma permissão por escrito para o prosseguimento do estudo como está articulado; 3) um formulário de isenção da pesquisa será preenchido pelo Institutional Review Board (IRB) (Apêndices B1 e B2); 4) o informante será informado de todos os dispositivos e as atividades da coleta de dados; 5) as transcrições literais e as interpretações e os relatórios escritos serão disponibilizados para o informante; 6) os direitos, os interesses e os desejos do informante serão considerados em primeiro lugar quando forem feitas escolhas com relação aos dados; e 7) a decisão final com relação à anonimidade do informante caberá ao próprio. (O autor tratou das questões éticas e do exame do IRB.)

Estratégias da Coleta de Dados

Os dados serão coletados de fevereiro a maio de 1992, incluirão um mínimo de entrevistas bimensais gravadas, de 45 minutos, com o informante (questões iniciais da entrevista, Apêndice C), observações bimensais de duas horas de reuniões do gabinete administrativo, observações bimensais de duas horas das atividades diárias e análises bimensais do calendário e de documentos (minutas de reuniões, memorandos, publicações) do reitor. Além disso, o informante concordou em gravar impressões de suas experiências, pensamentos e sentimentos em um diário gravado (diretrizes para a reflexão gravada, Apêndice D). Duas entrevistas de acompanhamento serão marcadas para o fim de maio de 1992 (ver o Apêndice E para a linha de tempo e o programa de atividade propostos). (O autor propôs utilizar, entrevistas face a face, participar como observador e obter documentos privados.)

Para ajudar na fase de coleta dos dados, utilizarei um diário de campo, no qual constará um relato detalhado das maneiras como planejo despendar meu tempo quando estiver no local da pesquisa, e na fase de transcrição e análise (também comparando esse registro com o modo como o tempo é realmente despendido). Pretendo registrar os detalhes relacionados às minhas observações em um caderno de anotações de campo e manter um diário de campo para relatar meus próprios pensamentos, sentimentos, experiências e percepções durante todo o processo da pesquisa. (O autor registrou informações descritivas e reflexivas.)

Procedimento de Análise dos Dados

Merriam (1988) e Marshall e Rossman (1989) afirmam que a coleta e a análise dos dados devem ser um processo simultâneo na pesquisa qualitativa. Schatzman e Strauss (1973) declaram que a análise de dados qualitativos envolve principalmente classificar as coisas, as pessoas e os eventos e as propriedades que os caracterizam. Tipicamente, durante todo o processo de análise dos dados, os etnógrafos indexam ou codificam seus dados utilizando o máximo de categorias possível (Jacob, 1987). Eles buscam identificar e descrever padrões e temas a partir da perspectiva do(s) participante(s), e depois tentam compreender e explicar esses padrões e temas (Agar, 1980). Durante a análise dos dados, eles serão organizados categóricamente e cronologicamente, examinados repetidas vezes e continuamente codificados. Será composta uma lista das principais ideias que vêm à tona (como foi sugerido por Merriam, 1988). As entrevistas gravadas e o diário gravado do participante serão transcritos literalmente. As anotações de campo e as inclusões no diário serão regularmente revistas. (O autor descreveu os passos na análise dos dados.)

Além disso, o processo de análise dos dados será auxiliado pelo uso de um programa computadorizado de análise de dados qualitativos chamado HyperQual. Raymond Padilla (Universidade do Estado do Arizona) criou o HyperQual em 1987, para ser usado com o computador Macintosh. O HyperQual, utiliza o software HyperCard e facilita o registro e a análise de dados de textos e gráficos. Áreas especiais estão destinadas a armazenar e organizar os dados. Utilizando o HyperQual, o pesquisador pode "entrar diretamente nos dados de campo, incluindo os dados de entrevista, observações, anotações do pesquisador e ilustrações... (e) rotular (ou codificar) todos os dados ou parte dos dados da fonte para que os blocos de dados possam ser extraídos e depois reagrupados em uma nova configuração esclarecedora" (Padilla, 1989, p. 69-70). Blocos de dados significativos podem ser identificados, recuperados, isolados, agrupados e reagrupados para análise. As categorias ou nomes de códigos podem ser inseridos inicialmente ou em uma data posterior. Códigos podem ser acrescentados, modificados ou delegados com o editor HyperQual e o texto pode ser buscado para as principais categorias, temas, palavras ou frases. (O autor menciona o uso proposto de um software de computador para a análise dos dados.)

Verificação

Para garantir a validade interna serão empregadas as seguintes estratégias:

1. **Triangulação dos dados** – Os dados serão coletados por meio de múltiplas fontes para incluir entrevistas, observações e análise de documentos;
2. **Cheragem do membro** – O informante vai atuar como um controle durante todo o processo de análise. Um diálogo contínuo com relação a minhas

interpretações da realidade e dos significados do informante vai garantir o valor de verdade dos dados;

3. **Observações prolongadas e repetidas no local da pesquisa** – As observações regulares e repetidas de fenômenos e situações similares vão ocorrer no local da pesquisa durante um período de quatro meses;
4. **Exame dos pares** – Um aluno de doutorado e um assistente de graduação do Departamento de Psicologia Educacional atuarão como examinadores dos pares;
5. **Modos participativos de pesquisa** – O informante estará envolvido na maior parte das fases deste estudo, desde o planejamento do projeto até a verificação das interpretações e conclusões; e
6. **Esclarecimento de viés do pesquisador** – No início deste estudo, o viés do pesquisador será articulado na escrita da proposta da dissertação, sob o título de "O Papel do Pesquisador".

A principal estratégia utilizada neste projeto para garantir a validade externa será a provisão de descrições ricas, densas e detalhadas para que qualquer um interessado na transferência tenha uma estrutura sólida para comparação (Merriam, 1988). Três técnicas para garantir a confiabilidade serão empregadas neste estudo. Primeiro, o pesquisador apresentará um relato detalhado do foco do estudo, do papel do pesquisador, da posição e base para a seleção do informante e do contexto a partir do qual os dados serão coletados (LeCompte e Goetz, 1984). Segundo, será utilizada a triangulação ou métodos múltiplos de coleta e análise dos dados, o que fortalecerá a confiabilidade e também a validade interna (Merriam, 1988). Por fim, as estratégias da coleta e da análise dos dados serão relatadas em detalhes para apresentar um quadro claro e preciso dos métodos utilizados neste estudo. Todas as fases deste projeto estarão sujeitas ao escrutínio de um auditor externo experiente em métodos de pesquisa qualitativa. (O autor identificou as estratégias de validade que serão usadas no estudo.)

Relato dos Resultados

Lofland (1974) sugere que, embora as estratégias de coleta e de análise dos dados sejam similares nos métodos qualitativos, a maneira como os resultados são relatados é diferente. Miles e Huberman (1984) tratam da importância de se criar um painel dos dados e sugerem que o texto narrativo tem sido a forma mais frequente de exibição dos dados qualitativos. Este é um estudo naturalístico. Por isso, os resultados serão apresentados de forma descritiva e narrativa, em vez de um relatório científico. A descrição densa será o veículo para a comunicação de um quadro holístico das experiências de um novo reitor de faculdade. O projeto final será uma construção das experiências do informante e os significados que ele lhes atribui. Isso permitirá que os leitores experientem de forma indireta os desafios que ele encontra e proporcionar uma lente através da qual os leitores poderão ver o mundo do indivíduo. (Os resultados do estudo foram mencionados.)

RESUMO

Este capítulo explorou os passos utilizados no desenvolvimento e na redação de um procedimento qualitativo. Reconhecendo as variações existentes nos estudos qualitativos, o capítulo apresenta uma diretriz geral para os procedimentos. Essa diretriz inclui uma discussão das características gerais da pesquisa qualitativa caso o público não esteja familiarizado com essa abordagem da pesquisa. Essas características são o fato de que a pesquisa ocorre no ambiente natural, baseia-se no pesquisador como instrumento para a coleta de dados, emprega múltiplos métodos de coleta de dados, é indutiva, é baseada nos significados dos participantes, é emergente, frequentemente envolve o uso de uma lente teórica, é interpretativa e holística. A diretriz recomenda mencionar uma estratégia de investigação, como o estudo de indivíduos (narrativa, fenomenologia), a exploração de processos, de atividades e de eventos (estudo de caso, teoria fundamentada), ou o exame amplo do comportamento de indivíduos ou de grupos que compartilham uma cultura (etnografia). A escolha da estratégia precisa ser apresentada e defendida. Além disso, a proposta precisa tratar do papel do pesquisador: experiências passadas, conexões pessoais com o local, os passos para obter o acesso a questões éticas sensíveis. A discussão da coleta de dados deve incluir a abordagem intencional da amostragem e as formas dos dados a serem coletados (i. e., observações, entrevistas, documentos, materiais audiovisuais). Convém também indicar os tipos de protocolos de registro dos dados que serão utilizados. A análise dos dados é um processo contínuo durante a pesquisa. Envolve analisar as informações do participante, e os pesquisadores geralmente empregam os passos da análise geral e também aqueles passos encontrados em uma estratégia de investigação específica. Os passos mais gerais incluem a organização e a preparação dos dados, uma leitura inicial das informações, a codificação dos dados, o desenvolvimento a partir dos códigos de uma descrição e de uma análise temática, ao uso de programas computadorizados, a representação dos resultados em quadros, gráficos e figuras e a interpretação dos resultados. Essas interpretações envolvem declarar as lições aprendidas, comparar os resultados com a literatura anterior e com a teoria, levantar questões e/ou sugerir uma agenda para reforma. A proposta deve também conter uma seção sobre os resultados esperados para o estudo. E, por fim, um passo adicional importante no planejamento de uma proposta é mencionar as estratégias que serão utilizadas para validar a precisão dos resultados, demonstrar a confiabilidade dos procedimentos e discutir o papel da generalizabilidade.

Exercícios de Redação

1. Escreva um plano para o procedimento a ser utilizado em seu estudo qualitativo. Depois de escrever o plano, utilize o Quadro 9.1 como lista de verificação para determinar a abrangência de seu plano.
2. Desenvolva uma tabela que liste, em uma coluna à esquerda, os passos que você planeja seguir para analisar seus dados. Em uma coluna à direita, indique os passos quando se aplicam diretamente ao seu projeto, a estratégia de pesquisa que planeja usar e os dados coletados.

LEITURAS ADICIONAIS

Marshall, C. & Rossman, G. B. (2006). *Designing qualitative research (4th ed.)*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Catherine Marshall e Gretchen Rossman introduzem os procedimentos para o planejamento de um estudo qualitativo e uma proposta qualitativa. Os tópicos cobertos são abrangentes. Incluem a construção de uma estrutura conceitual em torno de um estudo; a lógica e as suposições do projeto geral e dos métodos; os métodos de coleta de dados e os procedimentos para administrar, registrar e analisar dados qualitativos; e os recursos necessários para um estudo, como tempo, pessoal e financiamento. Esse é um texto abrangente e criterioso, com o qual tanto pesquisadores qualitativos iniciantes quanto mais experientes podem aprender.

Flick, U. (Ed.). (2007). *The Sage Qualitative Research Kit*. London: Sage.

Publicado pela Artmed Editora, a *Coleção Pesquisa Qualitativa* reúne seis livros coordenados por Uwe Flick com a participação de autores de pesquisa qualitativa de nível internacional, e foi criada para abordar coletivamente as questões básicas que surgem quando os pesquisadores realmente fazem pesquisa qualitativa. Ele aborda o planejamento e o projeto de um estudo qualitativo, a coleta e a produção de dados qualitativos, a análise de dados qualitativos (p. ex., dados visuais, análise do discurso) e as questões da qualidade na pesquisa qualitativa. Em termos gerais, apresenta uma inserção recente e atualizada no campo da pesquisa qualitativa.

Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches (2nd ed.)*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Às vezes aqueles que escrevem sobre pesquisa qualitativa assumem uma postura filosófica com relação ao tópico e os leitores são deixados sem uma compreensão dos procedimentos e das práticas realmente utilizadas no planejamento e na condução de um estudo qualitativo. Meu livro utiliza cinco abordagens da investigação qualitativa – pesquisa narrativa, fenomenologia, teoria fundamentada, etnografia e estudo de caso – e discute como os procedimentos para a condução dessas formas de investigação são, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. No fim, os leitores podem escolher mais facilmente qual dos cinco vai se adequar melhor a seus problemas de pesquisa e também a seus estilos pessoais de pesquisa.

10

Métodos Mistos

Com o desenvolvimento e a legitimidade percebida tanto da pesquisa qualitativa quanto da pesquisa quantitativa nas ciências sociais e humanas, a pesquisa de métodos mistos, empregando a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas, ganhou popularidade. Essa popularidade deve-se ao fato de que a metodologia da pesquisa continua a evoluir e a se desenvolver, e os métodos mistos são outro passo adiante, utilizando os pontos fortes das pesquisas qualitativa e quantitativa. Além disso, os problemas abordados pelos pesquisadores das ciências sociais e da saúde são complexos, e o uso de abordagens quantitativas ou qualitativas em si é inadequado para lidar com essa complexidade. A natureza interdisciplinar da pesquisa também contribui para a formação de equipes de pesquisa compostas de indivíduos com interesses e abordagens metodológicos diferentes. Por fim, pode-se obter mais insights com a combinação das pesquisas qualitativa e quantitativa do que com cada uma das formas isoladamente. Seu uso combinado proporciona uma maior compreensão dos problemas de pesquisa.

Este capítulo une muitos dos fios introduzidos nos capítulos anteriores: ele amplia a discussão sobre as suposições filosóficas de uma filosofia pragmática, o uso combinado de modos de investigação qualitativos e quantitativos e o uso de métodos múltiplos apresentados no Capítulo 1. Também estende a discussão sobre os problemas de pesquisa que incorporam tanto a necessidade de explorar quanto a de explicar (Capítulo 5). Abrange uma declaração de objetivo e questões

de pesquisa concentradas na compreensão de um problema utilizando, concomitantemente, métodos qualitativos e quantitativos (Capítulos 6 e 7) e apresenta as razões para se utilizar múltiplas formas de coleta e análise dos dados (Capítulos 8 e 9).

COMPONENTES DOS PROCEDIMENTOS DE MÉTODOS MISTOS

A pesquisa de métodos mistos desenvolveu um conjunto de procedimentos que os autores de propostas podem utilizar no planejamento de um estudo de métodos mistos. Em 2003, foi publicado o *Handbook of Mixed Methods in the Social e Behavior Sciences* (Tashakkori e Teddlie, 2003), apresentando a primeira visão geral abrangente dessa estratégia de investigação. Atualmente, várias revistas acadêmicas enfatizam a pesquisa de métodos mistos, como o *Journal of Mixed Methods Research*, *Quality and Quantity* e *Field Methods*, enquanto muitas outras encorajam ativamente essa forma de investigação (p. ex., *International Journal of Social Research Methodology*, *Qualitative Health Research*, *Annals of Family Medicine*). Muitos estudos de pesquisa publicados têm incorporado a pesquisa de métodos mistos nas ciências sociais e humanas em diversos campos, como a terapia ocupacional (Lysack e Krefting, 1994), a comunicação interpessoal (Boneva, Kraut e Frohlich, 2001), a prevenção da AIDS (Janz et al., 1996), o cuidado da demência (Weitzman e Levkoff, 2000), a saúde mental (Rogers, Day, Randall e Bentall, 2003) e as ciências no ensino médio (Houtz, 1995). Novos livros são lançados a cada ano dedicados apenas à pesquisa de métodos mistos (Bryman, 2006; Creswell e Plano Clark, 2007; Greene, 2007; Plano Clark e Creswell, 2008; Tashakkori e Teddlie, 1998).

O Quadro 10.1 apresenta uma lista das questões para o planejamento de um estudo de métodos mistos. Esses componentes preconizam o avanço da natureza da pesquisa de métodos mistos e o tipo de estratégia que está sendo proposto para o estudo. Incluem também a necessidade de um modelo visual dessa abordagem, os procedimentos específicos para a coleta e a análise dos dados, o papel do pesquisador e a estrutura para a apresentação do relatório final. Após a discussão de cada um desses componentes, é apresentado um exemplo de uma seção de procedimentos de um estudo de métodos mistos para demonstrar como aplicar tais ideias.

A NATUREZA DA PESQUISA DE MÉTODOS MISTOS

Como a pesquisa de métodos mistos é relativamente nova nas ciências sociais e humanas, enquanto abordagem de pesquisa distinta, convém apresentar na proposta uma definição e descrição básicas da abordagem. Isso pode incluir o seguinte:

Quadro 10.1 Uma lista de questões para o planejamento de um procedimento de métodos mistos

_____	Apresentou-se uma definição básica da pesquisa de métodos mistos?
_____	Apresentou-se uma razão para o uso concomitante das abordagens (ou dados) quantitativa e qualitativa?
_____	O leitor tem uma percepção do uso potencial de um projeto de métodos mistos?
_____	São identificados os critérios para a escolha de uma estratégia de métodos mistos?
_____	A estratégia é identificada e foram mencionados os critérios para a escolha?
_____	Apresentou-se um modelo visual que esclareça a estratégia da pesquisa?
_____	Utilizou-se a notação apropriada na apresentação do modelo visual?
_____	São mencionados os procedimentos de coleta e análise dos dados da forma como eles se relacionam com o modelo?
_____	São mencionadas as estratégias de amostragem para a coleta de dados quantitativos e qualitativos? Eles estão relacionados à estratégia?
_____	São discutidos os procedimentos para validação dos dados quantitativos e qualitativos?
_____	É mencionada a estrutura narrativa, e ela está relacionada ao tipo de estratégia de métodos mistos que está sendo utilizada?

• Faça um breve histórico da evolução dessa abordagem. Várias fontes identificam seu início na psicologia e na matriz multitraços-multimétodos de Campbell e Fiske (1959), prossegue com o interesse na convergência ou triangulação de diferentes fontes de dados quantitativas e qualitativas (Jick, 1979) e, posteriormente, com o desenvolvimento de uma metodologia de investigação distinta (ver Creswell e Plano Clark, 2007; Tashakkori e Teddlie, 1998).

• Defina a pesquisa de métodos mistos incorporando a definição apresentada no Capítulo 1, a qual se concentra na combinação da pesquisa e dos métodos quantitativos e qualitativos em um estudo de pesquisa (ver uma visão mais abrangente da definição da pesquisa de métodos mistos em Johnson, Onwuegbuzie e Turner, 2007). Destaque as razões pelas quais os pesquisadores empregam um projeto de métodos mistos (p. ex., para ampliar o entendimento incorporando tanto a pesquisa qualitativa quanto a quantitativa, ou para usar uma abordagem para melhor

entender, explicar ou construir a partir dos resultados da outra abordagem). Também comente que a combinação das duas pode ocorrer dentro de um estudo ou entre vários estudos em um programa de investigação. Reconheça que muitos termos diferentes são utilizados para essa abordagem, como *integração*, *síntese*, *métodos quantitativos e qualitativos*, *multi-métodos* e *metodologia mista*, mas que os textos recentes utilizam o termo *métodos mistos* (Bryman, 2006; Tashakkori e Teddlie, 2003).

• Discuta brevemente o aumento do interesse na pesquisa de métodos mistos como está expressado em livros, em artigos de periódicos, em diferentes disciplinas e em projetos financiados (ver Creswell e Plano Clark, 2007, para uma discussão sobre as muitas iniciativas que contribuem para os métodos mistos atualmente).

• Comente sobre os desafios que essa forma de pesquisa impõe ao investigador – eles incluem a necessidade de uma extensa coleta de dados, a natureza de tempo intensivo da análise de dados de textos e numéricos e a exigência de que o pesquisador esteja familiarizado com as formas de pesquisa quantitativas e qualitativas.

TIPOS DE ESTRATÉGIAS E MODELOS VISUAIS DOS MÉTODOS MISTOS

Há várias tipologias para classificar e identificar os tipos de estratégias de métodos mistos que os autores podem utilizar em seu estudo de métodos misto proposto. Creswell e Plano Clark (2007) identificam 12 sistemas de classificação extraídos dos campos de avaliação, enfermagem, saúde pública, política e pesquisa educacional e pesquisa social e comportamental. Nessas classificações, os autores utilizam diversos termos para seus tipos de projetos, e existe uma quantidade substancial de justaposição nas tipologias. Para os objetivos desta discussão, irei identificar e discutir os seis tipos que meus colegas e eu propusemos em 2003 (Creswell et al., 2003).

Planejamento dos procedimentos de métodos mistos

Entretanto, antes de discutir os seis tipos convém considerar diversos aspectos que influenciam o planejamento dos procedimentos para um estudo de métodos mistos. Quatro aspectos importantes são a distribuição do tempo, a atribuição de peso, a combinação e a teorização (como está mostrado no Quadro 10.2).

Quadro 10.2 Aspectos a serem considerados no planejamento para um estudo de métodos mistos

Distribuição de tempo	Atribuição de peso	Combinação	Teorização
Sequência não ocorrida	Igual	Integrando	Explícita
Dados qualitativos coletados primeiro	Qualitativa	Conectando	
Dados quantitativos coletados primeiro	Quantitativa	Incorporando	Implícita

Fonte: Adaptado de Creswell e colaboradores (2003).

Distribuição do tempo

Os autores de propostas precisam considerar a **distribuição do tempo** na coleta de seus dados qualitativos e quantitativos, se ela será realizada em fases (sequencialmente) ou se os dados serão coletados ao mesmo tempo (concomitantemente). Quando os dados são coletados em fases, é indiferente quais vêm primeiro, os qualitativos ou os quantitativos. Depende da intenção inicial do pesquisador. Quando os dados qualitativos são coletados primeiro, a intenção é explorar o tópico com os participantes nos locais. Depois, o pesquisador expande o entendimento por meio de uma segunda fase, em que são coletados os dados de um grande número de pessoas (geralmente uma amostra representativa de uma população). Quando os dados são coletados concomitantemente, tanto os dados quantitativos quanto os qualitativos são coletados ao mesmo tempo, e a implementação é simultânea. Em muitos projetos, pode ser impraticável coletar os dados durante um período de tempo extenso (p. ex., nas ciências da saúde, quando o pessoal médico atarefado tem um tempo limitado para a coleta de dados no campo). Nesse caso, é mais funcional coletar os dados quantitativos e os qualitativos mais ou menos ao mesmo tempo, quando o(s) pesquisador(es) está(ão) no campo coletando os dados, em vez de revisitar o campo muitas vezes para a coleta de dados.

Atribuição de peso

Um segundo fator que entra nos procedimentos do planejamento é o **peso** ou a prioridade atribuída à pesquisa quantitativa ou qualitativa em um determinado estudo. Em alguns estudos, o peso pode ser igual; em outros, pode enfatizar um ou outro. Priorizar um tipo depende dos interesses do pesquisador, do público ao qual está direcionado o estudo (p. ex., comitê de docentes, associação profissional) e do que o investigador busca enfatizar no estudo. Em termos práticos, a atribuição do peso em um estudo de métodos mistos ocorre por meio de estratégias que dependem de serem enfatizadas primeiro as informações quantitativas ou qualitativas, da extensão do tratamento de um tipo ou outro de dados no projeto, ou, principalmente, do uso, de uma abordagem indutiva (p. ex., geração de temas na abordagem qualitativa) ou de uma abordagem dedutiva (p. ex., a testagem de uma teoria). Às vezes o pesquisador usa intencionalmente uma forma de dados como apoio para um estudo mais amplo, como é encontrado em alguns testes experimentais (ver Rogers et al., 2003).

Combinação

Combinar os dados (e, em um sentido mais amplo, a combinação das questões de pesquisa, da filosofia, da interpretação) é difícil principalmente quando se considera que os dados qualitativos consistem de texto e imagens e de dados quantitativos, números. Há duas questões diferentes aqui: *Quando* um pesquisador faz a combinação dos dados em um estudo de métodos mistos? E *como* ela ocorre? A primeira questão é muito mais fácil de responder do que a segunda. A combinação dos dois tipos de dados pode ocorrer em diversos estágios: na coleta dos dados, na análise dos dados, na interpretação dos dados, ou nas três fases. Para os autores de propostas que utilizam métodos mistos, é importante discutir e apresentar em uma proposta quando ocorre a combinação dos dados.

O modo como os dados são mixados tem recebido uma atenção recente considerável (Creswell e Plano Clark, 2007). **Combinar** significa ou que os dados qualitativos e quantitativos estão realmente fundidos em uma extremidade do contínuo; ou são mantidos separados na outra extremidade do contínuo; ou, ainda, se estão, de algum modo, combinados entre estes dois extremos. Os dois bancos de dados devem ser mantidos separados, porém conectados; por exemplo, em um projeto de duas fases

que começa com uma fase quantitativa, a análise dos dados e seus resultados podem ser utilizados na identificação dos participantes para a coleta de dados qualitativos em uma fase de acompanhamento. Nessa situação, os dados quantitativos e qualitativos estão conectados durante as fases de pesquisa. **Conectados**, na pesquisa de métodos mistos, significa que uma combinação da pesquisa quantitativa e qualitativa está conectada entre uma análise de dados da primeira fase da pesquisa e a coleta de dados da segunda fase da pesquisa. Em outro estudo, o pesquisador pode coletar os dados quantitativos e qualitativos concomitantemente e integrar ou, então, fundir os dois bancos de dados, transformando os temas qualitativos em contagens, e comparar essas contagens com dados quantitativos descritivos. Nesse caso, a combinação consiste em **integrar** os dois bancos de dados, realmente fundindo os dados quantitativos aos dados qualitativos. Em um cenário final, o pesquisador pode ter um objetivo principal de coletar uma forma de dados (digamos, quantitativa) e ter a outra forma de dados (digamos, qualitativa) para proporcionar informações de apoio. Não está sendo utilizada nem a combinação nem a conexão dos dados entre as fases. Em vez disso, o pesquisador está **incorporando** uma forma secundária de dados dentro de um estudo mais amplo, tendo uma forma de dados diferente como o banco de dados principal. O banco de dados secundário desempenha um papel de apoio no estudo.

Perspectivas de teorização ou transformação

Um fator final a ser considerado é se uma perspectiva teórica maior guia todo o projeto. Pode ser uma teoria das ciências sociais (p. ex., teoria de adoção, teoria de liderança, teoria de atribuição) ou uma lente teórica ampla, como uma lente reivindicatória/participatória (p. ex., gênero, raça, classe; ver Capítulo 3). Todos os pesquisadores levam teorias, estruturas e palpites para suas investigações, e tais teorias podem ser explicitadas em um estudo de métodos mistos ou estar implícitas e não mencionadas. Vamos nos concentrar no uso das teorias explícitas. Nos estudos de métodos mistos, as teorias são geralmente encontradas nas seções iniciais, como uma lente orientadora que molda os tipos de questões formuladas, quem participa do estudo, como os dados são coletados e as implicações extraídas do estudo (geralmente para mudança e defesa). Elas apresentam uma perspectiva abrangente utilizada com todas as estratégias de investigação dos métodos mistos (a serem presentemente discutidas). Mertens (2003) apresenta uma boa discussão

de como uma lente transformadora molda todas as fases do processo de pesquisa na pesquisa de métodos mistos.

Estratégias alternativas e modelos visuais

Estes quatro fatores – distribuição do tempo, atribuição de peso, combinação e teorização – ajudam a moldar os procedimentos de um estudo de métodos mistos. Embora essas não esgotem todas as possibilidades, há seis estratégias principais para os investigadores escolherem quando planejam uma proposta de pesquisa; elas são adaptadas de Creswell e colaboradores (2003). Uma proposta conteria uma descrição da estratégia e um modelo visual dela, assim como os procedimentos básicos que o investigador utilizará na implementação da estratégia. Cada estratégia está brevemente descrita e ilustrada nas Figuras 10.1 e 10.2. As palavras qualitativo e quantitativo foram abreviadas nas figuras como “qual” e “quan”, respectivamente (ver a discussão que acompanha as figuras).

Essas estratégias de métodos mistos podem ser descritas usando-se a notação que foi desenvolvida no campo dos métodos mistos. A **notação dos métodos mistos** apresenta rótulos e símbolos abreviados que comunicam importantes aspectos da pesquisa de métodos mistos e apresenta um modo pelo qual os pesquisadores de métodos mistos podem facilmente comunicar seus procedimentos. A notação que segue foi adaptada de Morse (1991), Tashakkori e Teddlie (1998) e Creswell e Plano Clark (2007), que sugerem o seguinte:

- Um “+” indica uma forma simultânea ou concomitante de coleta de dados, com os dados quantitativos e qualitativos coletados ao mesmo tempo.
- Uma “→” indica uma forma sequencial de coleta de dados, com uma forma (p. ex., os dados qualitativos) construída sobre a outra (p. ex., dados quantitativos).
- As letras maiúsculas indicam um peso ou prioridade dos dados, da análise dos dados e da interpretação dos dados quantitativos ou qualitativos no estudo. Em um estudo de métodos mistos, os dados qualitativos podem ser igualmente enfatizados, ou um pode ser mais enfatizado do que o outro. As letras maiúsculas indicam a ênfase de uma abordagem ou método.
- “Quan” e “Qual” representam *quantitativo* e *qualitativo*, respectivamente, e utilizam o mesmo número de letras para indicar a igualdade entre as formas dos dados.

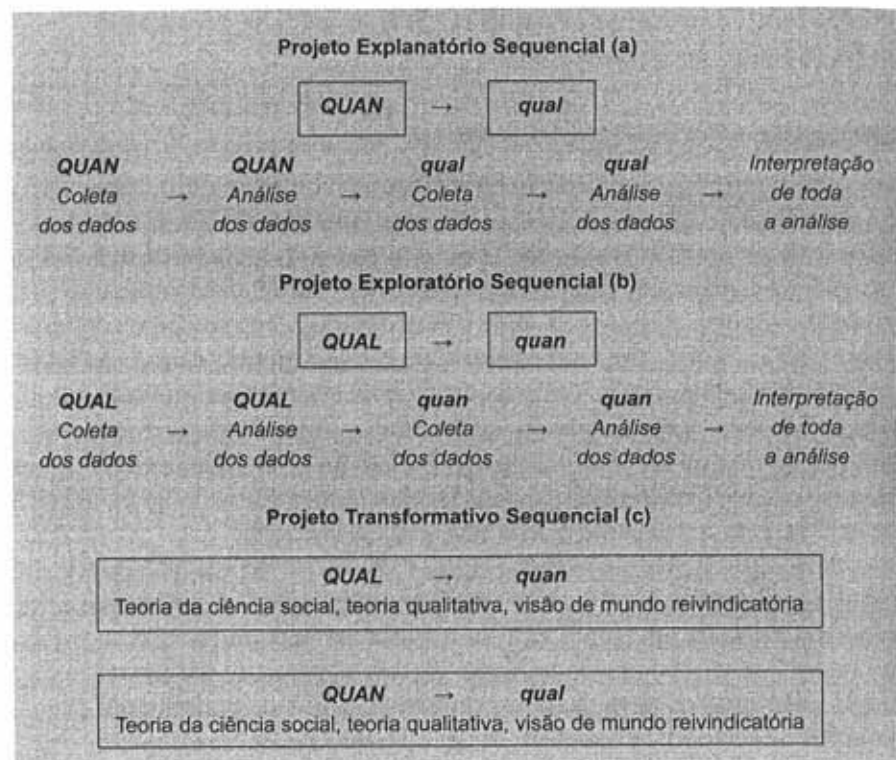


Figura 10.1 Projetos sequenciais.

Fonte: Adaptada de Creswell e colaboradores (2003).

- Uma notação QUAN/qual indica que os métodos qualitativos estão incorporados em um projeto quantitativo.
- As caixas destacam a coleta e a análise dos dados quantitativos e qualitativos.

Além disso, estão incorporados em cada figura os procedimentos específicos de coleta, análise e interpretação dos dados para ajudar o leitor a entender os procedimentos mais específicos utilizados. Dessa maneira, uma figura tem pelo menos dois elementos: o procedimento geral dos métodos mistos que está sendo usado e os procedimentos mais específicos de coleta, de análise e de interpretação dos dados.

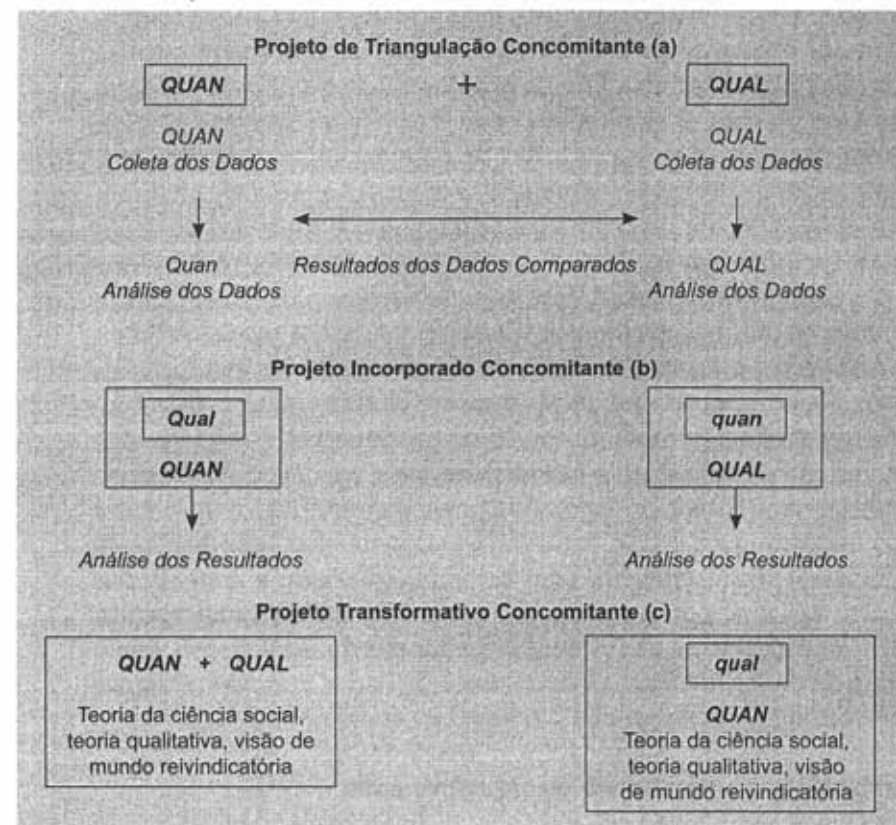


Figura 10.2 Projetos concomitantes.

Fonte: Adaptada de Creswell e colaboradores (2003).

Estratégia explanatória sequencial

A **estratégia explanatória sequencial** é uma estratégia popular para o projeto de métodos mistos e com frequência atrai os pesquisadores com fortes inclinações quantitativas. É caracterizada pela coleta e pela análise de dados quantitativos em uma primeira fase da pesquisa, seguidas de coleta e análise de dados qualitativos em uma segunda fase que é desenvolvida sobre os resultados quantitativos iniciais. O peso maior é tipicamente atribuído aos dados quantitativos, e a combinação dos dados ocorre quando os resultados quantitativos iniciais *conduzem* a coleta de dados qualitativos secundária. Assim, as duas formas de dados estão separadas, porém conectadas. Uma teoria explícita pode ou não

informar o procedimento geral. Os passos dessa estratégia estão retratados na Figura 10.1a.

Um projeto explanatório sequencial é tipicamente utilizado para explicar e interpretar os resultados quantitativos por meio de coleta e da análise de acompanhamento dos dados qualitativos. Ele pode ser especialmente útil quando resultados inesperados surgem de um estado quantitativo (Morse, 1991). Nesse caso, a coleta dos dados qualitativos que segue pode ser utilizada para se examinar mais detalhadamente esses resultados surpreendentes. Essa estratégia pode ou não ter uma perspectiva teórica específica. A natureza direta desse projeto é um de seus principais pontos fortes. Ele é fácil de implementar porque os passos recaem em estágios claros, separados. Além disso, tal aspecto do projeto facilita descrevê-lo e fazer seu relatório. Seu principal ponto fraco é a extensão de tempo envolvida na coleta de dados, com duas fases separadas, o que é uma desvantagem, especialmente se as duas fases recebem igual prioridade.

Estratégia exploratória sequencial

Esta próxima estratégia é similar à abordagem sequencial explanatória, exceto pelo fato de as fases serem invertidas. A **estratégia exploratória sequencial** envolve uma primeira fase de coleta e de análise de dados qualitativos, seguida de uma segunda fase de coleta e de análise de dados quantitativos que é desenvolvida sobre os resultados da primeira fase qualitativa. O peso maior é em geral atribuído à primeira fase, e os dados são combinados por sua conexão entre a análise dos dados qualitativos e a coleta dos dados quantitativos. O projeto pode ou não ser implementado com uma perspectiva teórica explícita (ver a Figura 10.1b).

No nível mais básico, o objetivo dessa estratégia é utilizar os dados e resultados quantitativos para auxiliar na interpretação dos resultados qualitativos. Diferentemente da abordagem explanatória sequencial, que é mais adequada para explicar e interpretar as relações, o foco principal desse modelo está em inicialmente explorar um fenômeno. Morgan (1998) sugeriu que esse projeto é apropriado para ser aplicado quando se testa elementos de uma teoria emergente resultante da fase qualitativa e que também pode ser usado para generalizar resultados qualitativos para diferentes amostras. Similarmente, Morse (1991) citou um objetivo para escolher essa abordagem: determinar a distribuição de um fenômeno dentro de uma população escolhida. Finalmente, a estratégia exploratória sequencial é com frequência discutida como o procedimento de escolha

quando um pesquisador precisa desenvolver um instrumento, pois os instrumentos existentes são inadequados ou não estão disponíveis. Usando uma abordagem de três fases, o pesquisador primeiro coleta e analisa os dados qualitativos (Fase 1) e utiliza a análise para desenvolver um instrumento (Fase 2) que é subsequentemente administrado a uma amostra de uma população (Fase 3; Creswell e Plano Clark, 2007).

A estratégia exploratória sequencial tem muitas das mesmas vantagens que o modelo explanatório sequencial. Sua abordagem de duas fases (pesquisa qualitativa seguida de pesquisa quantitativa) é fácil de implementar, assim como de descrever e relatar de forma direta. É conveniente para um pesquisador que quer explorar um fenômeno, mas também expandir os resultados qualitativos. Esse modelo é especialmente vantajoso quando um pesquisador está construindo um novo instrumento. Além disso, ele poderia tornar um estudo em grande parte qualitativo mais palatável para um orientador, para um comitê ou para uma comunidade de pesquisa bem versados na pesquisa quantitativa e que pode não estar familiarizado com as abordagens qualitativas. Como acontece com a abordagem explanatória sequencial, o modelo exploratório sequencial requer uma extensão de tempo substancial para completar as duas fases de coleta de dados, o que pode ser uma desvantagem para algumas situações de pesquisa. Além disso, o pesquisador tem que tomar algumas decisões importantes sobre quais resultados da fase qualitativa inicial serão destacados na fase quantitativa subsequente (p. ex., um tema, comparações entre grupos, múltiplos temas).

Estratégia transformativa sequencial

Esta abordagem sequencial final tem duas fases distintas de coleta de dados, uma seguindo a outra, como nas duas primeiras estratégias descritas (ver Figura 10.1c). A **estratégia transformativa sequencial** é um projeto de duas fases, com uma lente teórica (p. ex., gênero, raça, teoria da ciência social) se sobrepondo aos procedimentos sequenciais. Tem também uma fase inicial (quantitativa ou qualitativa), seguida de uma segunda fase (qualitativa ou quantitativa), a qual se desenvolve sobre a fase anterior. A lente teórica é apresentada na introdução de uma proposta, molda uma questão de pesquisa direcional que visa explorar um problema (p. ex., desigualdade, discriminação, injustiça), cria sensibilidade à coleta de dados de grupos marginalizados ou sub-representados e termina com um chamado à ação. Nesse projeto, o pesquisador pode aplicar um ou outro método na

primeira fase da pesquisa, e o maior peso pode ser atribuído a uma das duas ou distribuído igualmente a ambas as fases. A combinação está conectada como em todos os projetos sequenciais. Diferentemente das abordagens sequenciais exploratória e explanatória, o modelo transformativo sequencial tem uma perspectiva teórica para guiar o estudo. O objetivo dessa perspectiva teórica, seja ela uma estrutura conceitual, uma ideologia específica ou reivindicatória, é mais importante na orientação do estudo do que o uso dos métodos isoladamente.

O objetivo de uma estratégia transformativa sequencial é melhor servir à perspectiva teórica do pesquisador. Utilizando duas fases, um pesquisador transformativo sequencial pode ser capaz de dar voz a diversas perspectivas, defender melhor os participantes ou compreender melhor um fenômeno ou processo o qual está mudando como resultado de estar sendo estudado.

O modelo transformativo sequencial compartilha os pontos metodológicos fortes e fracos das duas outras abordagens sequenciais. Seu uso de fases distintas facilita sua implementação e descrição e o compartilhamento dos resultados, embora também requeira tempo para completar duas fases de coleta de dados. Mais importante, esse projeto coloca a pesquisa de métodos mistos dentro de uma estrutura transformativa. Por isso, essa estratégia pode ser mais atrativa e aceitável para os pesquisadores que já estão utilizando uma estrutura transformativa dentro de uma metodologia diferente, como a pesquisa qualitativa. Infelizmente, como pouco tem sido escrito até agora sobre essa abordagem, um dos seus pontos fracos é que há pouca orientação sobre como utilizar a visão transformativa para guiar os métodos. Do mesmo modo, acontece com todas as estratégias sequenciais, decisões importantes têm que ser tomadas sobre quais resultados da primeira fase devem ser o foco da segunda fase.

Estratégia de triangulação concomitante

A abordagem de **triangulação concomitante** é provavelmente o mais familiar dos seis principais modelos de métodos mistos (ver Figura 10.2a). Em uma abordagem de triangulação concomitante, o pesquisador coleta concomitantemente os dados quantitativos e os qualitativos e depois compara os dois bancos de dados para determinar se há convergência, diferenças ou alguma combinação. Alguns autores se referem a essa comparação como *confirmação*, *desconfirmação*, *validação cruzada* ou *corrobo-ração* (Greene, Caracelli e Graham, 1989; Morgan, 1988; Stekler, McLeroy, Goodman, Bird e McCormick, 1992). Esse modelo geralmente utiliza os

métodos quantitativos e qualitativos separadamente, como meio de compensar os pontos fracos inerentes a um método com os pontos fortes do outro (ou, inversamente, os pontos fortes de um aumentam os pontos fortes do outro). Nessa abordagem, a coleta de dados quantitativos e qualitativos é concomitante, ocorrendo em uma fase do estudo de pesquisa. Em condições ideais, é atribuído peso igual aos dois métodos, mas, na prática, frequentemente um ou outro pode ser priorizado. A combinação durante essa abordagem, em geral encontrada em uma seção de interpretação ou de discussão, significa realmente fundir os dados (i. e., transformar um tipo de dado no outro tipo de dado, para que possam ser facilmente comparados) ou integrar ou comparar os resultados dos dois bancos de dados lado a lado em uma discussão. Essa integração lado a lado é frequentemente vista nos estudos de métodos mistos publicados, em que uma seção de discussão apresenta primeiro os resultados estatísticos quantitativos seguidos de citações as quais corroboram ou desmentem os resultados quantitativos.

Esse modelo tradicional dos métodos mistos é vantajoso porque é familiar à maioria dos pesquisadores e pode resultar em resultados bem validados e substanciados. Acredito que a maior parte dos pesquisadores quando considera pela primeira vez os métodos mistos emprega este modelo de coleta de dados quantitativos e qualitativos e compara as duas fontes de dados. Além disso, a coleta de dados concomitante resulta em um período de tempo de coleta mais curto em comparação a uma das abordagens sequenciais, pois tanto os dados qualitativos quanto os quantitativos são coletados em um mesmo momento no local da pesquisa.

Esse modelo também tem várias limitações. Requer grande esforço e perícia estudar adequadamente um fenômeno com dois métodos separados. Também pode ser difícil comparar os resultados de duas análises utilizando dados de diferentes formas. Além disso, um pesquisador pode ficar confuso sobre como resolver as discrepâncias que surgem na comparação dos resultados, embora estejam emergindo procedimentos na literatura, como conduzir uma coleta de dados adicionais para resolver a discrepância, visitar o banco de dados original, obter novo *insight* da disparidade dos dados ou desenvolver um novo projeto que lide com essa discrepância (Creswell e Plano Clark, 2007).

Estratégia incorporada concomitante

Assim como a abordagem da triangulação concomitante, a estratégia **incorporada concomitante** dos métodos mistos pode ser identificada

por seu uso de uma fase de coleta de dados, durante a qual são coletados, ao mesmo tempo, os dados quantitativos e qualitativos (ver a Figura 10.2b). Diferentemente do modelo da triangulação tradicional, uma abordagem incorporada concomitante tem um método principal que guia o projeto e um banco de dados secundário o qual desempenha um papel de apoio nos procedimentos. Recebendo menos prioridade, o método secundário (quantitativo ou qualitativo) é incorporado, ou abrigado, dentro do método predominante (qualitativo ou quantitativo). Essa incorporação pode significar que o método secundário lida com uma questão diferente daquela do método primário (p. ex., em um experimento, os dados quantitativos lidam com os resultados esperados dos tratamentos, enquanto os dados qualitativos exploram os processos experimentados pelos indivíduos nos grupos de tratamento) ou busca informações em um nível diferente de análise (a analogia com a análise hierárquica na pesquisa quantitativa é útil na conceituação desses níveis – ver Tashakkori e Teddlie, 1998). A combinação dos dados dos dois métodos frequentemente significa integrar as informações e comparar uma fonte de dados com a outra, o que é normalmente realizado em uma seção de discussão de um estudo. Entretanto, os dados também podem não ser comparados, mas permanecer lado a lado, como dois quadros diferentes os quais proporcionam uma avaliação composta geral do problema. Isso seria o caso quando o pesquisador utiliza essa abordagem para avaliar diferentes questões de pesquisa ou diferentes níveis em uma organização. Similarmente às outras abordagens, uma perspectiva teórica explícita pode ser utilizada nesse modelo, geralmente para informar o método principal.

O modelo incorporado concomitante pode ser utilizado para servir a vários objetivos. Com frequência, é usado para que um pesquisador possa obter perspectivas amplas como resultado do uso de diferentes métodos, em oposição ao uso apenas do método predominante. Por exemplo, Morse (1991) observou que um projeto primariamente qualitativo pode incorporar alguns dados quantitativos para enriquecer a descrição dos participantes da amostra. Do mesmo modo, ela descreveu como os dados qualitativos podem ser utilizados para descrever um aspecto de um estudo quantitativo o qual não pode ser quantificado. Além disso, um modelo incorporado concomitante pode ser empregado quando um pesquisador opta por utilizar diferentes métodos para estudar diferentes grupos ou níveis. Por exemplo, se uma organização está sendo estudada, os empregados podem ser estudados quantitativamente, os administradores podem ser entrevistados qualitativamente, divisões inteiras podem ser analisadas com dados quantitativos, e assim por diante. Tashakkori

ri e Teddlie (1998) descreveram tal abordagem como um projeto de muitos níveis. Um método pode ser aplicado dentro de uma estrutura do outro método, como acontece se um pesquisador planejou e conduziu um experimento para examinar resultados de tratamento, mas usou a metodologia de estudo de caso para observar como os participantes do estudo experimentaram os procedimentos do tratamento.

Esse modelo de métodos mistos é atrativo por várias razões. Um pesquisador consegue coletar os dois tipos de dados simultaneamente, durante uma única fase de coleta de dados. Isso proporciona a um estudo as vantagens de ambos os dados, quantitativos e qualitativos. Além disso, utilizando os dois métodos diferentes dessa maneira, um pesquisador pode obter perspectivas dos diferentes tipos de dados ou de diferentes níveis dentro do estudo.

Há também limitações a considerar quando se escolhe essa abordagem. Os dados precisam ser transformados de tal maneira que possam ser integrados à fase de análise da pesquisa. Fora isso, se os dois bancos de dados forem comparados, podem ocorrer discrepâncias que precisem ser resolvidas. Como os dois métodos são desiguais em sua prioridade, essa abordagem também resulta em evidências desiguais em um estudo, o que pode ser uma desvantagem ao se interpretar os resultados finais.

Estratégia transformativa concomitante

Como acontece com o modelo transformativo sequencial, a abordagem **transformativa concomitante** é guiada pelo uso do pesquisador de uma perspectiva teórica específica e também da coleta concomitante dos dados quantitativos e qualitativos (ver Figura 10.2c). Ela pode ser baseada em ideologias, como a teoria crítica, a pesquisa reivindicatória, a pesquisa participatória, ou em uma estrutura conceitual ou teórica. Essa perspectiva está refletida no objetivo ou nas questões de pesquisa do estudo. É a força direcionadora que está por trás de todas as escolhas metodológicas, tais como a definição do problema, a identificação do projeto e das fontes de dados, a análise, a interpretação e o relato dos resultados. A escolha de um modelo concomitante, seja ele a triangulação ou o projeto incorporado, é feita para facilitar tal perspectiva. Por exemplo, o projeto pode ter um método incorporado no outro, para que os diversos participantes tenham voz no processo de mudança de uma organização. Pode envolver uma triangulação dos dados quantitativos e qualitativos para melhor convergir as informações e para proporcionar evidências para uma desigualdade das políticas em uma organização.

Por isso, o modelo transformativo concomitante pode assumir no projeto características de uma triangulação ou de uma abordagem incorporada (os dois tipos de dados são coletados ao mesmo tempo durante uma fase de coleta de dados e podem ter prioridade igual ou desigual). A combinação dos dados ocorreria por meio da fusão, da conexão ou da incorporação dos dados. Como o modelo transformativo concomitante compartilha características com as abordagens da triangulação e da incorporada, também compartilha seus específicos pontos fortes e fracos. Entretanto, esse modelo tem a vantagem adicional de colocar a pesquisa de métodos mistos em uma estrutura transformativa, o que pode torná-la especialmente atrativa para os pesquisadores qualitativos ou quantitativos que já utilizam uma estrutura transformativa para guiar sua investigação.

Escolhendo uma estratégia de métodos mistos

Os autores de propostas precisam comunicar a estratégia específica para a coleta de dados de métodos mistos que planejam usar. As Figuras 10.1 e 10.2 apresentam alguns modelos úteis para orientação. Seguem algumas **dicas de pesquisa** sobre como selecionar uma estratégia de métodos mistos:

- Utilize as informações do Quadro 10.2 para avaliar os aspectos com os quais você estará trabalhando em seus procedimentos de métodos mistos, e depois identifique 1 das 6 abordagens discutidas neste capítulo como o projeto principal para seu estudo proposto. Apresente uma definição de trabalho para o projeto, juntamente com um modelo visual e uma justificativa de por que ele é útil para você.

- Considere a quantidade de tempo que você tem para coletar os dados. As abordagens concomitantes consomem menos tempo porque os dados qualitativos e quantitativos são coletados ao mesmo tempo, na mesma visita ao campo.

- Lembre-se de que a coleta e a análise tanto dos dados quantitativos quanto dos qualitativos é um processo rigoroso e demorado. Quando o tempo é um problema, encoraje os alunos a pensar em um modelo de projeto incorporado. Esse modelo enfatiza uma forma principal de coleta de dados (p. ex., levantamentos) e pode incluir uma forma secundária menor de coleta de dados (p. ex.; algumas entrevistas com alguns dos participantes que concluíram os levantamentos). O fato de ambas as formas de dados não serem iguais em tamanho e rigor permite que o estudo tenha um escopo reduzido e seja manejável no tempo e com os recursos disponíveis.

- Considere utilizar a abordagem sequencial explanatória. Essa é a preferida de muitos alunos, especialmente dos quais têm pouca experiência com a pesquisa qualitativa e uma prática substancial na pesquisa quantitativa. Nessa abordagem, uma coleta de dados quantitativos inicial é seguida por uma coleta de dados qualitativos secundária para acompanhar os resultados quantitativos.

- Estude os artigos publicados que utilizem diferentes abordagens e determine qual faz mais sentido para você. Creswell e Plano Clark (2007) incluem quatro artigos de periódicos completos para que os leitores possam examinar os detalhes dos estudos empregando diferentes formas de projetos.

- Encontre um artigo de periódicos de métodos mistos publicado que seja similar ao seu projeto e o apresente a seu orientador e/ou seu grupo de pesquisa para que tenham um modelo de trabalho para a abordagem que você planeja utilizar em seu estudo. Como estamos no estágio inicial da adoção da pesquisa de métodos mistos em muitos campos, um exemplo publicado da pesquisa em sua área vai ajudar a criar tanto legitimidade para a pesquisa de métodos mistos quanto a ideia de que ela é uma abordagem factível à pesquisa para as comissões de pós-graduação ou para outros públicos.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Embora o modelo visual e a discussão sobre as estratégias específicas em uma proposta apresentem um quadro dos procedimentos, convém discutir os tipos específicos de dados a serem coletados. É também importante identificar as estratégias da amostragem e as abordagens utilizadas para estabelecer a validade dos dados.

- Identifique e seja específico sobre o tipo de dados – tanto quantitativos quanto qualitativos – que serão coletados durante o estudo proposto. Consulte o Quadro 1.3, que mostra tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Os dados diferem em termos de respostas abertas *versus* respostas fechadas. Algumas formas de dados, como entrevistas e observações, podem ser quantitativas ou qualitativas, dependendo do quão abertas (qualitativas) ou fechadas (quantitativas) possam ser as opções de resposta em uma entrevista ou em uma lista de verificação para uma observação. Embora a redução das informações a números seja a abordagem utilizada na pesquisa quantitativa, ela é também utilizada na pesquisa qualitativa.

- Reconheça que os dados quantitativos frequentemente envolvem amostragem aleatória, de forma que cada indivíduo tem igual probabili-

dade de ser selecionado, e a amostra pode ser generalizada para a população mais ampla. Na coleta de dados qualitativos, é utilizada a amostragem intencional, e os indivíduos são selecionados porque experimentaram o fenômeno principal. Procedimentos rigorosos de amostragem precisam ser comunicados em uma proposta para a coleta de dados quantitativos e qualitativos. Além disso, Teddlie e Yu (2007) desenvolveram uma tipologia de cinco tipos de amostragem de métodos mistos que relaciona a amostragem às estratégias de métodos mistos discutidos:

- ✓ Estratégias básicas que envolvem a combinação de amostragem quantitativa e qualitativa (p. ex., amostragem intencional estratificada, amostragem aleatória).
- ✓ Amostragem sequencial, em que a amostragem da primeira fase ou sequência informa a segunda fase ou sequência.
- ✓ Amostragem concomitante, em que a amostragem de probabilidade quantitativa e a amostragem intencional qualitativa são combinadas como procedimentos de amostragem independentes ou conjuntos (p. ex., um levantamento com respostas fechadas e abertas).
- ✓ Amostragem de vários níveis, em que a amostragem ocorre em dois ou mais níveis ou unidades de análise.
- ✓ Amostragem utilizando qualquer combinação das estratégias precedentes.

• Inclua procedimentos detalhados em seu modelo visual. Por exemplo, em um modelo explanatório sequencial, os procedimentos gerais ficam mais no alto da página e os procedimentos detalhados abaixo deles, como está demonstrado na Figura 10.1a. Entretanto, a figura pode ser ainda mais detalhada. Por exemplo, uma discussão dessa abordagem pode incluir a descrição do uso da coleta de dados de levantamento seguida de análises de dados descritiva e inferencial na primeira fase. Então as observações e a codificação qualitativas e a análise temática em um projeto etnográfico podem ser mencionadas para a segunda fase.

ANÁLISE DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE VALIDAÇÃO

A análise dos dados na pesquisa de métodos mistos está relacionada ao tipo de estratégia de pesquisa utilizada para os procedimentos. Assim, em uma proposta, os procedimentos precisam estar identificados com o projeto. Entretanto, a análise ocorre tanto na abordagem quantitativa (análise

numérica descritiva e inferencial) quanto na qualitativa (descrição e análise temática de texto ou imagem) e frequentemente entre as duas abordagens. Por exemplo, algumas das abordagens mais populares da análise de dados dos métodos mistos são as seguintes (ver Caracelli e Greene, 1993; Creswell e Plano Clark, 2007; Tashakkori e Teddlie, 1998):

- Transformação dos dados: Nas estratégias concomitantes, um pesquisador pode quantificar os dados qualitativos. Isso envolve criar códigos e temas qualitativamente, e depois contar o número de vezes que eles ocorrem nos dados do texto (ou possivelmente a extensão das falas sobre um código ou tema contando linhas ou sentenças). Essa quantificação dos dados qualitativos permite que um pesquisador compare os resultados quantitativos com os dados qualitativos. Como alternativa, um investigador pode qualificar dados quantitativos. Por exemplo, em uma análise fatorial de dados de uma escala em um instrumento, o pesquisador pode criar fatores ou temas que depois possam ser comparados aos temas do banco de dados qualitativo.

- Exploração dos valores discrepantes: Em um modelo sequencial, uma análise dos dados quantitativos na primeira fase pode produzir casos extremos ou discrepantes. Acompanhar as entrevistas qualitativas com esses casos discrepantes pode proporcionar *insights* sobre o motivo pelo qual eles divergiram da amostra quantitativa.

- Desenvolvimento do instrumento: Em uma abordagem sequencial, consiga temas e declarações específicas dos participantes em uma coleta de dados qualitativos inicial. Na fase seguinte, utilize essas declarações como itens específicos e os temas para escalas para criar um instrumento de levantamento baseado nas visões dos participantes. Uma terceira e última fase pode ser validar o instrumento com uma grande amostra representativa de uma população.

- Exame de vários níveis: Em um modelo incorporado concomitante, conduza um levantamento em um nível (p. ex., com famílias) para coletar resultados quantitativos sobre uma amostra. Ao mesmo tempo, colete entrevistas qualitativas (p. ex., com indivíduos) para explorar o fenômeno com indivíduos específicos dessas famílias.

- Criação de uma matriz: Quando comparar os dados em um tipo de abordagem concomitante, combine informações da coleta de dados quantitativos e qualitativos em uma matriz. O eixo horizontal dessa matriz pode ser uma variável categórica quantitativa (p. ex., o tipo de prestador de serviço – enfermeiro, médico e outro tipo de profissional de saúde) e no eixo vertical estariam os dados qualitativos, as contagens do número

dos códigos dos dados qualitativos, ou alguma combinação. Dessa maneira, a matriz apresentaria uma análise dos dados qualitativos e quantitativos combinados. Programas de *software* de computador qualitativos proporcionam possibilidades de produção de matriz para o pesquisador de métodos mistos (ver Capítulo 9).

Outro aspecto da análise dos dados na pesquisa de métodos mistos a ser escrito em uma proposta é a série de passos seguidos para verificar a validade dos dados quantitativos e a precisão dos resultados qualitativos. Os autores que escrevem sobre os métodos mistos defendem o uso de procedimentos de validade para as fases quantitativa e qualitativa do estudo (Tashakkori e Teddlie, 1998). O autor da proposta discute a validade e a confiabilidade das pontuações de usos passados dos instrumentos empregados no estudo. Além disso, são comentadas as ameaças potenciais à validade interna para os experimentos e levantamentos (ver Capítulo 8). Para os dados qualitativos, precisam ser mencionadas as estratégias que serão utilizadas para verificar a precisão dos resultados (ver Capítulo 9). Esses podem incluir fontes de dados de triangulação, verificação dos membros, descrição detalhada ou outras abordagens.

Um campo de estudo emergente é considerar como a validade pode ser diferente para os estudos de métodos mistos e para um estudo quantitativo ou qualitativo. Os autores têm começado a desenvolver uma nomenclatura bilíngue para a pesquisa de métodos mistos e a têm chamado de *legitimação* da validade (Onwuegbuzie e Johnson, 2006, p. 66). A legitimação do estudo de métodos mistos se relaciona a muitas fases do processo de pesquisa, desde questões filosóficas (p. ex., as posições filosóficas estão misturadas de uma forma utilizável?) até a extração de inferências (p. ex., produzir inferências de alta qualidade) e o valor do estudo para os consumidores (ver Onwuegbuzie e Johnson, 2006). Para os indivíduos que escrevem uma proposta de pesquisa de métodos mistos, considere os tipos de validade associados ao componente quantitativo (ver Capítulo 8), a validade relacionada à sequência qualitativa (ver Capítulo 9) e quaisquer questões de validade que possam surgir relacionadas à abordagem de métodos mistos. As questões de validade na pesquisa de métodos mistos podem se relacionar com os tipos de estratégias discutidas neste capítulo. Podem se relacionar à seleção da amostra, ao tamanho da amostra, ao acompanhamento de resultados contraditórios, aos vieses na coleta de dados, aos procedimentos inadequados ou ao uso de questões de pesquisa conflitantes (ver Creswell e Plano Clark, 2007, para uma discussão dessas ideias).

ESTRUTURA DE APRESENTAÇÃO DO RELATÓRIO

A estrutura do relatório, como a análise dos dados, segue o tipo de estratégia escolhida para o estudo proposto. Como os estudos de métodos mistos podem não ser familiares ao público, convém proporcionar alguma orientação quanto à maneira como o relatório será estruturado.

- Para um estudo sequencial, os pesquisadores de métodos mistos geralmente organizam um relatório dos procedimentos na coleta de dados quantitativos e na análise de dados quantitativos seguidas da coleta e análise dos dados qualitativos. Depois, nas conclusões ou fase de interpretação do estudo, o pesquisador comenta como os resultados qualitativos auxiliaram a elaborar ou a estender os resultados quantitativos. Como alternativa, a coleta e análise dos dados qualitativos pode ocorrer primeiro, seguidas da coleta e análise dos dados quantitativos. Em qualquer das estruturas, o autor, em geral, apresenta o projeto como duas fases distintas, com títulos separados para cada fase.

- Em um estudo concomitante, a coleta de dados quantitativos e qualitativos pode ser apresentada em seções separadas, mas a análise e a interpretação combinam as duas formas de dados para buscar convergência ou semelhanças entre os resultados. A estrutura desse tipo de estudo de métodos mistos não faz uma distinção clara entre as fases quantitativa e qualitativa.

- Em um estudo transformativo, a estrutura comumente envolve a apresentação da questão defensiva no início, e depois usa a estrutura sequencial ou concomitante como meio de organizar o conteúdo. No fim, uma seção à parte pode sugerir uma agenda para a mudança ou a reforma que se desenvolveu como resultado da pesquisa.

EXEMPLOS DE PROCEDIMENTOS DE MÉTODOS MISTOS

Seguem ilustrações de estudos de métodos mistos que usam tanto as estratégias e os procedimentos sequenciais quanto os concomitantes.

Exemplo 10.1 Uma estratégia de investigação sequencial

Kushman (1992) estudou dois tipos de compromisso do professor no local de trabalho – o compromisso organizacional e o compromisso com a aprendizagem dos alunos – em 63 escolas urbanas de ensino fundamental e médio. Ele propôs um estudo de métodos mistos sequencial explanatório de duas fases, como apresentado na declaração de objetivo.

A principal premissa deste estudo foi que o compromisso organizacional e o compromisso com a aprendizagem dos alunos se referem a diferentes, mas igualmente importantes, atitudes do professor com relação à escola organizacionalmente efetiva, uma ideia que tem algum apoio na literatura, mas que requer validação empírica adicional... A Fase 1 foi um estudo quantitativo o qual procurou relações estatísticas entre o compromisso do professor e os antecedentes e resultados organizacionais em escolas de ensino fundamental e médio. Seguindo essa análise de nível macro, a Fase 2 procurou em escolas específicas, utilizando os métodos qualitativo e de estudo de caso, entender melhor a dinâmica do compromisso do professor.

(Kushman, 1992, p. 13)

Essa declaração de objetivo ilustra a combinação de um objetivo com a justificativa para a combinação (“entender melhor”), assim como os tipos específicos de dados coletados durante o estudo. A introdução concentrou-se na necessidade de examinar o compromisso organizacional e o compromisso com a aprendizagem dos alunos, conduzindo a uma prioridade para a abordagem quantitativa. Essa prioridade foi mais ilustrada nas seções que definiram o compromisso organizacional e o compromisso com a aprendizagem dos alunos, e o uso de literatura extensiva para documentar esses dois conceitos. Seguiu-se então uma estrutura conceitual, complementada com um modelo visual, e questões de pesquisa foram colocadas para explorar as relações. Isso proporcionou uma orientação teórica para a fase quantitativa do estudo (Morse, 1991). A implementação foi QUAN → qual nesse estudo de duas fases. O autor apresentou os resultados em duas fases, com a primeira, os resultados quantitativos, exibindo e discutindo correlações, regressões e ANOVA bidirecionais. Depois os resultados do estudo de caso foram apresentados em termos de temas e de subtemas corroborados por citações. A combinação dos resultados quantitativos e dos resultados qualitativos ocorreu na discussão final, em que o pesquisador destacou os resultados quantitativos e as complexidades que vieram à tona com os resultados qualitativos. O autor não utilizou uma perspectiva teórica como lente no estudo.

Exemplo 10.2 Uma estratégia de investigação concomitante

Em 1993, Hossler e Vesper conduziram um estudo examinando os fatores associados às economias dos pais para os filhos frequentarem as universidades. Utilizando dados longitudinais coletados de alunos e pais durante um período de

três anos, os autores examinaram os fatores mais fortemente associados às contas-poupança dos pais para a educação superior dos filhos. Seus resultados encontraram que o apoio dos pais, suas expectativas educacionais e seu conhecimento dos custos de uma educação superior eram fatores importantes. O mais significativo para nossos objetivos é que os autores coletaram informações de pais e alunos em 182 levantamentos e de 56 entrevistas. Seu objetivo indicou um interesse na triangulação dos resultados.

Em um esforço para esclarecer a conta-poupança dos pais, este artigo examina os comportamentos de economia dos pais. Utilizando dados dos alunos e dos pais, obtidos de um estudo longitudinal empregando muitos levantamentos durante um período de três anos, a regressão logística foi utilizada para identificar os fatores mais fortemente associados às contas-poupança dos pais para a educação superior dos filhos. Além disso, os insights obtidos com as entrevistas de uma pequena subamostra de alunos e pais que foram entrevistados cinco vezes durante o período de três anos foram utilizados para examinar mais a fundo as contas-poupança dos pais.

(Hossler e Vesper, 1993, p. 141)

Os dados reais foram coletados de 182 alunos e pais que participaram de levantamentos durante um período de três anos, e de 56 alunos e seus pais em entrevistas. Pela declaração de objetivo, podemos observar que eles coletaram os dados concomitantemente, como estratégia de implementação. Os autores apresentam uma discussão extensiva da análise quantitativa dos dados do levantamento, incluindo uma discussão sobre a medição das variáveis e os detalhes da regressão logística para a análise dos dados. Também mencionam as limitações da análise quantitativa e os resultados específicos do teste *t* e da regressão. O maior peso nesse estudo de métodos mistos foi atribuído à coleta e à análise dos dados quantitativos, e a notação para o estudo seria QUAN + qual. A combinação das duas fontes de dados ocorreu em uma seção intitulada “Discussão do Levantamento e Resultados das Entrevistas” (p. 155), no estágio de interpretação do processo de pesquisa. Nessa seção, os autores compararam a importância dos fatores que explicam as contas-poupança dos pais para os resultados quantitativos, de um lado, com os resultados dos dados da entrevista, por outro. De maneira similar ao Exemplo 10.1, nenhuma lente teórica orientou o estudo, embora o artigo começasse com a literatura sobre estudos econométricos e a pesquisa sobre a escolha da universidade e terminasse com um “Modelo Aumentado das Poupanças dos Pais”. Assim, podemos caracterizar o uso da teoria neste estudo como indutivo

(como na investigação qualitativa), extraído da literatura (como na pesquisa quantitativa) e, por fim, gerado durante o processo da pesquisa.

Exemplo 10.3 Uma estratégia de investigação transformativa

Uma lente feminista foi usada em um estudo de métodos mistos de triangulação transformativa realizado por Bhopal (2000). Ela estava interessada em examinar se as teorias do patriarcado se aplicam às mulheres sul-asiáticas (da Índia, Paquistão e Bangladesh) as quais vivem no leste de Londres. Como essas mulheres frequentemente têm casamentos arranjados e recebem dotes, ela supôs que existem formas de patriarcado para elas que não existem para as mulheres brancas na Grã-Bretanha. Seu objetivo geral era "desenvolver um conhecimento detalhado das vidas das mulheres, seus sentimentos com relação a seus próprios papéis e o que elas realmente faziam em seus lares, suas atitudes com referência aos casamentos arranjados, aos dotes, ao trabalho doméstico e às finanças domésticas" (p. 70). Ela estudou 60 mulheres utilizando métodos qualitativos e quantitativos

(para) investigar a importância variada da diferença pela qual as mulheres experimentavam o patriarcado... e apresentar informações precisas com relação ao número de mulheres que experimentavam diferentes formas de patriarcado e testar a força das associações entre as diferentes influências do patriarcado.

(Bhopal, 2000, p. 68)

Bhopal descobriu que a educação tinha um impacto importante nas vidas das mulheres. Além disso, sua discussão apresentou a maneira como as metodologias feministas informaram seu estudo. Ela discutiu como lidava com as vidas das mulheres em seus próprios termos, utilizando a linguagem e as categorias em que as mulheres se expressam. Sua pesquisa não apenas envolveu mulheres; foi feita *para* as mulheres. Sua pesquisa também envolveu se colocar no processo de produção em que tornou explícitos seus procedimentos de raciocínio e foi autorreflexiva sobre suas próprias percepções e vieses. Dessa maneira, seu estudo de métodos mistos ajudou a expor as vidas das mulheres e teve um efeito transformativo, em que "as mulheres se beneficiaram do projeto de pesquisa" (p. 76).

A intenção da autora foi dar voz às mulheres e dar uma voz mais potente à desigualdade de gênero. Os dados quantitativos apresentaram os padrões generalizados de participação, enquanto os dados qualitativos apresentaram as narrativas pessoais das mulheres. A distribuição do tempo no estudo foi a seguinte: primeiro a coleta dos dados de levantamento e depois as entrevistas com as mulheres para acompanhar e entender mais

profundamente sua participação (um projeto sequencial explanatório). O peso atribuído aos componentes qualitativo e quantitativo foi igual, com o pensamento de que ambos contribuem para o entendimento do problema de pesquisa. A combinação foi feita pela conexão dos resultados do levantamento quantitativo com sua exploração mais profunda, na fase qualitativa. Como a teoria feminista foi discutida durante todo o artigo com um foco na igualdade e dando voz às mulheres, o estudo empregou uma lente feminista teórica explícita.

RESUMO

Ao planejar os procedimentos para um estudo de métodos mistos, comece comunicando a natureza da pesquisa de métodos mistos. Isso inclui traçar sua história, defini-la e mencionar suas aplicações em muitos campos de pesquisa. Depois, estabeleça e empregue quatro critérios para escolher uma estratégia de métodos mistos apropriada. Indique a estratégia de distribuição de tempo para a coleta de dados (concomitante ou sequencial). Também estabeleça o peso ou a prioridade atribuída à abordagem quantitativa ou qualitativa, tal como peso igual ou uma prioridade aos dados quantitativos ou qualitativos. Mencione como os dados serão combinados – pela fusão dos dados, conectando os dados de uma fase aos de outra fase, ou incorporando uma fonte secundária de dados em uma fonte maior, primária. Finalmente, identifique se uma lente ou estrutura teórica que irá orientar o estudo, como uma teoria das ciências sociais ou uma lente de uma perspectiva reivindicatória (p. ex., feminismo, perspectiva racial).

Seis estratégias estão organizadas em torno de os fatos serem coletados sequencialmente (explanatória e exploratória), concomitantemente (triangulação e aninhada) ou com uma lente transformativa (sequencial ou concomitante). Cada modelo tem pontos fortes e fracos, embora a abordagem sequencial seja a mais fácil de implementar. A escolha da estratégia também pode ser apresentada em uma figura na proposta de pesquisa. Então, os procedimentos específicos podem ser relacionados à figura para auxiliar o leitor a entender o fluxo das atividades em um projeto. Esses incluem os tipos de dados quantitativos e qualitativos a serem coletados, assim como os procedimentos para análise dos dados. Tipicamente, a análise dos dados envolve a transformação dos dados, a exploração das discrepâncias, o exame de vários níveis ou a criação de matrizes que combinem os resultados quantitativos e os resultados qualitativos. Os procedimentos de

validade também precisam ser explicitamente descritos. O relatório final escrito, pelo fato de poder ser pouco familiar para os leitores, pode também ser descrito em uma proposta. Cada um dos três tipos de estratégias – sequencial, concomitante e transformativa – tem uma abordagem estrutural diferente para escrever um estudo de métodos mistos.

Exercícios de Redação

1. Planeje um estudo qualitativo e quantitativo combinado que empregue duas fases sequencialmente. Discuta e apresente uma justificativa para a razão de as fases estarem na sequência que você propõe.
2. Planeje um estudo qualitativo e quantitativo combinado que dê maior prioridade à coleta de dados qualitativos e menor prioridade à coleta de dados quantitativos. Discuta a abordagem que será utilizada escrevendo na introdução a declaração de objetivo, as questões de pesquisa e as formas específicas de coleta de dados.
3. Desenvolva uma figura visual e os procedimentos específicos que ilustram o uso de uma lente teórica, como, por exemplo, uma perspectiva feminista. Use os procedimentos de um modelo sequencial ou concomitante para conduzir o estudo. Use a notação apropriada na figura.

LEITURAS ADICIONAIS

Creswell, J. W. e Plano Clark, V. L. (2007). *Designing and conducting mixed methods research*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Plano Clark, V. L. e Creswell, J. W. (2008). *The mixed methods reader*. Thousand Oaks, CA: Sage

Creswell e Plano Clark desenvolveram dois livros que apresentam uma introdução à pesquisa de métodos mistos e aos estudos de pesquisa com amostras e aos artigos metodológicos sobre a pesquisa de métodos mistos. No primeiro, enfatizamos quatro tipos de projetos de métodos mistos: os projetos sequencial explanatório, sequencial exploratório, de triangulação e incorporação, e apresentam os artigos que ilustram cada projeto. Esse tema do projeto é levado adiante em seu *Reader*, em que os artigos adicionais são incluídos para apresentar estudos de pesquisa reais que empregam os projetos, e também discussões em torno das ideias básicas dos quatro projetos.

Greene, J. C., Caracelli, V. J. e Graham, W. F. (1989). Toward a conceptual framework for mixed-method evaluation designs. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, 11(3), p. 255-274.

Jennifer Greene e colaboradores realizaram uma análise de 57 estudos de avaliação de métodos mistos relatados de 1980 a 1988. A partir dessa análise, desenvolveram

cinco diferentes objetivos de métodos mistos e sete características de projeto. Descobriram que os objetivos dos estudos de métodos mistos baseiam-se em buscar convergência (triangulação), examinando as diferentes facetas de um fenômeno (complementaridade), utilizando os métodos sequencialmente (desenvolvimento), descobrindo paradoxos e perspectivas novas (iniciação) e adicionando amplitude e escopo a um projeto (expansão). Também descobriram que os estudos variavam em termos das suposições, dos pontos fortes e das limitações do método, e se tratavam de diferentes fenômenos ou do mesmo fenômeno; se eram implementados dentro dos mesmos ou de diferentes paradigmas; se recebiam peso igual ou diferente no estudo; e se eram implementados de maneira independente, concomitante ou sequencial. Utilizando os objetivos e as características do projeto, os autores recomendaram vários projetos de métodos mistos.

Morse, J. M (1991). Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation. *Nursing Research*, 40 (1), p. 120-123.

Janice Morse sugere o uso de métodos qualitativos e quantitativos para abordar com o mesmo problema de pesquisa levanta questões quanto ao peso de cada método e sua sequência em um estudo. Baseada nessas ideias, ela propõe duas formas de triangulação metodológica: simultânea, usando os dois métodos ao mesmo tempo; e sequencial, usando os resultados de um método para planejar o próximo método. Essas duas formas são descritas por meio de uma notação de letras maiúsculas e minúsculas que significam peso relativo e também sequência. As diferentes abordagens da triangulação são então discutidas à luz de seu objetivo, limitações e abordagens.

Tashakkori, A. e Teddlie, C. (Eds.). (2003). *Handbook of mixed methods in the social and behavioral sciences*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Este manual, editado por Abbas Tashakkori e Charles Teddlie, representa o esforço mais substancial até esta data para reunir os principais autores que escrevem sobre a pesquisa de métodos mistos. Em 27 capítulos, o livro introduz o leitor aos métodos mistos, ilustra questões metodológicas e analíticas em seu uso, identifica aplicações nas ciências sociais e humanas e traça direções futuras. Por exemplo, capítulos separados ilustram o uso da pesquisa de métodos mistos em avaliação, administração e organização, ciências sociais, enfermagem, psicologia, sociologia e educação.

Glossário

Abordagem transformativa concomitante nos métodos mistos é guiada pelo uso do pesquisador de uma perspectiva teórica e também pela coleta concomitante de dados quantitativos e qualitativos.

Acordo entre codificadores (ou verificação cruzada) ocorre quando dois ou mais codificadores concordam com os códigos utilizados para as mesmas passagens no texto. (Não significa que codifiquem o mesmo texto, mas se outro codificaria uma passagem similar com o mesmo código ou com um código similar). Procedimentos estatísticos ou subprogramas de confiabilidade nos pacotes de *software* qualitativos podem ser utilizados para determinar o nível de consistência da codificação.

Ameaças à validade externa surgem quando os experimentadores extraem inferências incorretas dos dados da amostra para outras pessoas, outros locais e situações passadas ou futuras.

Ameaças à validade interna são procedimentos experimentais, tratamentos ou experiências dos participantes os quais ameaçam a capacidade do pesquisador de extrair inferências corretas dos dados sobre a população em um experimento.

Amostragem aleatória é um procedimento na pesquisa quantitativa para a seleção dos participantes. Significa que cada indivíduo tem igual probabilidade de ser selecionado da população, garantindo que a amostra seja representativa da população.

Análise descritiva dos dados para as variáveis em um estudo inclui a descrição dos resultados por meio das médias, dos desvios-padrão e da variação das pontuações.

Bancos de dados computadorizados da literatura estão atualmente disponíveis nas bibliotecas e permitem acesso rápido a milhares de periódicos, textos de conferência e materiais escritos.

Codificação é o processo de organização do material em blocos ou segmentos de texto para desenvolver um significado geral de cada segmento.

Códigos de ética são as regras e os princípios éticos estabelecidos pelas associações profissionais que governam a pesquisa acadêmica nas disciplinas.

Coerência na escrita significa que as ideias se unem e fluem logicamente de uma sentença para outra e de um parágrafo para outro.

Combinar significa que ou os dados qualitativos e quantitativos estão realmente fundidos em uma extremidade do contínuo, ou mantidos separados, um em cada extremidade do contínuo, ou combinados de alguma maneira no contínuo.

Concepção reivindicatória/participatória é uma filosofia de pesquisa em que a investigação é interligada à política e à agenda política. Assim, a pesquisa contém uma agenda de ação para a reforma que pode mudar as vidas dos participantes, as instituições em que os indivíduos trabalham ou vivem e a vida do pesquisador. Além disso, são tratadas questões específicas referentes às questões sociais importantes da época, como capacitação, desigualdade, opressão, dominação, supressão e alienação.

Conectado na pesquisa de métodos mistos significa que as pesquisas quantitativa e qualitativa estão conectadas entre uma análise de dados da primeira fase da pesquisa e a coleta de dados da segunda fase.

Confiabilidade refere-se a se as pontuações dos itens em um instrumento são internamente consistentes (i. e., as respostas aos itens são consistentes entre os constructos?), estáveis no decorrer do tempo (correlações teste-reteste) e se houve consistência na administração e na pontuação do teste.

Confiabilidade qualitativa indica que uma abordagem particular é consistente entre diferentes pesquisadores e diferentes projetos.

Construtivistas sociais defendem a suposição de que os indivíduos procuram entender o mundo em que vivem e trabalham. Os indivíduos desenvolvem significados subjetivos de suas experiências, significados direcionados para alguns objetos ou coisas.

Declaração de objetivo em uma proposta de pesquisa estabelece os objetivos, a intenção e a ideia principal para o estudo.

Declarações de objetivo dos métodos mistos contêm o objetivo geral do estudo, informações sobre as tendências quantitativas e qualitativas do estudo e uma justificativa para incorporar as duas tendências para estudar o problema de pesquisa.

Declarações de objetivo qualitativas contêm informações sobre os fenômenos centrais explorados no estudo, sobre os participantes do estudo e sobre o local da pesquisa. Também comunicam um projeto emergente e as palavras da pesquisa extraídas da linguagem da investigação qualitativa.

Declarações de objetivo quantitativas incluem as variáveis no estudo e sua relação, participantes do estudo e o local da pesquisa. Também incluem a linguagem associada à pesquisa quantitativa e a testagem dedutiva das relações ou teorias.

Eficiências na literatura anterior podem existir porque os tópicos não foram explorados com um determinado grupo, amostra ou população; a literatura pode precisar ser replicada ou repetida para ver se os mesmos resultados se mantêm com as novas amostras de pessoas ou os novos locais de estudo; ou a voz dos grupos sub-representados não foi ouvida na literatura publicada.

Definição dos termos é uma seção que pode ser encontrada em uma proposta de pesquisa e define os termos que os leitores podem não entender.

Exemplos de pesquisa são minhas ideias sobre as abordagens ou técnicas que têm funcionado para mim como pesquisador experiente.

Distribuição do tempo na pesquisa de métodos mistos envolve a coleta de dados quantitativos e qualitativos em fases (sequencialmente) ou coletando-os ao mesmo tempo (concomitante).

Documentos qualitativos são documentos públicos (p. ex., jornais, minutas de reuniões, relatórios oficiais) ou privados (p. ex. diários pessoais, cartas, e-mails).

Entrevistas qualitativas significam que o pesquisador conduz entrevistas face a face com os participantes, entrevista os participantes por telefone ou se envolve em entrevistas de grupos focais com 6 a 8 entrevistados em cada grupo. Tais entrevistas envolvem questões não estruturadas e, em geral, abertas, que são poucas em número e destinadas a extrair concepções e opiniões dos participantes.

Estratégia de triangulação concomitante nos métodos mistos é uma abordagem em que o pesquisador coleta concomitantemente os dados quantitativos e qualitativos e depois compara os dois bancos de dados para determinar se há convergência, diferenças ou alguma combinação.

Estratégia explanatória sequencial, na pesquisa de métodos mistos, é caracterizada pela coleta e análise de dados quantitativos em uma primeira fase, seguida da coleta e análise de dados qualitativos em uma segunda fase, a qual é construída sobre os resultados quantitativos iniciais.

Estratégia incorporada concomitante da pesquisa de métodos mistos pode ser identificada pelo uso de uma fase de coleta de dados durante a qual os dados quantitativos e qualitativos são coletados ao mesmo tempo. Diferentemente do modelo de triangulação tradicional, uma abordagem incorporada concomitante tem um método principal que guia o projeto e um método secundário que desempenha um papel de apoio nos procedimentos.

Estratégia transformativa sequencial, na pesquisa de métodos mistos, é um projeto de duas fases com uma lente teórica (p. ex., gênero, raça, teoria da ciência social) justapondo os procedimentos, com uma fase inicial (quantitativa ou qualitativa) seguida de uma fase (qualitativa ou quantitativa), construída sobre a fase anterior.

Estratégias de investigação são tipos de projetos ou modelos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos que proporcionam uma direção específica aos procedimentos em um projeto de pesquisa.

Estratégias de validade na pesquisa qualitativa são procedimentos (por exemplo, verificação dos membros, triangulação das fontes de dados) que os pesquisadores qualitativos usam para demonstrar a precisão de seus resultados e para convencer os leitores dessa precisão.

Estudos de caso são uma estratégia qualitativa em que o pesquisador explora em profundidade um programa, um evento, uma atividade, um processo ou um ou mais indivíduos. Os casos são limitados pelo tempo e pela atividade, e os pesquisadores coletam informações detalhadas utilizando diversos procedimentos de coleta de dados durante um período de tempo prolongado.

Etnografia é uma estratégia qualitativa em que o pesquisador estuda um grupo cultural intacto em um ambiente natural durante um período de tempo prolongado, coletando principalmente dados de observação e entrevistas.

Excessos na escrita referem-se às palavras adicionadas na prosa as quais são desnecessárias na comunicação do significado intencional.

Experimento verdadeiro é uma forma da pesquisa experimental em que os indivíduos são aleatoriamente designados a grupos.

Formulários de consentimento informado são aqueles que os participantes assinam antes de se engajar na pesquisa. Esse formulário reconhece que os direitos dos participantes serão protegidos durante a coleta de dados.

Gancho narrativo é um termo extraído da composição em inglês, significando palavras que são utilizadas na sentença de abertura de uma introdução e servem para atrair ou engajar o leitor no estudo.

Generalização qualitativa é um termo usado de uma maneira limitada na pesquisa qualitativa, pois a intenção dessa forma de investigação não é generalizar os resultados aos indivíduos, locais ou situações fora daqueles que estão sendo estudados. Generalizar os resultados para teorias é uma abordagem utilizada na pesquisa qualitativa de estudo de caso múltiplo, mas o pesquisador precisa ter procedimentos bem documentados e um banco de dados qualitativo bem desenvolvido.

Grandes ideias na redação são sentenças que contêm ideias ou imagens específicas que caem no âmbito das ideias abrangentes e servem para reforçar, esclarecer ou elaborar sobre as ideias abrangentes.

Guardiões (gatekeepers) são indivíduos nos locais de pesquisa os quais proporcionam o acesso ao local e concedem ou permitem que um estudo de pesquisa qualitativa seja realizado.

Hábito de escrever é a redação de uma maneira regular e contínua sobre um objetivo, em vez de em impulsos ou de forma irregular.

Hipótese direcional, como é utilizada na pesquisa quantitativa, é aquela em que o pesquisador faz uma previsão sobre a direção ou os resultados esperados do estudo.

Hipótese não direcional, em um estudo quantitativo, é aquela em que o pesquisador faz uma previsão, mas a forma exata das diferenças (p. ex., maior, menor, mais ou menos) não é especificada, porque o pesquisador não sabe o que pode ser previsto a partir da literatura anterior.

Hipótese nula, na pesquisa quantitativa, representa a abordagem tradicional da redação das hipóteses; ela faz uma previsão de que, na população geral, não existe nenhuma relação ou diferença significativa entre os grupos em uma variável.

Hipóteses quantitativas são previsões que o pesquisador faz sobre as relações esperadas entre as variáveis.

Ideias que atraem atenção ou interesse na redação são sentenças cujos objetivos são manter o leitor concentrado, organizar ideias e manter a atenção do indivíduo.

Incorporação é uma maneira de combinar na pesquisa de dados mistos, em que uma forma de dados secundários é alojada dentro de um estudo mais amplo com forma de dados diferentes como o principal banco de dados. O banco de dados secundário desempenha um papel de apoio.

Integrar os dois bancos de dados na pesquisa de métodos mistos significa que os bancos de dados quantitativo e qualitativo são realmente fundidos por meio de uma abordagem de comparação ou por meio da transformação dos dados.

Interpretação, na pesquisa qualitativa, significa que o pesquisador extrai significado dos resultados da análise dos dados. Esse significado pode resultar em lições aprendidas, informações para serem comparadas com a literatura ou experiências pessoais.

Interpretação dos resultados, na pesquisa quantitativa, significa que o pesquisador tira conclusões dos resultados das questões de pesquisa, das hipóteses e do significado mais amplo dos resultados.

Intervalo de confiança é uma estimativa na pesquisa quantitativa da variação dos valores estatísticos superiores e inferiores os quais são consistentes com os dados observados e provavelmente contém a média da população real.

Lente ou perspectiva teórica na pesquisa qualitativa apresenta uma lente orientadora geral que é utilizada para estudar questões de gênero, de classe e de raça (ou outros problemas de grupos marginalizados). Essa lente torna-se uma perspectiva reivindicatória

que molda os tipos de questões formuladas, informa como os dados são coletados e analisados e proporciona um chamado para a ação ou para a mudança.

Livro de códigos qualitativo é um meio de organizar os dados qualitativos utilizando-se uma lista de códigos predeterminados que são utilizados para codificar os dados. Pode ser composto com os nomes dos códigos em uma coluna, uma definição de códigos em outra e depois os momentos específicos (i. e., os números de linhas) em que o código é encontrado nas transcrições.

Manuais de estilo proporcionam diretrizes para a criação de um estilo acadêmico de um manuscrito, como um formato consistente para a citação de referências, criação de títulos, apresentação de tabelas e figuras e uso de linguagem não discriminatória.

Mapa da literatura é um quadro visual (ou figura) da literatura de pesquisa sobre um tópico que ilustra como um determinado estudo contribui para a literatura.

Materiais qualitativos de áudio e vídeo assumem as formas de fotografias, objetos de arte, de videoteipes ou de qualquer forma de som.

Métodos de pesquisa envolvem as formas de coleta, de análise e de interpretação dos dados que os pesquisadores propõem para seus estudos.

Notação dos métodos mistos proporciona rótulos e símbolos abreviados que comunicam importantes aspectos da pesquisa de métodos mistos e fornece uma maneira pela qual os pesquisadores de métodos mistos podem comunicar facilmente seus procedimentos.

Observação qualitativa significa que o pesquisador faz anotações de campo sobre o comportamento e as atividades dos indivíduos no local da pesquisa e registra suas observações.

Peso, na pesquisa de métodos mistos, é a prioridade atribuída à pesquisa quantitativa ou qualitativa em um determinado estudo. Em alguns estudos, o peso pode ser igual; em outros, pode enfatizar dados qualitativos ou quantitativos.

Pesquisa de levantamento apresenta uma descrição quantitativa ou numérica das tendências, das atitudes ou das opiniões de uma população, estudando a amostra dessa população.

Pesquisa de métodos mistos é uma abordagem da investigação que combina, ou associa, as formas de pesquisa qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso das abordagens qualitativa e quantitativa e a combinação das duas abordagens em um estudo.

Pesquisa experimental busca determinar se um tratamento específico influencia um resultado em um estudo. Esse impacto é avaliado proporcionando-se um tratamento específico a um grupo e não o proporcionando ao outro grupo e, depois, determinando como os dois grupos pontuam em um resultado.

Pesquisa fenomenológica é uma estratégia qualitativa em que o pesquisador identifica a essência das experiências humanas sobre um fenômeno descrito pelos participantes em um estudo.

Pesquisa narrativa é uma estratégia qualitativa em que o pesquisador estuda as vidas dos indivíduos e pede a um ou mais indivíduos para contar histórias sobre suas vidas. Essa informação é então frequentemente recontada ou re-historiada pelo pesquisador em uma cronologia narrativa.

Pesquisa qualitativa é um meio de explorar e de entender o significado que os indivíduos ou grupo atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve questões e procedimentos emergentes; coletar dados no ambiente dos participantes; analisar os dados indutivamente, indo dos temas particulares para os gerais; e fazer interpretações do significado dos dados. O relatório final escrito tem uma estrutura de redação flexível.

Pesquisa quantitativa é um meio de testar teorias objetivas examinando a relação entre as variáveis. Essas variáveis podem ser medidas tipicamente em instrumentos, para que os dados numerados possam ser analisados por meio de procedimentos estatísticos. O relatório escrito final tem uma estrutura fixa que consiste de introdução, de literatura e de teoria, de métodos, de resultados e de discussão.

Pós-positivistas refletem uma filosofia determinística sobre a pesquisa em que as causas provavelmente determinam os efeitos ou os resultados. Assim, os problemas estudados pelos pós-positivistas refletem questões que precisam identificar e avaliam as causas que influenciam os resultados, como aquelas encontradas nos experimentos.

Pragmatismo, enquanto visão de mundo ou filosofia, surge de ações, de situações e de consequências, e não das condições antecedentes (como no pós-positivismo). Há uma preocupação com as aplicações, o que funciona, e com as soluções para os problemas. Em vez de se concentrar nos métodos, os pesquisadores enfatizam o problema da pesquisa e utilizam todas as abordagens disponíveis para se entender o problema.

Problemas de pesquisa são os problemas ou questões que conduzem à necessidade de um estudo.

Procedimentos de métodos mistos concomitantes são aqueles em que o pesquisador converge ou funde dados quantitativos e qualitativos para realizar uma análise abrangente do problema de pesquisa.

Procedimentos sequenciais dos métodos mistos são aqueles em que o pesquisador procura elaborar ou expandir sobre os resultados de um método com outro método.

Procedimentos transformativos dos métodos mistos são aqueles em que o pesquisador usa uma lente teórica (ver Capítulo 3) como perspectiva abrangente em um projeto que contém dados quantitativos e qualitativos.

Projeto de indivíduo único ou projeto *N* de 1 envolve observar o comportamento de um único indivíduo (ou de um pequeno número de indivíduos) ao longo do tempo.

Projeto de levantamento apresenta um plano para uma descrição quantitativa ou numérica das tendências, das atitudes ou das opiniões de uma população estudando uma amostra dessa população.

Projeto experimental, na pesquisa quantitativa, testa o impacto de um tratamento (ou de uma intervenção) sobre um resultado, controlando todos os outros fatores que podem influenciar esse resultado.

Projetos de pesquisa são os planos e os procedimentos de pesquisa que abrangem as decisões de suposições amplas para métodos detalhados de coleta e análise dos dados. Envolvem a interseção de suposições filosóficas, de estratégias de investigação e de métodos específicos.

Protocolo da entrevista é um formulário usado por um pesquisador qualitativo para registrar e redigir informações obtidas durante uma entrevista.

Protocolo observacional é um formulário utilizado por um pesquisador qualitativo para registrar e redigir as informações enquanto observa.

Quase-experimento é uma forma de pesquisa experimental em que os indivíduos não são aleatoriamente designados a grupos.

Questão central, na pesquisa qualitativa, é uma questão ampla colocada pelo pesquisador que pede uma exploração do fenômeno ou conceito central em um estudo.

Questão de pesquisa dos métodos mistos é uma questão especial colocada em um estudo de métodos mistos o qual lida diretamente com a combinação das tendências

quantitativas e qualitativas da pesquisa. Essa é a questão que será respondida no estudo baseado na combinação.

Questões de pesquisa quantitativas são declarações interrogativas que levantam questões sobre as relações entre as variáveis que o investigador procura responder.

Questões ou hipóteses inferenciais relacionam variáveis ou comparam grupos em termos das variáveis para que possam ser extraídas inferências da amostra para uma população.

Reflexividade significa que os pesquisadores refletem sobre como seus vieses, valores e perfis pessoais, tais como gênero, história, cultura e situação socioeconômica, moldam as interpretações que fazem durante um estudo.

Resumo em uma revisão de literatura é um exame breve da literatura (geralmente em um parágrafo curto) o qual sintetiza os principais elementos para permitir que o leitor entenda as características fundamentais do artigo.

Revisão de estudos, em uma introdução, justifica a importância do estudo e cria distinções entre os estudos anteriores e um estudo proposto.

Roteiro, como é utilizado neste livro, é um gabarito de algumas sentenças que contém as principais palavras e ideias para determinadas partes de uma proposta ou relatório de pesquisa (p. ex., declaração de objetivo ou questão de pesquisa) e proporciona espaço para os pesquisadores inserirem informações relacionadas a seus projetos.

Selecionar intencionalmente os participantes ou os locais (ou documentos ou material visual) significa que os pesquisadores qualitativos selecionam os indivíduos que mais irão ajudá-los a entender o problema de pesquisa e as questões de pesquisa.

Significância do estudo em uma introdução comunica a importância do problema para diferentes públicos que podem se beneficiar da leitura e do uso do estudo.

Tamanho do efeito identifica a "força" das conclusões sobre as diferenças dos grupos ou das relações entre as variáveis nos estudos quantitativos.

Teoria fundamentada é uma estratégia qualitativa em que o pesquisador deriva uma teoria geral e abstrata de um processo, de ação ou de interação fundamentada nas concepções dos participantes de um estudo.

Teoria na pesquisa quantitativa é o uso de um conjunto inter-relacionado de constructos (ou variáveis) transformados em proposições ou hipóteses que especificam a relação entre as variáveis (geralmente em termos de magnitude ou de direção) e preveem os resultados de um estudo.

Teorias na pesquisa de métodos mistos proporcionam uma lente orientadora que molda os tipos de questões formuladas, quem participa do estudo, como os dados são coletados e as implicações feitas a partir do estudo (geralmente para mudança e reivindicação). Elas apresentam uma perspectiva abrangente utilizada em outras estratégias de investigação.

Tópico é o tema ou assunto de um estudo proposto que um pesquisador identifica no início da preparação de um estudo.

União dos participantes, na pesquisa experimental, é um procedimento em que os participantes com alguns traços ou características são reunidos e depois aleatoriamente designados para grupos controles e experimentais.

Uso da teoria nos estudos de métodos mistos pode incluir a teoria dedutivamente na testagem e na verificação da teoria quantitativa, ou indutivamente, como na teoria ou no padrão qualitativo emergente.

Validade da conclusão estatística surge quando os experimentadores extraem inferências inexatas dos dados devido ao poder estatístico inadequado ou à violação de suposições estatísticas.

Validade do constructo ocorre quando os investigadores utilizam definições e medidas adequadas para as variáveis.

Validade na pesquisa quantitativa refere-se à possibilidade de extração de inferências significativas e úteis das pontuações de determinados instrumentos.

Validade qualitativa significa que o pesquisador verifica a precisão dos resultados empregando determinados procedimentos.

Variável refere-se a uma característica ou atributo de um indivíduo ou de uma organização que pode ser medida ou observada e que varia entre as pessoas ou organizações que estão sendo estudadas. Uma variável geralmente vai variar em duas ou mais categorias ou em um contínuo de pontuações, e pode ser medida.

Viés de resposta é o efeito das não respostas nas estimativas do levantamento, e significa que, se os não respondentes tivessem respondido, suas respostas teriam mudado substancialmente os resultados gerais do levantamento.

Visão de mundo é definida como "um conjunto básico de crenças que guiam a ação" (Guba, 1990, p. 17).

Referências

- Aikin, M.C. (Ed.). (1992). *Encyclopedia of educational research* (6th ed.). New York: Macmillan.
- American Psychological Association. (2001). *Publication Manual of the American Psychological Association* (5th ed.). Washington, DC: Author.
- Anderson, E.H. & Spencer, M.H. (2002). Cognitive representation of AIDS. *Qualitative Health Research*, 12(10), 1338-1352.
- Annual review of psychology* (1950-). Stanford, CA: Annual Reviews.
- Ansorge, C., Creswell, J.W., Swidler, S. & Gutmann, M. (2001). *Use of iBook laptop computers in teacher education*. Unpublished manuscript. University of Nebraska-Lincoln.
- Asmussen, K.J. & Creswell, J.W. (1995). Campus response to a student gunman. *Journal of Higher Education*, 66, 575-591.
- Babbie, E. (1990). *Survey research methods* (2nd ed.). Belmont, CA: Wadsworth.
- Babbie, E. (2007). *The practice of social research* (11th ed.). Belmont, CA: Wadsworth/Thomson.
- Bailey, E.P. (1984). *Writing clearly: A contemporary approach*. Columbus, OH: Charles Merrill.
- Bausell, R.B. (1994). *Conducting meaningful experiments*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bean, J. & Creswell, J.W. (1980). Student attrition among women at a liberal arts college. *Journal of College Student Personnel*, 3, 320-327.
- Beisel, N. (February, 1990). Class, culture, and campaigns against vice in three American cities, 1872-1892. *American Sociological Review*, 55, 44-62.
- Bem, D. (1987). Writing the empirical journal article. In M. Zanna & J. Darley (Eds.), *The compleat academic: A practical guide for the beginning social scientist* (pp. 171-201). New York: Random House.
- Berg, B. (2001). *Qualitative research methods for the social sciences* (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Berger, P.L. & Luekmann, T. (1967). *The social construction of reality: A treatise in the sociology of knowledge*. Garden City, NJ: Anchor.
- Bhopal, K. (2000). Gender, "race" and power in the research process: South Asian women in East London. In C. Truman, D.M. Mertens & B. Humphries (Eds.), *Research and inequality*. London: UCL Press.
- Blalock, H. (1969). *Theory construction: From verbal to mathematical formulations*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Blalock, H. (1985). *Casual models in the social sciences*. New York: Aldine.

- Blalock, H. (1991). Are there any constructive alternatives to causal modeling? *Sociological Methodology*, 21, 325-335.
- Blase, J.J. (1989, November). The micropolitics of the school: The everyday political orientation of teachers toward open school principals. *Educational Administration Quarterly*, 25(4), 379-409.
- Boeker, W. (1992). Power and managerial dismissal: Scapegoating at the top. *Administrative Science Quarterly*, 37, 400-421.
- Bogdan, R.C. & Biklen, S.K. (1992). *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods*. Boston: Allyn & Bacon.
- Boice, R. (1990). *Professors as writers: A self-help guide to productive writing*. Stillwater, OK: New Forums.
- Boneva, B., Kraut, R. & Frohlich, D. (2001). Using e-mail for personal relationships. *American Behavioral Scientist*, 45(3), 530-549.
- Booth-Kewley, S., Edwards, J.E. & Rosenfeld, P. (1992). Impression management, social desirability, and computer administration of attitude questionnaires: Does the computer make a difference? *Journal of Applied Psychology*, 77 (4), 562-566.
- Borg, W.R. & Gall, M.D. (1989). *Educational research: An introduction* (5th ed.). New York: Longman.
- Borg, W.R., Gall, J.P. & Gall, M.D. (1993). *Applying educational research: A practical guide*. New York: Longman.
- Boruch, R.F. (1998). Randomized controlled experiments for evaluation and planning. In L. Bickman & D.J. Rog (Eds.), *Handbook of applied social research methods* (pp. 161-191). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bryman, A. (2006). *Mixed methods: A four-volume set*. London: Sage.
- Bunge, N. (1985). *Finding the words: Conversations with writers who teach*. Athens, OH: Swallow Press, Ohio University Press.
- Cahill, S.E. (1989). Fashioning males and females: Appearance management and the social reproduction of gender. *Symbolic Interaction*, 12(2), 281-298.
- Campbell, D. & Stanley, J. (1963). Experimental and quasi-experimental designs for research. In N.L. Gage (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 1-76), Chicago: Rand McNally.
- Campbell, D.T. & Fiske, D. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56, 81-105.
- Campbell, W.G. & Ballou, S.V. (1997). *Form and style: Theses, reports, term papers* (5th ed.). Boston: Houghton Mifflin.
- Caracelli, V.J. & Greene, J.C. (1993). Data analysis strategies for mixed-method evaluation designs. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, 15(2), 195-207.
- Carroll, D.L. (1990). *A manual of writer's tricks*. New York: Paragon.
- Carstensen, L.W., Jr. (1989). A fractal analysis of cartographic generalization. *The American Cartographer*, 16(3), 181-189.
- Castetter, W.B. & Heisler, R.S. (1977). *Developing and defending a dissertation proposal*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Graduate School of Education, Center for Field Studies.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Cheek, J. (2004). At the margins? Discourse analysis and qualitative research. *Qualitative Health Research*, 14, 1140-1150.
- Cherryholmes, C.H. (1992, August-September). Notes on pragmatism and scientific realism. *Educational Researcher*, 13-17.
- Clandinin, D.J. & Connelly, F.M. (2000). *Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Cohen, J. (1977). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. New York: Academic Press.

- Cook, T.D. & Campbell, D.T. (1979). *Quasi-experimentation: Design and analysis issues for field settings*. Chicago: Rand McNally.
- Cooper, H. (1984). *The integrative research review: A systematic approach*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Cooper, J.O., Heron, T.E. & Heward, W.L. (1987). *Applied behavior analysis*. Columbus, OH: Merrill.
- Corbin, J.M. & Strauss, J.M. (2007). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J.W. (1999). Mixed method research: Introduction and application. In G.J. Cizek (Ed.), *Handbook of educational policy* (pp. 455-472). San Diego, CA: Academic Press.
- Creswell, J.W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J.W. (2008). *Educational research: Planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research* (3rd ed.). Upper Saddle River, NJ: Merrill.
- Creswell, J.W. & Brown, M.L. (1992, Fall). How chairpersons enhance faculty research: A grounded theory study. *The Review of Higher Education*, 16(1), 41-62.
- Creswell, J.W. & Miller, D. (2000). Determining validity in qualitative inquiry. *Theory into Practice*, 39(3), 124-130.
- Creswell, J.W. & Plano Clark, V.L. (2007). *Designing and conducting mixed methods research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J.W., Plano Clark, V., Gutmann, M. & Hanson, W. (2003). Advanced mixed methods designs. In A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed method research in the social and behavioral sciences* (pp. 209-240). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Creswell, J.W., Seagren, A. & Henry, T. (1979). Professional development training needs of department chairpersons: A test of the Biglan model. *Planning and Changing*, 10, 224-237.
- Crotty, M. (1998). *The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process*. London: Sage.
- Crutchfield, J.P. (1986). *Locus of control, interpersonal trust, and scholarly productivity*. Unpublished doctoral dissertation. University of Nebraska-Lincoln.
- DeGraw, D.G. (1984). *Job motivational factors of educators within adult correctional institutions from various states*. Unpublished doctoral dissertation, University of Nebraska-Lincoln.
- Denzin, N.K. & Lincoln, Y.S. (Eds.). (2005). *The handbook of qualitative research* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dillard, A. (1989). *The writing life*. New York: Harper & Row.
- Dillman, D.A. (1978). *Mail and telephone surveys: The total design method*. New York: John Wiley.
- Duncan, O.D. (1985). Path analysis: Sociological examples. In H.M. Blalock, Jr. (Ed.), *Causal models in the social sciences* (2nd ed., pp. 55-79). New York: Aldine.
- Educational Resources Information Center. (1975). *Thesaurus of ERIC descriptors* (12th ed.). Phoenix, AZ: Oryx.
- Eisner, E.W. (1991). *The enlightened eye: Qualitative inquiry and the enhancement of educational practice*. New York: Macmillan.
- Elbow, P. (1973). *Writing without teachers*. London: Oxford University Press.
- Enns, G.Z. & Hackett, G. (1990). Comparison of feminist and nonfeminist women's reactions to variants of nonsexist and feminist counseling. *Journal of Counseling Psychology*, 37(1), 33-40.
- Fay, B. (1987). *Critical social science*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Field, A. & Hole, G. (2003). *How to design and report experiments*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Finders, M.J. (1996). Queens and teen zines: Early adolescent females reading their way toward adulthood. *Anthropology and Education Quarterly*, 27, 71-89.

- Fink, A. (2002). *The survey kit* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Firestone, W.A. (1987). Meaning in method: The rhetoric of quantitative and qualitative research. *Educational Researcher*, 16, 61-21.
- Flick, U. (Ed.). (2007). *The Sage qualitative research kit*. London: Sage.
- Flinders, D.J. & Mills, G.E. (Eds.). (1993). *Theory and concepts in qualitative research: Perspectives from the field*. New York: Columbia University, Teachers College Press.
- Fowler, E.J. (2002). *Survey research methods* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Franklin, J. (1986). *Writing for story: Craft secrets of dramatic nonfiction by a two-time Pulitzer prize-winner*. New York: Atheneum.
- Gamson, J. (2000). Sexualities, queer theory, and qualitative research. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 347-365). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Gibbs, G.R. (2007). Analyzing qualitative data. In U. Flick (Ed.), *The Sage qualitative research kit*. London: Sage.
- Giordano, J., O'Reilly, M., Taylor, H. & Dogra, N. (2007). Confidentiality and autonomy: The challenge(s) of offering research participants a choice of disclosing their identity. *Qualitative Health Research*, 17(2), 264-275.
- Glesne, C. & Peshkin, A. (1992). *Becoming qualitative researchers: An introduction*. White Plains, NY: Longman.
- Gravetter, F.J. & Wallnau, L.B. (2000). *Statistics for the behavioral science* (5th ed.). Belmont, CA: Wadsworth/Thomson.
- Greene, J.C. (2007). *Mixed methods in social inquiry*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Greene, J.C. & Caracelli, V.J. (Eds.). (1997). *Advances in mixed-method evaluation: The challenges and benefits of integrating diverse paradigms*. (New Directions for Evaluation. No. 74). San Francisco: Jossey-Bass.
- Greene, J.C., Caracelli, V.J. & Graham, W.F. (1989). Toward a conceptual framework for mixed-method evaluation designs. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, 11(3), 255-274.
- Guba, E.G. (1990). The alternative paradigm dialog. In E.G. Guba (Ed.), *The paradigm dialog* (pp. 17-30). Newbury Park, CA: Sage.
- Guba, E.G. & Lincoln, Y.S. (2005). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln, *The Sage handbook of qualitative research* (3rd ed., pp. 191-215). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hatch, J.A. (2002). *Doing qualitative research in educational settings*. Albany: State University of New York Press.
- Heron, J. & Reason, P. (1997). A participatory inquiry paradigm. *Qualitative Inquiry*, 3, 174-194.
- Hesse-Biber, S.N. & Leavy, P. (2006). *The practice of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Homans, G.C. (1950). *The human group*. New York: Harcourt, Brace.
- Hopkins, T.K. (1964). *The exercise of influence in small groups*. Totowa, NJ: Bedminster.
- Hopson, R.K., Lucas, K.J. & Peterson, J.A. (2000). HIV/AIDS talk: Implications for prevention intervention and evaluation. In R.K. Hopson (Ed.), *How and why language matters in evaluation*. (New Directions for Evaluation, Number 86). San Francisco: Jossey-Bass.
- Hossler, D. & Vesper, N. (1993). An exploratory study of the factors associated with parental savings for postsecondary education. *Journal of Higher Education*, 64(2), 140-165.
- Houtz, L.E. (1995). Instructional strategy change and the attitude and achievement of seventh- and eight-grade science students. *Journal of Research in Science Teaching*, 32(6), 629-648.
- Huber, J. & Whelan, K. (1999). A marginal story as a place of possibility: Negotiating self on the professional knowledge landscape. *Teaching and Teacher Education*, 15, 381-396.
- Humbley, A.M. & Zumbo, B.D. (1996). A dialectic on validity: Where we have been and where we are going. *The Journal of General Psychology*, 123, 207-215.
- Isaac, S. & Michael, W.B. (1981). *Handbook in research and evaluation: A collection of principles, methods and strategies useful in the planning, design and evaluation of studies in education and the behavioral sciences* (2nd ed.). San Diego, CA: EdITS.
- Israel, M. & Hay I. (2006). *Research ethics for social scientists: Between ethical conduct and regulatory compliance*. London: Sage.
- Janovec, T. (2001). *Procedural justice in organizations: A literature map*. Unpublished manuscript, University of Nebraska-Lincoln.
- Janz, N.K., Zimmerman, M.A., Wren, P.A., Israel, B.A., Freudenberg, N. & Carter, R.J. (1996). Evaluation of 37 AIDS prevention projects: Successful approaches and barriers to program effectiveness. *Health Education Quarterly*, 23(1), 80-97.
- Jick, T.D. (1979, December). Mixing qualitative and quantitative methods: Triangulation in action. *Administrative Science Quarterly*, 24, 602-611.
- Johnson, R.B., Onwueguzie, A.J. & Turner, L.A. (2007). Toward a definition of missed methods research. *Journal of Mixed Methods Research*, 1(2), 112-133.
- Jungnickel, P.W. (1990). *Workplace correlates and scholarly performance of pharmacy clinical faculty members*. Unpublished manuscript. University of Nebraska-Lincoln.
- Kalof, L. (2000). Vulnerability to sexual coercion among college women: A longitudinal study. *Gender Issues*, 18(4), 47-58.
- Keeves, J.P. (Ed.). (1998). *Educational research, methodology, and measurement: An international handbook*. Oxford, UK: Pergamon.
- Kemmis, S. & Wilkinson, M. (1998). Participatory action research and the study of practice. In B. Atweh, S. Kemmis & P. Weeks (Eds.), *Action research in practice: Partnerships for social justice in education* (pp. 21-36). New York: Routledge.
- Keppel, G. (1991). *Design and analysts: A researcher's handbook* (3rd ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Kerlinger, F.N. (1979). *Behavioral research: A conceptual approach*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Kline, R.B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: Guilford.
- Kos, R. (1991). Persistence of reading disabilities: The voices of four middle school students. *American Educational Research Journal*, 28(4), 875-895.
- Kushman, J.W. (1992, February). The organizational dynamics of teacher workplace. *Educational Administration Quarterly*, 28(1), 5-42.
- Kvale, S. (2007). Doing interviews. In U. Flick (Ed.), *The Sage qualitative research kit*. London: Sage.
- Labovitz, S. & Hagedorn, R. (1971). *Introduction to social research*. New York: McGraw-Hill.
- Ladson-Billings, G. (2000). Racialized discourses and ethnic epistemologies. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook on qualitative research* (pp. 257-277). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lather, P. (1986). Research as praxis. *Harvard Educational Review*, 56, 257-277.
- Lather, P. (1991). *Getting smart: Feminist research and pedagogy with/in the postmodern*. New York: Routledge.
- Lauterbach, S.S. (1993). In another world: A phenomenological perspective and discovery of meaning in mothers' experience with death of a wished-for baby: Doing phenomenology. In P.L. Munhall & C.O. Boyd (Eds.), *Nursing research: A qualitative perspective*, pp.133-179. New York: National League for Nursing Press.
- LeCompte, M.D. & Schensul, J.J. (1999). *Designing and conducting ethnography research*. Walnut Creek, CA: AltaMira.
- Lee, Y.J., & Greene, J. (2007). The predictive validity of an ESL placement test: A mixed methods approach. *Journal of Mixed Methods Research*, 1(4), 366-389.

- eslie, L.L. (1972). Are high response rates essential to valid surveys? *Social Science Research*, 1, 323-334.
- Lincoln, Y.S. & Guba, E.G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Lincoln, Y.S. & Guba, E.G. (2000). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In Y.S. Lincoln & E.G. Guba (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 163-88). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lipsey, M.W. (1990). *Design sensitivity: Statistical power for experimental research*. Newbury Park, CA: Sage.
- Locke, L.F., Spirduso, W.W. & Silverman, S.J. (2007). *Proposals that work: A guide for planning dissertations and grant proposals* (5th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lysack, C.L. & Krefting, L. (1994). Qualitative methods in field research: An Indonesian experience in community based practice. *The Occupational Therapy Journal of Research*, 14(20), 93-110.
- Marshall, C. & Rossman, G.B. (2006). *Designing qualitative research* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Mascarenhas, B. (1989). Domains of state-owned, privately held, and publicly traded firms in international competition. *Administrative Science Quarterly*, 34, 582-597.
- Maxwell, J.A. (2005). *Qualitative research design: An interactive approach* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- McCracken, G. (1998). *The long interview*. Newbury Park, CA: Sage.
- Megel, M.E., Langston, N.F. & Creswell, J.W. (1987). Scholarly productivity: A survey of nursing faculty researchers. *Journal of Professional Nursing*, 4, 45-54.
- Merriam, S.B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Mertens, D.M. (1998). *Research methods in education and psychology: Integrating diversity with quantitative and qualitative approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Mertens, D.M. (2003). Mixed methods and the politics of human research: The transformative-mancipatory perspective. In A. Tashakkori & C. Teddlie (Eds.), *Handbook of mixed methods in the social & behavioral sciences* (pp. 135-164). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Miles, M.B. & Huberman, A.M. (1994). *Qualitative data analysis: A sourcebook of new methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Miller, D. (1992). *The experiences of a first-year college president: An ethnography*. Unpublished doctoral dissertation, University of Nebraska-Lincoln.
- Miller, D.C. (1991). *Handbook of research design and social measurement* (5th ed.). Newbury Park, CA: Sage.
- Moore, D. (2000). Gender identity, nationalism, and social action among Jewish and Arab women in Israel: Redefining the social order? *Gender Issues*, 18(2), 3-28.
- Morgan, D. (1998). Practical strategies for combining qualitative and quantitative methods: Applications to health research. *Qualitative Health Research*, 8(3), 362-376.
- Morgan, D. (2007). Paradigms lost and pragmatism regained: Methodological implications of combining qualitative and quantitative methods. *Journal of Mixed Methods Research*, 1(1), 48-76.
- Morse, J.M. (1991, March/April). Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation. *Nursing Research*, 40(1), 120-123.
- Morse, J.M. (1994). Designing funded qualitative research. In N.K. Denzin & H.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 220-235). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Moustakas, C. (1994). Phenomenological research methods. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Murguía, E., Padilla, R.V. & Pavel, M. (1991, September). Ethnicity and the concept of social integration in Tinto's model of institutional departure. *Journal of College Student Development*, 32, 433-439.
- Murphy, J.P. (1990). *Pragmatism: From Peirce to Davidson*. Boulder, CO: Westview.

- Nesbary, D.K. (2000). *Survey research and the world wide web*. Boston: Allyn & Bacon.
- Neuman, S.B. & McCormick, S. (Eds.). (1995). *Single-subject experimental research: Applications for literacy*. Newark, DE: International Reading Association.
- Neuman, W.L. (2000). *Social Research methods: Qualitative and quantitative approaches* (4th ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Newman, I. & Benz, C.R. (1998). *Qualitative-quantitative research methodology: Exploring the interactive continuum*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press.
- Nieswiadomy, R.M. (1993). *Foundations of nursing research*. (2nd ed.). Norwalk, CT: Appleton & Lange.
- Nordenmark, M. & Nyman, C. (2003). Fair or unfair? Perceived fairness of household division of labour and gender equality among women and men. *The European Journal of Women's Studies*, 10(2), 181-209.
- O'Cathain, A., Murphy, E. & Nicholl, J. (2007). Integration and publications as indicators of "yield" from mixed methods studies. *Journal of Mixed Methods Research*, 1(2), 147-163.
- Olesen, V.L. (2000). Feminism and qualitative research at and into the millennium. In N.L. Denzin & Y.S. Lincoln, *Handbook of qualitative research* (pp. 215-255). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Onwuegbuzie, A.J. & Johnson, R.B. (2006). The validity issue in mixed research. *Research in the Schools*, 13(1), 48-63.
- Padula, M.A. & Miller, D. (1999). Understanding graduate women's reentry experiences. *Psychology of Women Quarterly*, 23, 327-343.
- Patton, M.Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2nd ed.). Newbury Park, CA: Sage.
- Patton, M.Q. (2002). *Qualitative research and evaluation methods* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Phillips, D.C. & Burbules, N.C. (2008). *Postpositivism and educational research*. Lanham, NY: Rowman & Littlefield.
- Plano Clark, V.L. & Creswell, J.W. (2008). *The mixed methods reader*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Prose, F. (2006). *Reading like a writer*. New York: HarperCollins.
- Punch, K.F. (2000). *Developing effective research proposals*. London: Sage.
- Punch, K.F. (2005). *Introduction to social research: Quantitative and qualitative approaches* (2nd ed.). London: Sage.
- Reichardt, C.S. & Mark, M.M. (1998). Quasi-experimentation. In L. Bickman & D.J. Rog (Eds.), *Handbook of applied social research methods* (pp. 193-228). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rhoads, R.A. (1997). Implications of the growing visibility of gay and bisexual male students on campus. *NASPA Journal*, 34(4), 275-286.
- Richardson, L. (1990). *Writing strategies: Reaching diverse audiences*. Newbury Park, CA: Sage.
- Richie, B.S., Fassinger, R.E., Linn, S.G., Johnson, J., Prosser, J. & Robinson, S. (1997). Persistence, connection and passion: A qualitative study of the career development of highly achieving African American-Black and White women. *Journal of Counseling Psychology*, 44(2), 133-148.
- Riemen, D.J. (1986). The essential structure of a caring interaction: Doing phenomenology. In P.M. Munhall & C.J. Oiler (Eds.), *Nursing research: A qualitative perspective* (pp. 85-105). Norwalk, CT: Appleton-Century-Crofts.
- Rogers, A., Day, J., Randall, F. & Bentall, R.P. (2003). Patients' understanding and participation in a trial designed to improve the management of anti-psychotic medication: A qualitative study. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 38, 720-727.
- Rorty, R. (1983). *Consequences of pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Rorty, R. (1990). Pragmatism as anti-representationalism. In J.P. Murphy, *Pragmatism: From Peirce to Davison* (pp. 1-6). Boulder, CO: Westview.

- Rosenthal, R. & Rosnow, R.L. (1991). *Essentials of behavioral research: Methods and data analysis*. New York: McGraw-Hill.
- Ross-Larson, B. (1982). *Edit yourself: A manual for everyone who works with words*. New York: Norton.
- Rossmann, G. & Rallis, S.F. (1998). *Learning in the field: An introduction to qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rossmann, G.B. & Wilson, B.L. (1985, October). Numbers and words: Combining quantitative and qualitative methods in a single large-scale evaluation study. *Evaluation Review*, 9(5), 627-643.
- Rudestam, K.E. & Newton, R.R. (2007). *Surviving your dissertation* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Salant, P. & Dillman, D.A. (1994). *How to conduct your own survey*. New York: John Wiley.
- Salkind, N. (1990). *Exploring research*. New York: MacMillan.
- Sarantakos, S. (2005). *Social research* (3rd ed.). New York: Palgrave Macmillan.
- Schwandt, T.A. (1993). Theory for the moral sciences: Crisis of identity and purpose. In D.J. Flinders & G.E. Mills (Eds.), *Theory and concepts in qualitative research: Perspectives from the field* (pp. 5-23). New York: Columbia University. Teachers College Press.
- Schwandt, T.A. (2000). Three epistemological stances for qualitative inquiry. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 189-213). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Schwandt, T.A. (2007). *Dictionary of qualitative inquiry* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Shadish, W.R., Cook, T.D. & Campbell, D.T. (2001). *Experimental and quasi-experimental designs for generalized causal inference*. Boston: Houghton Mifflin.
- Siebert, J.E. (1998). Planning ethically responsible research. In L. Bickman & D.J. Rog (Eds.), *Handbook of applied social research methods* (pp. 127-156). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Siebert, S.D. (1973). The integration of field work and survey methods. *American Journal of Sociology*, 78, 1335-1359.
- Slife, B.D. & Williams, R.N. (1995). *What's behind the research? Discovering hidden assumptions in the behavioral sciences*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Smith, J.K. (1983, March). Quantitative versus qualitative research: An attempt to clarify the issue. *Educational Researcher*, 6-13.
- Spradley, J.P. (1980). *Participant observation*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Stake, R.E. (1995). *The art of case study research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Steckler, A., McLeroy, K.R., Goodman, R.M., Bird, S.T. & McCormick, L. (1992). Toward integrating qualitative and quantitative methods: An introduction. *Health Education Quarterly*, 19(1), 1-8.
- Steinbeck, J. (1969). *Journal of a novel: The East of Eden letters*. New York: Viking.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques* (1st ed.). Newbury Park, CA: Sage.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Sudduth, A.G. (1992). *Rural hospitals use of strategic adaptation in a changing health care environment*. Unpublished doctoral dissertation. University of Nebraska-Lincoln.
- Sue, V.M. & Ritter, L.A. (2007). *Conducting online surveys*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Tarshis, B. (1982). *How to write like a pro: A guide to effective nonfiction writing*. New York: New American Library.
- Tashakkori, A. & Creswell, J.W. (2007). Exploring the nature of research questions in mixed methods research. Editorial. *Journal of Mixed Methods Research*, 1(3), 207-211.
- Tashakkori, A. & Teddlie, C. (1998). *Mixed methodology: Combining qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Tashakkori, A. & Teddlie, C. (Eds.). (2003). *Handbook of mixed method research in the social and behavior sciences*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Teddlie, C. & Yu, F. (2007). Mixed methods sampling: A typology with examples. *Journal of Mixed Methods Research*, 1(1), 77-100.
- Terenzini, P.T., Cabrera, A.E., Colbeck, C.L., Bjorklund, S.A. & Parente, J.M. (2001). Racial and ethnic diversity in the classroom. *The Journal of Higher Education*, 72(5), 509-531.
- Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis types and software tools*. New York: Falmer.
- Thomas, G. (1997). What's the use of theory? *Harvard Educational Review*, 67(1), 75-104.
- Thomas, J. (1993). *Doing critical ethnography*. Newbury Park, CA: Sage.
- Thorndike, R.M. (1997). *Measurement and evaluation in psychology and education* (6th ed.). New York: Macmillan.
- Trujillo, N. (1992). Interpreting (the work and the talk of) baseball: Perspectives on ballpark culture. *Western Journal of Communication*, 56, 350-371.
- Tuckman, B.W. (1999). *Conducting educational research* (5th ed.). Fort Worth, TX: Harcourt, Brace.
- Turabian, K.L. (1973). *A manual for writers of term papers, theses, and dissertations* (4th ed.). Chicago: University of Chicago Press.
- University of Chicago Press. *A manual of style*, (1982). Chicago: Author.
- University Microfilms. (1938-). *Dissertation abstracts international*. Ann Arbor, MI: Author.
- VanHorn-Grassmeyer, K. (1998). *Enhancing practice: New professional in student affairs*. Unpublished doctoral dissertation, University of Nebraska-Lincoln.
- Van Maanen, J. (1988). *Tales of the field: On writing ethnography*. Chicago: University of Chicago Press.
- Vernon, J.E. (1992). *The impact of divorce on the grandparent/grandchild relationship when the parent generation divorces*. Unpublished doctoral dissertation. University of Nebraska-Lincoln.
- Vogt, W.P. (1999). *Dictionary of statistics and methodology: A nontechnical guide for the social sciences* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Webb, R.B. & Glesne, C. (1992). Teaching qualitative research. In M.D. LeCompte, W.L. Millroy & J. Preissle (Eds.), *The Handbook of qualitative research in education* (pp. 771-814). San Diego, CA: Academic Press.
- Webb, W.H., Beals, A.R. & White, C.M. (1986). *Sources of information in the social sciences: A guide to the literature* (3rd ed.). Chicago: American Library Association.
- Weitzman, E.A. & Miles, M.B. (1995). *Computer programs for qualitative data analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Weitzman, P.F. & Levkoff, S.E. (2000). Combining qualitative and quantitative methods in health research with minority elders: Lessons from a study of dementia caregiving. *Field Methods*, 12(3), 195-208.
- Wilkinson, A.M. (1991). *The scientist's handbook for writing papers and dissertations*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Wolcott, H.T. (1994). *Transforming qualitative data: Description, analysis, and interpretation*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Wolcott, H.T. (1999). *Ethnography: A way of seeing*. Walnut Creek, CA: AltaMira.
- Wolcott, H.T. (2001). *Writing up qualitative research* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Yin, R.K. (2003). *Case study research: Design and methods* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ziller, R.C. (1990). *Photographing the self: Methods for observing personal orientations*. Newbury Park, CA: Sage.
- Zinsner, W. (1983). *Writing with a word processor*. New York: Harper Colophon.

Índice onomástico

Aikin, M.C., 60
 American Psychological Association, 56, 66
 Anderson, E.H., 144
 Ansorge, C., 157
 Asmussen, K.J., 162, 220

Babbie, E., 36, 177, 179, 180, 181, 204
 Bailey, E.P., 107
 Ballou, S.V., 66
 Bausell, R.B., 177
 Beals, A.R., 81
 Bean, J., 187
 Beisel, N., 129
 Bem, D., 141
 Bentall, R.P., 239
 Benz, C.R., 25
 Berg, B., 121, 206, 212
 Berger, E.L., 31
 Bhopal, K., 262
 Biklen, S.K., 208, 212, 220
 Bird, S.T., 250
 Bjorklund, S.A., 131
 Blalock, H., 81, 82
 Blase, J.J., 232
 Boeker, W., 134
 Bogdan, R.C., 208, 212, 215, 220
 Boice, R., 108
 Boneva, B., 239
 Booth-Kewley, S., 152
 Borg, W.R., 182, 199, 200, 229
 Boruch, R.E., 177
 Brown, M.L., 94, 144, 210
 Bryman, A., 239, 241
 Bunge, N., 115
 Burbules N.C. 30 47

Cabrera, A.F., 131
 Cahill, S.E., 133
 Campbell, D.T., 36, 39, 177, 188, 198, 204, 240
 Campbell, W.G., 66
 Caracelli, V.J., 96, 98, 228, 250, 257, 264
 Carroll, D.L., 109
 Carstensen, L.W., Jr., 133
 Carter, R.J., 239
 Castetter, W.B., 143
 Charmaz, K., 37
 Cheek, J., 37, 210
 Cherryholmes, C.H., 35, 46
 Clandinin, D.J., 37, 38, 218
 Cohen, J., 191
 Colbeck, C.L., 131
 Connelly, F.M., 37, 38
 Cook, T.D., 177, 198
 Cooper, H., 51, 54, 112
 Cooper, J.O., 36
 Corbin, J.M., 37, 93, 206, 217
 Creswell, J.W., 26, 27, 34, 39, 65, 83, 65, 96,
 105, 144, 154, 157, 160, 162, 171, 171, 175,
 210, 220, 225, 240, 241, 243, 245, 249, 251,
 253, 255, 257, 258, 264
 Crotty, M., 28, 31
 Crutchfield, J.P., 87

Day, J., 239
 DeGraw, D.G., 151
 Denzin, N.K., 47, 176, 206
 Dillard, A., 110
 Dillman, D.A., 177, 183
 Dogra, N., 119
 Duncan O.D. 66 83

Educational Resources Information Center, 57
 Edwards, J.E., 152
 Eisner, E.W., 208, 230, 231
 Elbow, P., 107
 Enns, C.Z., 201

Passinger, R.E., 148
 Fay, B., 91
 Field, A., 177
 Finders, M.J., 164
 Fink, A., 204
 Firestone, W.A., 68
 Fiske, D., 240
 Flick, U., 237
 Flinders, D.J., 100
 Fowler, E.J., 179, 181, 184, 205
 Franklin, J., 107
 Freudenberg, N., 239
 Frohlich, D., 239

Gall, J.P., 182
 Gall, M.D., 182, 199, 200, 229
 Gamson, J., 91
 Gibbs, G.R., 225, 228
 Giordano, J., 119
 Glesne, C., 49, 115, 211
 Goodman, R.M., 250
 Graham, W., 250
 Gravetter, F.J., 181, 185
 Greene, J.C., 96, 98, 173, 239, 250, 257, 264
 Guba, E.G., 28, 31, 47, 93, 223, 227, 230, 231
 Gutmann, M., 96, 157

Hackett, G., 201
 Hagedorn, R., 79
 Hanson, W., 96
 Hatch, J.A., 208
 Hay, I., 116, 122, 124
 Heisler, R.S., 142
 Henry, T., 65
 Heron, J., 32
 Heron, T.E., 36
 Hesse-Biber, S.N., 116
 Heward, W.L., 36
 Hole, G., 177
 Homans, G.C., 81
 Hopkins, T.K., 81
 Hopson, R.K., 98
 Hossler, D., 156, 157, 260
 Houtz, L.E., 161, 162
 Huber, J., 144

Huberman, A.M., 162, 212, 225
 Humbley, A.M., 182

Isaac, S., 77
 Isreal, B.A., 239
 Isreal, M., 116, 122, 124

Janovec, T., 62
 Janz, N., 240
 Jick, T.D., 38, 240
 Johnson, J., 148
 Johnson, R.B., 239, 258, 259
 Jungnickel, P.W., 83

Kalof, L., 151
 Keeves, J.P., 60
 Kemmis, S., 32, 33, 37, 47, 210
 Keppel, G., 36, 77, 177, 188, 193, 205
 Kerlinger, F.N., 78, 79, 188
 Kline, R.B., 81
 Kos, R., 147
 Kraut, R., 239
 Kushman, J.W., 259
 Kvale, S., 119

Labovitz, S., 79
 Ladson-Billings, G., 91
 Langston, N.F., 83
 Lather, P., 93, 207
 Lauterbach, S.S., 146
 Leavy, P., 117
 LeCompte, M.D., 37, 208, 235
 Lee, Y.J., 173
 Leslie, L.L., 185
 Levkoff, S.E., 239
 Lincoln, Y.S., 28, 31, 58, 93, 206, 223, 225, 227, 230, 231
 Linn, S.G., 148
 Lipsey, M.W., 177, 191, 205
 Locke, L.F., 30, 67, 69, 70, 75, 142, 211, 230, 231, 232
 Lucas, K.J., 98
 Luekmann, T., 31
 Lysack, C.L., 239

Mark, M.M., 177
 Marshall, C., 51, 136, 159, 206, 208, 212, 229, 230, 232, 233, 237
 Mascarenhas, B., 140, 166, 167
 Maxwell, J.A., 101, 123, 124, 141, 206
 McCormick, S., 36, 205

McCracken, G., 145
 McLeroy, K.R., 250
 Megel, M.E., 83
 Merriam, S.G., 75, 230, 233, 234, 235
 Mertens, D.M., 29, 31, 35, 39, 91, 95, 96, 100
 Michael, W.B., 46, 77
 Miles, M.B., 162, 212, 222, 225, 229, 235
 Miller, D., 164, 225, 229
 Miller, D.C., 51, 105, 181
 Mills, G.E., 100
 Moore, D., 168
 Morgan, D., 34, 248, 250
 Morse, J.M., 43, 129, 211, 245, 253, 260, 265
 Moustakas, C., 38, 129, 162, 217
 Murguia, E., 94
 Murphy, E., 154
 Murphy, J.P., 34

Nesbary, D.K., 179
 Neuman, S.B., 36, 200, 205
 Neuman, W.L., 28, 31, 32, 47, 80, 93, 122
 Newman, I., 25
 Newton, R.R., 30, 105, 185
 Nicholl, J., 154
 Nieswiadomy, R.M., 38, 162
 Nordenmark, M., 158
 Nyman, C., 158

O'Cathain, A., 154
 Olesen, V.L., 91
 Onwuegbuzie, A.J., 240, 258, 259
 O'Reilly, M., 119

Padilla, R.V., 94
 Padula, M.A., 164
 Parente, J.M., 131
 Patton, M.Q., 34, 120
 Pavel, M., 94
 Peshkin, A., 49, 211
 Peterson, J.A., 98
 Phillips, D.C., 29, 47
 Plano Clark, V.L., 26, 39, 96, 105, 154, 160, 171, 171, 239, 240, 241, 243, 245, 249, 251, 255, 257, 259
 Prose, F., 107
 Prosser, J., 148
 Punch, K.E., 75, 77, 92, 115, 116, 121

Randall, F., 239
 Reason, P., 32
 Reichardt, C.S., 177, 198

Rhoads, R.A., 147
 Richardson, L., 65, 229
 Richie, B.S., 148
 Riemen, D.J., 93
 Ritter, L.A., 179, 181
 Robinson, S., 148
 Rogers, A., 239, 243
 Rorty, R., 34, 35
 Rosenfeld, P., 152
 Rosenthal, R., 77, 190, 191, 193
 Rosnow, R.L., 77, 190, 192, 193
 Ross-Larson, B., 115
 Rossman, G.B., 34, 51, 92, 136, 159, 206, 208, 212, 217, 222, 229, 230, 232, 233, 237
 Rudestam, K.E., 105

Salant, P., 177, 183
 Salkind, N., 190
 Sarantakos, S., 117, 118
 Schensul, J.J., 37, 208
 Schwandt, T.A., 93, 143, 206
 Seagren, A., 64
 Shadish, W.R., 198
 Sieber, J.E., 117, 118, 121, 124
 Sieber, S.D., 38
 Silverman, S.J., 67, 75, 229
 Slife, B.D., 27
 Smith, J.K., 29
 Spencer, M.H., 144
 Spirduso, W.W., 67, 75, 229
 Spradley, J.P., 162, 232, 233
 Stake, R.E., 38, 93, 217
 Stanley, J., 36, 177, 193, 204
 Steckler, A., 250
 Steinbeck, J., 109
 Strauss, A., 37, 123, 217
 Strauss, J.M., 206
 Sudduth, A.G., 65, 66
 Sue, V.M., 179, 181
 Swidler, S., 157

Tarshis, B., 110
 Tashakkori, A., 34, 39, 100, 115, 170, 171, 175, 239, 241, 245, 252, 253, 257, 258, 265
 Taylor, H., 119
 Teddlie, C., 34, 39, 100, 115, 240, 241, 245, 252, 253, 255, 256, 257, 265
 Terenzini, P.T., 131, 133, 134, 135, 139, 140
 Tesch, R., 210, 219
 Thomas, G., 79, 80, 100
 Thomas, J., 91, 129, 162

Thorndike, R.M., 77
 Trujillo, N., 144
 Tuckman, B.W., 176, 198
 Turabian, K.L., 66
 Turner, L.A., 239
 Univesity Microfilms, 61
 VanHorn-Grassmeyer, K., 70, 71
 Van Maanen, J., 228
 Vernon, J.E., 100
 Vesper, N., 190, 191
 Vogt, W.P., 193
 Wallnau, L.B., 181, 185
 Webb, R.B., 115
 Webb, W.H., 115
 Weitzman, E.A., 222., 239

Weitzman, P.F., 239
 Whelan, K., 144
 White, C.M., 80
 Wilkinson, A.M., 49, 68, 69, 127, 141, 142, 160
 Wilkinson, M., 32, 33, 37, 46, 210
 Williams, R.N., 29
 Wilson, B.L., 34
 Wolcott, H.T., 37, 90, 110, 114, 124, 217, 224
 Wren, P.A., 239
 Yin, R.K., 224, 228
 Yu, F., 255
 Ziller, R.C., 107, 108
 Zimmerman, M.A., 239
 Zinsser, W., 107, 108
 Zumbo, B.D., 182

Índice remissivo

Abstracts de Dissertações, 58, 61
 Acordo entre codificadores, 227
 Ameaças à validade externa, 196, 203
 leituras adicionais sobre, 204
Ver também Questões de validade
 American Educational Research Association, 80, 117
 Amostragem aleatória, 189, 212, 255
 Análise descritiva dos dados, 185
 Análise dos dados, 184-187, 200-201, 256-258
 leituras adicionais sobre, 204
 Antropologia, 58, 80, 90-91
 Apêndices, 105, 183, 211
 Auditores, 228, 235
 Autodeterminação, 33
 Autoria, 122

Bancos de dados computadorizados, 55, 57-59, 73
 Busca de bancos de dados, 55, 57-59, 73

Citações, 58, 62, 67, 113, 135, 223, 229, 260
 Codificação, 217, 219-223, 224-227, 229, 234, 236, 256
 Coerência na redação, 111
Ver também Estratégias de redação
 Coleta de dados, 25, 73
 declarações de objetivo e, 142-144, 261
 estratégia transformativa concomitante e, 253
 estratégias de investigação e, 210
 estudos de caso e, 37-38
 internet e, 115
 leituras adicionais sobre, 175, 204, 237
 levantamentos e, 36, 177-179, 178, 181-183
 pesquisa de métodos mistos e, 35, 38, 69, 241 243-244 245-246. 249. 250-251

pesquisa qualitativa e, 154, 156, 207, 211
 pesquisa quantitativa e, 105
 questões éticas e, 117, 118-120, 122
 significado e, 32
 teoria fundamentada e, 37-38
 teorias e, 83, 99
Ver também Levantamentos
 Concepção participatória, 32, 41
 leituras adicionais sobre, 47
 Concepção pós-positivista, 29-30, 36
 abordagem quantitativa e, 41, 177
 leituras adicionais sobre, 47
 Concepções
 construtivista, 28, 42. *Ver também* Construtivismo
 filosófica, 27-28
 participatória, 43
 planejamento de um projeto de pesquisa e, 45
 pós-positivista, 29-30, 36, 41, 177
 pragmatista, 28, 34-35, 43
 reivindicatórias/participatórias, 32-34, 44-45
Ver também Questões sociais
 Conclusões
 auditores externos e, 228
 credibilidade dos estudos e, 122
 interpretação dos resultados e, 185
 resumos e, 64-66
 tamanho do efeito e, 201
 vieses e, 29-30
 Conduta científica inadequada, 122
Ver também Questões éticas
 Conectado, 244
 Confiabilidade, 224-228
 Confiabilidade qualitativa
 Confidencialidade/privacidade, 115, 118-120
 leituras adicionais sobre, 124

- Conselhos editoriais, 61
 Consentimento informado, 118-119
 leituras adicionais sobre, 124
 Consistência, 67
 Constructos
 declarações de objetivo qualitativas e, 148
 pesquisa qualitativa e, 90
 teorias e, 79, 80, 85
 validade e, 181, 198, 203
 Construtivismo, 28
 abordagem qualitativa e, 42
 leituras adicionais sobre, 47
 social, 31-32
 Construtivismo social, 31-32
Ver também Construtivismo
 Corpo docente, 15
 apoio do, 51
 revisões de literatura e, 52
 tópicos e, 51
 visões de mundo e, 28
 Cultura. *Ver* Etnografia
- Dados, 184, 203
 busca de bancos de dados para, 44-45, 57-59, 73
 interpretação dos resultados dos, 201
 leituras adicionais sobre, 205
Ver também Dados qualitativos; Dados quantitativos
 Dados qualitativos, 40
 amostragem e, 255-256
 análise/interpretação de, 216-223, 228, 233
 coleta, 212-214, 213, 217, 230, 233, 235, 236, 245-246, 255-256
 declarações de objetivo e, 157
 pesquisa de métodos mistos e, 38-40, 240-253, 263
 procedimentos de registro para, 214-216, 236
Ver também Dados: Coleta de dados
 Dados quantitativos, 245-246
 amostragem e, 255-256
 análise dos, 217, 219-220, 222-43
 declarações de objetivo e, 157
 pesquisa de métodos mistos e, 38-40, 240-253, 263
 procedimentos para coleta, 255-256
Ver também Dados
 Declarações de objetivo dos métodos mistos, 143, 153-158
 leituras adicionais sobre, 159
Ver também Pesquisa de métodos mistos; Declarações de objetivo
 Declarações de objetivos, 142-144, 158
 coleta de dados e, 261
 introduções e, 130-131, 141
 leituras adicionais sobre, 159, 160
 pesquisa de métodos mistos e, 153-158, 170, 173-174
 pesquisa qualitativa e, 143-148, 154, 158, 159
 pesquisa quantitativa e, 148, 153, 154, 159
 propostas e, 106
 questões éticas e, 117-119
 redação das propostas e, 111
 termos e, 68
 variáveis e, 78, 149-150
 Declarações de objetivo qualitativas, 143-148, 154, 158, 159
Ver também Declarações de objetivo
 Declarações de objetivo quantitativos, 148-153, 154, 158, 159
Ver também Declarações de pesquisa
 Declarações de problema, 64, 68
 leituras adicionais sobre, 75, 141
Ver também Problemas de pesquisa
 Declarações lógicas, 81, 99
 Definição dos termos, 67-71, 73, 145, 150
 Descrição da estratégia, 245
 Dicas de pesquisa
 análise de dados qualitativos e, 217, 219-220
 busca de bancos de dados computadorizados e, 57-58, 59
 identificação de deficiências na literatura passada e, 138
 introduções e, 134-135
 problema de pesquisa para uma introdução e, 136-137
 procedimentos de análise dos dados e, 184-187
 propostas e, 106
 propostas qualitativas e, 81, 211
 questões de validade e, 198-199
 seleção de uma estratégia de métodos mistos e, 254-255
 sistemas de notação e, 193
 teorias e, 86-93
 Discursos racializados
 concepção reivindicatória/participatória e, 32
 pesquisa qualitativa e, 90-91
 Documentos qualitativos, 214, 220, 224
 Elaboração do título, 48-49, 73
 Entrevistas qualitativas, 25, 38-39, 145, 214, 216, 256, 258
 Epistemologia, 28
 leituras adicionais sobre, 47
 Escrita de estratégias, 101-107

- coerência e, 111-113
 criativas, 44-45, 106-115
 declarações de objetivo qualitativas e, 143
 edição e, 107-108, 112, 114-115, 123
 exercício de setas e círculos e, 111-113
 hábitos e, 107-108-110, 123
 ideias para, 107-115, 110
 legibilidade e, 110-113
 leituras adicionais sobre, 124
 pensamento e, 107-107-108, 123
 pesquisa qualitativa e, 228-229
 questões de gramática e, 113-115, 123
 questões éticas e, 115-122, 123
 termos e, 110-111, 123
Ver também Linguagem
 Estratégia de triangulação concomitante, 251
 Estratégia exploratória sequencial, 245-246, 249, 263
 Estratégia incorporada concomitante, 251-253, 263
 Estratégia transformativa concomitante, 253-254
 Estratégia transformativa sequencial, 249-250
 Estratégias de investigação, 35-36, 38-39, 45
 leituras adicionais sobre, 175
 pesquisa qualitativa e, 209-211
 Estratificação, 180
 Estudos correlacionais, 36
 Estudos de caso, 16, 21, 37-38
 leituras adicionais sobre, 237
 Etnicidade, 94, 95, 96, 99
Ver também Questões sociais
 Etnografia crítica. *Ver* Etnografia
 Etnografia, 37-38, 42
 codificação e, 223
 declarações de objetivo e, 146-148
 leituras adicionais sobre, 175, 237
 pesquisa qualitativa e, 90-91, 94, 209, 211, 217, 223-224, 236
 questões de pesquisa e, 162-164
 revisões de literatura e, 52-54
 teorias e, 99
 Exercício de setas e círculos, 111-113
- Fenomenologia, 37-38
 leituras adicionais sobre, 175, 237
 pesquisa qualitativa e, 209-210, 223, 236
 questões de pesquisa e, 162-164
 Figuras, 185, 223, 236
 manuais de estilo e, 65-67
 Financiamento/orçamentos, 51, 103, 165-166
 leituras adicionais sobre, 237
 Formatos, 65-67, 102
 Ganchos narrativos, 132-135, 141
 Generalizações naturalísticas, 76, 93
 Google Scholar, 58
 Grandes pensamentos na redação, 110
Ver também Estratégias de redação
 Gravação em áudio, 43
 Guardiões, 119-120, 212
- Hábito de escrever, 19-20, 107-110, 123
Ver também Estratégias de escrita
 Hipótese direcional, 167-168
Ver também Hipóteses
 Hipótese nula, 165-166, 191
Ver também Hipóteses
 Hipóteses
 direcionais, 166-168
 leituras adicionais sobre, 175
 levantamentos e, 185
 modelo para, 169-170
 nulas, 165-166, 191
 pesquisa qualitativa e, 90-91, 161, 165
 pesquisa quantitativa e, 25, 165-168, 172-173
 questões de pesquisa dos métodos mistos e, 170-174
 questões inferenciais e, 169, 185
 revisões de literatura e, 73
 teorias e, 80, 81, 85-88, 98-99
 termos e, 68, 69
 variáveis e, 79
 Hipóteses não direcionais, 168, 169
 Hipóteses quantitativas, 25, 165, 172-173
Ver também Hipóteses
- Ideias que atraem atenção/interesse, 111
 Importância do estudo, 102, 104, 130-131, 139-140
 Incapacidades
 leituras adicionais sobre, 100
 questões éticas e, 122
 uso da teoria de métodos mistos e, 95
 Incorporação, 207, 244, 251, 254, 263
 Institutional Review Board (IRB), 118-119, 124, 211
 Interpretivismo, 31
 leituras adicionais sobre, 46-47
 Intervalo de confiança, 200-201
 Introduções
 abstracts e, 64
 declarações de objetivo e, 130-131, 141, *Ver também* Declarações de objetivo
 ganchos narrativos e, 133-135, 141
 ilustração das, 130-133
 importância das, 127-128
 importância do estudo e, 139-140

modelos de deficiências e, 138-139, 141
padrão para, 130-131
pesquisa de métodos mistos e, 130-131
pesquisa qualitativa e, 129-130
pesquisa quantitativa e, 130
problemas de pesquisa e, 128, 133-136, 139
questões éticas e, 117
revisão dos estudos e, 136
sentença de abertura e, 133-135, 139-140
teorias e, 86

ente teórica, 90-91, 261
pesquisa de métodos mistos e, 95, 98, 244, 249, 263
pesquisa qualitativa e, 90-91, 209, 236
teorias e, 76, 99
levantamentos, 36, 177-179, 203
amostras e, 179-181, 183-185, 189-190, 203
confiabilidade e, 181-183
instrumentação dos, 181-183
leituras adicionais sobre, 204
listagem para, 178
participantes e, 189-191
procedimentos de análise dos dados e, 184-187. *Ver também* Coleta de dados
projeto e, 177-178
propostas de método experimental e, 189-193
questões de validade e, 181
variáveis e, 183-185, 191-192
linguagem
declarações de objetivo e, 143-148, 154
hipóteses e, 169
pesquisa qualitativa e, 90-91, 228
questões de pesquisa e, 162-164
questões éticas e, 122
termos e, 68-69
Ver também Estratégias de redação
linhas de tempo, 103-106
literatura, 73
deficiências na, 138-139, 141
organização da, 61-62, 64
prioridade para a seleção, 60-61
questões éticas e, 115. *Ver também* Questões Éticas
uso da, 52-55
sistema de códigos qualitativo, 220-222, 224

anuais de estilo, 57, 64-67, 73
mapas da literatura, 57, 61-64, 73
exemplo de, 63
introduções e, 135
materiais qualitativos de áudio e vídeo, 214

Métodos de pesquisa, 28, 35, 40-41, 45-46
leituras adicionais sobre, 124, 204
Métodos mistos concomitantes, 38-40, 155-156, 158, 259-261
Ver também Pesquisa de métodos mistos
Métodos mistos transformativos, 40, 154, 156, 259, 262
Ver também Pesquisa de métodos mistos
Metodologistas, 179-180
Modelo de deficiências, 139-141
Modelos visuais
leituras adicionais sobre, 175
ordem temporal e, 78
pesquisa de métodos mistos e, 245
pesquisa qualitativa e, 209
teorias e, 81, 96, 99
tipos de, 242-256

Notação dos métodos mistos, 245
Notas de rodapé, 67

Objetivos de carreira, 50, 73, 95, 148
Observações qualitativas, 214, 256
Ontologia, 28
leituras adicionais sobre, 47
Orçamentos/financiamento, 50, 103, 165
leituras adicionais sobre, 237
Ordem temporal, 78, 193
Orientação sexual, 95, 122
Ver também Questões sociais
Orientadores
hipóteses e, 165-166
literatura e, 52
pesquisa de métodos mistos e, 255
pesquisa qualitativa e, 249
propostas e, 50, 106-108
públicos e, 43
questões éticas e, 120
questões/hipóteses de pesquisa e, 165-166
tópicos e, 48
visões de mundo e, 28

Padrões, 41, 76, 130-131
introduções e, 128

pesquisa de métodos mistos e, 261
pesquisa fenomenológica e, 37-38
pesquisa qualitativa e, 93, 208, 234
teorias e, 76

Paradigmas, 28
leituras adicionais sobre, 46, 264

Periódicos *on-line*, 61

Perspectivas teóricas, 32, 45-46, 76, 79-80
codificação e, 220
exemplo de, 87-90

pesquisa qualitativa e, 90-91
pesquisa quantitativa e, 86-88, 104
Pesquisa, 60
Pesquisa da ciência, 28
saúde e, 90-91, 165-166, 238
Pesquisa das ciências sociais, 34-35, 55, 134, 165, 166, 238
leituras adicionais sobre, 47
Pesquisa de ciências da saúde, 90-91, 165-166, 238
Pesquisa de métodos mistos, 25-26, 45-46, 54
análise de dados na, 256-259
coleta de dados e, 241, 243-246, 249-251
combinação e, 243-245
conectado e, 244
declarações de objetivo e, 152-159, 170, 173
definição/descrição da, 240-241
distribuição do peso e, 241-243, 244-245, 246
distribuição do tempo e, 241, 244-245, 262
estratégia da triangulação concomitante e, 250-251, 263
estratégia exploratória sequencial e, 245-249
estratégia transformativa sequencial e, 249-250, 263
estudos concomitantes e, 38-40, 155-156, 158, 259-261
estudos transformativos e, 259
experiências pessoais e, 44-45
introduções e, 130-131, 139-141
leituras adicionais sobre, 100, 159, 175, 264
lista de questões para o planejamento, 240
mapas da literatura e, 64
periódicos e, 240
planejamento e, 241-244
planejamento dos procedimentos para, 263
pragmatismo e, 35, 43
problemas de pesquisa e, 43-44
propostas e, 105-106, 122
questões éticas e, 117
revisões de literatura e, 52, 72-73
teorias e, 76, 95-96, 99, 244-245
termos e, 68-69
tópicos e, 101
Pesquisa experimental, 36, 149, 181, 191, 228
questões de validade e, 196-199
Pesquisa fenomenológica, 37-38, 52, 130, 145-146, 162, 217
Pesquisa narrativa, 16, 37-38
codificação e, 223
leituras adicionais sobre, 237
pesquisa qualitativa e, 209, 211, 217, 223, 228-229, 236
Pesquisa positivista/pós-positivista, 78

Pesquisa qualitativa, 25-26, 36-38, 41, 45-46
características da, 208-211
codificação e, 217, 219-227, 229, 234, 236, 256
concepção participatória e, 41
construtivismo e, 41
estratégias de investigação e, 210-211
estratégias de redação e, 228-229
etnografia e, 90-91, 94, 209-211, 217, 223-224, 236
experiências pessoais e, 44-45
generalizações e, 228, 236
interpretações e, 223-224
introduções e, 129-131, 134, 139-141
leituras adicionais sobre, 75, 100, 237
lista de questões para o planejamento da, 207
mapas de literatura e, 64
melhor abordagem para, 43
métodos de pesquisa e, 41
permissões e, 211-212
peso e, 243
pragmatismo e, 34-35
precisão/credibilidade e, 224-228
propostas e, 102-104, 106, 122
protocolo de entrevista e, 216
questões de pesquisa dos métodos mistos e, 170-172
questões de pesquisa e, 163-164
questões de validade e, 224-228, 231, 234-235
questões éticas e, 117
revisões de literatura e, 52-55, 73
temas e, 93, 223, 227-228, 234, 243
teorias e, 76, 89-93, 94, 98-99
termos e, 68
tópicos e, 101
Pesquisa quantitativa, 25-26, 36, 45-46
concepção pós-positivista e, 41, 177
experiências pessoais e, 44-45
interpretação dos resultados e, 185, 203
introduções e, 129-131, 134, 139-141
leituras adicionais sobre, 75
mapas de literatura e, 64
melhor abordagem da, 43
métodos de pesquisa e, 41
peso e, 243
pragmatismo e, 34-35
proposta e, 104-106, 122
questões de pesquisa dos métodos mistos e, 170-172
questões de pesquisa e, 163-164
questões de validade e, 224
questões éticas e, 117
revisões de literatura e, 52-55, 72-73
teorias e, 76-79, 85-86, 90, 98-99
termos e, 68-69

tópicos e, 101
variáveis e, 79, 165-166, 173-174
Pesquisa-ação, 37-38, 95, 209-210
leituras adicionais sobre, 46-47
Planejamento
literatura e, 54-55
manuais de estilo e, 67
pesquisa de métodos mistos e, 243-244
questões éticas e, 122
tópicos e, 48
visões de mundo e, 45-46
Política
concepção reivindicatória/participatória e, 32
leituras adicionais sobre, 100
pragmatismo e, 35
pesquisa qualitativa e, 90-91
Positivismo, 28-30
leituras adicionais sobre, 45-46
Pragmatismo, 28, 33-35, 43
leituras adicionais sobre, 45-46
Privacidade/confidencialidade, 115, 118-120
leituras adicionais sobre, 124
Problemas de pesquisa, 43-45, 73
declarações de objetivo e, 142-144, 152-153
introduções e, 129-130, 133-136, 139-141
questões éticas e, 117
termos e, 69
Ver também Declarações de problemas
Procedimentos dos métodos mistos sequen-
ciais, 39, 155, 157, 260
Ver também Pesquisa de métodos mistos
Projeto de indivíduo único, 36, 170, 196, 203
Projeto de levantamento, 177-179
leituras adicionais sobre, 204
Projeto de pesquisa comportamental, 193
Projeto emergente, 208-210, 230
Projeto experimental, 177-178
leituras adicionais sobre, 204-205
pré, 192, 203
real, 36, 189, 192-193, 195, 203
Projeto experimental verdadeiro, 36, 189, 192-
193, 195, 203
leituras adicionais sobre, 204
Projeto pré-experimental, 192, 203
Projeto transformativo, 16, 95,
Propostas
delineamentos e, 101, 103, 106, 107-108, 123
esboços e, 106-108, 111, 114-115
formato para método misto, 105-106
formato para qualitativo, 102-104
formato para quantitativo, 104-105
legibilidade das, 110-113
leituras adicionais sobre, 124

seções nas, 101-102
Ver também Redigindo as estratégias
Propostas de método experimental, 189-203
análise de dados e, 200-201
exemplo e, 201-203
interpretação dos resultados de, 36, 149, 181
procedimentos para, 196-199
Protocolo de entrevista, 162, 216
Protocolo observacional, 214
Psicologia
busca de bancos de dados computadorizados
e, 58, 59
leituras adicionais sobre, 264
pesquisa de métodos mistos e, 240
teorias e, 80
Públicos, 44-45
importância do estudo para, 139-140
introduções e, 130-131, 133
pesquisa de métodos mistos e, 259
pesquisa qualitativa e, 207
Quase-experimentos, 36, 189, 192-193, 195, 203
leituras adicionais sobre, 204
Questões centrais, 161-165, 173-174
Questões da pesquisa qualitativa, 161-165,
170, 173-174
leituras adicionais sobre, 175
Questões da pesquisa quantitativa, 165-169,
173-174
leituras adicionais sobre, 175
Questões de classe, 76, 90-91, 99
Ver também Questões sociais
Questões de discriminação, 43, 97, 249
Ver também Questões sociais
Questões de diversidade, 95, 130-134, 139-140
Questões de gênero
declarações de objetivo e, 158
desigualdade e, 261-262
pesquisa qualitativa e, 90-91
questões éticas e, 121-122
teorias e, 99
uso da teoria de métodos mistos e, 95-96
Ver também Questões sociais
Questões de gramática, 113-115
Questões de pesquisa
declarações de objetivo e, 142-144, 151-152
estratégia transformativa concomitante e, 253
leituras adicionais sobre, 141, 160
modelo para, 168-170
pesquisa de métodos mistos e, 170-174, 249
pesquisa qualitativa e, 161-165, 212
propostas e, 106
questões éticas e, 117-119

revisões de literatura e, 73, 136
teorias e, 76, 85. *Ver também* Teoria
termos e, 68-69
variáveis e, 78
Questões de pesquisa dos métodos mistos,
161, 170-174
Questões de validade
ameaças às, 196-199
dados e, 255-256
leituras adicionais sobre, 204
levantamentos e, 181
pesquisa de métodos mistos e, 259, 263
pesquisa qualitativa e, 224-228, 231, 234-235
Questões éticas, 101, 115-122
coleta de dados e, 17, 117, 121-122
entrevistas e, 119-121
formulários de consentimento informado e,
118-119
leituras adicionais sobre, 124
má conduta científica e, 121-122
pesquisa qualitativa e, 209-210, 232-233
propostas e, 102, 115-123
Ver também Questões sociais
Questões feministas
concepção reivindicatória/participatória e, 33
leituras adicionais sobre, 45-46, 100
pesquisa qualitativa e, 90-91
teorias e, 76, 261-262
uso da teoria de métodos mistos e, 96
Questões raciais, 90-91, 95, 96, 99
Ver também Questões sociais
Questões sociais
discriminação e, 43, 96-97, 21
diversidade e, 95-96, 130-134, 139-140
etnicidade e, 94-96, 99
incapacidades e, 32-33, 95, 100, 122
leituras adicionais sobre, 100
orientação sexual e, 95, 122
pesquisa qualitativa e, 89-91
pragmatismo e, 35
questões de classe e, 76, 90-91, 99
questões raciais e, 90-91, 95-96, 99
Ver também Questões éticas; Questões de gê-
nero; Concepções
Questões. *Ver também* Questões de pesquisa
Recursos de biblioteca, 50
busca de bancos de dados computadorizados
e, 55, 57-59, 73
Redação criativa, 44, 107-115
Ver também Estratégias de redação
Referências, 65-67, 73
Reflexividade, 14, 211

Resumos integrativos, 55
Revisão dos estudos, 135-136
Revisões de literatura, 51
definição de termos e, 67
exemplos de, 64-66
introduções e, 135-136
leituras adicionais sobre, 75
passos na condução das, 55-57
propostas e, 111
reivindicatórias/pesquisa de métodos mistos
e, 72-73
teorias e, 99
termos e, 68
Revisões metodológicas, 54-55, 64
Revisões teóricas, 54-55
Roteiros, 145-146, 150, 154, 156
Seção de método de levantamento, 178, 187
Seções de método, 177-178
abstracts e, 64
levantamentos e, 178
propostas de método experimental e, 189
revisões da literatura e, 73
termos e, 68
Seções de procedimento, 64, 68
Significado, 67
construtivismo social e, 31-32
declarações de objetivo e, 146
fenomenologia e, 37-38
pesquisa qualitativa e, 208
termos e, 68
Sociologia, 58, 80
leituras adicionais sobre, 264
Tabelas, 21, 65-67, 185, 223, 236
leituras adicionais sobre, 204
Tamanho do efeito, 191, 200-201
Temas, 261
abstracts e, 64-66
pesquisa de métodos mistos e, 249, 256, 258
pesquisa qualitativa e, 93, 223
revisões da literatura e, 72
Teoria
concepção do pragmatismo e, 29-31
definição de, 79-80
formas de, 81-85
leituras adicionais sobre, 100
localização da, 86
modelo visual da, 84
pesquisa de métodos mistos e, 95-99, 244
pesquisa qualitativa e, 90-94, 98-99
pesquisa quantitativa e, 77-79
revisões da literatura e, 99

- variáveis e, 77-78, 98
- Teoria causal, 90-91, 93
- Teoria crítica
 - concepção reivindicatória/participatória, 32
 - estratégia transformativa concomitante e, 253
 - leituras adicionais sobre, 47
 - revisões de literatura e, 52-54
 - pesquisa qualitativa e, 90-91
- Teoria da incapacidade, 32-33
- Teoria do padrão, 93
- Teoria fundamentada, 37-38, 148
 - leituras adicionais sobre
 - pesquisa qualitativa e, 209, 211, 217, 223, 227, 236
 - questões de pesquisa e, 162-164
 - revisões de literatura e, 53-54
- Teoria queer, 32, 90-91
- Teorias de nível micro, 80
- Termos, 73
 - definição dos, 67, 71, 73, 145, 150
 - hipóteses e, 68
 - redação das estratégias e, 110-111, 123
- Testagem das hipóteses, 41
- Testes estatísticos, 185-187, 191
- Títulos, 65-67, 146, 223
- Títulos esboçados, 48-49, 73
- Tópicos, 48-51, 73, 136-137
 - busca de bancos de dados computadorizados e, 55, 57-59
 - deficiências e, 137-139, 141
 - introduções e, 129, 134
 - leituras adicionais sobre, 75
 - organização dos, 61-62, 64
 - pesquisa qualitativa e, 212, 219
 - propostas de método experimental e, 189
 - propostas e, 101
 - questões éticas e, 115
 - revisões da literatura e, 52, 98
 - seleção de materiais da literatura e, 60-61
- Tópicos de pesquisa, 48-51
 - Ver também* Tópicos
- União dos participantes, 189, 199
- Validação, dados, 255-256
 - Ver também* Dados
- Validade da conclusão estatística, 196, 198
 - Ver também* Questões de validade
- Validade interna, 196, 201, 203, 258
- Validade qualitativa, 224
 - Ver também* Questões de validade
- Variáveis, 164-168
 - declarações de objetivo e, 149-155, 158-159
 - intervenientes, 78, 71, 83, 149-150
 - levantamentos e, 183-185, 191-192
 - pesquisa qualitativa e, 90
 - pesquisa quantitativa e, 79, 165-166, 173-174
 - propostas e, 191-192
 - questões/hipóteses de pesquisa e, 169-170
 - teorias e, 77-78, 81-83, 85, 98
 - Ver também* Variáveis dependentes; Variáveis independentes
- Variáveis de controle, 79, 149
 - Ver também* variáveis
- Variáveis demográficas, 79, 168-170
- Variáveis de nível meso, 80
- Variáveis dependentes, 78-79, 83
 - declarações de objetivo e, 149-155, 158-159
 - questões da pesquisa quantitativa e, 165-166, 173
 - revisões de literatura e, 72-73
 - teorias e, 81-83, 87-88
 - Ver também* Variáveis independentes; Variáveis intervenientes
- Variáveis de ruído, 79
 - Ver também* Variáveis
- Variáveis independentes, 78-79
 - declarações de objetivo e, 149, 150-155, 158-159
 - questões/hipóteses de pesquisa e, 165-166, 169-170, 173
 - revisões da literatura e, 72-73
 - teorias e, 81-83, 87-88
 - Ver também* Variáveis dependentes; Variáveis intervenientes
- Variáveis intervenientes, 78, 81, 83, 149-150
 - Ver também* Variáveis
- Variáveis mediadoras, 78, 80, 148-149, 165-166, 169
 - Ver também* Variáveis
- Variáveis moderadoras, 78-79, 149
 - Ver também* Variáveis
- Variáveis não demográficas, 168
 - Ver também* Variáveis
- Variáveis pessoais, 79
 - Ver também* Variáveis
- Validade interna, 196, 201, 203, 258
 - Ver também* Questões de validade
- Verdade, 28-30, 35
- Viés da resposta, 184-185
- Visões de mundo reivindicatórias/participatórias, 28, 32-33, 44-45
- Websites
 - análise de dados qualitativos e, 222-223
 - busca de bancos de dados computadorizados e, 57-58, 73
 - levantamentos e, 178, 181
 - questões éticas e, 115-117
 - revisões de literatura e, 61